

contraído. Mas este se “ausentou para lugar não sabido”.<sup>18</sup> O mesmo ocorre em 1894, quando tenta cobrar de Guilherme Leopoldo Dietrich. De forma que os seus bens acabam sendo hipotecados.

Nas décadas que se seguiram a 1850, o problema da conservação das propriedades é uma constante. Já nos primeiros jornais<sup>19</sup> que a Colônia possuiu, surgiram avisos que se remetem a esta questão. Através de pequenas notas, que poderiam passar despercebidas, estes indivíduos tornaram públicas suas preocupações com a preservação de suas propriedades. Como é o caso do colono Paul Herbst que se utiliza de nota do jornal local para impedir que alguém invada seu pomar para roubar frutas, de maneira que “proíbe terminantemente pisar na sua propriedade”<sup>20</sup>; da mesma forma que G. Stutzer comunica que abriu um caminho através das terras da Velha está livre para a passagem de cavalos e pedestres, outro sim, proíbe o uso das picadas através de suas terras em direção ao Auto da Velha<sup>21</sup>; já Paul Scheidemantel, Arnold Knopp e M. Von Klitzke informam que colocaram armadilhas em seu terreno para impedir a entrada de intrusos<sup>22</sup>; Hans Schramm, avisa que devido ao roubo de açúcar por diversas vezes, instalou armadilhas em seu terreno<sup>23</sup>; Augusto Duwe, morador do Rio do Benedito, comunica que proíbe a travessia por sua roça e mato por ter sido roubado por diversas vezes<sup>24</sup>; Wilhelm Zils do Rio do Teste, avisa a todos que colocou armadilhas em seu terreno, para impedir a entrada de estranhos que roubam em suas plantações<sup>25</sup>; Friedrich Arndt adverte a pessoa que novamente roubou árvore de sua reserva, porque na próxima vez usará arma de fogo.<sup>26</sup> Estas e outras inúmeras notas que de maneira esparsa preencheram os jornais do período, são a materialidade destes conflitos a respeito dos limites e preservação das propriedades.

Mas estes conflitos tomaram ainda maior materialidade através dos processos judiciais. Pois foi através das inúmeras solicitações aos Juizes de Paz e de Direito que estes indivíduos intermediaram suas questões e conflitos.

Em 1884, Pedro Zimmermann, morador do Belchior, acusa Bernardo

---

<sup>19</sup> O jornal Blumenauer Zeitung inicia sua circulação na colônia em 1881. Anos mais tarde, em 1893 surgirá o Der Unwaldsbot.

<sup>20</sup> Blumenauer Zeitung: 5 de mar. 1887. Coleção de Periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

<sup>21</sup> Blumenauer Zeitung. 26 de jun. 1886 Coleção de Periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

<sup>22</sup> Blumenauer Zeitung. 24 de set 1887. Coleção de Periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

<sup>23</sup> Blumenauer Zeitung. 26 de nov. 1887. Coleção de Periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

<sup>24</sup> Blumenauer Zeitung. 18 de dez. 1897. Coleção de Periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

<sup>25</sup> Blumenauer Zeitung 25 de out. 1897. Coleção de Periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

<sup>26</sup> Blumenauer Zeitung 10 de abr. 1886. Coleção de Periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Klinger de invadir sua propriedade, de forma que recorre à justiça local através de uma “Acção de força nova”<sup>27</sup>. Os autores justificam a ação, argumentando que vivem em sua propriedade, na localidade de Belchior, devidamente medida e demarcada, e destacam que “desfrutam de suas terras mansa e pacificamente sem interrupção há mais de dois anos como provam em documento anexo ao processo”<sup>27</sup>. Mas que o réu Bernardo Klinger e sua mulher, tendo “reconhecido dolo e malícia” no mês de outubro do ano de 1883, perturbaram a posse de Pedro Zimmermann, “fazendo nela derrubadas de mato, sendo que no mês de janeiro de 1884 tornaram a praticar o mesmo ato”.<sup>27</sup>

As testemunhas ouvidas no processo confirmam a invasão do réu e, sobretudo, sustentam o argumento que parece ser o mais importante: o conhecimento por parte do réu dos limites da propriedade. Estes argumentos justificam a caracterização do réu como um infrator, levando a justiça a obrigar a devolução do esbulho e de seus rendimentos e o pagamento das custas do processo. Mas a partir disso, o que podemos considerar é a utilização da justiça como uma forma de interiorização da noção de propriedade, que se torna fundamental neste tipo de colonização em que, além de ser vendida aos proprietários, se caracteriza também por se tratar de pequenas e médias propriedades.

Há o aparecimento de questões relacionadas ao corte de madeira em terras devolutas. É o caso de Rodolfo Krause<sup>28</sup>, que possui um engenho de serrar madeira a vapor no lugar de Indaial, e acaba tendo embargados 165 rolos de madeira de cedro pelo Chefe da comissão de lotes, sendo acusado de apropriar-se de madeira em terras devolutas. No dia 30 de dezembro de 1886, em sua justificativa, argumenta:

1) não mandou tirar ao derrubar madeira das terras devolutas e sim somente as comprou de colonos que legalmente occupão seus lotes. 2) que nunca se apossou de terras devolutas nem commetteo delicto algum a que se refere o art. 2. da lei n. 601 de 1850 de 18 de setembro de 1850, o qual como claramente esse vê explicado no mesmo, só se trata de intruzos em terras devolutas ou de alheios, fazendo o §2. do art. E. da mesma lei

---

<sup>27</sup> Processo n. 33, 1884. Bernardo Klinger; Pedro Zimmermann. Fundo Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina. Juízo de Direito da Primeira Comarca de Itajaí. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

<sup>28</sup> Processo n. 46. Justificação. Rodolfo Krause 1887. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

distinção severa entre terras devolutas e as que se acharem no domínio particular por qualquer título legítimo. 3) que existindo n'esta ex-colônia, desde muitos annos, grande numero de engenhos de serrar que igualmente comprão madeira de muitas qualidade a colonos que ainda não pagarão as suas terras ao estado, ainda authority nenhuma prohibio a compra e venda de madeiras de taes terras e de uma tal prohibição teria necessariamente resultado a extinção de todos os engenhos existentes, desta natureza por haverem muitos poucos lotes pagos ao estado. 4) Que o suppte, comprando dos colonos semente madeiras de cedro e nenhuma outra qualidade de madeira de lei como os demais engenhos, e havendo em geral muito poucos cedros n'uma lote o suppte não pode ser considerado, incitador de derrubadores de mattas nem o principal causador de prejuízos que o estado soffre pagando o suppte não somente o imposto da sua industria como também o de sua exportação este é igualmente paga aos colonos o valor das madeira compradas, e pelos vendedores também não poder resultar prejuízo ao estado por cujos haveres garante o lote que elles habitão com todas as benfeitorias n'elle existentes.”<sup>29</sup>

A primeira testemunha chamada foi João Schmitt. Ao ser questionado, respondeu que “sabe ter o justificante comprado madeiras a treze colonos italianos moradores em lotes destribuidos pelas autoridades competentes”<sup>29</sup> e que “nunca mandou derrubar em terras publicas.”<sup>29</sup> E ainda que se “fosse uma vez prohibida a compra e venda de madeira de terras pertencendo a colonos e ainda não pagas ao estado tal prohibição havia necessariamente extinto todos os engenhos de serrar a muitos annos existentes nesta colônia por haver muito poucos lotes pagos ao estado.”<sup>29</sup> E, por último, respondeu “que comprando o justificante somente madeira de cedro e tendo comprado de treze colonos mais ou menos duzentos rollos de madeira de cedro que se calcula a vazão de tres arvores por lote não poder ser considerado incentivador de derrubadores de mattas e nem o principal cauzador de prejuízos que o estado soffre e pagando elle justificante os devidos impostos e aos colonos o valor das madeiras.”<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Processo n. 46. Justificação. Rodolfo Krause 1887. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

O juiz pergunta a esta testemunha que se “é exacto ter Rodolfo Krause pagado a dois indivíduos para comprarem madeiras a colonos e este receberão do mesmo dez mil reis diários pelo seu trabalho.”<sup>29</sup> De forma que a testemunha respondeu “que sabe ser Henrique Reuter trabalhador de Krause que trabalha com um arretão e juntas de boi recebendo pelo trabalho de arrastar as madeira a quantia de dez mil segundo um contracto que fiserão, e que não tem agente algum encarregado das comprar.”<sup>29</sup>

Através desta documentação foi possível vislumbrar que o processo de ocupação do Vale do Itajaí, não se deu sob a ausência de conflitos entre os colonos e/ou entre colonos e administração local, mas, especialmente nestes processos, o que nos parece fundamental é justamente compreender como que um novo uso da terra não é resultado simplesmente de novas legislações e decretos, mas vai se constituindo no cotidiano destes indivíduos através de seus conflitos. E, sobretudo, dão materialidade a uma nova subjetividade vinculada a uma preocupação com preservação do privado que emergia no período.

Porém não era somente o vínculo destes indivíduos com a terra que está no centro das atenções dos administradores. Além das propriedades, passava-se a exigir cada vez mais mobilidade destes dentro do espaço. Afinal, se para tornar a terra produtiva era preciso investir no escoamento da produção, do mesmo modo, para tornar este indivíduo produtivo era preciso investir na sua circulação. Mas neste momento a circulação não pode mais ser feita como a dos “selvagens” em meio a mata e nem mesmo como os “caboclos” somente pelo rio. Cada vez mais, para “desenvolver” e “civilizar” estas áreas de colonização passa a ser necessário o investimento nas estradas e caminhos.

## 4 INVESTIMENTO SOBRE A MOBILIDADE NA COLÔNIA BLUMENAU

No ano de 1857, em um dos seus relatórios para o Presidente da Província, Hermann Blumenau definia que: “fazer estradas para estabelecer colonos é o principio fundamental da colonização” (BLUMENAU, 1958, p. 95). O diretor da Colônia afirma que a garantia dos caminhos é imprescindível para a continuidade de sua empresa, e também, demonstra que sua construção representa também a possibilidade de determinados colonos, considerados

indigentes, obterem recursos ou mesmo quitarem suas dívidas com a Colônia (BLUMENAU, 1958, p. 45). Não sem antes haver definições morais sobre estes indivíduos que prestavam serviços para o empreendimento colonial: “Aos recém-chegados que dependem de emprego, concedo trabalho em meu próprio empreendimento, principalmente na construção de caminhos ou conduzo-os para pessoas conhecidas e honradas” (BLUMENAU, 2002, p. 101).

A forma que sua construção e responsabilidade sobre sua manutenção assumem, neste momento, ainda está entre público e privado:

Nas regiões centrais e nas pequenas regiões rurais, onde não vigora a exceção especial e não há nenhuma construção, deverão ser doadas faixas de terras destinadas para vias públicas. Para tanto, vale a manutenção destas vias, limpando o matagal e ramagem, retirando as árvores caídas ou derrubadas, enfim fazendo pequenos reparos nas cercas e demais trabalhos de acordo com a lei do país. Caso houver alguma negligencia sob este aspecto, o conselho da colônia é a autoridade que vai interferir e mandar executar o trabalho, às custas daquele que deveria ter efetuado o serviço - melhorias de porte maior em vias secundarias, como terraplanagem manual, pontes, etc., devem ser realizadas pelos interessados com a ajuda do caixa da colônia e do empreendedor, enquanto, conforme o contrato a abertura destas vias e os trabalhos nas estradas principais são de sua responsabilidade.” (BLUMENAU, 2002, p. 101).

Desta forma, a preocupação com os caminhos e os deslocamentos são uma constante nos relatórios do diretor da Colônia. E em diversas falas semelhantes o colonizador demonstra que deixar o colono isolado é o mesmo que deixá-lo cair em ociosidade. Podemos afirmar que a construção de caminhos foi o grande tema para a administração destes indivíduos na segunda metade do século XIX. Elementos estes que acabaram possibilitando uma problematização do público e do privado. Se por um lado, os caminhos estiveram no centro da discussão entre a responsabilidade de ordem do espaço pelo indivíduo ou pelo poder público, por outro lado, é possível demonstrar verdadeiros conflitos entre as instituições que se constituíram naquele período. Assim, a responsabilidade sobre a conservação dos caminhos também esteve no centro das polêmicas entre o governo imperial

e a Colônia, e entre a Colônia e a Câmara Municipal de Itajaí.

Esta questão tornou-se um problema para a administração do Império brasileiro nas décadas que sucederam a 1850, de maneira que leva o engenheiro Luiz Manoel de Albuquerque Galvão permanecer por quatro anos observando as Colônias Blumenau, Príncipe D. Pedro e D. Francisca, produzindo, em 1871, um volumoso relatório apresentado ao Ministério da Agricultura. Neste relatório, Galvão procura as causas do que estaria retardando o desenvolvimento relativo destas colônias. E de maneira insistente e constante, argumenta sobre a necessidade de maior controle destas colônias por parte do Império. “A causa que sobre todas justifica o atrazo relativo em que se acham as colônias, é ausência completa de fiscalização com os respectivos directores, o regulamento das colônias dando amplas atribuições a estes funcionários pressupõe indubitavelmente a existência de fiscalização, sobretudo na distribuição do dinheiro público confiados exclusivamente a sua boa fé e moralidade.” (GALVÃO, 1871, não paginado). E ao tratar especificamente da Colônia Blumenau, que apesar dos inúmeros incentivos do governo imperial vinha até a década de 70 demonstrando pouca prosperidade, relata o seguinte:

Segundo Galvão, se houvesse maior fiscalização as “[...] colônias, não estariam elas ainda hoje isoladas do litoral, exigiriam sofríveis estradas de rodagem, ao menos para os pontos até aonde a navegação é praticável, as colônias Blumenau e Itajaí estariam em outro pé de prosperidade e em via de serem facilmente emancipadas.” (GALVÃO, 1871, não paginado). Em seguida, argumenta que para a colônia prosperar não basta que haja terras férteis, mas o essencial é impedir o isolamento para que não se caia em ociosidade e desânimo.

[...] não isolar as populações dos centros commerciaes, disseminando-os por lugares ermos, em que o colono tenha que atravessar desertos e vencer grandes distancias para vender os seus produtos. Não é isolando o colono no interior das matas, difficultando-lhe a permuta dos seus produtos, que conseguir-se ha a prosperidade dos estabelecimento coloniaes, pois a população dispersa e isolada não pode progredir, dadas as melhores condições de uberidade do solo (GALVÃO, 1871, não paginado).

Por isso, construir os caminhos representa não só um incentivo ao trabalho produtivo, mas também um investimento no “desenvolvimento

material e moral” (GALVÃO, 1871, não paginado) dos colonos. Coerente com o restante do seu relatório, em que destaca a necessidade de um maior controle e fiscalização dos empreendimentos coloniais por conta do governo imperial, Galvão diz que este isolamento das colônias “parece ser procurado de propósito para dificultar a vigilância do governo” (GALVÃO, 1871, não paginado). Pois com isso, os diretores estariam colocando

o thesouro na necessidade de subvencionar largamente as colônias, correndo a distribuição das subvencções por mãos destes mesmos funcionários, sem exame nem correctivo possível a seus actos, em lugares ermos, onde pouco se ouve a língua nacional e em governo outra lei senão o dictame do director, o que alias tem dado lugar a abusos em larga escala, em prejuízo da nação e do pobre colono [...] (GALVÃO, 1871, não paginado).<sup>30</sup>

A partir do processo de organização do espaço da cidade, surgiram conflitos relacionados à construção de caminhos de interesse público e que entram em choque com a propriedade privada.

Em 1902, há um caso de conflito em propriedade e caminhos. Otto Gessner<sup>31</sup>, que também era proprietário de um engenho de serrar madeira na localidade conhecida por Mulde Alta, acusa Francisco Sappelt, Guilherme Nass, Carlos Nass e Carlos Schmitz de terem invadido sua propriedade,

---

<sup>30</sup> Em seu relatório do ano de 1871, Hermann Blumenau tentará se defender à estas afirmações do engenheiro Luiz Galvão. Mas sobretudo, o diretor indica que a simples visita do engenheiro à colônia fez com que gerasse uma situação de conflito: [...] a presença da comissão infelizmente deu ocasião a diversas intrigas, digo diferentes intrigas, como também, na parte de diferentes grupos de colonos, a esperanças mal fundadas ou exageradas as quais logo seguiu a decepção resultado daí para diretoria não poucas dificuldades e desgostos. Tendo eu e o pessoal da diretoria recebido e tratado essa comissão e sobretudo seu chefe com todo o deferimento que devemos aos agentes do governo imperial, não posso contudo suprimir a observação de que passando-se mais ou menos entre o respectivo aviso e a efetiva chegada da comissão, um diretor desleixado e mal honesto, mas um pouco astuto e esperto teria tido tempo de sobejo para encobrir faltas mesmo graves no cumprimento de seus deveres e até no cofre da diretoria; e mais que se de resto cada diretor sensato, zeloso e honrado sempre se há de congratular com a freqüente e regular vinda do comissário e engenheiros hábeis sobretudo experimentados, que tenham tempo necessário e a boa vontade não só para examinar e censurar, mas também para guiar e aconselhar o mesmo diretor em obras e emergências menos ordinárias e difíceis indicando-lhe erros cometidos e a maneira e os meios de no futuro evitá-los do outro lado um diretor cõscio e zeloso e exato no cumprimento dos seus deveres não pode deixar de profundamente sentir-se ferido nos seus brtos e de ver rebaixado no respeito dos seus administrados, se o comissário escolhido para extraordinariamente fiscalizá-lo por sua juventude bem podia ser seu filho e lhe falta a madura reflexão e experiência e o aprofundado conhecimento dos negócios e dos homens” (BLUMENAU, 1871, não paginado).

destruindo um cafezal e outras benfeitorias na construção de uma estrada que passa por suas terras. Através de uma Ação Sumária, Gessner solicita indenização e também o embargo de tal obra. Segundo o próprio autor, em obediência ao embargo, os réus suspenderam por um tempo os trabalhos, e por aqueles dias tinha recommençado com os mesmos. E que, desta vez, haviam destruído um caminho para arrasto de madeiras e inutilizando uma ponte e, em consequência disto, o autor “se acha impossibilitado de conduzir os rolos de madeira do matto para o seu engenho e tentando o suppte de conduzir estes rolos pelo caminho em construção appoderam-se os supptdos ameaçando com facas e espingardas, de que se acham armados.”<sup>31</sup> E para terminar, o autor argumenta que, achando-se privado dos seus meios de condução, não pode mais continuar com a sua indústria de serrar madeira, pela qual paga pesados impostos e tira os meios de subsistência de si e de sua família.<sup>31</sup>

Apesar dos argumentos dados por Gesner, os réus recorrem dizendo que suas argumentações são falsas. Primeiramente afirmam que não têm responsabilidades alguma sobre o tal caminho, porque estaria sendo construído por ordem da Superintendência Municipal. De forma que o próprio Superintendente afirmará que:

[...] o caminho que está sendo aberto através de terras de Otto Gessner e outros, e quer é indispensável aos moradores da Mulde Alta Guilherme Nass, Carlos Nass, Calos Schmitz, Francisco Sappelt e outros, é feito por ordens minha por ter sido julgado o lugar o mais apropriado para o fim que se deseja. . Blumenau, 20 de fevereiro de 1902. Dr. José Bonifácio da Cunha. Superintendente municipal. <sup>31</sup>

Em 1904, Luiz Lucas<sup>32</sup> busca a justiça para permitir a construção de um caminho que faça ligação do Salto do Norte com a Itoupavazinha. Mas este caminho, por sua vez, irá passar pela terras de Henrique Metzger Jr. De forma que Lucas acaba sendo proibido de fazer tal caminho. Depois de uma longa polêmica e de diversas contestações, argumenta definitivamente, dando

---

<sup>31</sup> Processo n. 209. Ação de manutenção. Otto Gessner; Francisco Sappelt, Guilherme Nass, Carlos Nass, Carlos Schmitz, 1902. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

<sup>32</sup> Processo n. 193. Luiz Lucas; Henrique Metzger Jr. Fundo Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina. Juízo de Direito da Primeira Comarca de Itajaí. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

ênfase ao trabalho e à necessidade de comércio:

O que deseja o nosso constituinte é um bem para a servidão, idônea, fácil para cultivar a sua propriedade, para aí edificar e constituir família (sublinhado no original), pois ainda é solteiro e sem a qual ser-lhe impossível transportar o produto de seu trabalho, de onde tira o indispensável para o seu sustento, além do serviço que presta a sociedade, que vive do auxílio de todos [...]. (grifo do autor)<sup>32</sup>

Através da citação de terceiros, argumenta que o trabalho é na sociedade a combinação de várias atividades subdivididas que possibilitam a própria existência humana.

Se uma nação, um estado, necessitam de vias de comunicação para poderem progredir, justamente porque com as boas e fáceis vias de comunicação que dão lugar a ligações proveitosas e a novos vínculos sociais aparecem muitas fontes de trabalho, a lavoura, a indústria e o comércio se desenvolvem, no mesmo caso está o homem quando, como nosso constituinte, carece de uma servidão por terras de outrem, para dar-lhe saída para a via pública e os produtos de seu quotidiano trabalho que é - a vida - como disse o grande Victor Hugo.<sup>32</sup>

Apesar de toda a argumentação, o representante do réu age em defesa dizendo que a propriedade privada é inquestionável e que o autor só a ele irá se beneficiar desta desapropriação. A discussão termina em torno do caráter do caminho, pois se é um caminho público deveria se dirigir para pontes, estradas públicas ou portos, não se justificando a caso o caminho servir somente para um indivíduo. Assim, através deste processo fica estabelecida a relação entre conservação da propriedade produtiva e a construção de caminhos de escoamento e circulação.

A partir deste momento não só a propriedade, mas toda a concepção de cidade, passa a ser problematizada, trazendo consigo uma nova noção de rentabilidade das coisas, uma eficácia do trabalho em todos os seus domínios. Por isso, seria uma forma redutora de perceber a constituição de um espaço produtivo se direcionarmos nosso olhar somente para o espaço

da fábrica ou de centros de grande proporção urbana e populacional. É possível demonstrar que foi primeiramente através da exigência da rentabilidade da terra (propriedade) e da força de produção dos indivíduos que surgiu uma problematização dos usos e formas da cidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se preocupou em demonstrar como administrar o espaço e os indivíduos se tornou uma tarefa fundamental de governo no mundo moderno. Para isso, foi preciso a instauração de novos controles que permitiram a existência de uma nova subjetividade deste indivíduo que vai se constituindo em sua relação com o espaço da cidade. É, sobretudo, uma tentativa de escrever a história destes lugares não tendo como ponto de referência a “identidade” cultural, mas ainda antes disso, a constituição de um lado de “dentro” dos sujeitos, ou seja, um processo de individualização fruto das sociedades modernas ocidentais. Por conta disso, o texto percorreu como um breve passeio por estas vidas efêmeras que a documentação nos permitiu conhecer.

Mas, sobretudo, o investimento sobre a vida destes indivíduos se deu a partir da preocupação em torná-los um corpo produtivo. E para isso foi preciso vinculá-lo a propriedade e investir na sua mobilidade dentro do espaço. Foi preciso investir nestes indivíduos para se tornar possível o projeto inicial da colônia: assentamento em pequenas propriedades para imigrantes. Havia o constante perigo de se cair em descrédito diante das empresas colonizadoras e diante do Império brasileiro ou ainda o perigo eminente de desordens e revoltas dos colonos que se instalavam. Foi preciso tornar estes indivíduos produtivos, ligando-os a sua propriedade e investindo em seu movimento dentro do espaço. Assim, pode-se dizer que foi através destas relações de força que a Colônia Blumenau foi se constituindo até tomar os contornos de uma cidade com aspectos modernizadores nas primeiras décadas do século XX.

## REFERÊNCIAS

BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. **A colônia alemã Blumenau**: na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil = Deutsche kolonie Blumenau in der provinz Santa Catarina in süd-Brasilien. Blumenau: Instituto Blumenau 150 Anos : Cultura e Movimento, 2002. 260p. Texto bilingüe: português-alemão. Relatório até junho de 1855 e convocação para adesão; observações gerais sobre a colonização teuto-brasileira, descrição do Vale do Itajaí e um mapa da região.

\_\_\_\_\_. Relatório da Colônia Blumenau 1856. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. II, n. 4, p. 68-70, abr. 1959.

\_\_\_\_\_. Relatório da Colônia Blumenau 1862. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. IX, n. 5, p. 94-98, abr. 1962.

\_\_\_\_\_. Relatório da Colônia Blumenau 1874. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XL, n. 5, p. 34-50, maio 1999b.

\_\_\_\_\_. Relatório da Colônia Blumenau 1858. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. II, n. 6, p. 106-150, ago. 1959.

\_\_\_\_\_. **Relatório da colônia do ano de 1870**. [Blumenau: S.n., 1870?]. Datilografado. Disponível para consulta no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

\_\_\_\_\_. **Relatório da Colônia do ano de 1876 até os meados de novembro**. [Blumenau: S.n., 1876?]. Datilografado. Disponível para consulta no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

\_\_\_\_\_. **Um alemão nos trópicos**: Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil. Blumenau: Cultura em Movimento: Instituto Blumenau 150 anos, 1999a.

CÂMARA DE BLUMENAU. Ata da Seção realizada no dia 11 de fevereiro de 1893.

CRVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial; **Teatro das sombras**: a política imperial. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ: Relume-Dumará, 1996.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Tradução: M. T. da Costa Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. 209 p. (Biblioteca de filosofia e historia das ciências, v. 9). Tradução de: La police des familles.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. 188p, il.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1996. 160 p.

FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri. **Visões do Vale**: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 186-205.

GALVÃO, Luiz Manoel de. **Relatório sobre as colônias Blumenau, Itajahy, Príncipe D. Pedro e D. Francisca (Província de Santa Catharina) apresentado ao Ministério da Agricultura, Commercio e Obras Publicas apresentado em 9 de março de 1871**. [Blumenau: S.n., 1871?]. Fotocópia. Disponível para consulta no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

MACHADO, Ricardo. **De colônia a cidade**: Propriedade, Mobilidade e Ordem Pública em Blumenau em fins do século XIX. 179 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural)- Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei**: legislação e territórios em São Paulo, 1870-1930. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

SALOMON, Marlon Jeison. **O saber do espaço**: ensaio sobre a geografização do espaço em Santa Catarina no século XIX. 2002. 292 f. Tese (Doutoramento em História Cultural)-Programa de Pós-Graduação de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 273-313.

SEYFERTH, Giralda. **Colonização e conflito**: estudo sobre 'motins e desordens' numa região colonial de Santa Catarina no século XIX. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS): Museu Nacional : UFRJ, 1988. (comunicação n.10)

THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antônio; TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas (Org.). **Nosso passado (in)comum**: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau: Ed. FURB: Ed. Cultura em Movimento, 2000.

VOIGT, André Fabiano. A imigração alemã trouxe desenvolvimento imediato ao Sul do Brasil? Análise sobre a Colônia Blumenau (1850-1870). **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XLIV, n. 11/12, p. 32-41, nov./dez., 2003.



Breve balanço crítico  
de estudos sobre a

# Formação de uma Economia local:

O caso de Blumenau

Ivo M. Theis \*



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem um propósito bem definido: analisar - no sentido de "passar em revista", "fazer um breve balanço crítico" - os estudos sobre a formação econômica do município de Blumenau. Para isso, recorre-se não a material inédito visando oferecer uma nova interpretação do processo de acumulação local de capital. A matéria-prima são trabalhos já realizados por economistas, geógrafos, historiadores e investigadores de outros campos do conhecimento, com ênfase nos de Kohlhepp (1968), Mamigonian (1965) e Singer (1977). Genericamente, interessarão aspectos como os objetos de estudo, os métodos empregados, os enfoques teóricos adotados, os resultados e conclusões alcançados.

São numerosos os estudos realizados sobre Blumenau por investigadores de diversos campos do conhecimento. Para se chegar aos aqui examinados, adotaram-se alguns procedimentos que devem ser compartilhados com o leitor. *Primeiro*, os trabalhos aqui discutidos não correspondem a uma lista completa nem, necessariamente, a uma relação dos melhores trabalhos sobre a formação econômica de Blumenau. Há, pois, arbitrariedade na escolha de títulos e autores, que precisa ser considerada quando o leitor lembrar de algum estudo (que julgue relevante) não incluído aqui. Por exemplo, talvez devessem constar da presente lista, entre outros, os relatórios do CEAG (1980) e Meyer-Stamer (1996) e/ou as dissertações de Colombi (1979) e Hillesheim (1979). *Segundo*, sendo a escolha dos trabalhos arbitrária, possivelmente vários dos autores comparecem à presente lista com uma entre diversas contribuições sobre a formação econômica de Blumenau. Um exemplo é o do geógrafo Gerd Kohlhepp, autor de diversas publicações derivadas de suas pesquisas sobre o nordeste de Santa Catarina nos anos 1960. *Terceiro*, alguns trabalhos foram realizados especificamente sobre Blumenau e/ou a região de Blumenau e/ou o Vale do Itajaí - como, por exemplo, o de Mamigonian (1965). Outros tomam Blumenau por referência - como, por exemplo, o de Singer (1977), em que Blumenau é uma de cinco cidades brasileiras analisadas. Aqui se buscou cuidar de categorizar os estudos que se pretende examinar a partir de seus respectivos objetos (e abrangências). *Quarto*, nem todos os trabalhos miram direta e objetivamente a economia do município nem a sua formação. Embora todos

tratem, em alguma medida, da formação econômica do município de Blumenau, sua preocupação pode ter sido outra - também aqui Singer (1977) oferece o melhor exemplo, relacionando o desenvolvimento de Blumenau (e das demais cidades que pesquisou) com o processo de urbanização.

Finalmente, cabe advertir que, ao me reportar à formação econômica de Blumenau, emprego um conceito. O que ele significa aqui? Por *formação econômica* entendo o processo de acumulação de capital, isto é, de ampliação do estoque de meios de produção que decorre da geração de excedentes (apropriados pelos proprietários desses meios de produção) e conduz a uma progressiva elevação da produção social num dado espaço. Os estudos examinados neste lugar miram este processo, embora possam ter se valido de outros conceitos.

Para fins meramente didáticos, o artigo foi dividido em cinco seções: além desta (1) introdução, compõem-no, ainda, as seguintes seções: (2) Blumenau ontem, Blumenau hoje, (3) interpretações sobre a formação econômica de Blumenau - primeira parte, (4) interpretações sobre a formação econômica de Blumenau - segunda parte, e as (5) considerações finais.

## 2

### BLUMENAU ONTEM, BLUMENAU HOJE

Talvez seja necessário principiar afirmando em alta voz o que poderia se perder como sussurro inaudível: o começo da "história econômica" de Blumenau está delimitado em 1850 apenas por deficiências de formação de que ainda não me libertei. De forma que deve ser óbvio que outros seres humanos habitaram, antes de 1850, as plagas que constituiriam a Colônia do Dr. Blumenau. E se as habitaram, também estavam organizados economicamente - fato que, segundo consta, ainda não mereceu a devida atenção.

Quanto ao processo de colonização, sobre este já se escreveu razoavelmente, embora se possa presumir que documentos relevantes do período imediatamente anterior à fundação da Colônia ainda possam inspirar novos estudos. Em conexão com a relativa ignorância sobre o modo de vida dos habitantes originários, parece promissora a frente de pesquisa referente às tensões entre aqueles e os europeus que, em meados do século XIX, foram

chegando. É evidente que também se vão revelando novos dados sobre o processo de colonização propriamente dito, embora sobre ele, provavelmente, se conheça o essencial (THEIS et al., 2000a). Em síntese: Blumenau vem sendo desvendada. O mistério da cidade vai se esvaindo na mesma medida que novos estudos revelam facetas que antes eram desconhecidas.

Uma palavrinha ainda antes de adentrar a seção inicial sobre as interpretações sobre a formação econômica de Blumenau: em comparação com 1850,  *aumentou* absurdamente a quantidade de almas que o IBGE diz viverem no município - aquelas 17 que o fundador trouxe consigo viraram 298,6 mil no ano de 2006; município, recorde-se, cujo espaço, em contrapartida,  *reduziu* absurdamente - basta fazer uma rápida lista de municípios que se emanciparam a partir de Blumenau (e calcular a área que levaram consigo) ao longo do século XX!

Já sobre o desenvolvimento recente de Blumenau não apenas se dispõe de crescente número de estudos como, aos poucos, também de uma maior variedade de enfoques e perspectivas - “novos olhares”, se assim se quiser (THEIS et al., 2000b).

Isto posto em termos do que separa a Blumenau de hoje da de ontem, passa-se a seguir ao que, de fato, interessa: as interpretações (eleitas) sobre a formação econômica de Blumenau.

Quadro 1 - Estudos sobre a formação econômica de Blumenau

Autor	Estudo	Ano da publicação
O. P. Bossle	História da industrialização catarinense	1988
A. B. de Castro	Sete ensaios sobre a economia brasileira [v. 2]	1980
I. J. Cunha	Evolução econômico-industrial de Santa Catarina	1982
A. Goularti Filho	Formação econômica de Santa Catarina	2002
G. Kohlhepp	Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarinas, Südbrasilien	1968
A. Mamigonian	Estudo geográfico das indústrias de Blumenau	1965
C. Raud	Indústria, território e meio ambiente no Brasil	1999
M. L. Renaux	Colonização e indústria no Vale do Itajaí	1987
P. I. Singer	Desenvolvimento econômico e evolução urbana	1977
M. Storper	Industrialization, economic development and the regional question in the Third World	1991
I. M. Theis	Entwicklung und Energie in Südbrasilien	2000
V. Vidor	Indústria e urbanização no nordeste de Santa Catarina	1995

Fonte: elaboração própria.

## Quadro 2 - Objeto, método/enfoque e conclusões dos estudos selecionados

Autor	Objeto(s) do estudo	Método(s) ou enfoque teórico	Resultados ou conclusões
Bossle (1988)	O trabalho é dedicado à "análise da formação e evolução da indústria catarinense", com ênfase nos "processos integrativos de sua economia no contexto do desenvolvimento brasileiro" (p. 15). A autora se refere à formação da economia de Blumenau em poucas ocasiões, conferindo atenção maior ao caso mais geral.	Trata-se de um trabalho apoiado em história econômica, que se vale de dados quantitativos - o que o caracterizaria como "método de história social". Michels (1998) classifica esse trabalho como "schumpeteriano".	Para Bossle (1988), o caso de Santa Catarina não pode ser explicado pelos enfoques dos "choques adversos" ou do "capitalismo tardio", mas pelos resultados da "relação do comércio importador e exportador, adicionada à experiência e visão empresarial dos imigrantes" (p. 136).
Castro (1980)	O objeto é a industrialização descentralizada: Blumenau constitui uma experiência (bem-sucedida) de indústria regional-nacional, com base na fabricação de "produtos sem similar nacional". O caso de Blumenau é tratado num dos ensaios que compõem o volume 2 da obra [capítulo 5], "a industrialização descentralizada no Brasil".	Análise histórica das transformações econômicas, com ênfase não na base empírica, mas nos "resultados" do processo de desenvolvimento. Cabe lembrar que Antônio Barros de Castro é, usualmente, identificado com o "enfoque cepalino".	O êxito da industrialização se deve a que Blumenau tivesse trilhado "um caminho próprio [...] controlando fração considerável do mercado nacional" na produção de diversos bens. "O relativo fechamento da indústria Blumenauense pode vir a tornar-se um fator negativo" para o seu desenvolvimento futuro.
Cunha (1982)	O livro como um todo se debruça sobre a "evolução" da economia catarinense. Ênfase é conferida ao processo de industrialização. O caso de Blumenau ganha destaque por que o autor aprofunda o exame do desenvolvimento do Vale do Itajaí e do nordeste catarinense no período de 1880 a 1945.	Análise da evolução econômica. O autor adota "abordagem interdisciplinar" e periodiza o desenvolvimento catarinense (como recurso analítico). É tido por Michels (1998) como schumpeteriano.	O processo de industrialização foi sustentado, em grande parte do período examinado, pelos gêneros da madeira, têxtil e de produtos alimentares. Blumenau, Joinville e Brusque são os centros industriais mais importantes nos anos 1940. A indústria têxtil constituiu-se na atividade mais moderna e dinâmica da economia catarinense.
Goulart Filho (2002)	Trata-se de um abrangente estudo de formação econômica de Santa Catarina, em que são explicitadas as transformações estruturais, a dinâmica das relações sociais e políticas e o movimento da acumulação capitalista em Santa Catarina desde 1880. Dada a presença destacada de Blumenau na formação da economia catarinense, o autor lhe confere correspondente relevância.	Recorrendo a séries históricas e a dados estatísticos, o autor logra equilibrar sua análise mais qualitativa com sólida base quantitativa. Partindo de uma perspectiva marxista, seu método não se restringe à história econômica; pelo contrário, incorpora o político, o social e o cultural.	A conclusão geral é de que, na formação econômica de Santa Catarina, é peculiar a forte (e o autor o sublinha) presença do capital de origem local. Especificamente, no caso de Blumenau é destacado o grau de autonomia da economia do município, no início, relativamente dependente de atividades madeireiras e, depois, seguindo caminho próprio a partir da indústria têxtil.

Raud (1999)	O trabalho de Cécile Raud indaga sobre a possibilidade de uma industrialização difusa no Brasil. Para ilustrar essa possibilidade, a autora se debruça sobre a economia catarinense, tomando os pólos de Blumenau e São Bento do Sul como exemplos de "distritos industriais".	O enfoque de que parte a autora é interdisciplinar, em que se entrelaçam a sociologia, a economia e a geografia. Crítica das abordagens da dependência e neoschumpeteriana, C. Raud incorpora as dimensões histórica, ambiental e sócio-política na sua análise do desenvolvimento.	Santa Catarina talvez seja a manifestação mais bem acabada da industrialização difusa no Brasil. E Blumenau, pólo têxtil/confeções, apresenta "fortes economias de aglomeração, baseadas na presença de microempresas especializadas [...] de uma mão-de-obra qualificada, e de serviços reais".
Renaux (1987)	"O tema tratado [é] a industrialização do Vale do Itajaí [...] eixo em torno do qual giram os elementos formadores da história dessa região" (p. 9). O pressuposto é de que "a integração do Vale do Itajaí [no qual vão se instalar as colônias de Blumenau e Brusque, fundadas por imigrantes alemães] ao quadro amplo da industrialização nacional se fará pela atuação do <i>empreendedor industrial</i> " (p. 14).	O trabalho repousa nos "critérios da História Social", valorizando a "descrição minuciosa, de caráter propositalmente monográfico". Em oposição a abordagens como a da CEPAL e do CEAG, ele está teoricamente baseado no enfoque schumpeteriano, que privilegia a "função social do empreendedor".	"a vocação de cultivar a terra [...] presente na formação da economia catarinense; a opção [...] pelo regime de pequena propriedade, como forma mais adequada à sua geoeconomia; a criação quase simultânea de núcleos coloniais espacialmente bem distribuídos e a diversificação relativamente equilibrada da produção determinaram [...] para o estado de Santa Catarina, <i>uma estrutura econômica e social peculiar</i> " (p. 319-320).
Storper (1991)	O objeto do livro de M. Storper (1991) é a relação entre polarização espacial da população e da atividade econômica e o processo de desenvolvimento em países semi-industrializados [do Terceiro Mundo], como o Brasil. No capítulo 4, dedicado a São Paulo, Storper (1991) faz referência, em comparação, às economias de vários estados, destacando o caso de Santa Catarina	M. Storper (1991) se apóia numa combinação de perspectivas teórico-metodológicas, com destaque para as teorias da localização, do crescimento econômico e do desenvolvimento regional. O autor utilizou farto material estatístico, além de ter feito visitas in loco [no caso de Blumenau, esteve em firmas como a Artex e a Sulfabri]. A partir daí, procurou examinar os processos de polarização/reversão da polarização, com atenção concentrada no setor industrial (p. 8-9).	Na nota de rodapé 13 (p. 63), M. Storper (1991) lembra de visitas feitas a Blumenau e outras cidades de Santa Catarina - e do Brasil - em 1986. Ele sugere haver "flexibilidade dinâmica" em alguns ramos da indústria brasileira, como na indústria têxtil de Blumenau. Por isso, considera que Blumenau e o Vale do Itajaí conformam uma zona de produção flexível, devido às interações horizontais e verticais das firmas (têxteis, de equipamentos etc.) na comunidade regional (p. 115).

Vidor (1995)	Vilmar Vidor (1995) trata, neste livro, resultado de sua tese de doutorado, das inter-relações entre industrialização e urbanização na região nordeste de Santa Catarina, com atenção especial para Blumenau e entorno (p. 9).	Trata-se de um trabalho crítico sobre o processo de acumulação de capital comandado pela indústria, que repousa em análise histórica e método dialético. Empiricamente, o estudo se vale de material estatístico farto, que fundamenta o argumento do autor.	Vidor (1995) conclui que, em Blumenau como no nordeste catarinense em geral, domina uma lógica econômica que privilegia a classe dominante, os espaços onde esta faz seus negócios, onde reside, onde tem seu lazer. O operariado permanece sem direito à fruição de serviços urbanos e qualidade de vida (p. 211).
--------------	--	--	---

Fonte: elaboração própria.

### 3 INTERPRETAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO ECONÔMICA DE BLUMENAU

#### - PRIMEIRA PARTE -

Pergunta inicial: quais são os estudos aqui examinados? No quadro 1 estão listados 12 trabalhos, de 12 autores, que se referem, de uma forma ou outra, à formação econômica de Blumenau. Três deles, os de G. Kohlhepp (1968), A. Mamigonian (1965) e P. I. Singer (1977), serão mais detalhadamente considerados na próxima seção. Por isso, a presente seção é dedicada mais ao conjunto dos trabalhos.

Um primeiro aspecto a destacar é o relativo ao ano de publicação. Dos 12, dois foram publicados na década de 1960, dois na década de 1970, três na década de 1980, quatro na década de 1990 e um foi publicado na década atual. Outro aspecto relevante é que nove dos autores aqui listados que fizeram estudos sobre a formação econômica de Blumenau são de fora de Blumenau e região - quatro, inclusive, residindo fora do Brasil quando realizavam suas pesquisas: Michael Storper, cidadão estadunidense, era ligado, naquele momento, à University of Califórnia (Los Angeles), Gerd Kohlhepp e Jörg Meyer-Stamer são cidadãos alemães e eram ligados, respectivamente, à Universität Tübingen e ao Deutsches Institut für Entwicklungspolitik; Cécile Raud, cidadã francesa, à época realizando sua pesquisa de doutoramento, vive, presentemente, em Florianópolis, onde atua como professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina. Quatro atuavam/viviam em outros

municípios de Santa Catarina – Bossle, Cunha, Goularti Filho e Mamigonian – e estados do país – Castro e Singer. Os que atuavam profissionalmente ou viviam em Blumenau ou região eram Renaux e Theis.

Isto posto, passa-se agora aos aspectos dos estudos selecionados que aqui mais interessam. O quadro a seguir apresenta, portanto, os respectivos objetos de estudo, métodos empregados, enfoques teóricos adotados e resultados e conclusões alcançados.

O quadro 2 apresenta, de forma resumida, o(s) objeto(s), o(s) método(s) e/ou enfoque(s) teórico(s), e os resultados/conclusões dos estudos aqui examinados. Adverte-se para o fato de que nesse quadro aparecem nove dos doze autores/trabalhos listados no quadro 1 – já que três serão mais detalhadamente considerados na próxima seção. O que, pois, se pode inferir quanto ao(s) objeto(s) dos estudos acima listados?

A primeira observação que se pode fazer é que apenas o trabalho de Renaux (1987) é dedicado mais diretamente ao caso de Blumenau. Seis estudos estão dedicados a cobrir Santa Catarina, se bem que um abrange alguns municípios catarinenses e dois se concentram sobre a região do Vale do Itajaí. Dois dos nove estudos listados no quadro 2 entram em Santa Catarina e Blumenau, mas abrangem o Brasil.

Quanto ao método, dois trabalhos – os de Bossle (1988) e Renaux (1987) – se apóiam na história social. Quatro deles recorrem ao emprego de instrumental da história econômica. Os três restantes se valem da interdisciplinaridade ou de uma combinação de métodos. Teoricamente, há um evidente domínio de enfoques schumpeterianos – pelo menos três trabalhos podem ser assim classificados. O trabalho de Castro (1980) é o único que abraça de forma mais explícita a abordagem cepalina. Três trabalhos poderiam ser etiquetados como dialéticos. Os trabalhos de Raud (1999) e Storper (1991) se valem de uma combinação de enfoques, daí resultando abordagens difíceis de serem definidas.

Finalmente, em termos dos resultados/conclusões, identificam-se três posições principais: uma primeira, que caracteriza os trabalhos de Raud (1999) e Storper (1991), indica certo otimismo e o atribui a fatores relativos à dinâmica socioeconômica – para Raud (1999), a *industrialização difusa*, para Storper (1991), a *flexibilidade dinâmica*. Uma segunda posição, a mais popularizada, é a de que Blumenau (e Santa Catarina) é um caso de êxito que pode ser atribuído à natureza empreendedora dos capitalistas locais. Uma terceira posição, mais

crítica, conclui que possíveis êxitos precisam ser contextualizados, não se podendo dissociá-los de contradições e impasses que confrontam economias locais/regionais no âmbito de formações socioeconômicas mais abrangentes.

Se estes estudos parecem oferecer um painel interessante da formação econômica de Blumenau, a seção a seguir propiciará uma aproximação ainda maior com base nos estudos de Kohlhepp (1968), Mamigonian (1965) e Singer (1977).

## **4** INTERPRETAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO ECONÔMICA DE BLUMENAU

### - SEGUNDA PARTE -

Aqui, então, se passa a dedicar maior atenção aos três trabalhos indicados. Interessará examinar esses estudos a partir de aspectos como os objetos que elegeram, os propósitos que os motivaram, os métodos que empregaram, as teorias que embasaram seus argumentos, as conclusões a que chegaram e as perspectivas que, eventualmente, traçaram para os objetos investigados.

### **4.1** A contribuição de Gerd Kohlhepp

O trabalho de Kohlhepp (1968) toma por objeto o nordeste catarinense, colonizado por imigrantes alemães, cujos pólos mais importantes são Blumenau e Joinville. Ele resulta de tese de doutorado que o autor concluiu em 1966 e defendeu em 1967, junto ao Instituto de Geografia da Universidade de Heidelberg, Alemanha, sob a orientação do prof. Dr. Gottfried Pfeifer. Trata-se de um estudo original e instigante sobre a geografia industrial do nordeste catarinense, publicado pela Editora da Universidade de Heidelberg. Lamentavelmente, ele ainda permanece inédito em língua portuguesa. Esclareça-se, a propósito, que por geografia industrial se entende a distribuição da atividade industrial no espaço. Por nordeste catarinense entende-se a região polarizada pelos municípios de Joinville e Blumenau.

Métodos e técnicas de pesquisa em geografia industrial, incluindo pesquisa de campo, constituem o principal instrumento metodológico empregado. Entretanto, o autor também recorre à análise histórica e à pesquisa estatística.

O trabalho é dividido em seis grandes partes: a primeira diz respeito à introdução. A segunda, à caracterização geográfica do nordeste catarinense. A terceira, às fases do desenvolvimento industrial da região. A quarta, à situação da indústria do nordeste catarinense à época em que o autor fez sua pesquisa. A quinta, à importância da indústria do nordeste de Santa Catarina. E a sexta, à conclusão.

Cabe destacar a terceira e quarta partes: a terceira parte, relativa às fases de desenvolvimento industrial, indica cinco etapas principais:

- a) desenvolvimento inicial: 1850-1880;
- b) processo de industrialização: 1880-1914;
- c) expansão da indústria e consolidação do mercado local/regional: 1914-1945;
- d) expansão da indústria e conquista dos mercados nacional e internacional: 1945-1965;
- e) situação da indústria nos anos 1960.

A quarta parte é a que corresponde aos dados que descrevem a situação da indústria do nordeste de Santa Catarina nos anos 1960, incluindo:

- a) distribuição regional das firmas, dos empregados e da produção segundo os diversos ramos da indústria;
- b) tipos de firmas e sua estrutura interna;
- c) características locacionais da indústria - influência de fatores naturais, acesso a energia e matérias-primas etc.;
- d) classificação dos tipos de estrutura industrial e sua organização espacial;
- e) impactos da industrialização sobre a cultura e o meio-ambiente;
- f) tarefas culturais e sociais de que se incumbiu a indústria regional.

As conclusões a que o autor chega se resumem assim:

- a) Blumenau e Joinville são centros industriais médios; b) seguidos de perto de

centros urbanos que também se industrializam, como Brusque e São Bento do Sul; c) suas indústrias são diversificadas - embora Blumenau apresente concentração na indústria têxtil; d) há predomínio de estabelecimentos de pequeno e médio porte; e) a região pesquisada é fortemente povoada por imigrantes alemães; f) em oposição à industrialização baseada na instalação de firmas estrangeiras - como aconteceu em várias regiões do país - a colonização industrial do nordeste catarinense favorece a identificação dos imigrantes com o lugar e o desenvolvimento de uma indústria nativa diferenciada em comparação com a indústria que se desenvolve em outras regiões do Brasil.

## 4.2 A contribuição de Armen Mamigonian

O estudo de Mamigonian (1965) toma a “indústria de Blumenau” como objeto. Sua pesquisa foi realizada entre 1961 e 1962, visando a elaboração de sua tese de doutorado, cuja redação final data de 1962. A tese, propriamente, também em Geografia e orientada pelo prof. Dr. E. Juillard, foi defendida na Universidade de Estrasburgo, França. É uma investigação inovadora sobre a geografia industrial de Blumenau, na qual o autor destaca três questões principais: o processo de industrialização, as características geográfico-econômicas da indústria e o quadro espacial da atividade industrial. Blumenau desperta interesse por constituir típica *zona industrial de colonização alemã*.

Metodologicamente, Mamigonian recorre a levantamentos estatísticos e enquetes no âmbito de uma pesquisa quantitativo-qualitativa de geografia industrial.

O trabalho é dividido em cinco grandes partes: a primeira corresponde à introdução. A segunda se refere ao processo de industrialização. A terceira diz respeito às características da indústria de Blumenau de uma perspectiva da geografia econômica. A quarta compreende o quadro espacial da indústria blumenauense. A última parte é dedicada às conclusões.

Na indústria de Blumenau predomina o ramo têxtil, pelo menos, desde o período 1914-1918: dos 13 estabelecimentos com mais de 100 operários, nove eram desse ramo em 1958. Contudo, em Blumenau também eram fortes as indústrias de tabaco, alimentos e bebidas, transformação de metais,

instrumentos musicais e brinquedos, entre outras.

Mamigonian (1965) identifica três fases no processo de industrialização:

- a) 1880-1914, durante a qual surgem as primeiras indústrias têxteis [Hering, Karsten, Garcia];
- b) 1914-1945, quando se expande a indústria, particularmente, a têxtil; e
- c) de 1945 em diante, que assinala a maturidade de Blumenau enquanto cidade industrial.

Para o autor, contribuíram para a industrialização de Blumenau: a) o tipo de colonização, comandado por imigrantes alemães; b) a origem do capital, em sua ampla maioria, de iniciativa local [a Companhia de Cigarros Souza Cruz era uma exceção]; c) o cultivo de contato com a Alemanha; d) a criação de infra-estrutura energética para a indústria; e) a mão-de-obra oriunda, em grande medida, de excedentes demográficos rurais; f) o mercado consumidor, localmente forte, logo complementado por um mercado nacional [São Paulo, Rio de Janeiro, Recife etc.] para produtos específicos.

Dentre as características mais importantes da indústria blumenauense, são destacadas, sobretudo: a) o predomínio dos capitais locais, b) a coexistência de pequenas, médias e grandes firmas, empregando relativamente mais mão-de-obra as grandes do ramo têxtil, c) mão-de-obra de origem alemã - Blumenau concentrava mais de 19% da força de trabalho empregada na indústria catarinense.

Mamigonian (1965) enfatiza dois aspectos relativos ao “quadro espacial”: a) a dispersão das unidades industriais, sendo quase impossível diferenciar zonas industriais e zonas residenciais; b) a presença de pequenos centros industriais na periferia da cidade, na fronteira com a zona rural do município.

O autor conclui que Blumenau é um centro industrial oriundo da colonização alemã no Sul do país, que se distingue pela força de trabalho, pela autonomia financeira e pela coexistência de grandes estabelecimentos com médios e pequenos, predominando a produção têxtil.

## 4.3 A contribuição de Paul I. Singer

O trabalho de Singer (1977, p. 7), cujo objetivo era analisar o “processo de desenvolvimento econômico, encarado sob o prisma da evolução urbana”, também está relacionado à tese de doutorado do autor. A pesquisa foi realizada nos anos 1960, sob a orientação do já falecido sociólogo Florestan Fernandes. Singer apresenta seu trabalho em junho de 1966 e o tem publicado (em co-edição) pela Editora da USP e Companhia Editora Nacional em 1968 – a edição aqui utilizada é a segunda, de 1977 (já sem a parceria da Editora da USP). Cabe lembrar que Blumenau é um dos capítulos da tese/livro de Paul Singer, ao lado de capítulos dedicados a São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife.

Em termos teórico-metodológicos, o estudo se apoiou na análise estrutural do desenvolvimento, pela qual o autor procurou captar o sentido global do desenvolvimento econômico como processo histórico (p. 11). Para investigar o caso de Blumenau, Singer fez contatos pessoais com o historiador Osvaldo Cabral, com Christiana Deeke Barreto e com o falecido empresário Ingo Hering.

Trata-se de um instigante estudo sobre a formação da economia local e suas inter-relações com o processo de urbanização – ainda mais, numa perspectiva comparada, já que foram investigados outros quatro casos. Não obstante, Paul Singer selecionará Blumenau não por constituir esta uma pujante economia urbana, mas por ela ser “representante de uma das economias de origem camponesa do Sul do país” (p. 17).

O trabalho é dividido em sete partes: a primeira é dedicada a Santa Catarina; a segunda trata da imigração alemã; a terceira se concentra na figura do fundador, Hermann Bruno Otto Blumenau; a quarta diz respeito à condição de Blumenau como colônia oficial, de 1860 em diante; a quinta aborda o início da industrialização; na sexta é examinada a inserção da economia de Blumenau na economia nacional; a última seção é dedicada à situação dominante de 1950 em diante e às perspectivas da economia local.

Pela forma como estruturou este capítulo, Singer (1977) pode distinguir as seguintes fases no desenvolvimento de Blumenau:

a) produção para o auto-consumo, de 1850 a 1880, constituindo uma economia de subsistência-artesanato;

- b) início da industrialização, de 1883 a 1914;
- c) integração da economia local no mercado nacional, de 1914 a 1950;
- d) desenvolvimento posterior a 1950.

Na sexta parte, em que trata do período que vai de 1914 a 1950, o autor sintetiza a trajetória da economia local ao mostrar que (p. 129): a) a produção para o auto-consumo, confinada ao espaço local, prepara o processo de industrialização; b) este se dá pelo surgimento da pequena indústria no âmbito da economia local/regional; c) à medida que as empresas crescem, ganhando mercado (para além do espaço regional), adentra a etapa da grande indústria. Singer (1977, p. 139) conclui que

Blumenau apresenta grandes vantagens relativas [...] porque se trata em termos da economia brasileira de um centro industrial antigo [...] Blumenau possui mercado de mão-de-obra industrial já formado e certo mercado de capitais. É, por enquanto ainda, *cabeça de zona* da região mais rica do Estado. Com a adoção de algumas medidas tendentes a aliviar os pontos de estrangulamento, a industrialização de Blumenau poderá persistir em seu rumo ascendente [...] Outras, porém, exigem reorganização social de alguma profundidade e são muito mais complexas.

As interpretações de Kohlhepp, Mamigonian e Singer, passado mais de meio século desde que realizaram suas pesquisas, permanecem contribuições originais - ainda hoje! Constituem estudos de grande relevância sobre a formação econômica de Blumenau, inclusive no que se refere aos movimentos do capital industrial e às relações de trabalho vigentes em Blumenau ao longo do período que vai de 1880 até a década de 1960.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo se teve o propósito de analisar a formação econômica do município de Blumenau. Para lograr este intento recorreu-se não a material novo, mas a trabalhos já realizados anteriormente por economistas,

geógrafos, historiadores e investigadores de diversos campos do conhecimento - especial atenção mereceram os de Kohlhepp (1968), Mamigonian (1965) e Singer (1977).

Blumenau já não é habitada pelos 17 imigrantes e pela população originária encontrada pelo fundador; em 2006, segundo o IBGE, faltavam apenas 1,4 mil indivíduos para que Blumenau contabilizasse 300 mil habitantes. Entre os meados do século XIX e o início do globalizado século XXI passou muita água sob as pontes dos ribeirões da Velha e do Garcia. Como traduzir isso em termos de formação da economia local a partir dos estudos aqui examinados?

Se os nove trabalhos passados em revista na terceira seção se referem a Blumenau, apenas o de Renaux (1987) é voltado mais diretamente à economia local. Dos demais, seis estudos estão dedicados a cobrir Santa Catarina, dois dos quais se concentram sobre a região do Vale do Itajaí.

Quanto ao método, predominam os trabalhos que se apóiam na história econômica - dois se valem da história social. Os demais empregam instrumental interdisciplinar ou uma combinação de vários métodos.

No que se refere ao enfoque teórico, predomina a perspectiva schumpeteriana de análise. Contudo, também há um conjunto de trabalhos que adotam enfoques dialéticos. Dois se apóiam numa combinação de várias abordagens teóricas.

Em relação às conclusões, podem ser distinguidas três posições: uma primeira pode ser considerada otimista e sua base assenta em fatores relativos à dinâmica socioeconômica. Uma segunda posição é de que Blumenau (e Santa Catarina) é um caso de sucesso, que se deve ao caráter empreendedor de sua gente (em particular, de seus capitães de indústria). A terceira posição é mais crítica e propõe que possíveis êxitos não podem ser dissociados de contradições que confrontam economias locais/regionais no contexto mais amplo de formações socioeconômicas nacionais.

Quanto aos estudos examinados na quarta seção, estes se aprofundam no caso de Blumenau em grau ainda maior. Repetir neste lugar o que naquela seção se procurou expor em detalhe parece redundante. Entretanto, vale a pena destacar algumas semelhanças e outras tantas diferenças. A primeira coisa que eles têm em comum é que tratam de Blumenau, mesmo que, como no caso de Singer, se esteja diante de um estudo comparado. A segunda é que os três trataram deste objeto

em suas teses de doutoramento. E uma terceira é que os três as defenderam na década de 1960. No que se refere às diferenças, elas começam no método - mesmo Kohlhepp e Mamigonian, geógrafos, se valem de instrumental metodológico distinto - o que alguém, apressadamente, poderia atribuir a diferenças entre as escolas alemã e francesa de geografia. Dos três, Singer (1977) é quem explicita o recurso a um enfoque teórico, indicando com a devida clareza que se apoiou em Marx, Rosa Luxemburgo e Keynes para fundamentar sua análise (p. 12-13). As diferenças também passam pelas periodizações - se bem que, aqui, elas são sutis. E chegam (as diferenças) às conclusões e perspectivas. Por exemplo, G. Kohlhepp (1968) faz indicações de que o nordeste catarinense, com destaque para Blumenau e Joinville, se diferencia de outros centros industriais brasileiros. A especificidade de Blumenau e Joinville residiria em fatores como o predomínio de pequenas e médias empresas de capital local na paisagem industrial do nordeste de Santa Catarina. Já A. Mamigonian (1965) afirma que "Blumenau [...] vitoriou-se graças ao fator trabalho [...] e seus grandes estabelecimentos aí coexistem com os médios e os pequenos, dominando a produção" (p. 477). Todavia, ele conclui, muito próximo de Kohlhepp, que Blumenau é um "centro com predominância têxtil [...] tipicamente europeu e contrasta, assim, com o quadro da maior parte dos centros industriais brasileiros" (p. 477). Finalmente, contrastando um pouco mais com Kohlhepp e Mamigonian, Singer (1977, p. 139), observaria que

o desenvolvimento econômico de Blumenau se [encontrava] num impasse. A sua especialização industrial [...] [apresentava] [...] taxas de expansão cada vez mais débeis, encontrando-se superada pela nova fase de industrialização do país [entretanto] Blumenau apresentava grandes vantagens relativas.

Os três estudos examinados na quarta seção têm em comum, segundo meu modesto ponto de vista, o fato de oferecerem contribuições originais e instigantes, válidas ainda hoje, para a compreensão do processo de formação econômica de Blumenau. Eles trouxeram à superfície, com graus variados de ênfase, os movimentos do capital industrial ao longo do período 1880-1960; assim como desvelaram nuances interessantes das relações de trabalho e das condições materiais de vida dos detentores da força de trabalho.

Novos estudos são suscitados pelos doze trabalhos aqui examinados. Aliás, os tempos presentes despertam novos temas para o

debate sobre a formação econômica de Blumenau, incluindo, claro, as relações capital-trabalho, mas, também, avançando para a atuação dos sindicatos, a exploração da mão-de-obra feminina, as relações economia-meio ambiente e a inserção da economia local na economia capitalista mundializada. Seria uma homenagem e tanto aos que já dedicaram seus esforços a desvendar múltiplas facetas de Blumenau - sobretudo, Gerd Kohlhepp, Armen Mamigonian e Paul Singer.

## REFERÊNCIAS

- BOSSLE, Ondina Pereira; CONFEDERACAO NACIONAL DA INDUSTRIA (BRASIL); FEDERACAO DAS INDUSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **História da industrialização catarinense**: (das origens a integração no desenvolvimento brasileiro). [Rio de Janeiro]: CNI; [Florianópolis]: FIESC, 1988. 155p.
- CASTRO, Antonio Barros de. **7 ensaios sobre a economia brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980. 2 v.
- CENTRO DE ASSISTENCIA GERENCIAL DE SANTA CATARINA. **Evolução histórico-econômica de Santa Catarina**: [estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)]. Florianópolis: CEAG/SC, 1980. 214p, il., mapas, 21cm. Subtítulo retirado da capa.
- COLOMBI, Luiz Vendelino. **Industrialização de Blumenau**: o desenvolvimento da Gebrüder Hering 1880-1915. 1979. xvi, 154 f., il. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.
- CUNHA, Idalou José. **Evolução econômico-industrial de Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. 169 p., il.
- GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 500 p., il.
- HILLESHEIM, Anselmo Antonio. **O crescimento do mercado interno numa colônia do Império**: o caso de Blumenau, 1850-1880. viii, [88] f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.
- KOHLHEPP, Gerd. **Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarina, Südbrasilien**: Ein Beitrag zur Geographie eines deutschbrasilianischen Siedlungsgebietes. Heidelberg: Geographisches Institut, 1968. 402 p., il. (Tese do Doutorado Geographisches Institut, Universität Heidelberg)
- MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. Separata da: Revista Brasileira de Geografia, [Rio de Janeiro], ano XXVII, n. 3, p. 389-481, jul./set. 1965.
- MEYER-STAMER, Jorg [Org.]. **Industrielle Netzwerke und Wettbewerbsfähigkeit**: Das Beispiel Santa Catarina, Brasilien. Relatório (Pesquisa). Berlin: DIE, 1996. viii, 104 p.
- MICHELS, Ido Luiz. **Crítica ao modelo catarinense de desenvolvimento**: do planejamento econômico, 1956 aos precatórios, 1997. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998. 242 p.
- RAUD, Cecile. **Indústria, território e meio ambiente no Brasil**: perspectivas da industrialização descentralizada a partir da análise da experiência catarinense. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1999. 276 p., il.
- RENAUX, Maria Luiza. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Ed. da FURB, 1987.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. 2. ed. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1977. 377 p. (Biblioteca Universitária. Série 2. Ciências sociais; v. 22).

STORPER, Michael. **Industrialization, economic development and the regional question in the Third World**: from import substitution to flexible production. London: Pion, 1991.

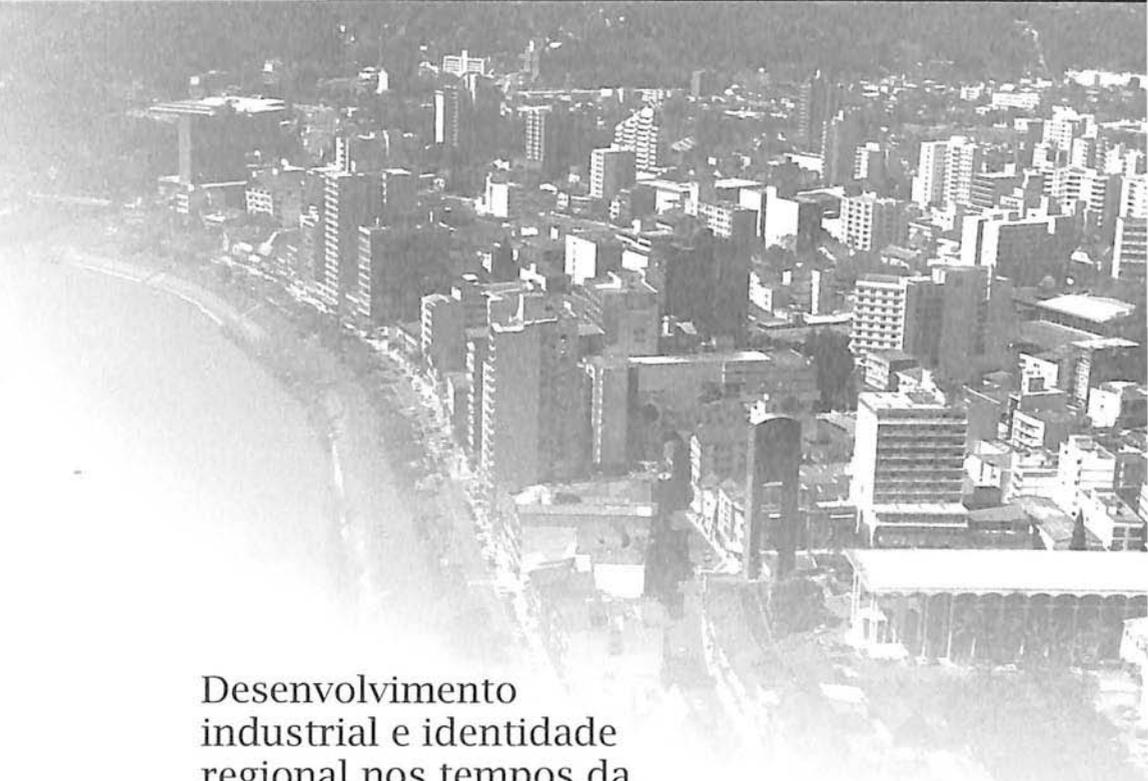
THEIS, Ivo Marcos. **Entwicklung und Energie in Südbrasilien**: Eine wirtschaftsgeographische Analyse des Energiesystems des Itajaíals in Santa Catarina. Tübingen: Geographisches Institut, 2000. xii, 373 p., il. ISBN 3-88121-0458. (Tese do Doutorado Geographisches Institut, Universität Tübingen).

THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antônio; TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas (Org.). **Nosso passado (in)comum**: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau: Ed. FURB: Ed. Cultura em Movimento, 2000a.

THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antônio; TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas (Org.). **Novos olhares sobre Blumenau**: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente. Blumenau: EDIFURB, 2000b. 396 p., il.

VIDOR, Vilmar. **Indústria e urbanização no nordeste de Santa Catarina**. Blumenau: Ed. FURB, 1995. 248 p., il.





Desenvolvimento  
industrial e identidade  
regional nos tempos da  
**GLOBALIZAÇÃO**  
Blumenau e o Nordeste  
de Santa Catarina

Gerd Kohlhepp

Maria Luiza Renaux

# 1

## INTRODUÇÃO

A indústria em Santa Catarina ocupa lugar de destaque no Brasil pois o seu início, na região nordeste do Estado, não se baseou em fatores circunstanciais, como por exemplo, a existência de matérias primas regionais - exceto a indústria madeireira - nem na concentração populacional responsável pelos mercados receptivos a produtos industriais nas grandes cidades e metrópoles brasileiras. A indústria catarinense originou-se de iniciativas locais e do espírito empreendedor dos imigrantes alemães e italianos e seus descendentes, contando com os pequenos capitais de seus fundadores e de seus empregados de confiança. Isto contribuiu para a solidez e o crescimento contínuo da indústria regional.

Desde meados dos anos 50, a industrialização no Brasil, ao contrário do ocorrido em Santa Catarina apoiou-se fortemente, em sua fase principal, em investimentos de empresas estrangeiras e multinacionais, na importação de equipamentos mecânicos e, no início, da disponibilidade temporária de técnicos e gerentes estrangeiros altamente qualificados, bem como na implementação da estrutura de filiais de grandes empresas internacionais.

No início dos anos 60, o capital estrangeiro teve participação no desenvolvimento industrial catarinense somente em casos excepcionais e isso devido à localização geográfica de Santa Catarina, distante dos grandes centros, com transporte deficiente e também devido aos déficits no fornecimento de energia. A partir das décadas de 80 e 90 a situação mudou em alguns ramos da indústria, mas a grande transferência de capital ou, até mesmo o grande número de novas fundações, filiais de empresas multinacionais, não tiveram lugar em Santa Catarina. Assim, a indústria alemã no Brasil com empresas de grande porte, esteve muito presente em São Paulo, o mesmo não acontecendo no nordeste do Estado de Santa Catarina, fortemente marcado pela iniciativa local dos imigrantes alemães e seus descendentes.

Nos anos 90, embora a indústria catarinense tenha sido atingida pelas consequências da abertura de mercado e pela globalização, ela conseguiu preservar, em grande parte, no nordeste do Estado, a sua identidade regional.

## 2

### FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA IDENTIDADE REGIONAL DO NORDESTE DE SANTA CATARINA

Para melhor compreensão do conceito de identidade regional, devemos primeiro observar o desenvolvimento da colonização na região. Para tanto são estabelecidos critérios de identidade que dizem respeito à população européia estabelecida na área no século XIX - primeiramente a alemã que, a partir de 1824 colonizou grande parte do sul do Brasil e que, de 1850 em diante, veio ocupar o nordeste de Santa Catarina, mais precisamente a hinterlândia do litoral, já povoado por açorianos e madeirenses.

A imigração alemã no sul do Brasil foi concebida como projeto moderno de apoio à independência política do Brasil. De acordo com esse projeto foi realizado um novo modelo de desenvolvimento baseado em pequenas propriedades, na força de trabalho familiar, na policultura agrícola direcionada ao abastecimento do mercado interno, no fomento à acumulação de capital regional e no estímulo às decisões comunitárias.

Por isso pensou-se em imigrantes alemães, pois a colonização por meio de agricultores autônomos havia sido bem sucedida nos EUA e os colonos alemães eram vistos como adequados também para o sul do Brasil. Depois de dificuldades na fase inicial - discórdias entre o governo central e as oligarquias rurais tradicionais pela disputa de terra e sua concessão a pequenos proprietários - a responsabilidade pelos assuntos imigratórios, de acordo com a Lei da Terra de 1850, foi transferida aos governos provinciais e a companhias particulares de colonização. Ao contrário das regiões tropicais de plantações para a exportação de produtos agrícolas, foi propagada a imigração de colonos alemães e, mais tarde, a de italianos para o sul do Brasil, que procuravam "terra e liberdade". Santa Catarina foi líder nesta segunda fase da colonização alemã. A imigração italiana no Brasil começou a partir de 1875.

Na terceira fase, a partir de 1880, chegaram ao Brasil imigrantes de regiões urbanas da Turíngia, da Saxônia, de Baden e tecelões alemães de Lodz que fundaram as primeiras fábricas têxteis em Blumenau, Joinville e Brusque (KOHLHEPP, 1969), valendo-se das pequenas poupanças já acumuladas e localmente procedentes do excedente da policultura e de sua comercialização.

Foi o início de uma concentração da economia na indústria, que se fortaleceu pouco a pouco. Os empreendimentos pioneiros em Blumenau foram a malharia dos irmãos Hering, a “Tricotwarenfabrik Gebrüder Hering” (1880), a fábrica de Röder, Karsten & Hadlich (1882) que produzia tecidos para vestuário, a fábrica de tecidos Döhler (1881) em Joinville e em Brusque a empresa têxtil Renaux (1892) (RENAUX, 1987).

Devido à situação topográfica difícil da região, as melhores áreas esgotaram-se rapidamente, fazendo com que novos imigrantes ou, até mesmo aqueles menos bem sucedidos na agricultura, se tornassem mão de obra para a indústria ou se transformassem em operários-colonos contando com sustento mais sólido.

Blumenau, Joinville e Brusque transformaram-se em centros das atividades industriais no Estado pela fundação de novas empresas no ramo têxtil e do vestuário e concentrando dois terços de todos os estabelecimentos em Santa Catarina (CUNHA, 1981). As empresas Renaux em Brusque e Hering em Blumenau eram as líderes da produção antes da primeira guerra mundial, com mais de 200 empregados cada.

Os imigrantes europeus traziam consigo uma base sócio-cultural que na Europa, tradicionalmente, tinha suas raízes no trabalho disciplinado das corporações de ofício. Os artesãos destas corporações representavam a classe média nas cidades alemãs do final da idade média até o término dos direitos das corporações pela introdução da liberdade de comércio no séc. XIX. Segundo suas próprias concepções, eles representavam o cerne da classe média urbana. Suas corporações destacavam-se por estatutos severos e costumes alicerçados numa estrutura familiar patriarcal-autoritária, que dominava em todos os níveis da sociedade. Uma organização excelente e uma aprendizagem sólida, a determinação criteriosa dos preços e da qualidade dos produtos eram critérios básicos nas corporações. Além disso, o estilo de vida, uma conduta ética irrepreensível e um intenso controle das regras da comunidade formavam a identidade e, ao mesmo tempo, garantiam um trabalho de qualidade e limitavam o acesso de estranhos às corporações. Quando as máquinas substituíram a mão de obra, muitos artesãos, mestres e pequenos empresários abandonaram a Alemanha (RENAUX, 1995) transferindo sua experiência para o Novo Mundo.

Nas regiões de colonização alemã em Santa Catarina o espírito

empreendedor identificou-se com o agir político do partido republicano. Seus princípios econômicos concentravam-se, entre outros, no empenho pela ampliação da infra-estrutura, na simplificação dos processos jurídicos, no fim de monopólios e privilégios, em maior autonomia dos municípios e no recolhimento e distribuição mais justa de impostos. Como brasileiros naturalizados, os imigrantes formaram comitês republicanos e foram eleitos deputados, caso de Carlos Renaux, eleito pelo partido republicano do Vale do Itajaí.

Entre as duas guerras mundiais, a política de substituição das importações fez a produção industrial brasileira alcançar o auge, incluindo nesse movimento a indústria têxtil de Santa Catarina. Para atender à verticalização das empresas foram importadas novas máquinas de fiação, tecelagem e acabamento do algodão, instaladas e manejadas por técnicos alemães especializados. A crescente inflação na Alemanha e que destruiu a economia do país nos anos 20, fora responsável pela forte emigração. Como esses técnicos queriam exercer suas profissões numa região em que podiam falar seu idioma, Santa Catarina e o sul do Brasil ofereciam as condições ideais para tal.

Vindos do contexto da República de Weimar (1919-1933), os novos imigrantes não traziam somente conhecimentos técnicos dando forte impulso e um perfil inovador à indústria, mas também tinham uma base cultural bem fundamentada para essa finalidade. Inovação e nível de qualidade na produção tornaram-se características desta fase em Santa Catarina. Isso numa época em que a indústria em São Paulo era deficitária devido à falta de uso sistemático de recursos organizacionais e técnicos (PEREIRA, 1967). Tampouco havia na indústria têxtil brasileira conhecimento específico sobre o assunto e empresários especializados (STEIN, 1979).

A indústria têxtil catarinense projetou-se desde então, passando a contar com mercado seguro. Como exemplo de desenvolvimento em Santa Catarina pode ser mencionado o consumo do algodão e de *fiocco* (fibrilã) da empresa Renaux que, entre 1918 e 1946, cresceu dez vezes (RENAUX, 1987). Neste contexto deve ser mencionado que os esforços para a melhoria técnica estavam fortemente ligados à concepção e moral de trabalho e à mentalidade - deixando margem à afirmação de que no nordeste de Santa Catarina a identidade regional está relacionada com a "cultura fabril" e a maneira de viver a ela associada.

As tendências uniformizantes da globalização contrastam com os desenvolvimentos regionais específicos nos quais as tradições históricas, a paisagem e peculiaridades culturais marcam de maneira bem diferenciada os estilos de vida e as estratégias dos atores locais. Os envolvidos vêem-se em um contexto de sentido regional e local que, através de vivências e atos cotidianos conjuntos, une subjetiva e emocionalmente todas as partes da comunidade contrastando com os contatos de interesse, racionais e impessoais, que caracterizam as relações dentro do mundo globalizado atual. Para que exista um sentimento afim num determinado grupo, esse grupo deve ter consciência das origens, tradição, cultura, ambiente que os une, bem como dos seus objetivos e problemas em comum desenvolvendo assim um sentimento de comunidade.

É portanto, na interrelação entre o global e o regional, entre o econômico e o cultural que devem ser analisadas as tendências das relações no mundo atual. O processo de regionalização ao invés de aniquilado pelos tentáculos da globalização em curso, tem suas características mais específicas valorizadas, conduzindo a uma percepção que desperta a consciência e, conseqüentemente, faz nascer a identidade regional.

Paralelamente aos critérios nos quais indivíduos se enquadram em determinado contexto está o ambiente de trabalho que se identifica na indústria por uma certa "cultura técnica". Isto se aplica especialmente às cidades de Blumenau, Joinville, Jaraguá do Sul, Pomerode, Rio do Sul, Brusque e São Bento do Sul, centros industriais pioneiros no desenvolvimento econômico da região alemã-italo-brasileira em questão, definidos segundo critérios locais e regionais específicos.

O comportamento diário das pessoas, as formas de socialização, de educação e de trabalho formam um ambiente local ou regional que se diferencia de outras regiões. A auto-descrição de afinidade dos atores é o critério decisivo na identidade de grupo. A crise da indústria e a abertura do mercado brasileiro no início dos anos 90 foi o ponto de partida para a revalorização da conscientização e a percepção de uma identidade regional específica. Essa crise exigiu análise da situação regional e, como resposta aos desafios da globalização, uma reestruturação industrial - mas também uma estratégia especificamente regional para superar problemas e garantir o futuro industrial da região.

# 3

## CONDIÇÕES DE LOCALIZAÇÃO E A ATUAL ESTRUTURA INDUSTRIAL NO NORDESTE DE SANTA CATARINA

Embora Santa Catarina seja um dos menores Estados brasileiros, com 95.500 km<sup>2</sup>, com 6,0 milhões de habitantes em 2005 (= 3,2 % do Brasil), pode ser atribuída a este Estado uma grande significância industrial. Quanto ao número de empresas e empregados da indústria, Santa Catarina ocupa o quarto lugar no Brasil. No ano de 2004 havia 478.000 empregados na indústria de transformação. À frente de Santa Catarina e Paraná, cada com 8,2% de participação nos 5,8 milhões de empregados industriais do Brasil, estão somente São Paulo com 2,07 milhões de empregados com participação de 35,5%, Rio Grande do Sul (10,6%) e Minas Gerais (10,2%).

Muitos ramos industriais do nordeste de Santa Catarina desempenham papel importante no Brasil. De acordo com o valor de transformação no ano de 2004, foram alcançadas altas quotas nos ramos industriais dentro da produção geral do país: motores elétricos, geradores, transformadores 37,7%, vestuário 24,4%, electrodomésticos (geladeiras, congeladores) 23,5%, produtos de fundição 22,7%, têxteis 15,7%, móveis 13,5% (FIESC, 2006).

A indústria em Santa Catarina concentra grande parte de estabelecimentos de médio e pequeno porte, mas apresenta também algumas empresas de grande porte, de renome e conceito internacional. Somente 30% de todos os empregados da indústria catarinense trabalham em empresas de grande porte. Com alta diversificação e *clusters* importantes, como, por exemplo, nos têxteis, vestuário e móveis, a indústria de Santa Catarina se distingue não somente pela posição pioneira em alguns ramos, mas também pelo alto nível de qualidade da produção ostentando lugar de destaque no Brasil, o que se reflete na exportação.

Isto se enquadra principalmente no nordeste catarinense, que ultrapassa sensivelmente as outras regiões no que se refere à concentração de empresas de pequeno, médio e grande porte. No desenvolvimento industrial regional destacam-se as regiões de imigração povoadas desde meados do séc. XIX por alemães, italianos e seus descendentes brasileiros.

No início dos anos 60, o desenvolvimento industrial desta região,

comparado a de outros Estados brasileiros, já era intraregionalmente muito diversificado (KOHLHEPP, 1968). Destacavam-se em 1961 a indústria têxtil e do vestuário, a indústria de móveis e madeira e de produtos metalúrgicos. Até 2004 deu-se impressionante concentração de indústrias e um aumento considerável do número de empregados na indústria, sendo que este último aumentou mais de 6 vezes nas últimas quatro décadas (vide tab. 1). Mantiveram-se os ramos industriais de têxteis, vestuário e de metais. A indústria madeireira, sobretudo as serrarias, diminuíram muito devido à forte destruição de florestas. No entanto, o ramo de máquinas, motores e material de transporte ocupa hoje o segundo lugar.

As microrregiões do Vale do Itajaí - abrangendo Blumenau, Brusque, Rio do Sul, Ituporanga e Itajaí, assim como Joinville - com Jaraguá do Sul - e o planalto de São Bento do Sul, empregam mais que 55% dos empregados de toda Santa Catarina (vide tab. 2). Joinville, Blumenau, Jaraguá do Sul e Brusque são centros urbanos dinâmicos, sendo que a indústria absorve entre 40% e 60% da população economicamente ativa (região nordeste de Santa Catarina: 52,6 %).

Os grandes centros regionais de Joinville (2005: 487.000 habitantes) e Blumenau (2006: 279.000 hab.) apresentam hoje, paralelamente à significativa concentração industrial, um crescente aumento do setor de prestação de serviços. Nas cidades de médio porte como Jaraguá do Sul e Brusque e nas pequenas como Timbó, Indaial e Pomerode há entre 60 e 70% dos empregados na indústria (vide tab. 3). Com 239.000 empregados (estabelecimentos com cinco ou mais empregados), a região do nordeste de Santa Catarina ainda ocuparia o sétimo lugar quanto ao número de empregos na indústria dos Estados brasileiros.

Ao contrário dos demais Estados brasileiros, Florianópolis, a capital de Santa Catarina, tem pouco significado industrial - exceto o setor de software - e, em número de habitantes está atrás de Joinville, que é a maior cidade do Estado.

Mesmo com as mudanças nas condições básicas no âmbito da estrutura industrial, a nível nacional e global, o nordeste de Santa Catarina mostrou continuidade e preservação da identidade regional nas formas empresariais, industriais e nos processos de produção, bem como na avaliação dos fatores de localização. Entre a população regional, especialmente entre os descendentes de imigrantes alemães e italianos, existe a busca de uma identidade específica construída sobre fatores sócio-culturais inerentes ao desenvolvimento econômico local e identificados como auto-confiança,

espírito empreendedor, persistência de um certo conservadorismo, alta moral de trabalho e forte consciência regional que, em termos de Brasil, se baseia em estrutura social privilegiada.

Até os anos 60, o nordeste de Santa Catarina estava relativamente isolado no espaço econômico brasileiro devido à situação dos transportes principalmente. Na fase de substituição das importações, a produção dependia quase que exclusivamente da acumulação e existência de capital local e regional, as empresas industriais mostrando pouco entrelaçamento entre si. Mas, há muito tempo foi criado o perfil de qualidade da indústria de Santa Catarina: a marca "Blumenau" por exemplo, apesar da infra-estrutura geral deficiente das escolas de segundo grau e da falta de universidades nesse período, podendo ser mantida devido à aprendizagem bem fundamentada nos estabelecimentos industriais, aos conhecimentos e experiência dos técnicos imigrantes e ao aperfeiçoamento dos métodos de produção tradicionais (KOHLHEPP, 1968, 1971).

A liberalização dos mercados no início dos anos 90, se de um lado trouxe a influência da globalização com investimentos estrangeiros diretos e facilidades na importação, de outro, provocou e, pela primeira vez, a pressão da concorrência internacional de países com salários baixos como a China e a Índia. Disso resultou grande perda de empregos na indústria regional.. Paralelamente surgiram novas diretrizes de produção direcionadas aos desafios globais (*design*, grifes, etc) como também a necessidade do entrelaçamento empresarial com vistas à formação de *clusters*.

Mesmo assim, o perfil industrial regional permaneceu. A maioria das empresas ainda pertence às famílias dos fundadores, mas sob direção de gerentes locais e regionais. A participação de capital estrangeiro e de filiais ainda é exceção. Não há empresas estatais na indústria de transformação. Devido à origem étnica dos empresários, os negócios com a Alemanha e a Itália foram intensificados, embora a instrução e o aperfeiçoamento das gerações seguintes de dirigentes não mais seja na Europa como antigamente, e o mercado europeu apresenta muitos obstáculos para os produtos brasileiros.

A identidade regional é reforçada em parte e indiretamente, de fora no que se refere à migração de especialistas, abertos à integração e oriundos das metrópoles, sobretudo de São Paulo. Com isso surgiu uma crescente mobilidade de mão de obra qualificada das metrópoles às cidades dinâmicas de médio porte, com melhor qualidade de vida, melhor ambiente social e menos problemas de segurança. Acrescente-se ainda que recentemente

algumas empresas de médio porte, alemãs e italianas, passaram a ver novas perspectivas de investimento e de produção na região, fazendo uso das vantagens da globalização sob o ponto de vista europeu, mas, no caso também, como vantagem para os centros industriais regionais e seu mercado de trabalho.

O tamanho relativamente pequeno das cidades industriais, sobretudo no Médio Vale do Itajaí e no Vale do Itapocu, favorece a existência de empregados industriais com vínculo muito estreito com o lugar. Os empregados de hoje não mais são os típicos e tradicionais operários-colonos, com a significância que estes tiveram nos anos 60 (KOHLHEPP, 1968). Mesmo assim, eles mantêm forte ligação com o seu meio ambiente e gozam de condição privilegiada em relação às grandes metrópoles e outras regiões do Brasil devido a boa qualidade de moradia, abastecimento próprio de alimentos, proximidade ao trabalho, assistência de saúde e serviços sociais das empresas.

A forte integração numa vida de comunidade orientada de acordo com as tradições locais, principalmente nos vilarejos e pequenas cidades próximas aos centros industriais promovem o espírito comunitário do qual a filiação a clubes recreativos é o exemplo mais comum. Paralelamente a esta situação existe ainda o modelo de comportamento patriarcal dos empresários nas empresas familiares das pequenas cidades de Santa Catarina, onde os dirigentes mantêm contato cordial e informal com os funcionários.

Aliás, é de se observar a mudança nas regras de sucessão nos estabelecimentos de grande e médio porte. Nas empresas mais prósperas não são mais familiares que automaticamente ocupam as funções de dirigentes. As empresas, por necessidade, mostram interesse em angariar pessoal altamente qualificado, especializado e com experiência que é recrutado de fora. Há felizes exceções onde filhos e netos dos fundadores das empresas ou outros membros das famílias assumem a função de responsabilidade. Nos estabelecimentos fundados na primeira metade do séc. XX, a geração de herdeiros, na maioria dos casos, estudou na Alemanha. Depois da Segunda Guerra Mundial, devido à quebra de contato com a Europa e por falta de conhecimentos do idioma, os jovens passaram a estudar nos EUA. Em muitos casos, a nova geração tem estudado e se aperfeiçoado no Brasil, principalmente em São Paulo.

# 4

## CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO: O EXEMPLO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DO VESTUÁRIO

A globalização causou efeitos gravíssimos para a indústria têxtil e de vestuário. Entre 1990 e 1999, a indústria têxtil brasileira perdeu mais que 295.000 empregos, isto é, 54% dos empregos totais neste setor (SIEBERT, 2006). Primeiramente por motivos de concorrência internacional foi importado moderno equipamento e máquinas, o que causou forte racionalização no mercado de trabalho. As estruturas empresariais foram então reduzidas, sobretudo fiações e tecelagens que tiveram que fechar. Devido à concorrência com os produtos vindos de países asiáticos, que produzem 40 até 70 % mais barato, muitos empregados foram demitidos e setores de produção terceirizados. Em meados dos anos 90 surgiram, pela primeira vez, grandes problemas na exportação devido à sobrevalorização do Real, um fato que se repete nos primeiros anos do séc. XXI.

A alta vulnerabilidade dos setores têxtil e de vestuário causou, sobretudo na região do Vale do Itajaí, uma crise existencial e um choque duradouro na auto-confiança desse ramo regional específico. Com a pressão da concorrência foram feitas algumas tentativas, infelizmente não bem sucedidas, de implementar filiais em regiões brasileiras de baixos salários como no Nordeste. Apesar de subvenções estatais (por exemplo, pela SUDENE), não foi alcançada alternativa para a concorrência globalizada devido à falta de tradição industrial, falta de pessoal qualificado e infra-estruturas deficientes naquela região.

Desde o início dos anos 70, grandes empresas tiveram sucesso em suas tentativas de transferir setores da produção, principalmente o da costura, para aproveitar a mão de obra mais barata, principalmente de mulheres jovens, para a região rural mais próxima. Esta foi uma boa chance para os municípios do “*hinterland*” de Blumenau de enquadrar mulheres no processo de trabalho industrial sem romper imediatamente com a tradição agrícola, usufruindo da situação social relativamente estável.

Iniciou-se então a terceirização com crescente deslocamento de processos de acabamento, por exemplo, da costura, para inúmeras mini-empresas pertencentes, na maior parte, a antigos empregados. Esses mini-estabelecimentos foram criados em galpões, à sombra das antigas empresas empregadoras, com

disponibilidade de algumas das suas máquinas de costura, assumindo até 60% dos trabalhos necessários na confecção. Com isso, as empresas não só aproveitavam o conhecimento dos antigos empregados quanto às exigências de qualidade na produção, mas, não tinham mais que demitir pessoal e pagar os encargos sociais correspondentes, passando para os faccionistas - que então trabalhavam sob condições mais flexíveis, muitas vezes até sob a forma de trabalho informal para evitar os altos impostos - as oscilações das vendas na baixa estação.

Tendo em vista os problemas no setor de vendas das grandes empresas, a contratação de faccionistas mostrou certa segurança para o mercado de trabalho por causa da flexibilidade na prestação de serviços, sobretudo para a mão de obra feminina. Em muitos casos foi adotada a subcontratação de costureiras, que costuram em casa para as facções. No caso de demissão e, como indenização, essas costureiras podem comprar a máquina de costura de uma das grandes empresas valendo-se do fundo de garantia (SIEBERT, 2006). Entretanto, a crescente subcontratação leva à informalidade e com isso ao enfraquecimento da situação empregatícia do setor formal. Da falta de seguro social surge a insegurança e a vulnerabilidade social.

Em consequência do desenvolvimento econômico no Vale do Itajaí, da crescente falta de mão de obra barata no setor da costura e de salários relativamente altos nas cidades de Santa Catarina, algumas empresas de grande porte têm transferido esse setor para outras regiões fora do Estado, a fim de reduzir os custos de produção. Nesse *outsourcing* os serviços são, em grande parte, terceirizados. Este é o caso atual, com estabelecimentos catarinenses sendo transferidos para Goiás e o Rio Grande do Norte.

Assim, a Cia. Hering, uma das empresas de maior renome na América Latina no setor do vestuário, tem hoje somente 56% dos empregados trabalhando nos setores mais importantes em sua matriz de Blumenau, onde se realiza apenas 60% do volume de vendas. Enquanto as filiais da empresa em Indaial, Rodeio e Ibirama produzem para o mercado nacional e internacional, as filiais de Goiás produzem somente para o mercado nacional. Em Natal, no nordeste brasileiro, a produção é feita a base de *outsourcing* com terceirização de etapas de trabalho como corte, lavagem e acabamento.

Na região do nordeste catarinense, a verticalização no processo de produção foi durante muito tempo uma necessidade com vistas às pretensões de autonomia. A cooperação vertical não foi realmente necessária para as grandes

empresas, pois estas estavam total e verticalmente integradas (MEYER-STAMER, 1996, 2003). Também a cooperação horizontal não foi necessária, pois o mercado brasileiro estava protegido até o início dos anos 90 e, sob essas condições, a produção a nível nacional era bem sucedida e, a exportação, então subvencionada, funcionava bem. Muito pelo contrário, várias empresas tentaram proteger-se contra a concorrência local e regional ocultando detalhes específicos de produção. Hoje em dia, a desverticalização e a especialização da produção, obedecendo à demanda dos clientes e às tendências da moda no ramo do vestuário, substituiu o grande espectro das linhas tradicionais da produção em muitas empresas de grande porte. Desde um passado recente, o SENAI e as universidades dos municípios com indústrias de vestuário oferecem cursos de moda.

No Médio Vale do Itajaí, tradicionalmente, existe uma forte formação de *cluster* no ramo da indústria têxtil e de vestuário. Entretanto, essa concentração especificamente local não contribuiu para a melhoria das atividades de cooperação entre as empresas do mesmo ramo. Com fusões para o fortalecimento da estrutura de oferta e para a diminuição dos altos custos de administração, a indústria típica da região (malhas, vestuário de lazer, atalhados, roupa de cama, mesa, banho etc) terá que seguir os desafios da globalização para se manter no mercado. O primeiro passo para tal foi dado em 2004 quando, por iniciativa de diversas empresas de Blumenau, Jaraguá do Sul, Brusque, Criciúma etc., foi criada a organização “Santa Catarina Moda Contemporânea”, que tem o objetivo de, dentro do *cluster* do vestuário, promover a oportunidade de troca de informações e uso de estratégias comuns para a produção de artigos de moda.

Muitas vezes o que se observa dentro do que poderia significar benefícios mútuos para as empresas regionais, é escassa e má experiência, devido à defesa de interesses próprios das famílias empresariais tradicionais, às vezes com problemas de sucessão na chefia, bem como pela sua reserva quanto à abertura da situação da empresa perante as possibilidades de cooperação. Através de contatos entre os empresários e sua responsabilidade comum em projetos de infra-estrutura (por exemplo, a estação de tratamento de águas para a indústria têxtil e de vestuário), prestação de serviços privados, comunais e/ou pelo Estado seria possível conseguir um efeito de sinergia que levaria a uma maior possibilidade de reação a desafios globais e, conseqüentemente, a uma maior capacidade de concorrência internacional. Ligado a este aspecto estão os recentes

esforços feitos em Blumenau para a criação de área para a realização de feiras (Parque Vila Germânica) que, diante da concorrência internacional, poderá atingir um bom *marketing* de produtos neste tipo de evento. As câmaras de indústria e comércio da região intensificaram suas atividades e tentam, junto às administrações comunitárias, solucionar os problemas do uso e do planejamento de áreas para o assentamento de novas indústrias, projetos de infra-estrutura em meio ambiente, em conjunto com instituições estatais e melhorar a educação profissionalizante. A cooperação entre a indústria e as universidades deixa ainda a desejar. Para isso contribuem algumas universidades, preocupadas demasiadamente com sua vida política interna e deixando a desejar na cooperação com a indústria. Há carência, por exemplo, na oferta de cursos especializados para técnicos do ramo têxtil.

Aliás, há fundações de novas universidades privadas em centros de médio porte que são extremamente ativas, contando com grande número de estudantes procedentes das mais diferentes áreas em seus cursos noturnos. Com a oferta de cursos especializados, essas universidades satisfazem a demanda prática da indústria local e regional, sem levar a pesquisa em consideração. A qualidade das escolas superiores especializadas está sintonizada com as necessidades industriais e o corpo docente muitas vezes dispõe de experiência prática oriunda de atividades precedentes em empresas.

## 5

### CONCENTRAÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA E PERFIL REGIONAL DA INDÚSTRIA NO NORDESTE DE SANTA CATARINA

Na disposição espacial dos centros industriais tem sido mantido, há décadas, o modelo original de concentração específica dos ramos industriais e *clusters*, mas, no que se refere à estrutura espacial, surgiram processos diferenciados de mudança, bem como na dinâmica do seu crescimento.

No município de **Blumenau** existe - apesar do deslocamento de ramos da produção, das tendências de *outsourcing*, terceirização e diminuição de empregos - uma dependência muito forte da indústria têxtil e do vestuário,

que detém 64,9% dos empregos industriais totais. Devido à topografia, à pequena área do município e à falta de áreas para o assentamento industrial, a construção de prédios para fins industriais requer trabalhos abrangentes de remoção de terra. Acresça-se a isto o constante perigo de inundações que trazem sérios danos ao município. Como conseqüência ocorreu um processo de descentralização em favorecimento aos municípios vizinhos e adjacências, entre outros, Indaial, Pomerode, Timbó, Gaspar que já contavam com o deslocamento de trabalhos intensivos de acabamento (costura) das grandes indústrias têxteis e de vestuário.

Após forte redução de empregos, sobretudo na indústria têxtil e de vestuário, o número total de empregados na indústria alcançou somente em 2004 outra vez o nível que já teve em 1995. Desde início de 2005 até julho de 2006 o número de empregados na indústria de Blumenau aumentou de cerca de 6.000 a 42.360 (Prefeitura 2006), apresentando um fortalecimento do setor de *software* e diversificação industrial em escala crescente. Graças à indústria têxtil e de vestuário, 44% dos empregados na indústria são mulheres.

Entre 1995 e 2004 o número de indústrias aumentou em 62,5%, principalmente no já mencionado setor de confecções. Neste ramo houve uma proliferação das micro e pequenas empresas e, em Blumenau, em 2004, foram registradas 480 pequenas empresas com menos de 20 empregados. Entretanto, na última década tem diminuído o número de empregados no setor da confecção, provavelmente pelo aumento de atividades no setor informal.

Enquanto nas grandes empresas houve 50% de demissões desde 1995, o número total de empregos aumentou devido à criação de novas empresas de pequeno e médio porte. Enquanto as empresas com menos de 50 empregados empregam 31%, as 5 maiores empresas têxteis e do vestuário com mais de 1.000 empregados ocupam somente 27% de todos os empregados das indústrias de Blumenau (SIGAD, 2006; FIESC, 2006).

A tabela 4 mostra o perfil da indústria blumenauense em comparação com a microrregião Blumenau, com o nordeste de Santa Catarina e com todo o Estado.

A crise da indústria têxtil e de vestuário, causada sobretudo pela abertura do mercado brasileiro e pelas influências da globalização, representa um fator de insegurança para Blumenau. É válida portanto, a tentativa de obter sucesso nos mercados dos EUA e da Europa, juntando produção de qualidade (moda,

vestuário de lazer, atalhados), certificados de produção - que aumentaram muito nos últimos anos - e selos de proteção ao meio ambiente. Para melhorar a venda, alguns produtores abriram uma série de lojas no país e no exterior - uma inclusive na Arábia Saudita - no sistema de *franchising* com venda exclusiva dos próprios produtos. A linha de produção é direcionada para todos os níveis sociais e diferentes idades, sendo a linha infanto-juvenil a mais forte. Registra-se um bom desenvolvimento na indústria de *software* em Blumenau (BERCOVICH; SCHWANKE, 2003) que está sendo reforçada por novos investidores.

Até julho de 2006, Blumenau aumentou sua participação nos empregos da indústria para 45%, considerando toda a população ativa. Com uma quota de 79,7% da população acima do nível de pobreza e um IDH de 0,860 (SEBRAE, 2005), Blumenau ocupa o quinto lugar em Santa Catarina e o vigésimo no Brasil.

Em comparação com outras regiões do Brasil e por apresentar uma boa infra-estrutura e poucas tensões sociais, Blumenau conseguiu manter sua posição sólida como centro industrial, indo de encontro às influências negativas da globalização junto ao mercado de trabalho com medidas de reestruturação e adaptação às realidades globais.

No Vale do Itajaí foram instaladas algumas entidades oficiais como o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí (1998), a Região Metropolitana do Médio Vale do Itajaí (MVI), em 1999, como também o Fórum de Desenvolvimento Regional do MVI, uma organização não governamental, contribuindo para o debate do padrão do desenvolvimento regional. Essas entidades (THEIS et al., 2000) tratam dos problemas existentes com a ajuda do corpo docente da FURB, p.ex., das enchentes (FRANK, 1999) ou da solução do fornecimento de energia no âmbito do planejamento regional, de maneira sócio-econômica sustentável (THEIS, 2000) e representam amplos segmentos da população regional.

A produção nacional da indústria têxtil e de vestuário é prejudicada pela importação de produtos baratos da China que, mesmo com as taxas alfandegárias mais elevadas impostas recentemente, continua com seus produtos oferecidos ilegalmente no mercado brasileiro. O porto de Itajaí, outrora „um porto da madeira” transformou-se em porto de *containers*, com pouco espaço para o escoamento da produção. A ampliação do porto no município de Navegantes, do outro lado do rio Itajaí, no município homônimo, terá melhor estrutura e será de grande importância para Blumenau e sua hinterlândia.

## 5.1 Pomerode

Uma das pequenas cidades nos arredores de Blumenau, com 25.000 habitantes, tornou-se um centro industrial diversificado (vide tab.3), com concentração maior da indústria de vestuário, mas, com importante indústria mecânica, de bombas, materiais plásticos e de brinquedos, além da tradicional manufatura de porcelanas.

Exemplos para a prosperidade da cidade são certamente a implementação de filial de uma empresa alemã e a transferência de empreendimento alemão de São Paulo para Pomerode, na qual as tradições culturais alemãs - também o idioma - são mantidos conscientemente, fazendo com que os interessantes arredores do município e a natureza sejam atrações para o turista nacional e estrangeiro.

Na implementação de novos estabelecimentos, empregados com raízes locais apresentam aspecto muito favorável nas opções dos empresários, bem como as estradas de fácil acesso, o bom clima empresarial - sem tensões sociais, a criminalidade quase nula e a alta qualidade de vida do lugar.

## 5.2 Brusque

Com 82.000 habitantes em 2005, manteve uma longa tradição na indústria têxtil formando um *cluster* nos ramos têxtil e de vestuário juntamente com Blumenau. Apesar de todos os problemas estruturais, 72% dos empregados na indústria da cidade são absorvidos por este ramo industrial. Brusque foi bem sucedida na tentativa de melhorar sua posição econômica com a venda de têxteis merecendo o *slogan* de “capital da pronta entrega do Brasil” - fato interessante para compradores de outras regiões. Um aspecto já próprio de Brusque é, portanto, o turismo de compras: muitos turistas vão a Brusque de ônibus como “sacoleiros” para a compra de têxteis e produtos de confecção e a posterior revenda em suas cidades. Devido aos crescentes problemas no ramo, já se mostram em Brusque tendências de diversificação, como, por exemplo, no ramo metalúrgico e eletro-mecânico que, devido a sua tradição no atendimento ao maquinário das fábricas locais, continuamente vem crescendo e assumindo importância.

## 5.3 Joinville

Com 0,5 milhões de habitantes é hoje a maior cidade e a de maior importância econômica do Estado de Santa Catarina. Na concorrência regional, Joinville não somente está à frente de Blumenau no que se refere ao número de empregados na indústria (vide tab. 3) mas, também, na diferenciação dos ramos, industriais, na abertura ao capital não-regional e estrangeiro e na dinâmica de desenvolvimento. Até os anos 60 e devido a sua localização relativamente isolada, Joinville ocupava uma posição desfavorável em relação a Blumenau, quando ainda não existiam estradas asfaltadas ligando a cidade a Curitiba e ao porto de São Francisco do Sul. Blumenau, nessa época, já usufruía das vantagens de ser o centro do eixo de desenvolvimento composto pela vasta hinterlândia do Vale do Itajaí dispondo de ligação por estrada asfaltada, com o porto de Itajaí. No entanto, a indústria em Joinville já detinha estrutura mais fortemente diversificada.

Hoje em dia este fato se mostra como grande vantagem, existindo, em Joinville, uma atividade industrial abrangente nos setores metalúrgico, mecânico, de material de transporte, têxtil e de vestuário, como também da indústria química e de materiais plásticos. Uma fundição que produz para a indústria automobilística, fábricas de geladeiras, compressores, tubos de plástico e conexões são líderes em suas especialidades na América Latina, em parte contando com capital estrangeiro e impulsos internacionais. Esta diversificação mostra-se também na quota de empregados da indústria, absorvidos pelos diferentes ramos (vide tab. 3).

A indústria de Joinville que, até os anos 60 e por motivos topográficos, estava fortemente concentrada no centro urbano (KOHLHEPP, 1968), aproveitou as oportunidades de expansão espacial na periferia da cidade (Boa Vista e Perini Business Park) e nos municípios adjacentes, onde recentemente foram implementadas grandes empresas, entre outras, uma empresa de laminados em São Francisco do Sul. O porto natural de São Francisco do Sul, fortemente expandido nos últimos anos, a boa ligação rodoviária para Curitiba e para o sul do Estado, como também uma ligação ferroviária - prestes a ser ampliada para o Planalto, mais o aeroporto, apresentam hoje uma boa infra-estrutura de transportes no município.

A localização estratégica de Joinville e sua indústria metalúrgica melhoraram muito pelo forte desenvolvimento da indústria automobilística em Curitiba, distante 130 km, mesmo considerando a perda, para Juiz de Fora (localização menos favorável) da implementação de uma das grandes indústrias automobilísticas, pela oferta de subvenções estatais do Estado de Minas Gerais. Hoje existem em Joinville, 52 empresas de fornecimento de acessórios para a indústria automobilística de São Paulo e Curitiba.

Devido a grande oferta de empregos nas últimas décadas, a cidade de Joinville presenciou grande migração de descendentes de imigrantes italianos do sul do Estado e do Paraná. Em 1965 Joinville tinha somente 65.000 habitantes, sendo que o enorme crescimento dos últimos anos causou grandes problemas de desenvolvimento urbano e de moradia.

## 5.4 Jaraguá do Sul

Estabeleceu-se como a terceira cidade industrial de Santa Catarina, com 29.000 empregados na indústria de vestuário, de motores elétricos e de alimentação, entre outras (vide tab.3). O desenvolvimento industrial desta cidade é uma história de sucesso. Jaraguá do Sul, que no ano de 1960 apresentava apenas 4.400 habitantes, é hoje uma cidade de tamanho médio com 120.000 habitantes. Devido à forte migração para os grandes centros vizinhos de Joinville e Blumenau, a cidade desenvolveu muito rapidamente um perfil industrial próprio, a partir da segunda metade dos anos 60. Já há 40 anos podia ser constatado que Jaraguá do Sul possuía “uma maior diversificação industrial” em estabelecimentos de pequeno e médio porte - “oferecendo base sólida e eficiente para um futuro desenvolvimento” (KOHLEPP, 1968, p. 320). Isto se concretizou de forma especial mantendo continuidade até os dias de hoje.

Os estabelecimentos industriais, como por exemplo, o maior produtor de motores elétricos da América Latina com sete fábricas no Brasil e cinco no exterior, inclusive uma na China, com um total de 14.000 empregados e com um volume de vendas de 1 bilhão de Euros, como também outras grandes empresas do setor do vestuário estão enraizadas na cidade. Muitas instituições e associações sociais e culturais são mantidas e patrocinadas pela indústria. A implementação de uma pequena e dinâmica universidade mostrou novos

impulsos no setor da educação. A qualidade de vida em Jaraguá do Sul é exemplar, sendo que o IDH é um dos maiores de todo o Estado de Santa Catarina. O BIP per capita de Jaraguá do Sul com 20.500 R\$ (2003) é muito maior do que o de Joinville (13.150 R\$) e o de Blumenau (12.500 R\$), e ultrapassa o índice médio de Santa Catarina, que ocupa o quinto lugar de todos os Estados do Brasil, com o dobro de valor. A forte migração a ser integrada é uma das conseqüências de um mercado de trabalho receptor e diferenciado com condições de vida favoráveis.

## 5.5 São Bento do Sul

No nordeste do Planalto de Santa Catarina, mais precisamente em São Bento do Sul (70.000 habitantes) e Rio Negrinho desenvolveram-se dois importantes *clusters* e centros industriais nos ramos mobiliário e madeireiro, baseados nas raízes tradicionais dos descendentes de imigrantes da região do Böhmerwald, no sudeste da Alemanha. Não obstante, São Bento do Sul já apresenta tendências de diversificação dos ramos industriais. Nos anos 90 as exportações de São Bento do Sul aumentaram muito, correspondendo, em 1997, à metade das exportações de mobiliário de todo o Brasil. Devido à concorrência do leste europeu e à asiática, surgiram problemas quanto à posição dos produtos de São Bento do Sul no complicado mercado da Europa Ocidental.

Segundo Meyer-Stamer (2003), o problema principal está na rivalidade dos empresários e na falta de conhecimento da situação específica de mercado, de modo que ele caracteriza São Bento do Sul como “exemplo para um *cluster* de falta de cooperação”. Somente esforços comuns dos atores na indústria, no setor da inovação de *design* e eficiência de vendas conseguirão manter a capacidade de concorrência internacional. No entanto, a microrregião de São Bento do Sul ocupa ainda hoje o quarto lugar em exportação no Estado de Santa Catarina, depois de Joinville, Blumenau e Jaraguá do Sul.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a tendência da globalização da economia e da cultura e o

aumento de significado do nível regional nesses setores existe uma relação complexa de tensões. As tendências de globalização são hoje um componente imanente do desenvolvimento regional e do modelo reorganizado das ações dos atores regionais. Regionalização é entendida como um processo de integração territorial num espaço relativamente pequeno com entrelaçamento de atividades, ligado à revalorização de qualidades regionais específicas.

O sucesso de uma região depende do desenvolvimento econômico através de entrelaçamento e interações entre empresas, trabalho conjunto sem preconceitos e relações cooperativas com instituições locais. A formação da identidade regional é baseada num potencial de desenvolvimento endógeno e especificamente regional mas, depende do funcionamento das relações de confiança entre os atores regionais. Esta identidade regional expressa-se também através de um patriotismo sadio, econômico local e regional, através da consciência regional abrangente que se transforma em sucesso comum - um *marketing* regional com garantia de qualidade regional - aumentando a capacidade de concorrência a nível nacional e internacional.

Fatores econômicos e sócio-culturais interagem mais fortemente a nível regional do que era conhecido até então. Apesar de todas as influências da globalização, esses fatores produzem "milieus" regionais específicos devido às estratégias de flexibilização das empresas e aos mecanismos de reação adaptados pelos atores envolvidos. "O 'milieu de produção' explica o cunho "econômico-cultural" da região no sentido de convicções históricas enraizadas e de orientação de valores dos atores econômicos, regras tradicionais de concorrência e de cooperação como também uma certa "cultura técnica" (KRÄTKE, 1995, p. 216-217). É o caso típico no nordeste de Santa Catarina, sendo que disposição mais forte para cooperação e confiança mútua têm que superar completamente o pensamento negativo de concorrência e de individualismo.

A delimitação etnocêntrica das regiões de colonização de imigrantes europeus na fase pioneira devido às práticas de colonização dos atores estatais e privados em Santa Catarina foi superada pelo surgimento de um novo sentimento nacional brasileiro entre os descendentes de imigrantes e como resultado da mistura causada pela migração interna da população. Dessa forma, a "situação de ilha" pertence ao passado, tendo surgido uma nova identidade regional - um "novo regionalismo" (MLINAR, 1992), no qual o

território é o fundamento das interações sociais (GIDDENS, 1988). A identidade regional no nordeste de Santa Catarina se distingue claramente de outras regiões brasileiras (Nordeste, Norte, etc) no que se refere às tradições culturais, à maneira de viver, ao estilo econômico regional e à orientação de objetivos para o desenvolvimento regional.

Cunha (2007) ressalta, com toda razão, que o desenvolvimento industrial em Santa Catarina é alicerçado sobre quatro fundamentos: “extraordinária capacidade empreendedora, dominância do controle do capital de empresas por catarinenses, boa estrutura produtiva, associada a uma peculiar distribuição territorial da produção da indústria, baseada em competências regionais e uma ímpar capacidade de adequação da mão-de-obra às lides industriais”. Mas a passagem da economia fordista para a “economia de conhecimento” estremeceu a base conquistada. Na concorrência global, as qualidades tradicionais têm que ser complementadas por novas qualificações.

A reestruturação produtiva do complexo têxtil e do vestuário (SILVA, 2004; SIEBERT, 2006) com a participação importante de micro e pequenos estabelecimentos (THEIS; SCHMOELLER, 2005) provou que o nordeste de Santa Catarina tem a capacidade de enfrentar positivamente os desafios da globalização. Só que, neste contexto seriam necessários fomentos econômicos municipais e estaduais, assim como facilidades administrativas, p.ex., as alfandegárias e uma política industrial coerente a nível estadual e nacional.

Através dessas medidas poderiam ser amenizadas as desvantagens da concorrência como: a taxa de câmbio do Real, cuja forte posição em relação ao dólar americano aumentou muito nos últimos anos - com desvantagem para a exportação; os juros altos e as contribuições previdenciárias consideráveis.

A crescente diversificação industrial e a forte presença da indústria de *software* pode contribuir decisivamente para a diminuição da vulnerabilidade da indústria catarinense. Estruturas locais e regionais específicas com nós e *clusters* industriais poderiam ser conectadas com êxito com os níveis nacionais e globais. Para os atores com poder decisório e de conhecimento específico, investimentos maiores para aperfeiçoamento, redes de contato, estruturas de mercado e educação altamente qualificada em um mundo global serão cada vez mais importantes.

A região do nordeste de Santa Catarina, comparada às demais regiões do Brasil conta com a vantagem de ter poucos conflitos sociais. A consciência regional pode se impor tendo por base o selo da qualidade “Santa Catarina” de sua produção, numa forte posição econômica-industrial no mercado nacional e mundial. Apesar de todas as influências da globalização e da consequente necessidade de reestruturação e adaptação se comparada com as disparidades regionais brasileiras, a indústria do nordeste de Santa Catarina conseguiu manter em grande parte e até hoje sua identidade, historicamente justificada e claramente definida e fundamentada nos valores sociais, sócio-culturais e econômicos regionais.

### AGRADECIMENTOS

De 2000 a 2007 os autores realizaram inúmeras entrevistas com empresários, sindicatos profissionais, associações de indústria e comércio, administrações públicas, instituições estatais, universidades regionais e associações recreativas, bem como com atores em todos os níveis profissionais. Nas empresas foram realizadas 72 entrevistas. Na presente ocasião queremos expressar o nosso agradecimento a todos os entrevistados, às empresas e demais instituições pela colaboração e apoio oferecidos.

Os trabalhos foram realizados no âmbito de dois projetos de pesquisa: Cultura Empresarial no Vale do Itajaí 1945 - 1990 (Maria Luiza Renaux: IPS, Blumenau, FURB 2000/2002) e: Globalização e Identidade Regional: o caso da indústria do Nordeste Catarinense (Maria Luiza Renaux: CNPq/CEMOP, Blumenau, FURB 2004-2006; Gerd Kohlhepp: Instituto de Geografia da Universidade de Tübingen/Alemanha, Centro de Pesquisas sobre a América Latina, 2002-2007).

Agradecimento especial é dedicado ao Engenheiro Hans Prayon, Blumenau, que, com seu conhecimento específico, contatos regionais e arranjos logísticos apoiou e acompanhou incansavelmente todos os trabalhos de pesquisa.



Tabela 1 - Perfil da indústria do Nordeste Catarinense - 1961 e 2004

Indústria*	Estabelecimentos		Estabelecimentos		Empregados		Empregados	
	1961	%	2004	%	1961	%	2004	%
Produtos minerais não metálicos	62	8,2	308	5,3	2.479	6,8	7.083	3,0
Metalúrgica	42	5,6	615	10,6	4.284	11,9	26.348	11,0
Mecânica	} 31	4,1	341	5,9	} 1.315	3,6	22.580	9,5
Material de transporte			77	1,3			7.387	3,1
Material elétrico e de comunicações	6	0,8	85	1,5	448	1,2	11.930	5,0
Madeira e mobiliário	192	25,50	778	13,4	5.588	15,4	21.669	9,1
Papel, papelão, editorial e gráfica	37	4,9	244	4,2	1.434	3,9	7.131	3,0
Couros, peles, borracha, calçados e div.	8	1,0	173	3,0	226	0,6	4.703	2,0
Química, farmacêutica	37	4,9	401	6,9	845	2,4	15.840	6,6
Têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	116	15,4	2.238	38,5	13.859	38,5	95.464	40,0
Produtos alimentícios, bebidas	202	26,8	548	9,4	3.810	10,6	18.501	7,7
Outros	19	2,8	-	-	1.852	5,1	-	-
<b>Total</b>	<b>752</b>	<b>100,0</b>	<b>5.808</b>	<b>100,0</b>	<b>36.140</b>	<b>100,0</b>	<b>238.636</b>	<b>100,0</b>

Fontes: 1961: DEE 1964 (dados de 31.12.1961): cálculos próprios (G.K.) em: KOHLHEPP 1968, Tab. 4, pg. 13. 2004: FIESC 2006 e cálculos próprios (G.K.)

Notas: \* Estabelecimentos com 5 ou mais empregados.

**Tabela 2 - População e empregados da indústria nas regiões de Santa Catarina 2004**

Microrregião/ (Região)	% da população de Santa Catarina*	% dos empregados da indústria de S.C.**	Empregados da indústria
Blumenau	10,4 %	21,4 %	102.194
Joinville	13,2 %	20,2 %	96.124
São Bento do Sul	2,2 %	5,0 %	23.746
Rio do Sul	3,2 %	4,7 %	22.347
Itajaí	8,3 %	3,5 %	16.564
Ituporanga	0,9 %	0,6 %	2.923
<b>Nordeste</b>	<b>38,2 %</b>	<b>55,4 %</b>	<b>263.898</b>
Oeste	19,7 %	18,7 %	89.556
Sul	15,2 %	13,4 %	63.613
Planalto Central	11,2 %	6,9 %	33.194
Florianópolis	15,7 %	5,6 %	27.741
<b>Santa Catarina</b>	<b>100,0 %</b>	<b>100,0 %</b>	<b>478.002</b>

Fonte: FIESC 2006 e cálculos próprios (G.K.)

Notas: \* População: 2005 (estimativa)

\*\* empregados da indústria : 2004

**Tabela 4 - Perfil da indústria de transformação 2004: Blumenau e Santa Catarina**

Indústria *	Município de Blumenau		Microrregião de Blumenau		Nordeste de Santa Catarina **		Estado de Santa Catarina	
	Empregados	%	Empregados	%	Empregados	%	Empregados	%
Produtos minerais não metálicos	1.217	3,5	2.906	3,0	7.083	3,0	24.068	5,3
Metalúrgica	2.422	7,0	6.289	6,5	26.348	11,0	35.511	7,8
Mecânica	1.350	3,9	3.993	4,1	22.580	9,5	31.223	6,9
Material elétrico e de comunicações	1.242	3,6	2.567	2,6	11.930	5,0	15.107	3,3
Material de transporte	149	0,4	1.884	1,9	7.387	3,1	9.613	2,1
Madeira e mobiliário	500	1,4	6.145	6,3	21.669	9,1	75.318	16,5
Papel, papelão, editorial e gráfica	2.022	5,8	3.250	3,3	7.131	3,0	22.219	4,9
Couros, peles, calçados e diversos	730	2,1	1.399	1,4	4.703	2,0	15.152	3,3
Química, produtos farmacêuticos	1.311	3,8	4.236	4,3	15.840	6,6	32.923	7,2
Têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	22.659	64,9	61.312	62,9	95.464	40,0	118.348	26,0
Produtos alimentícios, bebidas	1.289	3,6	3.484	3,7	18.501	7,7	75.973	16,7
<b>Total</b>	<b>34.891</b>	<b>100,0</b>	<b>97.465</b>	<b>100,0</b>	<b>238.636</b>	<b>100,0</b>	<b>455.455</b>	<b>100,0</b>

Fonte: FIESC 2006 e cálculos próprios (G.K.) ; [www.fiescnet.com.br](http://www.fiescnet.com.br) (dados de 2004).

Notas: \* Estabelecimentos com 5 ou mais empregados

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Tabela 3 - Estrutura industrial no nordeste de Santa Catarina 2004

Microrregião	Municípios	Empregados nos ramos industriais em % de empregados da indústria			Empregados da indústria	Empregados da indústria em % da população ativa
		Posição 1	Posição 2	Posição 3		
Blumenau	Blumenau	Têxtil/Vestuário 64,9%	Metalúrgica 7,0 %	Papel/Gráfica 5,8%	37.339	41,2 %
	Indaial	Têxtil/Vestuário 68,7 %	Metalúrgica 10,7 %	Alimentícios/Bebidas 5,1 %		
	Pomerode	Têxtil/Vestuário 56,1 %	Química 9,4 %	Mecânica 8,1 %		
	Timbó	Têxtil/Vestuário 41,6 %	Metalúrgica 20,6 %	Mecânica 11,7 %		
	Brusque	Têxtil/Vestuário 72,3 %	Material de transporte 5,8 %	Material elétrico e de comunicações 4,7 %		
Itajaí	Itajaí	Alimentícios/Bebidas 25,1 %	Têxtil/Vestuário 20,8 %	Material de transporte 13,7 %	9.419	19,0 %
Rio do Sul	Rio do Sul	Têxtil/Vestuário 27,3 %	Material de transporte 18,2 %	Alimentícios/Bebidas 14,4 %	7.010	35,3 %
Joinville	Joinville	Metalúrgica 26,6 %	Mecânica 25,8 %	Têxtil/Vestuário 15,2 %	57.725	44,3 %
	Jaraguá do Sul	Têxtil/Vestuário 38,2 %	Material elétrico de comunicações 27,2 %	Alimentícios/Bebidas 13,5 %		
São Bento do Sul	São Bento do Sul	Madeira/Mobiliário 63,2 %	Cerâmica/Vidros 10,3 %	Têxtil/Vestuário 8,5 %	15.029	58,1 %

Fonte: FIESC 2006 e cálculos próprios (G.K.) segundo: [www.fiescnet.com.br](http://www.fiescnet.com.br) (dados de 2004).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## REFERÊNCIAS

- BERCOVICH, Nestor; SCHWANKE, Charles. **Cooperação e competitividade na indústria de software de Blumenau**. Santiago de Chile: CEPAL, 2003.
- BRDE. **Coletânea de estudos sobre os aglomerados e cadeias produtivas em Santa Catarina 1997-2006**. Florianópolis, 2006. (CD-R).
- CUNHA, Idaulo José. **Evolução econômico-industrial de Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. 169 p., il.
- **A indústria catarinense rumo ao novo milênio: desafios, evolução e oportunidades**. Florianópolis: FIESC/SEBRAE-SC, 1997. 216 p., il.
- Santa Catarina no século XXI: entraves, desafios e titubeios diante do novo modelo econômico global. **O Economista** v. 8, n. 61, 2007.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. **Produção Industrial 1961: Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: DEE, 1964.
- FIESC. **Santa Catarina em dados**. Disponível em: <www.fiescnet.com.br>.
- FIESC 50 anos: uma história voltada para a indústria catarinense. Florianópolis: Expressão, 2000, 139p., il.
- FRANK, Beate. Uma abordagem para a gestão ambiental da Bacia do Rio Itajaí, com ênfase ao problema das cheias. **Revista de Estudos Ambientais**, Blumenau, v.1, n.1, p.5-18, 1999.
- GIDDENS, Anthony. **The constitution of society: outline of the theory of structuration**. Cambridge, [S. n.], 1988.
- KOHLHEPP, Gerd. **Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarina, Südbrasilien: Ein Beitrag zur Geographie eines deutschbrasilianischen Siedlungsgebietes**. Heidelberg: Geographisches Institut, 1968. 402 p., il. (Tese do Doutorado Geographisches Institut, Universität Heidelberg).
- Die Anfänge der Industrialisierung in den alten deutschen Kolonisationszentren Santa Catarinas. **Staden-Jahrbuch**, ano 17, p.23-34, 1969.
- Die Bedeutung des Beitrags der deutsch-brasilianischen Bevölkerung zur Siedlungs- und Wirtschaftsentwicklung Südbrasilien. **Staden-Jahrbuch**, ano 23/24, p.77-94, 1975/1976.
- Standortbedingungen und räumliche Ordnung der Industrie im brasilianischen Santa Catarina. **Geographische Rundschau**, ano 23, n. 1, p. 10-23, 1971.
- KRÄTKE, Stefan. Globalisierung und Regionalisierung. **Geographische Zeitschrift**, v. 83, n. 3/4, p. 207-221, 1995.
- MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. Separata da: **Revista Brasileira de Geografia**, [Rio de Janeiro], ano XXVII, n. 3, p. 389-481, jul./set. 1965.
- MEYER-STAMER, Jorg [Org.]. **Industrielle Netzwerke und Wettbewerbsfähigkeit: Das Beispiel Santa Catarina, Brasilien**. Relatório (Pesquisa). Berlin: Deutsches Institut für Entwicklungspolitik, 1996. viii, 104 p.
- MEYER-STAMER, Jörg. Die Herausforderung der wissensbasierten Entwicklung: Perspektiven von Strukturwandel und Wettbewerbsfähigkeit in Brasilien. In: KOHLHEPP, Gerd (Hrsg.). **Brasilien Entwicklungsland oder tropische Großmacht des 21. Jahrhunderts?** Tübingen: p.127-151, 2003.
- MLINAR, Zdravko. **Globalization and territorial identities**. Ashgate: Avebury, 1992.
- NOTICENTER. Disponível em: <www.noticenter.com.br>.

PEREIRA, José Carlos. **Estrutura e expansão da indústria em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. **Blumenau: uma cidade de oportunidades**. Blumenau, 2006.

RENAUX, Maria Luiza. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Ed. da FURB, 1987.

RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí, 1850-1950**. Blumenau, Ed. da FURB, 1995. 238 p., il.

SEBRAE. **Blumenau em números**. Blumenau: SEBRAE, 2005.

SIEBERT, Claudia Freitas (Org.). **Desenvolvimento regional em Santa Catarina**. Blumenau: Edifurb, 2001. 244 p., il.

SIEBERT, Claudia Freitas. **Indústria e Estado: a reestruturação produtiva e o reordenamento territorial do médio Vale do Itajaí**. 2006. 215 f., il. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SIGAD. **Diagnóstico sócio-econômico**. Blumenau. Blumenau: [S. n.], 2006.

SILVA, Marcos Aurélio da. **Reestruturação industrial na zona de colonização alemã catarinense: o caso do complexo têxtil. Geosul**, Florianópolis, v. 19, n. 37, p. 67-93, 2004.

STEIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, 1880-1950**. Rio de Janeiro: Campus, 1979. 272 p., il. Tradução de: The Brazilian cotton manufacture.

THEIS, Ivo et al. **Globalização e planejamento do desenvolvimento regional: o caso do Vale do Itajaí**. In: SIEBERT, Claudia (Org.). **Desenvolvimento regional em Santa Catarina**. Blumenau: Edifurb, 2001. p. 213-244.

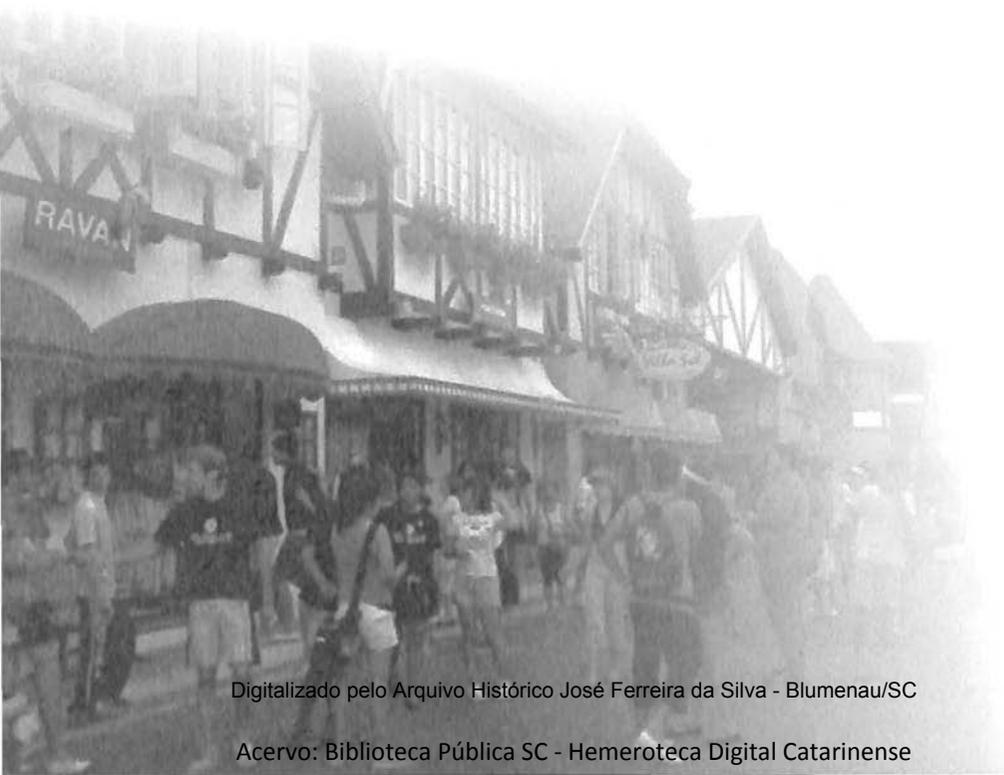
THEIS, Ivo Marcos. **Entwicklung und Energie in Südbrasilien : Eine wirtschaftsgeographische Analyse des Energiesystems des Itajaítales in Santa Catarina**. Tübingen: Geographisches Institut, 2000. xii, 373 p., il. ISBN 3-88121-0458. (Tese do Doutorado Geographisches Institut, Universität Tübingen).

THEIS, I. M. ; SCHMOELLER, Nazareno Loffi . **O território do pequeno capital industrial no sul do Brasil: a distribuição regional das micro e pequenas empresas em Santa Catarina**. In: WILHELM, Pedro Paulo Hugo; AMAL, Mohamed. (Org.). **Arranjos produtivos locais: estratégias de cooperação e desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 2005. p. 121-151.



A trajetória  
do **Turismo**  
em **Blumenau**  
UMA ANÁLISE

Iara L. Klug Rischbieter



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As inovações tecnológicas alteraram as estruturas econômicas, sociais e políticas, mudando igualmente as condições de vida das pessoas. O aumento do tempo de lazer, a complexidade das sociedades e o advento da urbanização, entre outros fatores, levaram à procura global pelo turismo. Atualmente essa atividade pode ser encarada como um dos fenômenos mais significativos da contemporaneidade, tanto pela soma de setores da atividade que abrange, como pelo número de pessoas sobre as quais atua.

Um conceito técnico descreve o turismo como o conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, além dos serviços de recepção, hospedagem e atendimento a indivíduos ou grupos fora de suas residências habituais (ANDRADE, 1995).

Considerando-se apenas a funcionalidade do processo turístico é possível compreender vários de seus aspectos. Porém, ao introduzir-se o elemento humano - que é o sujeito do turismo - elaborar uma definição que contemple toda a extensão do fenômeno torna-se um grande desafio.

Os diversos tipos de turismo nascem a partir das experiências que os turistas desejam viver, experimentar. Segundo Barretto (1995), quanto à motivação o turismo pode ser classificado de diversas formas: descanso, lazer, desportivo, cura, religioso, gastronômico, profissional ou de eventos, aventura, cultural, de interesse específico, entre outros. Em cada tipo de turismo se comercializa uma experiência distinta, para tanto, seu planejamento deverá ser específico. Inserindo-se neste contexto, cabe aos planejadores da atividade turística avaliar os anseios da comunidade, apreciando suas potencialidades para que a atividade seja desejada e realizada com sucesso.

## 2 Cultura e turismo: uma interface possível

O turismo é um dos fenômenos sócio-culturais que mais tem crescido nos últimos tempos e também alcançado um papel de destaque quanto aos seus aspectos econômicos, sociais e culturais. Rodrigues (2001), assinala

que a atividade turística se desenvolveu sob o impulso de diversas motivações, que podem incluir o “consumo dos bens culturais”.

A cultura de uma comunidade refere-se ao conjunto de suas produções, transmitidas de uma geração para outra num contínuo processo de adaptação e transformação. É uma construção histórica cujo valor não se limita ao patrimônio edificado, ela aparece nas relações sociais, na organização política e econômica do grupo. É importante lembrar que o patrimônio cultural inclui, além dos bens tangíveis, também os intangíveis, não apenas as manifestações artísticas, mas todos saberes e fazeres da comunidade.

Na atualidade, quando o processo de globalização atinge quase todas as localidades e atividades humanas, a valorização da cultura local surge como uma forma de diferenciação, aspecto importante para o desenvolvimento do turismo cultural.

Quando falamos de turismo cultural, nos referimos aos interesses concretos que determinados turistas têm ao visitar e conhecer certos lugares e adentrar no patrimônio humano e cultural de outros países e regiões. Por isso, o turismo cultural deve se relacionar intimamente com a vida cotidiana do destino turístico que se quer conhecer.

Não podemos negar que o relacionamento entre cultura e turismo se instalou de forma definitiva. Entretanto, ao se realizar um inventário turístico, devemos estar atentos para detectar quais saberes foram e são gerados numa determinada comunidade e como eles se manifestam. Cabe ainda lembrar que o patrimônio cultural, por si, não é um produto turístico. Para se transformar em um produto necessita ser trabalhado para atender à demanda real e efetiva que já aflua ao destino, ou a demanda potencial da atividade turística, deixando de ser um mero recurso para se tornar um fator de atratividade, por sua importância histórica, por seu contexto e, sobretudo, pelo valor que representa para uma determinada comunidade.

O turismo cultural e a valorização do patrimônio de uma comunidade devem estar vinculados a definições estratégicas e políticas públicas que privilegiem os bens culturais cujo uso turístico seja compatível com a demanda dos consumidores, os interesses da comunidade e o ordenamento do espaço, complementado pela oferta de serviços turísticos através de uma infraestrutura adequada às peculiaridades de cada localidade.

### 3 AS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM BLUMENAU

A presença marcante dos alemães entre a população que colonizou o Vale do Itajaí vêm sendo apontada como responsável pela significativa construção cultural da comunidade local desde o início da colonização - em meados do século XIX - até a presente data.

Segundo Seyferth (2004), nas pequenas cidades de colonização germânica, e mais intensivamente em Blumenau, as elites e classes médias locais, formadas por industriais, comerciantes, políticos, funcionários públicos, educadores, pastores, profissionais liberais, jornalistas etc., criaram condições para o surgimento de associações que valorizassem a cultura dos imigrantes alemães, inclusive no seu aspecto mais erudito. As primeiras associações, destinadas a práticas esportivas, reuniões sociais e atividades culturais surgiram logo no início da colonização. Eram as *Schützenvereine*, destinadas à prática de tiro, mas seus salões serviam também para apresentações musicais e teatrais, portanto algo mais do que festas e bailes igualmente vinculados ao caráter alemão.

A identidade étnica alemã constituiu-se e manteve-se com base na manutenção do germanismo - *Deutschtum*<sup>1</sup> - uma prática da defesa da germanidade - através das diversas atividades promovidas pelas associações culturais, recreativas e esportivas; dos jornais em língua alemã, da literatura alemã, do rádio com programas em idioma alemão, da religião luterana, das escolas alemãs, da arquitetura com características germânicas e, principalmente, na manutenção da língua falada. Todos estes elementos se traduziam de forma prática e eram vinculados a valores que enalteciam o trabalho árduo, o progresso, a superioridade da raça e a manutenção da pureza étnica através da política da

---

<sup>1</sup> A palavra *Deutschtum* tem dois sentidos que convergem para compor a etnicidade teuto-brasileira: expressa o sentimento de superioridade do "trabalho alemão" — e, neste caso, remete ao progresso trazido pelos pioneiros à "selva" brasileira — e define o pertencimento à etnia alemã, estabelecendo seus critérios — língua, raça, usos, costumes, instituições, cultura alemães. O primeiro sentido tem relação com o processo histórico de colonização associado à idéia de *Heimat*: o trabalho "pioneiro" de construção de uma sociedade nova e progressista, literalmente a edificação de uma nova pátria no Brasil ou, mais restritamente, no Vale do Itajaí. Daí o emprego da palavra *Heimat* (pátria), derivada de *Heim* (lar) — no seu sentido mais particularista a pátria deve coincidir com o lugar onde o indivíduo tem o seu lar. Ou pode ser, simplesmente, a comunidade étnica que, para ser alemã, deve

não miscigenação. Pois, era preciso “desenvolver mecanismos tendentes a corroborar para a manutenção de sua identidade, evitando ou ao menos retardando a assimilação” (KLUG apud FERREIRA, 2000, p. 79).

Seyferth (1999a, p. 300), assinala que:

Os textos produzidos por teuto-brasileiros sobre o papel da colonização, veiculados na imprensa, em almanaques, nas publicações comemorativas e na historiografia local, falam do pioneirismo e, principalmente da superioridade do trabalho derivada da condição germânica - evidenciados no desenvolvimento econômico, no progresso e na civilização da selva brasileira. Essa imagem idealiza e glorifica o papel do civilizador dos colonos, numa concepção etnocêntrica onde progresso e civilização são subjacentes à preservação da condição germânica, supondo a construção de uma *Heimat* (pátria) no Brasil.

É preciso estar atento ao fato de que Blumenau se constitui num espaço marcado por diversas culturas, nativas ou de correntes migratórias, que além de contribuírem para o desenvolvimento econômico da região, também criaram um verdadeiro cadinho cultural. Isso resultou que Blumenau se tornasse uma sociedade multi-cultural (SILVA, 2003).

O censo de 1927 mostra com detalhes a naturalidade, a cidadania e a língua materna dos habitantes que compunham o Município de Blumenau. Do total de 98.663 habitantes, 53% declararam como língua materna, a alemã, 28% a língua portuguesa, 16% a língua italiana, 2% as línguas polonesa e russa, e os restantes, 1%, tinham como língua materna o francês, holandês e sueco, entre outras (FROTSCHER, 2003).

No entanto, a identidade blumenauense é sempre referenciada por

---

expressar *Deutschtum* — e aí está o segundo sentido, englobando a idéia de raça, língua, cultura e espírito. Desse modo, define-se o pertencimento à etnia/nação alemã pelo *jus sanguinis*, instituindo uma germanidade materializada por intermédio da “colônia alemã”. Ao mesmo tempo, cria-se uma categoria de identificação com hífen (teuto-brasileiro), para traduzir uma germanidade brasileira (*Deutschbrasilianertum*) — modo de afirmação da cidadania mediante a integração econômica, política e patriótica, ancorada no pressuposto de que não existe, propriamente, uma nação brasileira. A definição da categoria teutobrasileiro (*Deutschbrasilianer*) combina *jus sanguinis* e *jus soli*: origem alemã e cidadania brasileira, pertencimento à nação alemã e ao Estado brasileiro visualizado como multirracial ou multiétnico. (SEYFERTH, 1999b, p. 74).

elementos da cultura germânica, tais como as festas, danças, trajes, gastronomia, arquitetura, aparecendo revestida de uma atemporalidade que esconde, tanto a real história de seu desenvolvimento, como a existência de outras possibilidades de sua expressão que foram preteridas ou esquecidas ao longo desta história.

No processo de formação e constituição da cidade de Blumenau, podemos observar algumas fases. Uma delas tem a ver com a Campanha de Nacionalização que iniciou no final da década de 1930, no advento do Estado Novo de Getúlio Vargas, promoveu grandes transformações na sociedade local. Em 1942 o Decreto assinado pelo prefeito Afonso Rabe alterou o nome de 44 ruas de Blumenau. Desapareceram os nomes alemães e de imigrantes ilustres, inclusive o do fundador da cidade, que foi trocado pelo de Duque de Caxias. Clubes e associações mudaram de nome, a técnica construtiva enxaimel foi camuflada pelo rebocamento, escolas foram fechadas, o Teatro Frohsinn passou a chamar-se Carlos Gomes, e a língua alemã foi proibida.

Além das mudanças impostas à comunidade local - em seus hábitos e costumes - durante a Campanha de Nacionalização, a partir da década de 1940 a cidade também se modificou. O discurso da modernidade e da "americanização" do comportamento social, então predominante, integrava as pessoas a realidade nacional e a cidade aos grandes centros urbanos. A construção de pontes, estradas, ferrovias, aeroportos e a expansão da telefonia, integravam Blumenau à realidade do país (CARESIA, 2000).

Após quase um século, o rio Itajaí Açu deixava de ser a principal porta de entrada e saída de mercadorias e passageiros em Blumenau. O movimento de cargas e pessoas no porto da Praça Hercílio Luz, na foz do Ribeirão Garcia, era cada vez menor. As estradas e a ferrovia passaram a concentrar a maior parte do tráfego. As constantes e concorridas viagens dos vapores começavam a fazer parte do passado. Os casarões localizados na rua XV de Novembro - centro da cidade - representavam o antigo, o passado, devendo ser substituídos pelo novo, pelo moderno, pelo "discurso que procurava abafar, esconder, o passado germânico da cidade do pré-guerra" (CARESIA, 2000, p. 180). A germanidade, nesse momento, aparecia como sinônimo de retrocesso e atraso cultural.

Na década de 1970 percebe-se uma nova reconfiguração dos aspectos urbanos da cidade. Com a política de expansão do turismo, que despontava como opção para o revigoramento da economia, o discurso agora visava realçar os aspectos germânicos da cidade recriando uma

memória romantizada acerca do passado, “diluindo-se os conflitos e descontinuidades existentes, dando um caráter homogeneizante à cultura e a construção étnica da cidade” (FROTSCHER, 2000, p. 187).

Bitencourt (1999) nos lembra que a memória é seletiva, joga com lembranças e esquecimentos e, no caso de memórias coletivas que endossam as identidades das cidades cujo interesse combina com intenções mercadológicas, essas tradições podem resultar de um trabalho de construção, invenção e manufatura, a partir de uma seleção do passado para adequá-lo ao interesse presente. Nesse caso, a idéia de revitalização das tradições é transfigurada por efeito das pretensões turísticas. Não há somente um retorno ingênuo e desinteressado às raízes, esta intenção está ligada, principalmente, à atividade “comercial”. É a produção de algo que parece único, um bem ímpar para um mercado que busca o “diferente”.

Dentro desse novo contexto, onde vigorava a política de desenvolvimento do turismo, em 1972 o Prefeito Municipal Evelásio Vieira sancionou a Lei nº 1.909, concedendo favores fiscais às chamadas “casas típicas blumenauenses”, para residências construídas dentro do perímetro urbano da cidade. Esta lei, que gerou muitas controvérsias, foi reformulada em 1977 pelo Prefeito Municipal Renato Vianna. Nesse período, foi criada a Lei Municipal de Incentivo Fiscal nº. 2.262, que concedia isenção do imposto predial para construção e reforma de edificações em estilo germânico. A febre do “enxaimelóide” transformou a área central da cidade imprimindo-lhe um forte apelo turístico.

Em 1974 os restos mortais do Dr. Blumenau e de seus familiares chegam à cidade, para serem depositados no Mausoléu, construído com o intuito de preservar sua memória. Essa reverência à figura do fundador da cidade veio consolidar as estratégias de afirmação da “identidade blumenauense”.

O poder público e o *trade* turístico passaram a se empenhar cada dia mais para conferir à cidade uma identidade cujo objetivo era atrair mais turistas. Para Flores (1997, p. 98), a cidade foi recriada com a imagem do povo alemão:

[...] ordeiro, trabalhador, limpo, progressista, mulheres e crianças louras, saudáveis, bem coradas. É a germanidade do povo que é prometida ao turista, com seu casario enxaimel, os gerâneos nas sacadas, os jardins bem cuidados, as ruas e os sanitários muito limpos e, especialmente, moradores que preservam o *ethos* germânico: o trabalho, a limpeza, o capricho dos bordados,

um gosto especial pela culinária e pelos quitutes, uma tradição musical e cultural.

Esse movimento intensificou-se ainda mais logo após as enchentes de 1983 e 1984, quando o lema da reconstrução era: “cidade do trabalhador, herdeiro das qualidades dos imigrantes alemães”. A idéia acerca da germanidade incluía “cultura do trabalho”. Nesse período Blumenau passa a rememorar o passado, extraindo dele elementos de apelo ao voluntarismo. Esse discurso também aproxima Blumenau da Alemanha, mãe-pátria dos primeiros imigrantes que aqui chegaram (FROTSCHER, 2000, grifo do autor).

As décadas de 1960, 1970 e 1980 conheceram uma espécie de revanche do germanismo exacerbado, ou seja, veio à tona o “retorno do oprimido”. A cidade preparada para a atividade turística e realimentada pelo mito da bravura do povo alemão, tornou-se um modelo a ser admirado.

Nesse contexto surge, em 1984, a *Oktoberfest*. Criada como evento turístico-cultural, a festa consolidou-se num dos mais importantes produtos turísticos do calendário nacional, projetando a cidade de Blumenau e suas características alemãs, como: a gastronomia, a música, as danças e o folclore.

Com o advento da festa, a germanidade passa a fazer parte do senso comum e a *Oktoberfest* é identificada como o símbolo maior da cultura local. Os desfiles na rua central da cidade - que acontecem no período da festa - são permeados de saudosismo e magia, onde as diversas etnias presentes se transvestem e desfilam cheias de orgulho sua “identidade alemã”.

Flores (1997, p. 23-25, grifo do autor), explica como se configura esse cenário, onde atores e expectadores se confundem, e a cultura é mostrada e consumida como espetáculo.

Vestindo personagens, seu corpo torna-se um discurso também a ser lido no conjunto dos signos. O espetáculo da cultura se revela ao turista, portanto, como “autêntico”. [...] O passado é presentificado nos símbolos que compõe o desfile. Mulheres e homens, idosos, adultos, jovens, adolescentes, crianças e bebês transformam seus corpos em “manequins”, vestidos não só com a indumentária típica da cultura, mas também com os papéis dos sujeitos da história local [...].

Entretanto, a aposta em uma identidade única em contraposição à diversidade de culturas que construíram Blumenau e lhe atribuíram uma identidade plural, acentua a diferença que existe entre a realidade e a imagem do produto turístico. Percebe-se que a diversidade cultural não é contemplada na aparente reinvenção da festa promovida pelo setor turístico. O que se evidencia em Blumenau é uma homogeneização cultural pautada, principalmente, nas possibilidades de “mercado”.

## 4 UM RETRATO DO TURISMO EM BLUMENAU

Na década de 1950, começa a ser escrita a história do turismo em Blumenau. Alguns marcos importantes merecem ser registrados, como os festejos do centenário da cidade, tanto pela forma de sua organização, quanto pelo número de visitantes que atraiu. Entre os dias 2 e 10 de setembro de 1950, a cidade vira em uma grande festa, recebendo cerca de 100 mil visitantes.

A Comissão dos Festejos do Centenário de Blumenau, da qual foi presidente o Sr. Hercílio Deeke, elaborou extensa programação que incluía: a Exposição Industrial de Blumenau, a Exposição Agro-Pecuária, a Exposição Museu, a Exposição de Artes, a Exposição Filatélica e Numismática. Para este evento a comissão organizadora dos festejos colocou, à disposição dos visitantes, um escritório de informações para atender aos pedidos de reserva de hospedagem e acomodações. Cabe registrar que, em 1950, Blumenau dispunha de 19 hotéis para atender aos viajantes e visitantes que aqui chegavam (ERN FILHO, 2006).

Niels Deeke (informação verbal)<sup>2</sup> nos recorda que, por ocasião dos preparativos aos festejos do centenário da cidade, identificou-se a necessidade de construir um empreendimento dispo de mais conforto para receber os visitantes, oferecendo também unidades habitacionais dotadas de banheiro privativo, tipo apartamento. Nesse período, surge o Hotel Rex, cuja infra-estrutura e qualidade na prestação dos serviços o tornaria um referencial para os demais meios de hospedagem que surgiriam posteriormente. Para Deeke a construção do Hotel Rex representou a “alavanca” da atividade turística em Blumenau. No entanto, essa atividade

---

<sup>2</sup> Informação fornecida pelo Advogado memorialista, em entrevista concedida à autora deste artigo, em Blumenau, em 20 out. 2006.

começa a desenvolver-se efetivamente a partir da década de 1960.

Ainda na década de 1950, Blumenau viu desaparecer um de seus maiores referenciais urbanos, o Hotel Holetz que, durante toda a primeira metade do século XX, dominou a cena central da cidade. Em 1959 foi demolido, para dar lugar, ao “majestoso” Grande Hotel Blumenau.

Em 16 de dezembro de 1962, no discurso proferido por Hercílio Deeke por ocasião da inauguração do Grande Hotel Blumenau, evidenciava-se uma preocupação com a profissionalização do turismo na cidade.

[...] Do antigo Hotel Holetz, de tantas tradições, procurado por aqueles que visitavam Blumenau, surge, agora, altaneiro e impressionante pela sua estrutura e acabamento, o Grande Hotel Blumenau, no qual o funcional e o social entrosam-se harmoniosamente com o plástico, e que, como realidade magnífica, será procurado por aqueles que visitarem Blumenau. Contém 76 apartamentos, dotados, cada um, de um banheiro próprio, telefone, sistema sonoro e renovação de ar. Possui 152 leitos. Dispõe de um jardim terraço, salão de mármore no andar social, terraço panorâmico, escritório de turismo, restaurante e confeitaria, bar-boate, salão para reuniões e banquetes, garagem no subsolo, além das dependências da Agência do Banco Inco e, uma farmácia. [...] O Grande Hotel Blumenau dará nova e melhor projeção à nossa comuna, por ser obra que exprime, em sua beleza e arrojo, o denodo, o vigor de nossa gente. Incrementará o turismo, trazendo, consigo, à nossa pujante indústria e diligente comércio, à nossa cultura e saber, novas fontes de riqueza e conhecimentos.

Em 27 de junho de 1963, na gestão do Prefeito Hercílio Deeke, foi criado através do Decreto Lei nº 1.169, o Departamento Municipal de Turismo (DMT)<sup>3</sup> em Blumenau, com autonomia administrativa subordinada ao Prefeito Municipal. Em 06 de setembro do mesmo ano, Hercílio Deeke, através de Decreto, designou José Ferreira da Silva para exercer as funções de Diretor-Geral desse Departamento.

Segundo Niels Deeke (informação verbal)<sup>4</sup>, em setembro de 1963, o Prefeito Hercílio Deeke mandou editar o 1º Guia Turístico de Blumenau. Tratava-se de um

---

<sup>3</sup> Vide Relatório dos Negócios Administrativos do Município de Blumenau referente ao ano de 1963, apresentado a Câmara Municipal de Blumenau pelo Prefeito Hercílio Deeke, p. 33. Arquivo Particular de Niels Deeke.

fascículo em 64 páginas impresso pelo Departamento Municipal de Turismo.

Em 25 de maio de 1964, Hercílio Deeke criou através do Decreto nº 504, o Conselho Municipal de Turismo, órgão consultivo composto por 15 membros escolhidos dentre os representantes de diversas entidades do município, cuja função era a de assessorar o Departamento Municipal de Turismo (DMT).

Conforme relato de Niels Deeke (informação verbal)<sup>4</sup>, na continuidade dos registros nos anais de Hercílio Deeke, relativo ao ano de 1964, mês de abril, consta (informação verbal)<sup>5</sup>:

O número de turistas que, diariamente, transita, ou se demora, em nossa cidade, tem sido impressionante. Agora mesmo, quando já estamos fora da época das férias escolares, em que mais se acentua o movimento turístico, ainda contam-se por centenas os que visitam a cidade, solicitando lugares nos vários hotéis. Esses turistas, pertencentes às mais variadas condições de fortuna e às diversas classes sociais, levam, daqui, da imponente natureza blumenauense, da sua gente acolhedora e amável, as mais gratas impressões, manifestando-se com simpatia, sobre tudo quanto lhes é dado ver e sentir entre nós. Muitos desses visitantes não se contentam em expressar, pelas estações de rádio, ou em entrevistas à imprensa, a satisfação de que se sentem possuídos ao entrarem em contato com uma região de que têm ouvido falar seguidamente e da qual é feita intensa e espontânea propaganda.

Deeke (informação verbal)<sup>4</sup> assinala que em 25.6.1964, o Prefeito Hercílio Deeke determinou ao Departamento Municipal de Turismo que fosse procedida a 1ª impressão do Cartão Postal da série "Biblioteca Municipal", trazendo o retrato e biografia do Dr. Fritz Mueller. O memorialista apresenta algumas considerações feitas pela mídia acerca do turismo em Blumenau e, faz também referência às impressões de um visitante uruguaio - Sr. José Petraglia, residente em Montevidéu - a respeito do Departamento Municipal de Turismo. O teor da carta é o seguinte<sup>6</sup>:

<sup>4</sup> Informação fornecida pelo Advogado memorialista, em entrevista concedida à autora deste artigo, em Blumenau, em 20 out. 2006.

<sup>5</sup> Informação fornecida pelo Advogado memorialista, em entrevista concedida à autora deste artigo, em Blumenau, em 20 out. 2006. Baseado nos anais de Hercílio Deeke, relativo a abril de 1964.

Tive a oportunidade de permanecer algumas horas em Blumenau, e ali, no Hotel Rex e também o Sr. Klemz do Hotel Rodoviário, me informaram da existência do Departamento Municipal de Turismo e da elevada missão que ele cumpre na orientação do turismo na região, sob a segura e eficaz direção do Sr. Prefeito Municipal. É por esse motivo que me dirijo a V.S. para solicitar-lhe a fineza de remeter-me todo o material de propaganda de que dispõe com referência à beleza da cidade de Blumenau e planos para visitas excursões por todo o Vale do Itajaí e demais cidades dessa próspera e pitoresca região. Muito agradeço à sua gentileza de atender o meu pedido e aqui, em Montevidéu, penso publicar em jornais e revistas algumas coisas sobre a breve visita que realizei há alguns dias por essa rota do litoral atlântico, a qual é praticamente desconhecida do turista uruguaio, assim como sobre a grata impressão que recolhi da beleza, organização, trabalho e prosperidade, que caracterizam essas cidades. Fico à sua disposição para que possa ser útil a V.S. na delicada missão que cumpre e aproveito a oportunidade para saudá-lo com a minha respeitosa consideração. Ass. José Petraglia - Montevidéu - Uruguai. Nota: Sugiro a possibilidade de canalizar correntes de turistas uruguaios pela rota do litoral atlântico, isto é: Montevidéu - Porto Alegre - Florianópolis- Itajaí- Blumenau- Joinville- Curitiba, etc. Indubitavelmente seria necessário propaganda, pois essa rota é desconhecida no Uruguai.

Na década de 1960, a cidade foi sede da “Primeira Convenção Hoteleira do Sul”, evento importante para o turismo da cidade. Blumenau recebeu entre os dias 15 e 22 de novembro de 1964, hoteleiros do sul do Brasil e autoridades do turismo nacional.

O Prefeito Hercílio Deeke destacou-se tanto por seu empenho no desenvolvimento da atividade turística em Blumenau como pela intensa atividade nos setores culturais do município. Em sua gestão recuperou o vapor Blumenau como monumento público; nesse período foi também construído o prédio para a Biblioteca Municipal Dr. Fritz Mueller, e adquirida vasta área de terras para construção do Pavilhão da Comissão Organizadora

---

<sup>6</sup> Informação fornecida pelo Advogado memorialista, em entrevista concedida à autora deste artigo, em Blumenau, em 20 out. 2006. Baseado na resenha dos Atos Administrativos do Prefeito Hercílio Deeke, O Executivo em Foco, 29 de outubro de 1964.

de Exposições de Blumenau (COEB).

Dentro de uma política de fomento à atividade turística, em 1967 o Prefeito Carlos Curt Zadrozny criou, através do Decreto nº 757 de 27 de julho de 1967, a Comissão Municipal de Turismo de Blumenau, cujo objetivo era o fomento da atividade turística com planejamento e incentivos municipais (SANTIAGO, 2001).

Apoiada numa vasta publicidade, Blumenau começava a ser vista pelos turistas como um lugar bucólico, com gastronomia e arquitetura que lembravam as cidades germânicas, e com boas opções para compras de artigos de cama, mesa, banho, confecções e cristais.

Em 1968, a Comissão Municipal de Turismo criou uma campanha publicitária visando divulgar a imagem da “Blumenau germânica”, imagem que seria explorada pelo turismo a partir de então. Organizou e publicou um encarte na *Revista Seleções*, de circulação nacional, intitulado “Adivinhe que país é este”, trazendo como ilustração imagens de Blumenau (SANTIAGO, 2001).

Outro folheto dizia: “Você pode conhecer um outro país sem deixar sua terra, sem dólares, sem passaporte, é só tomar o caminho de Blumenau.” (SANTIAGO, 2001, p. 142). Ainda de acordo com o autor, em 1969 a Lei Ordinária nº 1.625 instituiu a Fundação Promotora de Exposições de Blumenau (PROEB), em substituição a COEB<sup>7</sup>.

Dentro da política de incentivos da prefeitura, em 1971, mediante ajuste de parceria entre o Executivo Municipal e a iniciativa privada surgiu um novo empreendimento turístico, o restaurante Moinho do Vale, edificado no Bairro Ponta Aguda, no local denominado “Prainha”. No mesmo ano, os industriais Ingo Hering e Ernesto Schmidt, motivados pelo crescimento do setor, decidiram investir no turismo anunciando a construção do Hotel Plaza Hering.

Em 24 de setembro do ano seguinte os blumenauenses acompanharam a viagem inaugural do Vapor “Blumenau II” pelas águas do rio Itajaí Açu. Esta embarcação planejada como “futuro do turismo em Blumenau”, e que por muitos anos navegou rio abaixo repleta de turistas, depois da aposentadoria amargou anos de abandono e degradação.

O interesse da iniciativa privada pelo turismo manteve-se aquecido

---

<sup>7</sup> A COEB, a princípio, teve como finalidade organizar a IV Feira de Amostras de Santa Catarina (Famosc) - uma grande feira das indústrias do Estado - que seria realizada em Blumenau no ano seguinte.

<sup>8</sup> O edifício é uma réplica da Prefeitura da cidade alemã de Michelstadt, cuja construção data de 1486.

durante toda a década. Em 1978, foi construído o novo prédio da Comercial Moellmann, denominado, carinhosamente, pela população como “Castelinho da Moellmann”<sup>8</sup>. Provavelmente por sua imponência e exotismo, além de ratificar a imagem germânica que a cidade carrega, essa construção tornou-se um dos locais mais conhecidos e fotografados do sul do país.

Apesar de seu contínuo desenvolvimento, a atividade turística necessitava de um órgão que executasse a política municipal do setor. Assim, em 09 de março de 1981, através da Lei 2.646, o então Prefeito Municipal de Blumenau - Renato Vianna cria a primeira Secretaria Municipal de Turismo de Santa Catarina (ERN FILHO, 2006).

Após as grandes cheias de 1983/849, as autoridades locais decidiram mostrar ao Brasil que a cidade havia se recuperado dos danos sofridos. Nesse contexto irrompe o discurso acerca da memória da colonização. Frotscher (2000), assinala que a ênfase na afirmação do potencial de reconstrução da cidade tomou força expressiva em razão do momento singular em que se encontrava a economia local, quando o poder público buscava novas opções para revitalizar o mercado. Petry (2000) nos lembra que a atividade turística, até então, representava a terceira fonte de arrecadação do município. Por isso, a Secretaria de Turismo de Blumenau em conjunto com alguns líderes da iniciativa privada, buscou estabelecer políticas para reorganizar essa atividade e, dentro desse contexto, a realização de uma festa com apelo à cultura local, seria oportuna. Em outubro de 1984, surge a primeira edição da *Oktoberfest* (festa de outubro), que é assim descrita por Petry (2000, p. 114):

Projetada como forte apelo na herança cultural dos seus colonizadores, a representação da festa foi elaborada com elementos que faziam parte das tradições da cidade. Para atrair o público providenciou-se a organização de desfiles que passaram a contar com apoio e participação dos Clubes de Caça e Tiro, dos grupos folclóricos que na época eram poucos, sendo que em função desta festa e pela invocação das raízes históricas, motivaram as entidades culturais para a criação de novos grupos. Juntaram-se ao evento outros elementos das manifestações sócio-culturais que também desfilaram na rua XV de Novembro, ao som das tradicionais bandas e bandinhas

---

<sup>9</sup> Conforme o Comitê do Itajaí, a partir de 1850 até o ano 2000, foram registradas 67 enchentes em

musicais responsáveis pela animação do alegre cortejo. Outro requinte incorporado foram os pratos típicos, cujas receitas em alguns casos foram adaptadas ao gosto da festa. Tudo regado com muito chope, os atores desta festa inventada, impressionaram o público que veio assisti-los e participar durante os 18 dias da Oktoberfest. O evento ganhou corpo, os pavilhões da PROEB aumentaram em número para atender os festeiros.

No que diz respeito ao surgimento da festa, Flores (1997) assinala que as enchentes de 1983 e 1984 permanecem manifestas até os dias de hoje para explicar a origem da *Oktoberfest* de Blumenau, porém desde 1981, muito antes das enchentes, já se discutia a montagem de uma “Oktoberfest” (grifo do autor)

Já Niels Deeke<sup>10</sup> nos dá outras informações, segundo ele:

Certa questão que tem sido tratada repetidas vezes em comentários através da imprensa local, é a relativa à “Paternidade da Idéia da Implantação da Primeira Oktoberfest em Blumenau”. Há quem atribua a idealização ao Secretário de Turismo de então Antônio Pedro Nunes, já outros apontam Hans Schadrack, então empresário da “Loja Moellmann” como o “pai da criança”. Necessário se faz repor a verdade histórica, pois a “paternidade” do ideário do festival, é exclusiva dos empresários da “Ouro Promoções”, ou seja os Srs. Laércio Cunha e Silva e seu associado Geovah Amarante. A empresa “Ouro Promoções” realizou no “Pavilhão A” da Proeb - seis ( 06) “Festivais do Chopp”- entenda-se em seis exercícios - com desfiles, trajes típicos - chapeuzinhos à “Tirol”, iguarias e especialidades em pratos típicos alemães (que então eram uma delícia e já agora deixam muito a desejar), múltiplos conjuntos de música germânica inclusive bandeirolas, danças com um tablado central elevado e “canecos decorativos” (fabricados pela “Ceramarte”), chopp de baixa e alta fermentação

---

Blumenau.

<sup>10</sup> Informação fornecida pelo Advogado memorialista, em entrevista concedida à autora deste artigo, em Blumenau, em 20 out. 2006. Baseado na resenha dos Atos Administrativos do Prefeito Hercílio Deeke, O Executivo em Foco, 29 de outubro de 1964.

<sup>11</sup> A Oktoberfest de Blumenau, que se tornou uma das festas mais populares do Brasil, foi inspirada na festa

saído de mangueirões à guisa de mangueiras para abastecimento de gasolina, e tudo mais, nos anos de 1966, 1967, 1968, 1969, 1970 e 1971 (DEEKE, 2006, grifo do autor).

Deeke<sup>10</sup> enfatiza que:

A única diferença coube ao mês da realização, quando geralmente acontecia durante o verão [...] Os eventos perduravam durante uma semana, e eram realmente animados com enorme afluxo de visitantes. Portanto a propalada “paternidade da idéia”, cabe unicamente ao empresário “Laércio Cunha e Silva” de Itajaí, que promoveu os festivais associado a Geovah Amarante. Tudo quanto puseram em prática, anos após, nada mais foi que uma repetição com duas diferenças, o nome “Oktoberfest” e o “mês” da realização. (2006, grifo do autor).

A *Oktoberfest*<sup>11</sup> aparece como um redimensionador do potencial turístico de Blumenau e passa a ser seu cartão de visita, atraindo pessoas de vários lugares do país e do exterior. Em sua primeira edição, a festa recebeu mais de 102 mil visitantes surpreendendo seus organizadores, cujas expectativas eram de 40 mil pessoas. Isso motivou sua reedição.

A festa cresceu, dinamizou o turismo no município e o projetou nacionalmente<sup>12</sup>. Em sua segunda edição, atraiu mais de 360 mil turistas. No ano seguinte, 1986, reuniu aproximadamente 800 mil pessoas. Em sua quarta edição, recebeu quase 900 mil visitantes. Em 1988, a *Oktoberfest* registrou a marca de um milhão de visitantes e entrou para o calendário turístico nacional como a segunda maior festa popular do país, e a segunda maior festa da cerveja do mundo. O evento se consagrou e fez de Blumenau o principal destino turístico da Santa Catarina durante o mês de outubro (SANTIAGO, 2001).

No entanto, o turismo, centralizado na *Oktoberfest*, passou a ser questionado quando constatou-se a incompatibilidade da infra-estrutura

---

homônima alemã, que teve origem em Munique.

<sup>12</sup> Em 1996, o Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR conferiu à cidade de Blumenau o primeiro selo de “Município com Potencial Turístico”. No ano de 2002, este mesmo órgão, através do PNT - Programa Nacional de Turismo concedeu à cidade o selo “Ouro do Turismo”, que representa o título de maior importância no Turismo. Informação fornecida pela Secretaria de Turismo de Blumenau - SECTUR, em 2005.

<sup>13</sup> Reunião de Reengenharia das Festas de Outubro - Etapa Blumenau - da qual participei - realizada em 03 de

turística existente na cidade frente às proporções que a festa havia tomado. Foram então organizadas reuniões para promover a reengenharia da festa<sup>13</sup> com vistas a torná-la compatível com a infra-estrutura local, além de garantir um público que movimentasse os diversos setores da economia da cidade.

O turismo é cada dia mais importante para a economia de Blumenau, assim, através de mecanismos como o Blumenau *Convention & Visitors Bureau*, o *trade* turístico e o poder público têm se concentrado na captação de feiras, eventos e congressos que incrementem o turismo na cidade durante todo o ano. Para atender a tal demanda, o poder público investiu na reestruturação dos pavilhões da Fundação Promotora de Exposições de Blumenau (PROEB), transformando no maior centro de eventos de Santa Catarina. A PROEB agora dá lugar ao Parque Vila Germânica<sup>14</sup>, que constitui-se não somente em um centro de eventos e sede da *Oktoberfest*, mas também em um ponto para o encontro da comunidade.

Também a *Oktoberfest* de Blumenau iniciou um processo de revitalização de suas atrações e serviços. Com o objetivo de fortalecer a característica cultural do evento, estabeleceu-se que a temática da festa deverá estar voltada à Colonização do Vale do Itajaí - iniciada pelos imigrantes alemães a partir de 1850 - como ocorreu em suas primeiras edições.

Nos últimos anos, a Secretaria de Turismo de Blumenau (SECTUR), tem contribuído com diversas ações voltadas ao incremento da atividade turística, privilegiando alguns elementos que compõem o patrimônio natural e cultural da cidade, como: a formatação e divulgação do Roteiro Turístico Centro Histórico<sup>15</sup>; Roteiro Turístico de Natureza Fritz Müller<sup>16</sup>; Roteiro Turismo Industrial<sup>17</sup>; Roteiro Cervejarias Artesanais<sup>18</sup>; e a inauguração das Centrais de Atendimento ao Turista - CAT (1 e 2) sediadas em casas de técnica construtiva enxaimel, construídas no início do século passado, relocadas e reformadas para atender ao turista.

Entre outros projetos implantados para o fomento da atividade turística em Blumenau, está a *Sommerfest* (festa de verão), promovida pelo

---

agosto de 2001, em Blumenau - SC.

<sup>14</sup> A obra entregue no dia 30 de abril de 2006, possui uma área total de 39.000 metros quadrados. O Parque Vila Germânica é composto de duas áreas: A Vila Germânica, um conjunto de lojas de souvenirs, restaurantes, choperias, casa de lanches e café colonial, museu, serviços entre outros, e o Centro de Eventos, com 26.000 m<sup>2</sup> de área construída, sendo 18.360 m<sup>2</sup> especificamente para eventos, num único pavilhão subdividido em 3 setores e um mezanino. Fundação Parque Vila Germânica, 2006. Disponível em: <<http://www.parquevilagermanica.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

<sup>15</sup> O Roteiro Turístico Centro Histórico contempla a história e a cultura estampada em quarenta e um

Parque Vila Germânica durante os meses de janeiro e fevereiro. A *Sommerfest* integra uma diversidade de atrações para a comunidade e visitantes como: bandas típicas alemãs, apresentações de grupos folclóricos, gastronomia típica e Festival Catarinense de Cervejas, além de edições semanais da “Oktoberfest fora de época”<sup>19</sup>.

Cabe também lembrar as atividades promovidas pela iniciativa privada e apoiadas pelo poder público, como é o caso da Festitália, que acontece anualmente no Parque Vila Germânica. A festa italiana reúne uma série de atrações que variam desde a gastronomia, concursos, torneios de truco, apresentações folclóricas, até exposições de artistas plásticos da comunidade italiana da região. Segue-se a *Strassenfest mit Stammtischtreffen* (festa de rua com encontro de *Stammtisch*), uma tradição re-inventada em Blumenau no ano 2000. Durante o evento, inúmeras bandas animam a festa. A alegria é a tônica, prevalecendo um clima de muita amizade e irreverência<sup>20</sup>.

Na 1ª edição da *Strassenfest mit Stammtischtreffen*, 17 grupos participaram, número contrastante com o do 14º encontro, em novembro de 2006, onde mais de 215 grupos se inscreveram (informação verbal)<sup>21</sup>. Devidamente consolidada, a *Strassenfest mit Stammtischtreffen* de Blumenau passa a ter um novo desafio: torná-la foco de atração turística da cidade.

Observamos nesse pequeno histórico, que o turismo em Blumenau, como atividade de negócios, nasceu e se desenvolveu sob a égide da germanidade, além do conceito de um destino turístico tranqüilo, de belas

---

atrativos turísticos que inicia na Ponte Aldo Pereira de Andrade (Ponte de Ferro), passando por todos os prédios antigos e contemporâneos da Rua XV de Novembro, terminando na curva do Rio Itajaí Açu, Porto Fluvial. Este roteiro pode ser percorrido a pé. Secretaria de Turismo de Blumenau (SECTUR), 2006. Disponível em: <<http://www.turismoblumenau.com.br>>. Acesso em: 22 set. 2006.

<sup>16</sup> O Roteiro Turístico de Natureza Fritz Müller, contempla nove atrativos (entre parques e museus) e treze trilhas, com intensidade e dificuldade diferenciadas. Secretaria de Turismo de Blumenau (SECTUR), 2006. Disponível em: <<http://www.turismoblumenau.com.br>>. Acesso em: 22 set. 2006.

<sup>17</sup> O Roteiro de Turismo Industrial oferece aos visitantes a oportunidade de conhecer, além da história, o processo produtivo de cada empresa envolvida neste projeto. São empresas têxteis, cervejarias, fábricas de chocolates, de fornos elétricos, cristais, indústria eletroeletrônica, alimentos, etiquetas e reciclagem, abertas à visitação. Secretaria de Turismo de Blumenau (SECTUR), 2006. Disponível em: <<http://www.turismoblumenau.com.br>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

<sup>18</sup> Para os apreciadores de uma boa cerveja, ou para os curiosos sobre a sua fabricação, é sugerido um passeio nas empresas. Secretaria de Turismo de Blumenau (SECTUR), 2007. Disponível em: <<http://www.turismoblumenau.com.br>>. Acesso em: 05 set. 2007.

<sup>19</sup> Fundação Parque Vila Germânica. Disponível em: <<http://www.parquevilagermanica.com.br>>. Acesso em: 06/02/2007.

<sup>20</sup> CAMINHA, Luiz Eduardo (Ed.). Disponível em: <<http://www.stmt.com.br/>>. Acesso em: 15/12/2006.

<sup>21</sup> Informação fornecida pelo Blumenau Convention & Visitors Bureau, segundo semestre 2006.

paisagens, arquitetura típica, um povo ordeiro e trabalhador, onde a qualidade de seus produtos sempre foi uma garantia.

Contudo, muitas podem ser as fontes de referência para o turismo em Blumenau quando se pensa no aspecto cultural. Na formação da região e na história da cidade, outros grupos étnicos contribuíram valorosamente e hoje se fazem presentes de forma significativa, com sua cultura e história.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade turística vem ganhando destaque nos últimos anos, seja pela sua dimensão econômica como pela problemática social que enseja. Apesar disto, muitos ainda insistem em pensar o turismo simplesmente como prática, deixando de percebê-lo como um fenômeno social amplo, complexo, que atinge toda uma comunidade e que, por esta razão, precisa estar fundamentado numa reflexão teórica que considere as suas implicações sócio-culturais.

Blumenau tem se destacado no cenário nacional como um *locus* cultural, um lugar de cultura singular. O turismo em Blumenau tem tido como foco as festas, a dança, os trajes típicos, a gastronomia e a música alemã. A arquitetura, típica ou não, também tem sido utilizada na promoção do destino, e muitas construções são alvos de *flashes* diários.

Entretanto, uma análise mais aprofundada da atividade turística em Blumenau nos revela que, embora tenham sido utilizados muitos elementos da cultura local na promoção da cidade como destino turístico, Blumenau ainda não apresenta uma relação amadurecida entre a organização do turismo e a sua relação com a cultura local. Até o início do ano de 2005, a Secretaria de Turismo de Blumenau (informação verbal)<sup>22</sup>, não tinha em seu banco de dados registros de projetos para fomentar essa atividade de maneira ordenada, evidenciando uma experiência de improvisação desse segmento do turismo.

Recentemente, tem se observado a presença de uma nova dinâmica da atividade turística em Blumenau. Percebe-se uma preocupação, por parte dos órgãos responsáveis pela gestão do turismo, em realizar um planejamento turístico que contemple a trajetória histórico-cultural da cidade e os elementos

---

<sup>22</sup> Fornecida pela Diretora de planejamento da SECTUR, Luisa S. Borda em 20 mar. 2006, em Blumenau.

que a representam, diferentemente de um momento anterior, onde essa preocupação não existia, embora houvesse o apelo à cultura. Nota-se um interesse em melhorar e inovar as políticas de fomento ao turismo, num movimento conjunto em prol da coletividade. No ordenamento do turismo em Blumenau isto revela uma respeitável transformação social.

Constatou-se, porém, que a cultura germânica tem sido utilizada como único elemento fomentador do turismo local, entretanto, muitas podem ser as fontes de referência para o turismo em Blumenau quando se pensa no aspecto cultural. A expressão cultural de outras etnias presentes em Blumenau e formadoras da sua história, podem e devem ser também objeto do empreendimento turístico.

Não raro, a história, a memória e, em razão disso, as políticas do turismo, tem buscado garantir uma unanimidade identitária, como se todas as etnias estivessem sob o signo da germanidade, numa tentativa de construção de uma memória única e de um passado homogêneo, sem conflitos ou contradições, desconsiderando a diversidade étnica, que poderia ameaçar a homogeneidade que garante a diferenciação do produto turístico local.

A imagem da “Blumenau germânica” tem sido o componente diferenciador do destino turístico. A construção de expectativas para grande parte dos consumidores é baseada em estereótipos como: a beleza loira, a cerveja, a comida típica, a arquitetura e o folclore.

A ocorrência de um processo de espetacularização da identidade parece inevitável para a comercialização dos destinos turísticos, no entanto, acredita-se que as expressões culturais de outros grupos étnicos locais, desde que bem trabalhadas poderão ser bem sucedidas do ponto de vista turístico. São mais aspectos interessantes da cultura local à serem conhecidos, dentro da perspectiva do turismo cultural.

Identifica-se que em Blumenau o espaço para a expressão das diferentes etnias presentes é pequeno. São tênues as manifestações dos grupos étnicos que formam a população de Blumenau. Tratam-se de ações isoladas que partem da iniciativa privada e, embora tenham certo apoio do poder público, se constituem em eventos locais e regionais, ao contrário da germanidade que foi reavivada, fomentada e assegurada pelo poder público

---

com apoio do *trade* turístico. Os símbolos que a representam são realçados e utilizados pelos atores como sinais emblemáticos da cultura local, ratificando determinadas camadas sociais ou versões históricas que mostram uma única faceta, produzindo os chamados “esquecidos da história”.

A passagem do tempo imprimiu no corpo da cidade um mundo de imagens que falam das diversas histórias do passado. Os vários tempos vividos estão encenados nas imagens de seu espaço físico e nos significantes de seus núcleos históricos. É possível a partir de imagens de outros tempos, como a arquitetura, ruas, praças e monumentos, além das festas, música e dança, saberes e fazeres locais, encontrar a real história da cidade.

A recorrência à cultura como referência para o desenvolvimento do turismo em Blumenau, se bem planejada, poderá estimular a comunidade a conhecer, valorizar e preservar seu patrimônio cultural, além de proporcionar aos visitantes o conhecimento de valores, costumes, história, dados e elementos que possibilitarão o alargamento de sua vivência e experiência, um dos objetivos do turismo cultural.

A implementação de políticas públicas, especialmente de educação patrimonial junto à comunidade, poderá propiciar uma maior valorização da cultura e uma contribuição mais efetiva para o desenvolvimento do turismo, assentado em bases sustentáveis.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. 215 p.
- BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995. 163 p.
- BITENCOURT, João Batista. Cidades em movimento. In: BRANCHER, Ana Alice (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p. 26-40.
- CAREZIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri. **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 171-183.
- ERN FILHO, Adolfo; GRAIPEL JR., Hermes. José. **História do turismo em Blumenau**. Blumenau: Edifurb, 2006.
- FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri. **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 73-90.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. 188 p.

FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: Identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri. **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 186-205.

FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)**. 2003. 269 f. Tese (Doutorado em História Cultural)-Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

GONÇALVES, M. A. R.. **A componente cultural do turismo urbano como oferta complementar ao produto sol e praia: o caso de Faro e Silves**. Lisboa: G.E.P.E, 2003. 381 p., il. (Temas de turismo).

PETRY, Sueli Maria Vanzueta. Blumenau e sua contemporaneidade. **Blumenau em Cadernos**. t. XLI, n. 9/10, p. 99-120, set./out. 2000.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o Turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PINSKY, Jaime (Orgs.) **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001, p.13-24. (Turismo contexto).

SANTIAGO, Nelson Marcelo [Red. e Ed.]. **ACIB: 100 anos construindo Blumenau**. [Pesq. e Rev. histórica, Sueli Maria Vanzueta Petry, Cristina Ferreira]. Florianópolis: Expressão, 2001. 205 p.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999a, p. 273-313.

..... Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana: estudos de antropologia social**, Rio de Janeiro, v.5, n. 2, p. 61-88. out. 1999b.

..... A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149-197, jul./dez. 2004.

SILVA, Marilda Galvão Checcucci Gonçalves. A alimentação e a culinária de imigração européia no Vale do Itajaí. **Revista de Divulgação Cultural**. Blumenau, v. 25, n. 80, p. 64-75, maio/ago. 2003.

#### ARQUIVOS CONSULTADOS

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Blumenau, 2005/2006.

NIELS DEEKE - Arquivo particular, 2006.

SECTUR - Secretaria de Turismo de Blumenau. Blumenau, 2005/2006/2007.



# LOBO EM PELE DE CORDEIRO:

IDEÁRIO NACIONAL-SOCIALISTA NO  
MATERIAL DE ENTRETENIMENTO DO  
*Blumenauer volkskalender*  
(1933-1938)

Méri Frotscher

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar análise do *Blumenauer Volkskalender*, almanaque publicado em língua alemã em Blumenau, Santa Catarina, entre 1933 e 1938, focalizando as diferentes formas pelas quais empreendia propaganda em prol do nacional-socialismo. Através dos espaços dedicados aos editores (a saudação e a retrospectiva), dos diversos excertos de jornais nacional-socialistas impressos em alguns números, de anúncios, de textos de caráter literário e de outros materiais, veiculavam-se valores próprios do nacional-socialismo.

Focalizaremos a análise nos materiais que visavam o entretenimento do público-leitor, um dos principais objetivos do almanaque. Estes materiais de leitura podem ser considerados, a princípio, como de “conteúdo leve”, desprovidos de conteúdo ideológico. Entretanto, sua análise interna, aliada à consideração da intenção e do ideário político dos editores, nos permite perceber de que outras formas, menos explícitas, idéias, valores, códigos de conduta, sentimentos, característicos do nacional-socialismo, eram expressos, daí o título deste artigo, “Lobo em pele de cordeiro”.

Neste sentido, apontamos para as possibilidades de diálogo entre a História e a Literatura. Evidenciar esta relação e perceber em textos literários um *locus* de divulgação de idéias políticas parece-nos fundamental neste caso, sobretudo ao tratarmos de uma tipologia específica de periódico, o almanaque, muitas vezes considerada como apolítica.

## 2 O BLUMENAUER VOLKSKALENDER: CARACTERÍSTICAS EDITORIAIS

Publicados anualmente, os *Kalender* (almanaques) constituíam “um meio de comunicação de massa que utiliza a linguagem verbal e não-verbal, destinado à informação, ao entretenimento e à formação dos leitores” (GRÜTZMANN, 2004, p. 49). Os almanaques eram constituídos por material muito diverso, encontrando, por esta razão, muita popularidade entre diversas camadas sociais em áreas de colonização alemã no Brasil. O historiador Roger Chartier, ao se referir aos almanaques, corrobora esta afirmação, remetendo o sucesso deste gênero de periódico a seu próprio caráter de difusor de “textos de natureza extremamente diferente”, o que resultava num impresso “ao mesmo tempo, útil e prazeroso, didático e de devoção, tradicional e ‘esclarecido’” (CHARTIER, 1999, p. 10).

Estas características são expressas, explicitamente, no editorial do *Blumenauer Volkskalender* de 1934. Segundo os editores, além de servir a questões práticas (um “conselheiro confiável em todas as questões possíveis da vida”), o almanaque tratava também de assuntos de “natureza importante, com os quais toda pessoa deve se confrontar [...], os quais pertencem às preocupações de toda a humanidade atual” (BVK, 1934, não paginado).<sup>1</sup> Ao final do editorial, os editores acentuam uma terceira tarefa daquele almanaque,

tida como a principal: o entretenimento. Nestes três eixos, portanto, se centrava a sua política editorial: informações e dicas para o cotidiano, informações relativas a assuntos de “natureza importante” e, principalmente, o entretenimento.

Os *Kalender* começaram a ser publicados em Santa Catarina na década de 1860. Na década de 30 do século XX, na qual iremos nos deter, surgiram diversos títulos de almanaques no estado de Santa Catarina.<sup>2</sup> Somente no Vale do Itajaí foram publicados três títulos em alemão diferentes nesta década: o *Blumenauer Volkskalender* (1933-1938), o *Wille Kalender* (1934-1940),<sup>3</sup> ambos publicados em Blumenau,<sup>4</sup> e o *Landwirtschaftlicher Kalender für die deutschen Kolonisten in Brasilien* (1926-1932; 1938),<sup>5</sup> publicado em Indaial, distrito desmembrado de Blumenau em 1934. Além destes, foi publicado em Blumenau um almanaque em língua portuguesa, o *Calendário Blumenauense*, de duração efêmera (1934-1935). Seu aparecimento provavelmente está conectado à boa penetração dos *Kalender* entre a população do Vale do Itajaí e ao interesse do editor em explorar esse tipo de clientela. Além destes, circulavam na região diversos *Kalender* publicados noutros municípios de Santa Catarina e de outros estados do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, como era o caso do *Kalender für die Deutschen in Brasilien* e da Alemanha.



É de se perguntar como surgem dois *Kalender* praticamente na mesma época em Blumenau, o *Blumenauer Volkskalender* e o *Wille Kalender*. Otto Wille chegou a ser o principal agente de vendas do *Blumenauer Volkskalender* para o ano de 1933, deixando de sê-lo para organizar o seu próprio almanaque, o *Wille Kalender - Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens für 1934*. No

<sup>1</sup> Esta e as traduções seguintes foram livremente realizadas pela autora. Nas citações será usada a abreviação BVK para identificar o almanaque.

<sup>2</sup> Sobre a publicação e circulação de *Kalender* no estado de Santa Catarina vide GRÜTZMANN (2006).

<sup>3</sup> O almanaque Wille voltou a ser publicado entre 1952 e 1960. Especificamente com relação à década de 30, assumiu três títulos diferentes: *Wille's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens* (1934 e 1935); *Wille's Deutscher Kalender für Brasilien* (1936-39) e *Almanaque Wille Kalender* (1940).

<sup>4</sup> Sobre o perfil dos almanaques e revistas publicados em língua alemã em Blumenau, entre 1900 e 1965, vide FROTSCHER (jul./ago. 2004).

<sup>5</sup> Periodicidade informada por Imgart Grützmann (2006, p. 89). Sobre os almanaques em língua alemã publicados em Santa Catarina entre 1864 e 1938, vide o mesmo artigo desta autora.

editorial da primeira edição do seu almanaque, Wille deixa a entender a existência de divergências em relação ao *Blumenauer Volkskalender*:

Mais um novo almanaque!", talvez assim alguns dirão, quando este pequeno livro vier aos seus olhos. Nós então respondemos: "Positivo, pois nós ainda não temos o [destacado em negrito pelo próprio editor] almanaque que melhor corresponda às nossas circunstâncias (*Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens*, 1934, não paginado).

Muito embora o *Wille Kalender* também investisse na manutenção de fronteiras étnicas, através do incentivo ao cultivo da língua e da cultura alemãs, apenas o *Blumenauer Volkskalender* propagava o nacional-socialismo, mesmo que seus editores o auto-representassem como independente de partidos políticos.

No editorial do primeiro número do *Blumenauer Volkskalender*, se esclarece que o público-alvo compreendia todos os *deutsche Volksgenosse* (camaradas alemães). Já o uso dos termos *Volksgenosse*<sup>6</sup>, *völkstümlich*, *völkische*<sup>7</sup> *Kultur*, jargões muito usados pelos nacional-socialistas, contradiz a afirmação expressa dos editores de que o almanaque pretendia ser "totalmente apolítico e não partidário".

A própria opção em intitular o almanaque como *Volkskalender* e não meramente *Kalender*, encerra um conteúdo ideológico. Em editorial do almanaque de 1936, os editores assinalam o intuito do almanaque em atingir tanto industriais e comerciantes como operários, camponeses e artesãos e de oferecer a todos, exatamente por ser um *Volkskalender*, um "momento de lazer amigável", "uma boa palavra, uma bela lembrança, uma instrução contemplativa, uma indicação prática e uma palavra serena" (BVK, 1936, não paginado).

O *Blumenauer Volkskalender* foi publicado em Blumenau entre 1933 a 1938 por Nietzsche & Hömke, sócio-proprietários da Empresa Graphica, situada

---

<sup>6</sup> O termo *Volksgenosse* era muito usado nos discursos de Adolf Hitler ao se dirigir ao povo alemão e em diversos documentos durante a época do regime nacional-socialista na Alemanha (1933-1945). O termo deveria apagar as diferenças sociais existentes. Durante este período, o termo ainda abarcava concepções racistas divulgadas pelo NSDAP, na medida em que o partido definia enquanto *Volksgenosse* apenas os que tivessem "sangue alemão". Conforme verbete VOLKSGENOSSEN in KAMMER & BARTSCH (1992, p. 223).

<sup>7</sup> O termo *völkisch*, originalmente uma palavra substitutiva ao adjetivo *national*, era, no vocabulário nacional-socialista, impregnado pelas concepções do racismo nacional-socialista, sendo expressão de um sentimento nacional anti-semita. Conforme verbete VÖLKISCH in KAMMER & BARTSCH (1992, p. 217).

na rua Piauhy, 17 (a partir de 1937, a empresa passou a se chamar Empresa Gráfica Catarinense S/A). Além da gráfica, a empresa vendia, entre outros artigos, material para escritório, instrumentos musicais e literatura nacional-socialista. O imigrante Franz Nietzsche filiou-se ao NSDAP em agosto de 1930 e foi um dos líderes do grupo local do NSDAP de Blumenau. Foi também *Landesgruppenleiter* (dirigente dos grupos do partido nazista de Santa Catarina) (MORAES, 2002, p. 167, 172 e 190). Publicou o jornal *Mitteilungsblatt der NSDAP*, informativo mensal do grupo local do NSDAP de Blumenau (fev. 1933 a fev. 1934).<sup>8</sup> Este jornal divulgava de forma agressiva os fundamentos do nacional-socialismo alemão, entre eles o anti-semitismo, e as atividades dos grupos locais do NSDAP.<sup>9</sup>

Fato notável é como, a partir da tomada do poder dos nacional-socialistas na Alemanha, os editores promovem uma propaganda nacional-socialista mais explícita e agressiva. A própria inserção de uma coluna dedicada à retrospectiva do ano que passou, a partir do almanaque de 1934, e o seu conteúdo revelam isto. No primeiro número, neste espaço havia sido publicado um longo texto intitulado “Blumenau nos últimos anos”. A partir da segunda edição, de 1934, se passou a publicar neste espaço uma longa retrospectiva sobre Santa Catarina, o Brasil e o mundo, em especial a Alemanha, de forma a valorizar os “grandes fatos” políticos, econômicos e sociais.

Metade da retrospectiva desse número é dedicada à Alemanha, a qual propaga explicitamente o nacional-socialismo, o anticomunismo, o anti-semitismo e louva o governo de Hitler. Toda uma interpretação do passado



<sup>8</sup> Sua publicação teve início em fevereiro de 1933, um mês antes, portanto, da ascensão de Adolf Hitler ao poder. A partir de fevereiro de 1934, o jornal passou a ser informativo do NSDAP de Santa Catarina. Entretanto, este foi o seu último número. O Arquivo Histórico José Ferreira da Silva dispõe todos os números, menos o primeiro (fevereiro de 1933) e o de junho de 1933.

<sup>9</sup> O jornal reproduzia discursos e textos escritos por líderes nacional-socialistas na Alemanha, diversos outros textos extraídos de jornais nacional-socialistas, relatos de atividades dos grupos locais de Santa Catarina, programações de suas atividades, relatórios financeiros da Winterhilfswerk, anúncios, avisos do consulado alemão, notas de falecimento de membros do partido, etc. Incentivava a leitura de jornais nacional-socialistas e o uso da biblioteca do grupo local do partido. Solicitava que os leitores dessem preferência aos produtos e serviços oferecidos pelos anunciantes. O exemplar do jornal era vendido, nos primeiros meses, a 200 rs. e, depois, a 300 rs.

histórico alemão é construída, tomando-se estrategicamente como ponto de partida a assinatura da rendição alemã em 1918, no sentido de se depreciar a República de Weimar (1919-1933), utilizando-se de elementos da *Dolchstosslegende*.<sup>10</sup> A retrospectiva se demora numa descrição histórica laudatória do partido nacional-socialista e dos primeiros meses de governo de Adolf Hitler. No próprio calendário inserido no almanaque de 1934, as datas comemorativas alemãs foram mudadas, acentuando-se ainda mais a imagem da França como nação inimiga e as vitórias alemãs na Primeira Guerra Mundial, assim como outros fatos relacionados à *Dolchstosslegende*. Interessante que nos almanaques seguintes, até a última edição, estas datas comemorativas permanecem e somente poucas novas datas relacionadas ao Terceiro Reich são inseridas.

No número seguinte, relativo a 1935, percebe-se também uma mudança na própria forma como o editorial é escrito. Do início ao fim, retrata uma situação sombria e pessimista a nível mundial, pintando o quadro de uma terrível conspiração internacional em andamento contra a Alemanha nazista, que reacenderia as chamas da Primeira Guerra (BVK, 1935, não paginado). O objetivo de se dedicar a assuntos de “natureza importante”, expresso no editorial de 1934, passa agora a ser tão exacerbado e estendido à situação política internacional que os editores acentuam o intuito de colocá-lo a serviço de uma “grande obra”. Apesar de não explicitá-la, a leitura do editorial permite entrever de qual “grande obra” se refere: a realizada pela Alemanha nacional-socialista.

O *Blumenauer Volkskalender* veiculava o nacional-socialismo não somente através dos espaços reservados aos editores. Publicavam-se diversos excertos de jornais nacional-socialistas, como o *Völkischer Beobachter*, o *Illustrierter Beobachter*, o *Landpost - Nationalsozialistischer Zentralorgan des deutschen Bauern*, constituídos, em sua maioria, por material de caráter literário. A inserção de textos destes jornais, entretanto, se deu somente nos números relativos a 1933 e 1934. Em todos os números, contudo, publicavam-se materiais de conteúdo propagandístico em favor do nacional-socialismo. Frases de Adolf Hitler e outras autoridades políticas nacional-

---

<sup>10</sup> Através da *Dolchstosslegende* afirmava-se que o Exército alemão, durante a Primeira Guerra Mundial, teria sido apunhalado pelas costas por civis traidores. Essa falsificação da história serviu a diversos grupos e partidos da extrema direita como propaganda contra o Tratado de Versailes, contra os partidos de esquerda e contra a República de Weimar e foi muito propagada pelos nacional-socialistas.

socialistas eram publicadas em pequenas seções dedicadas à publicação de máximas de expoentes da Política, Literatura, Filosofia etc. Poesias em louvor a Adolf Hitler e à Nova Alemanha eram publicadas.

Uma outra forma do *Blumenauer Volkskalender* fazer propaganda nazista, como também observou Imgart Grützmann (2005, p. 3-4), era através da inserção de alguns anúncios. Era o caso da livraria Starke & Cia,<sup>11</sup> de Blumenau, que vendia livros e periódicos nacional-socialistas e representava a Empresa Graphica de Nietsche & Hömke;<sup>12</sup> da editora Deutscher Morgen, de São Paulo, que publicava o jornal *Deutscher Morgen*, órgão do NSDAP do Brasil, e outras publicações nacional-socialistas;<sup>13</sup> de um hotel de São Paulo, local de encontro do NSDAP. Pude observar ainda anúncio da firma comercial de Carl Meinecke que também funcionava como local de encontro do NSDAP de Blumenau, localizada na rua XV de novembro, n. 4 (BVK, 1938, p. 216). Os almanaques também traziam anúncios de uma metalúrgica que fabricava emblemas e medalhas, entre eles os que continham símbolos nazistas (BVK, 1936, p. 198) e, a título de curiosidade, de uma marca de sal que usava a suástica como símbolo.<sup>14</sup> Diversos membros do grupo local do partido nazista também faziam propaganda de suas firmas ou dos serviços prestados no almanaque. Esta constatação é possível através da comparação entre os anúncios contidos no almanaque e os nomes de pessoas filiadas ao NSDAP. Luís Edmundo de Souza Moraes, que pesquisou sobre o grupo local do NSDAP de Blumenau, cita diversos destes nomes em sua tese de doutoramento.<sup>15</sup>

Através de fotografias também se divulgava o movimento nacional-socialista, como diversas relativas à cidade de Nürnberg, onde se realizavam os *Reichsparteitage* (congressos) do NSDAP, entre elas foto da chegada do



<sup>11</sup> Esta livraria vendia o *Völkischer Beobachter*, *Die Brennessel*, *Landpost* e *Der S.A. Mann*. Informação presente em anúncio publicado no *Mitteilungs-Blatt der NSDAP*. Bezirk Sta. Catarina. 2. Jahrgang, N. 1, Februar 1934, p. 9.

<sup>12</sup> Entre outros anúncios, o constante na página 166 do almanaque referente a 1937.

<sup>13</sup> Entre outros anúncios, o constante na página 150 do almanaque referente a 1936.

<sup>14</sup> Tratava-se do sal refinado e moído da marca *Ladenstein*. A firma *Starke & Cia.* era representante deste produto em Blumenau e Rio do Sul.

<sup>15</sup> Vide item específico sobre o grupo local do NSDAP de Blumenau na tese de MORAES (2002, p. 159-210).

*Führer* à abertura do congresso e da Praça Adolf Hitler (BVK, 1937, p. 193). Também é o caso de fotografias das comemorações do Primeiro de Maio em Porto Alegre, organizadas pelo NSDAP e pelo *Verband Deutscher Vereine* (Liga de Associações Alemãs) (BVK, 1938, p. 128).

Os editores investiam também num forte discurso anti-semita e anticomunista, mencionado quando se referiam principalmente à situação política internacional, em especial a alemã. Com relação ao Brasil, o anticomunismo é expresso explicitamente nos editoriais e retrospectivas dos números relativos a 1937 e 1938.

Os editores evidenciam nas retrospectivas um posicionamento simpático em relação ao movimento integralista no Brasil e na região, chegando a publicar fotografias do encontro integralista ocorrido em junho de 1935 em Blumenau (BVK, 1936, p. 34, 195, 196), uma delas de página inteira em meio à retrospectiva constante do almanaque de 1936. No almanaque de 1938, uma foto do prefeito municipal integralista Alberto Stein, eleito em 1936, é publicada numa página ao lado do editorial, o qual louvava o trabalho e a pessoa de Getúlio Vargas. Através desta forma oportunista, os editores procuravam se mostrar próximos tanto em relação ao poder local, nas mãos dos integralistas, como em relação ao poder federal, nas mãos de Vargas. Irônico, contudo, é o fato de que em 1938 tanto os integralistas foram perseguidos, por conta de sua tentativa de *Putsch*, e o NSDAP e outros partidos estrangeiros proibidos, como o governo de Vargas iniciou uma autoritária Campanha de Nacionalização, resultando na suspensão da publicação do almanaque.

Deter-nos-emos agora a alguns aspectos que envolvem a materialidade do almanaque em análise, uma vez que estes nada têm de natural, como nos lembra Tânia de Luca (2006, p. 132). Os textos do *Blumenauer Volkskalender* eram impressos em letra gótica (*Frakturschrift*). Este tipo de escrita havia sido propagado, em diferentes épocas na Alemanha, como a verdadeira “escrita alemã”<sup>16</sup> e foi especialmente valorizada por círculos conservadores e

---

<sup>16</sup> A convivência entre o uso das escritas Fraktur e Antiqua, na Alemanha, deram origem a uma discussão acirrada em torno do que deveria ser a escrita “correta”, tomando conotações ideológicas. Essa questão chegou a assumir uma expressão própria, Fraktur-Antiqua Streit. Em 1941, o governo nacional-socialista finalmente pôs um fim legal à questão, ao declarar a Antiqua (forma latina) a “escrita normal” em que deveriam ser publicados todos os impressos, proibindo o uso da Fraktur, “oficialmente não desejada”. Esse decreto revela mais uma contradição do governo nacional-socialista, pois até então ao nacional-socialistas haviam propagado a escrita gótica como a verdadeira escrita “alemã”. Disponível em: <<http://de.wikipedia.org/wiki/Antiqua-Fraktur-Streit>>; <<http://de.wikipedia.org/wiki/Frakturschrift#Entwicklung>>. Acesso em: 18 set. 2007.

reacionários e pelos nacional-socialistas. O fato de o almanaque ter sido publicado em escrita gótica pode ter uma relação com essa valorização, muito embora o *Mitteilungsblatt der NSDAP* não tenha sido publicado nesta mesma escrita. Em contraposição ao *Blumenauer Volkskalender*, o *Wille Kalender*, vale registrar, era impresso em escrita latina, com exceção do primeiro número, em que a maior parte dos textos é impressa em letra gótica.

As seis edições do *Blumenauer Volkskalender* tinham entre 255 e 336 páginas. Os números se estruturavam aproximadamente da seguinte forma: dois quintos do volume para textos e fotografias, a mesma quantidade para anúncios e um quinto para o calendário com informações astronômicas, sempre no início, e dados e informações úteis, no final dos números. Chama a atenção a grande quantidade de textos sem autoria e diversos publicados sob pseudônimo.

As fotografias reproduziam, geralmente, vistas panorâmicas, cenas urbanas (geralmente o centro urbano e/ou construções significativas), atividades agropecuárias, propriedades agrícolas em particular, ocupação territorial em áreas de colonização alemã, associações culturais e esportivas teuto-brasileiras, entre outras. A grande maioria delas era de localidades do Brasil, havendo também algumas imagens de cidades alemãs. As fotografias tinham conexão com os textos ou os anúncios publicados, muito embora geralmente não fossem dispostas exatamente nas páginas correspondentes.

Tanto a parte inicial e a final dos exemplares faziam do almanaque um guia prático para o cotidiano, nas mais variadas áreas. Nas páginas iniciais era impresso o calendário mensal incluindo os nomes dos dias católicos, evangélicos e alemães e dados astronômicos. Adicionalmente, incluem-se datas comemorativas alemãs, muitas delas nazistas, e datas comemorativas brasileiras. Nos calendários mensais eram reservados espaços para anotações. Esta possibilidade de usar o calendário também como uma agenda, fazia do almanaque ainda mais útil para o dia-a-dia do leitor. A importância da astronomia para a época é observável através da inclusão



**VEREINSABZEICHEN**  
und **MEDAILLEN**

emailiert, in Gold, Silber oder Bronze.  
Bestlokte Abzeichen, Wimpel und Tuch-  
fahnen, feine Lederetuis für Ausweis-  
karten, Reklame-Artikel liefert

**G. H. Müller — São Paulo**  
Caixa Postal 2214 :: Telephon 4-2869  
**R. Sen. Queiroz 98, Saal 22**

de tabelas complementares com dados astronômicos. Também são incluídas tabelas com os níveis das marés nos principais portos de Santa Catarina (São Francisco, Itajaí e Florianópolis).

Ainda na parte final, eram inseridos outros dados e esclarecimento úteis, dispostos em forma de tabelas ou pequenos textos, tais como: um calendário mensal agrícola, um calendário de gestação e incubação, preços de tarifas postais, telégrafo e estampilhas para documentos, informações sobre correio aéreo, preços e itinerários de transporte terrestre e aéreo, prazos de vencimento de impostos estaduais e federais, instruções para redação comercial (com modelos de procuração, nota promissória, título de dívidas, hipoteca, em português e em alemão), legislação (sobre divisas, direito de família e de herança, direito comercial, direitos trabalhistas), instruções sobre registro civil (nascimento, casamento civil e óbito).

Estas informações subsidiavam o planejamento das atividades agropecuárias, facilitavam os deslocamentos, as comunicações e as relações comerciais e ainda esclareciam os leitores sobre seus deveres e direitos enquanto cidadãos brasileiros. Através da análise destas partes do almanaque, pode ser constatado que este se dirigia tanto aos colonos como a comerciantes e viajantes.

A grande quantidade de anúncios mostra a importância destes no almanaque. Cerca de dois quintos do almanaque era constituído por anúncios. Não somente entidades, profissionais liberais alemães e descendentes de alemães anunciavam, muito embora estes fossem os principais. Os anúncios eram agrupados, freqüentemente, por município e/ou região.

Através da análise do conjunto de anúncios têm-se uma idéia das atividades industriais, comerciais, dos serviços prestados e entidades existentes na região de Blumenau, assim como dos produtos oferecidos. Também nos permite perceber o raio de circulação do almanaque e a sua ampliação, ao longo do período de sua existência. Houve uma ampliação do número de anúncios de outros municípios do Sul do Brasil, principalmente do Rio Grande do Sul, e também maior inserção de anúncios de firmas de grandes centros brasileiros.

Através do próprio título do almanaque e do seu conteúdo nos primeiros anos, percebe-se que inicialmente tinha um público mais restrito. Principalmente nos dois primeiros anos, foram inseridos diversos textos histórico-descritivos

sobre entidades associativas, educacionais, religiosas e hospitalares de Blumenau e região. A partir do almanaque relativo a 1935 este tipo de material escasseia. Nos dois primeiros números, as informações constantes do calendário agrícola eram divididas por estados, no caso, Santa Catarina e Paraná,<sup>17</sup> mostrando que o almanaque se dirigia mais para esses dois estados. No número relativo a 1935 (p. 35), os editores registram que naquele ínterim a comunidade de leitores havia se expandido para o Sul do Brasil.<sup>18</sup>

Diversos materiais impressos deixam transparecer não somente um propósito informativo mas também pedagógico, característica presente também em muitos outros almanaques.<sup>19</sup> Devido à sua larga circulação, os almanaques eram muito propícios para este fim. A dimensão pedagógica do *Blumenauer Volkskalender* era presente, por exemplo, em diversos artigos sobre agropecuária, saúde, comportamento, moralidade. Nos materiais sobre agropecuária, eram dadas muitas dicas e informações visando a introdução de novas técnicas e, desta forma, a melhoria da qualidade da produção. Textos sobre cuidados com a saúde, tratamento de doenças e picadas de cobras venenosas, produção de remédios caseiros eram bem-vindos entre aquela parcela da população rural desprovida de assistência médica e hospitalar.

A dimensão pedagógica deste almanaque extrapola tais assuntos e é perceptível também em textos que não tinham o caráter informativo. É o caso de materiais impressos que veiculavam uma pedagogia de cunho moralista.

Além do material informativo e de formação do público-leitor e dos textos que tratavam de assuntos de “natureza importante”, como afirmavam os editores, o almanaque se dedicava ao entretenimento. Este era proporcionado através de materiais de leitura dos mais distintos gêneros, tais como, reminiscências, relatos de viagem, descrições de municípios e outras localidades, históricos de entidades, textos de caráter histórico, discursos de “personalidades” históricas, lendas, contos, crônicas, novelas, poesias, peças teatrais, textos de caráter humorístico etc.

É sobre este material de entretenimento, considerado pelos editores

---

<sup>17</sup> A partir do almanaque para o ano de 1935, a divisão das indicações para agricultura era feita segundo o relevo (planície e planalto) e não segundo os estados, medida considerada mais feliz, segundo os editores. *Landwirtschaftlicher Arbeitskalender (BVK, 1935, p. 265)*.

<sup>18</sup> Por esta razão, somente os almanaques para os anos de 1933 e 1934 contam com informações sobre a posição geográfica de Blumenau e explicações astronômicas, tomando o horizonte de Blumenau como base.

como o principal objetivo do almanaque, que nos deteremos a seguir. Por ser considerado material de entretenimento, poderia passar como material inocente para os leitores da época ou mesmo para os leitores de hoje. Entretanto, através destes textos, diversos valores, sentimentos e idéias nazistas que circulavam na Alemanha e entre imigrantes alemães e descendentes no Brasil eram expressos.

### 3 DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

Ao propormos diálogos entre a História e a Literatura, compartilhamos da idéia de que o texto literário pode dar ao historiador “indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhados, da gestualidade e das ações sociais de um outro tempo” (PESAVENTO, 2000, p. 8), assim como, acrescentamos, indícios de valores morais e expectativas para o futuro e elementos da cultura política da época. Ater-nos-emos aqui a alguns elementos que dizem respeito a sentimentos, idéias, valores e códigos de conduta que perpassam diversos materiais publicados no almanaque em análise.

No material que visava o entretenimento do público-leitor, salta aos olhos as diferentes formas pelas quais se investia na valorização do militarismo. Ele está presente tanto em textos mais longos, tais como memórias, relatos históricos, contos, textos informativos, como piadas. Diferentes guerras travadas pelos alemães são rememoradas, principalmente a Primeira Guerra Mundial, mas também as guerras napoleônicas, a Guerra dos Trinta Anos, entre outras.

Nos textos de caráter histórico que tratam diretamente de guerras é mais óbvia a presença de elementos militaristas e nacionalistas, incluindo aqui elementos nacional-socialistas. Entretanto, outros textos de conteúdo literário e à primeira vista sem conteúdo ideológico, também apresentam tais elementos. É o caso do conto “Wiedersehen mit Lilly” (Reencontro com Lilly), a respeito de um cavalo. Este conto, extraído do *Völkischer Beobachter*, descreve o reencontro do capitão Merkens e Lilly, seu cavalo usado em combate na Primeira Guerra, prestes a ser sacrificado num matadouro, catorze anos depois. Movido pela lembrança da guerra e pela emoção do reencontro com aquele que o teria salvo em diversas ocasiões, o capitão dá-lhe uma morte mais digna, sob as palavras:

“Tu fostes um bravo cavalo de guerra e mereces uma bala honrada” (BVK, 1934, p. 185). Com o tiro de pistola, um policial acorre ao local disposto a atuar o capitão. Entretanto, após ouvir a justificativa do capitão, o policial imediatamente fecha o seu caderno de autuação e, em silêncio, bate continência. A honra de morrer como um soldado em batalha, tão cara ao militar, aparece nesta estória, assim como o respeito aos serviços prestados à pátria alemã durante a guerra.

Neste e noutros casos, a análise de conteúdo é facilitada tendo em vista o próprio fato de a estória ter sido extraída de um jornal nacional-socialista. Entretanto, noutros textos de caráter literário, alguns dos quais inclusive escritos por imigrantes alemães que viviam no Brasil, também apareciam diversos elementos que, embora não exclusivamente difundidos pelos nacional-socialistas, revelam sentimentos presentes em diversos círculos alemães do período.

No texto intitulado “*Südwestafrika. Eine Erinnerung*” (Sudoeste da África. Uma lembrança), a idéia de que aquela colônia havia sido roubada da Alemanha pelos países vencedores da Primeira Guerra Mundial aparece já no primeiro parágrafo (BVK, 1933, p. 140-142). Hansotto Vorberg, um alemão que havia imigrado para o Brasil depois de haver morado no Sudoeste da África, rememora o processo de ocupação alemã, representando-o como “colonização”. Segundo o autor, “a tenacidade alemã ganhou” aquele território, ou seja, o trabalho alemão justificaria sua posse. O autor destaca os progressos alcançados pelo processo de colonização alemã, referindo-se às inúmeras dificuldades encontradas, entre elas, as lutas contra os nativos. A apreensão dos alemães que ali viviam, com o irromper da Primeira Guerra Mundial, é rememorada com emoção. Na descrição de como a guerra era acompanhada pelos alemães no Sudoeste da África, o autor cita apenas as vitórias alemãs na Europa e também naquela colônia. Ao final, ao ressentimento quanto à perda da Sudoeste da África, lembrada com saudades, soma-se a constatação do “grande lamento da pátria sucumbida”, para onde o autor havia retornado depois do desfecho da guerra, com o objetivo de “criar uma nova existência” e ajudar a erigir a Alemanha novamente.



Nürnberg — Schöner Brunnen — Adolf-Hitler-Platz  
(Siehe Artikel Seite 181)

Chama a atenção como especialmente o primeiro número do almanaque apresenta maior quantidade de artigos sobre a Primeira Guerra Mundial, associados a elementos da *Dolchstosslegende*. Isto é muito sintomático para o momento, considerando os propósitos dos nacional-socialistas, prestes a assumir o poder na Alemanha, em desqualificar a República de Weimar.

Aparentemente inocentes, alguns contos apresentam um enredo em que o elemento militar não só é muito presente como positivado. O respeito e mesmo um fascínio pela figura do oficial é aparente, por exemplo, no conto "Ferien", escrito na forma de reminiscência (BVK, 1935, p. 121-125). O conto trata de viagem de férias de três moças à cidade dos avós, Weissenburg, na Baviera. O ponto alto do conto trata do aquartelamento de um regimento de infantaria naquela cidade, quando três oficiais se hospedaram na casa da avó. A noite dançante preparada na cidade em razão da presença dos militares é destacada como um importante acontecimento ocorrido naquelas férias. A narradora ressalta a empolgação das moças em se preparar para a festa em que os militares estariam presentes.

Mesmo em diversas piadas, as guerras, principalmente a Primeira Guerra Mundial, são constantemente lembradas, revelando a militarização da sociedade alemã e, sobretudo, a divulgação de valores militares através destes espaços de entretenimento. Em diversas estórias, diversos elementos do militarismo são valorizados, tais como a honra, a fidelidade, a disciplina, o dever de servir à pátria, o respeito à hierarquia, o culto a heróis e autoridades militares do passado.

A representação do soldado como fiel defensor da pátria e do desempenho desta função como algo desejável é presente em alguns textos. É o caso das memórias da Primeira Guerra Mundial, "Von Blumenau nach Sibirien. Erinnerungen eines Kriegsteilnehmers" (De Blumenau à Sibéria. Memórias de um participante da guerra), escritas por um alemão que havia imigrado com os pais em 1909 para Blumenau, localidade de Hansa (BVK, 1937, p. 69-93). O autor, Richard Hummler, deixa o Brasil especialmente para se tornar soldado na Alemanha, então seu maior objetivo de vida. Depois de ter participado da Primeira Guerra e de ter sido feito prisioneiro na Sibéria, o autor não muda seu posicionamento em relação a sua decisão.

---

<sup>19</sup> Sobre a pedagogia cívica presente no Almanaque Brasileiro Garnier, por exemplo, vide DUTRA (2005).



É de se destacar é a freqüência do tema da morte, aparente em diversas histórias sobre viagens marítimas.<sup>20</sup> Interessante também observar que muitas das datas comemorativas que acompanham os calendários mensais se referem à morte, não ao nascimento de personalidades históricas. A morte do soldado é representada na maioria dos textos como um ato heróico. Citaremos apenas dois exemplos. O texto “So starben Schills Offiziere” (Assim morreram os oficiais sob o comando do Major von Schill), que trata do fuzilamento de soldados prussianos durante as guerras napoleônicas, que teriam sacrificado suas vidas em prol da “liberdade da pátria” (BVK, 1935, p. 227-231). Ou então uma dramática carta de um soldado à sua mãe, prestes a falecer em razão de um ferimento contraído em batalha durante a Primeira Guerra Mundial, escrita na forma de uma poesia (BVK, 1936, p. 167-169). Este poema, intitulado “Der letzte Brief des Pioniers” (A última carta do pioneiro), contém ainda uma série de outros elementos do ideário nacional-socialista.

As guerras, por mais trágicas que sejam representadas, são jamais criticadas como abomináveis. Alguns materiais de leitura chegam a representar a guerra como uma aventura ou até mesmo apresentam passagens cômicas.<sup>21</sup>

Em alguns textos, a descrição da derrota alemã durante a Primeira Guerra

---

<sup>20</sup> Entre elas o texto *Opfer von Versailles* (BVK, 1936, p. 119).

Mundial insufla o sentimento de vingança, o qual não aparece apenas em textos históricos. O tema vingança é tema, por exemplo, do conto "Vergeltung" (Desforra), extraído do *Völkischer Beobachter* (BVK, 1933, p. 169-171). A estória descreve um assassinato durante uma viagem de retorno da França de prisioneiros de guerra alemães. O assassinato de um sargento por seus soldados é tido como legítimo porque este é descrito como traidor. Antes do assassinato, os subordinados arrancam seus distintivos porque consideram a traição incompatível com um oficial alemão. Outra estória, também sobre vingança, se desenrola interessantemente também durante uma viagem de trem. Na estória, um dos passageiros morre de infarto diante do medo de ser assassinado por vingança pelo acompanhante de vagão, que estava há muito tempo atrás dele, porque o primeiro havia provocado o suicídio de sua irmã (BVK, 1934, p. 219-223). Nesta e noutras estórias, o uso da violência é legítimo e uma questão de honra.

O militarismo não só aparece em textos sobre guerra. Palavras como *Krieg* (guerra), *Kampf* (luta), *Feind* (inimigo) e outras próprias do discurso militar, são usadas até mesmo no texto "*Heuschreckenkrieg*" (guerra contra gafanhotos) (BVK, 1936, p. 139-141). O texto trata da praga de gafanhotos e dos melhores métodos usados em seu "extermínio" (*Ausrottung*). Os métodos chegam a ser comparados aos utilizados em guerras entre os povos: "A luta contra esse inimigo mortal do fazendeiro está sendo organizada em grandes proporções, é sempre intensificada e toma sempre distintas formas, as quais muito se aproximam dos modernos meios de guerras entre os povos" (BVK, 1936, p. 139). É de se considerar, neste artigo, não somente o uso do vocabulário militar, como da superioridade da tecnologia alemã como meio de propaganda.

Além de lançadores de chamas, usados em combates militares, o texto faz referência a um "moderno meio de combate mais decisivo", o bombardeamento com tóxicos lançados a partir de aviões ou, melhor ainda, a partir de dirigíveis do tipo do Zeppelin. Significativa é a sugestão do uso dos dirigíveis, tão divulgados na época como emblemas da moderna técnica alemã.

O tema Zeppelin, a propósito, aparece diversas vezes no almanaque como emblema da modernidade alemã. Um artigo sobre os preparativos da "viagem exploratória mais significativa da história mundial" na Amazônia, através do Zeppelin, descreve as vantagens científicas do uso do dirigível

---

<sup>21</sup> Por exemplo, WILHELM, Hugo. *Kleine Fliegergeschichten* (BVK, 1937, p. 47-63).

<sup>22</sup> Exemplo disto é a descrição de grande represa em Rügen, representada como "uma obra de arte da

e chega inclusive a veicular a possibilidade de se encontrar o famoso explorador Fawcett, desaparecido desde 1925 naquelas matas brasileiras. Outros materiais, como artigo sobre detalhes da construção do Zeppelin e fotografias do seu sobrevôo em 1934 sobre Blumenau, são inseridos no almanaque. A apologia da técnica alemã, através dos meios de transporte ou de grandes construções,<sup>22</sup> é muito aparente e realizada no sentido de se mostrar uma Alemanha em movimento, metáfora tão bem explorada pelos nacional-socialistas. Esta fascinação também se apreende através de anúncios de material vendido para adolescentes especialmente para fazer réplicas de dirigíveis em papelão (BVK, 1938, p. 136, 213) ou de anúncio de caneta tinteiro fabricada na Alemanha com desenho de um dirigível (BVK, 1938, p. 57).

A relação entre técnicas modernas e Alemanha aparece também em artigo em que o autor, um imigrante alemão, identifica o vôo de planador como o “verdadeiro esporte alemão”. Assim inicia o texto: “O coração de cada pessoa alemã pulsa mais alto quando se fala deste legítimo esporte alemão. Quanta saudade, quanta esperança essa palavra unifica” (BVK, 1935, p. 251). Esse esporte era incentivado entre a juventude alemã também como forma de formação militar. O autor salienta a necessidade, apesar de reconhecer as dificuldades encontradas no Brasil, de se estimular a juventude alemã no Brasil a praticar esse esporte. Este artigo procura mostrar, principalmente, o que a juventude alemã era capaz de fazer.

A valorização de atividades corporais é presente no almanaque e chega mesmo a aparecer num pequeno texto sobre canto. Comumente associado à vida cultural, o canto é aqui definido quase que somente como um “exercício corporal” (BVK, 1934, p. 171). O texto trata das vantagens do canto para a saúde dos praticantes. A inserção dessa temática era muito pertinente, considerando a grande quantidade de associações de canto coral existentes no Vale do Itajaí nesta época. Numa estatística de 1933, consta que o município de Blumenau possuía 24 associações de canto e música.<sup>23</sup>

Diversos materiais publicados no almanaque investem na criação da imagem do inimigo e não somente os que se referem à guerra. É o caso de

---

arquitetura alemã”. Der Rügendam (BVK, 1937, p. 158-165).

<sup>23</sup> Fünfzig Jahre Munizip. Die wirtschaftliche und kulturelle Entwicklung Blumenaus in den letzten 50 Jahren.

textos que divulgam imagens negativas dos franceses, tidos como inimigos quase que naturais dos alemães. Estas imagens são explícitas nos relatos e memórias de guerra, mas aparecem até mesmo numa biografia de Johann Sebastian Bach, publicada por conta das comemorações dos 250 anos do seu nascimento. Ao se referir às atividades de Bach enquanto organista da Orquestra de Câmara e da Corte de Weimar, o autor define a última como “uma das mais genuínas dinastias alemãs”, a qual não admitia “macaquear Versailles” (BVK, 1936, p. 137). Em seguida, o biógrafo discorre sobre um desafio (*Wettkampf*) musical entre Bach e Marchand, “o divinizado virtuose em piano e órgão francês”, ocorrido em 1717 no palácio do Primeiro Ministro de Dresden. O autor acentua a “vitória” da arte musical alemã sobre a “superficialidade francesa que tudo dominava”. Termina de contar o episódio relatando desta forma a desistência do virtuose francês em participar da disputa: “O vaidoso francês até aceitou conscientemente o desafio, mas depois de escutar secretamente Bach tocar, preferiu sumir da residência saxã com a diligência do correio na manhã do dia do desafio.” (BVK, 1936, p. 137).

No conto histórico “*C´est la guerre, eine französische Fliegergeschichte*” (*C´est la guerre, uma estória de aviador francesa*), a contraposição entre franceses e alemães também é presente (BVK, 1936, p. 143-145), mas de maneira bem mais sutil. Apesar de ambientada na Primeira Guerra, o enredo principal da estória trata do relacionamento entre o personagem principal, o aviador Gaston, e sua querida namorada Blonch. Esta é retratada como vaidosa e infiel e parece não se importar muito com o desespero manifestado de Gaston, um dia antes de cumprir uma missão em terras alemãs. Preso logo após a aterrissagem em solo alemão, Gaston é julgado e executado por espionagem. A estória termina com a cena em que Blonch, logo após receber a notícia da morte, acaba aceitando o convite do barão Garré em acompanhá-lo a um baile beneficente, sob o suspiro: “*C´est la guerre*”.

Ao representar a pequena Blonch como vaidosa, infiel, insensível e de certa forma superficial, explicita-se uma crítica à mulher francesa e, implicitamente, define-se as qualidades da mulher alemã, mesmo que não mencionada no conto: fiel e companheira do soldado. Isto porque é na construção da imagem do “outro” que se define o “eu”. A fidelidade em relação à pátria alemã, tão difundida pelos nacionalismos alemães como

---

Palestra de Marcos Konder no Clube Germânia em 09.01.1933. Der Urwaldsbote, Blumenau, 21 fev. 1933. p. 01.



uma das características do povo alemão, no caso da mulher, deveria também ser estendida ao companheiro. Em caso de guerra, a mulher deveria ser forte e corajosa. Esse ideal serviria também para os alemães no Brasil. É o que fica evidente em longo artigo sobre uma rebelião ocorrida em Anitápolis, colônia do governo localizada no Sul do estado de Santa Catarina, contra o delegado de polícia. O autor, Otto Schumann, de Santa Cruz, relata com entusiasmo a mobilização militar dos colonos alemães, contrapondo as mulheres que lamentavam em casa e as que se mantinham corajosas (BVK, 1936, p. 97-117).

A construção da imagem do inimigo também se dá em relação aos ingleses, poloneses, russos e norte-americanos, muito embora não na mesma medida. O polonês, por exemplo, é envolto em estereótipos, entre os quais, o que o identifica como mentiroso.<sup>24</sup>

O anti-semitismo, além de presente de maneira muito contundente nas retrospectivas escritas pelos editores, aparece em alguns textos de caráter literário e principalmente em diversas piadas. O judeu é geralmente representado como ganancioso e explorador. Estes e outros aspectos não serão aqui detalhados, em razão da necessidade de nos aprofundarmos mais nos temas escolhidos para análise. O objetivo deste artigo não é listar

---

<sup>24</sup> É o caso do conto Pan Savinski (BVK, 1934, p. 189-191).

<sup>25</sup> Neste caso, são publicados contos e relatos históricos, um discurso do próprio Frederico e também anedotas que o têm como personagem principal. Entre elas, destaca-se uma cujo título sugere exatamente o que foi dito: Kleine Geschichten um grosse Leute (Pequenas estórias sobre grandes homens). (BVK, 1935, p. 175-177).

todos os aspectos do ideário nacional-socialista presentes no almanaque, mas como eles são propagados.

Com relação à construção da imagem do *Führer*, diversos relatos, contos históricos e anedotas tinham o sentido de estabelecer elos de ligação entre o II e o III Reich, daí as associações feitas entre Bismarck e Hitler. É o caso do texto "Deutschland von Bismarck bis Hitler" (A Alemanha de Bismarck até Hitler), extraído do *Völkischer Beobachter* (BVK, 1934, p. 43-45). Hitler até mesmo é representado como sucessor direto de Bismarck. A ligação entre o II e o III Reich também é feita no sentido de se afirmar a grandeza do Império Alemão, daí a aparição muito freqüente de textos tendo como personagem principal Frederico o Grande.<sup>25</sup> Em ambos os casos, o culto a "grandes personalidades" é evidente, revelando uma concepção de história antidemocrática que valorizava a figura de um líder forte e investia no culto a um *Führer*. As citações a Frederico o Grande, também serviam ao propósito de valorização do militarismo prussiano. A associação entre Hitler, Bismarck e Frederico o Grande é também sutilmente feita numa das pequenas colunas destinadas a frases célebres, em que frases dos três estadistas são publicadas conjuntamente (BVK, 1935, p. 214).

A publicação de textos, com o propósito acima, não se contradiz com outros que tratam de "pessoas comuns", o que vinha ao encontro da maioria do público-leitor. Muito sugestivo é o conto "Nur ein Lokomotivführer" (Apenas um maquinista), extraído do *Völkischer Beobachter* (BVK, 1934, p. 213-217). Na estória, um dos personagens narra a um nobre o feito heróico de um maquinista que havia evitado um grande acidente de trem de passageiros. Ao final, após o nobre reconhecer o feito heróico, é informado que o maquinista mencionado era justamente o que comandava o trem no qual estavam viajando. O herói, no caso, era um simples maquinista que comandava o trem no qual todos estavam viajando e onde se desenrolava a estória. Esta estória parece vir ao encontro da própria biografia de Hitler e do significado que a palavra *Volksgenosse* tinha para os nacional-socialistas, na medida em que esta visava apagar as diferenças sociais entre os considerados alemães.

Diversos materiais publicados dão indícios de que parte do público-alvo do *Blumenauer Volkskalender* era constituída por alemães imigrados depois da Primeira Guerra Mundial, incluindo ex-combatentes. A presença de ex-combatentes na região de Blumenau deu origem, inclusive, à criação do *Frontkämpfer Bund* (Liga dos Ex-Combatentes da Primeira Guerra Mundial) e

da *Marine-Verein* (Associação dos Ex-marinheiros alemães), atuantes em diversas atividades promovidas na esfera pública da região. Muitas representações do passado presentes no almanaque vinham ao encontro das expectativas de leitura desse público-leitor.

Contudo, a maior parte dos que lia em alemão, na região de Blumenau, era formada por imigrantes que deixaram a Europa antes da Primeira Guerra Mundial ou seus descendentes. Daí a inserção de inúmeros textos descritivos, memórias, poesias, peças teatrais e outros materiais sobre o passado de imigração e colonização. Mas o que chama a atenção, ao se analisar especificamente o material de conteúdo literário no almanaque, é que a maior parte dele tem como pano de fundo a Alemanha e não o Brasil. Este fato reforça a constatação de como os editores investiam nesta forma na manutenção de elos culturais com a Alemanha.

Nos editoriais e retrospectivas os editores se referem à Alemanha como *altes deutsches Vaterland* ou *alte deutsche Heimat* (velha pátria alemã), ao Brasil como *neue Heimat*, *neues Vaterland* (nova pátria) ou *unser zweites grosses Vaterland* (nossa segunda grande pátria) e a Blumenau como *unser engeres Blumenauer Heimatgebiet* (nossa pátria estreita blumenauense). A idéia de que os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil pertenciam, juntamente com os demais que moravam na Alemanha ou noutros países, uma só *Volksgemeinschaft* (comunidade racial e nacional alemã) é sempre afirmada. Esta problemática relacionada aos nacionalismos alemães, entretanto, não será foco deste artigo, assim como outros aspectos do nacional-socialismo, muito óbvios no almanaque, como a ideologia do *Blut und Boden*, o racismo, o anti-semitismo etc.

Concluindo, apesar da força da propaganda nacional-socialista contida no *Blumenauer Volkskalender*, explícita ou implícita, é difícil afirmar algo sobre o grau de sua ressonância entre o público-leitor e se este percebia de maneira consciente ou mesmo crítica o conteúdo ideológico do material de entretenimento ou do almanaque em geral. O fato de ter sido publicado ininterruptamente entre 1933 e 1938 mostra uma constância não revelada entre alguns almanaques da época no Sul do Brasil, contudo, não pode ser tomado, por si só, como elemento suficiente para medir sua aceitação.

## REFERÊNCIAS

BLUMENAUER VOLSKALENDER. Blumenau: Nietche & Hoemke, 1933-1938.

CHARTIER, Roger. Prefácio. In: PARK, Margareth B. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 9-13.

DEUTSCHER KALENDER FÜR DIE SÜDSTAATEN BRASILIENS. Blumenau: Otto Wille, 1934.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes literários da República: História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

FROTSCHER, Méri. Almanques e revistas publicados em alemão em Blumenau entre 1900 e 1965. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XLV, n. 7/8, p. 96-113, jul./ago. 2004.

GRÜTZMANN, Imgart. Almanques em língua alemã em Santa Catarina (1864-1938): tipos, editores, objetivos. **Dimensões**, Espírito Santo, v. 18, p. 71-103, 2006.

\_\_\_\_\_. Nacional-socialismo em almanaques de língua alemã no Brasil (1933-1939). In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**, 2005. 9 p.

\_\_\_\_\_. O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). **Imigração & Imprensa**. Porto Alegre: EST Edições, 2004. p. 48-90.

KAMMER, Hilde; BARTSCH, Elisabet (Org.). **Nationalsozialismus: Begriffe aus der Zeit der Gewaltherrschaft 1933-1945**. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1992.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

MORAES, Luis Edmundo de Souza. **Konflikt und Anerkennung: die Orstgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro**. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia). Zentrum für Antisemitismusforschung - Technische Universität zu Berlin, Berlin, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.



CULTURA ASSOCIATIVA:  
A vida dos  
trabalhadores nos  
**Clubes de Futebol**  
em Blumenau  
(1950/1970)

Cristina Ferreira



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo “cultura associativa” pode ser entendido como um conceito que remete ao “hábito de associar-se, à tendência de conferir certa institucionalidade a formas de sociabilidade diversas” (BATALHA, 2004, p. 96). Esta tendência ao associativismo é um fenômeno fortemente disseminado pelos trabalhadores, embora não seja exclusivamente praticado pelos mesmos e, muito menos evoque uma representação de caráter classista ou militante. Ao contrário, a cultura associativa transcende os limites da militância e do classismo, pois seu objetivo é pensar como os trabalhadores, que também eram componentes das associações, percebiam o mundo e a si mesmos e expressavam seus desejos, tradições e contradições através de práticas e rituais simbólicos.

Essa proposta teórica nega veementemente a busca por uma “inocência” das classes populares nas suas práticas culturais, obscurecidas por uma cultura dominante implacável empreendida pelas elites. Esta visão distorcida gera uma abordagem ingênua de vencidos e vencedores, tratando os sujeitos do processo histórico como meros fantoches da ideologia dominante.

Intencionalmente, considera-se que a história se produz no interior das relações de dominação, através da elaboração de conflitos e valores que suscitam práticas culturais responsáveis pela sustentação e/ou contestação dos sistemas de poder. No entanto, nem só de contradições vive a história, porque as semelhanças e identidades em comum, compartilhadas dentro e fora das instituições formais que compõem a sociedade civil, também revelam importantes manifestações culturais a serem analisadas pelos pesquisadores.

Este artigo é o resultado final do subprojeto de pesquisa “Cultura Associativa: os modos de ser, ver e fazer dos integrantes das associações recreativas, desportivas e trabalhistas de Blumenau”, vinculado ao projeto “Associativismo Civil em Blumenau: mudanças e tendências”, realizado pelo Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Movimentos Sociais - NEPEMOS/FURB<sup>1</sup>.

Inicialmente procedeu-se à pesquisa documental dos Estatutos dos Clubes

---

<sup>1</sup> A Pesquisa foi realizada entre abril/2004 e março/2005 e contou com o apoio de Allan Henrique Gomes, bolsista de iniciação científica da FURB através do PIPE (Programa de Iniciação à Pesquisa).

de Futebol de Blumenau (1951-1970), disponíveis no banco de dados dos Registros Cíveis através do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Movimentos Sociais - NEPEMOS/FURB. Os clubes de futebol se tornaram uma opção importante entre as associações cíveis desportivas, devido à sua expressividade numérica e à qualidade das informações relativas aos seus Estatutos.

A partir do estudo sistemático dos Estatutos, ampliou-se a pesquisa documental para o arquivo histórico, sobretudo os jornais de fábrica e outros periódicos que possibilitaram o reconhecimento e a contextualização no que diz respeito à sociabilidade e a vida dos trabalhadores de Blumenau nas décadas de 50 e 60.

Com o mapeamento dos clubes e dos possíveis integrantes, iniciaram-se os contatos na busca de depoimentos que pudessem dar vivacidade e informações minuciosas sobre as relações, procedimentos e os contextos do futebol amador a partir da metade do século passado. Assim, através da história oral, foram entrevistados pelo menos oito integrantes dos clubes de futebol no período estudado.

As fontes orais e narrativas de trabalhadores e membros dos clubes de futebol estudados foram decisivas para a concretização e análise dos dados documentais da presente pesquisa, pois as memórias evocadas pelos autênticos sujeitos da cultura associativa, devolvem aos mesmos sua história de vida através de suas próprias lembranças. Além do mais, a memória contribui para o pesquisador na medida em que revela aspectos do cotidiano, raramente mencionados em fontes escritas, favorecendo a analogia entre as fontes e enriquecendo o processo analítico.

Segundo Paul Thompson, “a História oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história” [...], porque possibilita trazer de volta às “pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1992, p. 337).

O objetivo principal desta pesquisa é compreender a cultura associativa sob a ótica do sujeito que a compõe, focando a análise acerca do associativismo cível no próprio ser humano que o integra, e não apenas na instituição propriamente dita e sua organização. Sob esta perspectiva, a concepção de cultura empregada aponta para um caráter polissêmico e diverso e, neste caso, tem inspiração na abordagem de Edward P. Thompson (1998), que ressalta a ação decisiva da cultura como força mobilizadora da

transformação histórica, buscando “dar voz às grandes massas de pessoas que deixaram poucos registros escritos e cuja história ficou por escrever durante várias gerações” (DESAN, 1992, p. 74).

Neste trabalho constam também importantes descrições sobre os contextos trabalhistas e associativos, sobretudo na interface indústria/lazer, com ênfase no futebol. O foco do artigo está nos trabalhadores e sua participação nos clubes amadores de futebol no período entre 1950 a 1970, e com análises realizadas a partir do referencial teórico ligado à Cultura Associativa no que diz respeito aos modos de ser, ver e fazer dos trabalhadores associados aos clubes de futebol.

## 2 OS CONTEXTOS DA BOLA NO PAÍS DO FUTEBOL

Antes de traçar o cenário blumenauense no início da década de 50, é preciso destacar que a metade do século passado guarda um dos principais acontecimentos relacionados à história e à paixão brasileira pelo futebol.

Em 1950, o Brasil havia se preparado para sediar a Copa do Mundo. E não somente para sediá-la, mas principalmente para conquistar em casa seu primeiro título mundial de futebol.

A seleção brasileira estava com a mão na taça. A final era no Rio de Janeiro contra o Uruguai, país que já havia conquistado um título mundial em 1930 em sua própria casa contava com títulos sul-americanos e o reconhecimento de ter realizado um excelente campeonato durante aquela copa do mundo. O Brasil, embora fosse isento de títulos mundiais, jogava em casa, com duzentos mil torcedores ao vivo e o país inteiro já comemorava o título. Afinal, bastava um simples empate.

Entretanto, a euforia deu lugar ao silêncio quando o Uruguai marcou seu segundo gol, minutos antes do término da partida. Gol que decretou a derrota mais frustrante vivenciada pelo futebol brasileiro. Placar final: 2 para o Uruguai, 1 para o Brasil.

Como se a paixão renascesse das cinzas, é a partir de 1950 que os rumos do futebol brasileiro se alteram vitoriosamente. Parte do fenômeno ocorre imediatamente em Blumenau. É também logo depois de 50 que a cidade

assiste proliferar os clubes de futebol, sejam eles nas fábricas ou comunidades que se uniram pela bola.

É também nesta data que a cidade celebra o seu centenário, comemorado em grande estilo para consolidar a idéia de pertencimento à comunidade em seus habitantes que, por sua vez, eram conclamados a embelezar e cuidar de seus jardins, calçadas e casas, atitudes que pretendiam envolver a comunidade com o evento. Por outro lado, o poder público construía um cenário para abarcar o palco das comemorações dignas de uma cidade de “porte” como Blumenau.

O objetivo era reforçar a imagem de Blumenau enquanto cidade bem sucedida economicamente, devido ao trabalho e ao esforço de sua gente, o lema era: “Blumenau - cidade progresso”. A proposta era ocultar os problemas e homogeneizar os discursos para esconder eventuais dificuldades estruturais da cidade, buscando compor um quadro de ordem, trabalho e progresso.

Paralelamente aos preparativos para a festa, embora obscurecida pela imprensa, os operários da Empresa Industrial Garcia iniciaram uma greve sem precedentes para a história dos trabalhadores de Blumenau. Isto porque, mesmo sem o apoio do sindicato da categoria, conseguiram impor-se através da adesão de 5 indústrias da cidade à greve (A NAÇÃO, 1950, n. 218; 222).

Portanto, ainda que a ação grevista tenha ocorrido seis meses antes dos festejos do centenário, os trabalhadores, unidos por objetivos comuns, propõem uma paralisação e revelam, à sua maneira, o caráter polissêmico da vida na cidade.

Da festa em diante, constitui-se o surgimento do discurso de modernidade na região de Blumenau e, aos poucos, a cidade busca adequar-se aos novos padrões de progresso do mundo e do Brasil. A arquitetura local se modifica, as antigas casas coloniais cedem espaço aos edifícios, o urbanismo e a paisagem da área urbana começam a se transformar; a economia têxtil aparece no mercado nacional e as indústrias incrementam seu parque fabril com novas máquinas, objetivando exportar seus produtos; as artes contemporâneas ingressam na cidade; a televisão e as comunicações se aperfeiçoam e assim, a modernidade avança amalgamada sobre uma cultura externa (norte-americana), que pretende livrar-se do “antigo” (tradição germânica), para buscar o novo (progresso e desenvolvimento).

Esse discurso também foi significativo no esporte. O futebol, como prática disseminada nas capitais e logo no interior do Brasil, nos anos 50 e

60 chega em Blumenau com um sentido antagônico às práticas desportivas na cultura local. Era então, o futebol coisa para os “novos”, enquanto “no Caça e Tiro o que mais tinham eram [homens] velhos, [homens] novos também tinham, mas os novos não se interessavam por isso, então **os novos eram mais para o futebol**” (KATH, 2005, p. 3).

É também neste cenário que muitos trabalhadores estão migrando da agricultura para a indústria. Tal migração favorece o surgimento intenso de um tipo de associativismo com interface “indústria/lazer”. Nesse sentido, a noção de pertencimento vinculada ao associativismo desportivo e recreativo em Blumenau no período estudado, principalmente a partir da década de 60, está atrelada ao ambiente de trabalho.

### 3 FÁBRICAS, FUTEBOL E TRABALHO EM BLUMENAU

Ao estudar a vida do trabalhador (operário, ferroviário, marceneiro, estofador, comerciário etc) e a sua relação com o futebol e a sociabilidade, precisam ser considerados os objetivos e as intenções das sociedades desportivas e recreativas que surgiram atreladas às indústrias de Blumenau a partir da metade do século passado. Apesar da ênfase deste trabalho recair sobre os clubes de futebol distribuídos na periferia da cidade nas décadas de 50 e 60, verificou-se também nos Estatutos<sup>2</sup> e nas informações que se obteve nos jornais de fábrica sobre as sociedades<sup>3</sup>, que todas elas otimizaram o futebol como uma prática recomendável aos trabalhadores.

A maioria dos estatutos das associações no período analisado mencionava a necessidade do associado ter uma atividade profissional, ou seja, uma “profissão idônea e definida”. Além disso, destacavam-se questões de ordem moral, a exemplo do texto original dos estatutos do Arsenal Futebol Clube: “para

---

<sup>2</sup> As associações vinculadas às empresas, conforme os registros cartorários, destacam o esporte como uma atividade educativa. Também estimulam a criação de equipes e a competição em torneios externos. Estas associações também registram atividades ou diversões de caráter recreativo, cívico, artístico e cultural. Algumas associações também expressam o propósito de que seus sócios se interessem e tenham acesso às leituras.

<sup>3</sup> Através dos Registros Cíveis é possível reconhecer cinco sociedades que evidenciam ligação direta com empresas da cidade. São elas: Departamento Social Desportivo dos Empregados da Companhia Brasileira de Fumo em Folha (1953), Esporte Clube Cristais Hering Ltda (1956), Associação Desportiva e Recreativa Sul Fabril (1956), Associação Atlético e Cultural Têxtil Hering (1964), Associação Cultural e Esportiva Cremer (1964). Não foram listadas aqui as sociedades que estavam relacionadas aos bancos na cidade.

ser sócio as pessoas podiam ser de ambos os sexos, maiores de 16 anos e com bons antecedentes e profissão idônea”. Os estatutos que não relacionavam este requisito, eram de Associações cuja natureza, por si própria, legitimava o ambiente de trabalho, tais como a Sociedade Desportiva e Recreativa Sul Fabril e a Associação Cultural e Esportiva Cremer, ambas vinculadas às indústrias.

A participação em uma sociedade se dava ou através de vínculo empregatício ou por intermédio de requerimento de associado mediante a “profissão idônea”, item que consta em vários estatutos que descrevem detalhadamente as qualidades dos sócios. Sendo assim, ser um associado significava obrigatoriamente ser um trabalhador.



Time do Amazonas - 1957  
(Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva)

A questão do trabalho está colocada de forma explícita na maioria dos estatutos, isto é um indicativo de que os indivíduos interessados em se associar conheciam a obrigação e a importância moral do trabalho, consideradas elemento de orgulho para si mesmo e para a comunidade que integravam. O Estatuto do Amazonas Esporte Clube, sociedade fortemente vinculada a uma fábrica, expressa as seguintes condições:

O associado deve pertencer ao quadro social da Empresa Industrial Garcia S.A e da Cooperativa de Consumo do Empregador da Empresa Industrial Garcia S.A Responsabilidade Limitada e não ter sido expulso ou eliminado de sociedade congênere [...]. A exclusão dos sócios se dará por infrações do estatuto e comportamento imoral. A exclusão também ocorrerá caso os sócios forem despedidos da empresa<sup>4</sup>.

Fica evidente que as fábricas simbolizavam e atraíam para si a responsabilidade de ser o elemento integrador dos trabalhadores, pois de

<sup>4</sup> NEPEMOS/FURB. Banco de Dados dos Estatutos das Associações Cívicas de Blumenau (1857-2000).

<sup>5</sup> Em 1960 eram clubes da Primeira Divisão da LBF: Olímpico, Palmeiras, Guarani, Floresta, Vasto Verde, Atlético Tupi, SDR União de Timbó (A Nação, 1960, n. 734).

ser sócio as pessoas podiam ser de ambos os sexos, maiores de 16 anos e com bons antecedentes e profissão idônea". Os estatutos que não relacionavam este requisito, eram de Associações cuja natureza, por si própria, legitimava o ambiente de trabalho, tais como a Sociedade Desportiva e Recreativa Sul Fabril e a Associação Cultural e Esportiva Cremer, ambas vinculadas às indústrias.

A participação em uma sociedade se dava ou através de vínculo empregatício ou por intermédio de requerimento de associado mediante a "profissão idônea", item que consta em vários estatutos que descrevem detalhadamente as qualidades dos sócios. Sendo assim, ser um associado significava obrigatoriamente ser um trabalhador.



Time do Amazonas - 1957  
(Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva)

A questão do trabalho está colocada de forma explícita na maioria dos estatutos, isto é um indicativo de que os indivíduos interessados em se associar conheciam a obrigação e a importância moral do trabalho, consideradas elemento de orgulho para si mesmo e para a comunidade que integravam. O Estatuto do Amazonas Esporte Clube, sociedade fortemente vinculada a uma fábrica, expressa as seguintes condições:

O associado deve pertencer ao quadro social da Empresa Industrial Garcia S.A e da Cooperativa de Consumo do Empregador da Empresa Industrial Garcia S.A Responsabilidade Limitada e não ter sido expulso ou eliminado de sociedade congênere [...]. A exclusão dos sócios se dará por infrações do estatuto e comportamento imoral. A exclusão também ocorrerá caso os sócios forem despedidos da empresa<sup>4</sup>.

Fica evidente que as fábricas simbolizavam e atraíam para si a responsabilidade de ser o elemento integrador dos trabalhadores, pois de

<sup>4</sup> NEPEMOS/FURB. Banco de Dados dos Estatutos das Associações Civas de Blumenau (1857-2000).

<sup>5</sup> Em 1960 eram clubes da Primeira Divisão da LBF: Olímpico, Palmeiras, Guarani, Floresta, Vasto Verde, Atlético Tupi, SDR União de Timbó (A Nação, 1960, n. 734).

forma paternalista se preocuparam com a realização do “bom lazer”. Lazer que, em certo sentido, significou a negação da ociosidade no tempo em que o trabalhador permanecia livre e fora da fábrica.

Sendo assim, o “tempo livre” deveria ser aproveitado dentro das regras previstas, buscando o cuidado com o corpo e com a mente através de exercícios físicos que, de acordo com o discurso dominante da época, preparavam o trabalhador para uma nova jornada de trabalho.

O trabalho, santo e sagrado, enobrece o operário; mas esta vantagem, tão preciosa quanto frágil, pode ser arruinada pelo lazer espontâneo; só um lazer sã, que restaure moral e intelectualmente, é capaz de consolidar a posição do proletariado na humanidade. Cabe as elites criar e organizar este lazer: estariam a fugir ao seu dever mais urgente e mais nobre se não aceitassem esta tarefa (CORBIN, 1995, p. 369).

Ao que tudo indica, em Blumenau, a estratégia de retomar o futebol como mecanismo comportamental das massas foi um relevante fenômeno que ocorreu nos anos 50 e 60 no associativismo desportivo e de trabalhadores. Vale acrescentar que a presença das indústrias têxteis como as principais interessadas na organização do futebol para os seus operários, não foi uma realidade exclusiva em Blumenau. Entre os casos que um clube de futebol formado pelos trabalhadores de uma indústria têxtil fica mais famoso que a própria empresa, está o Bangu Athletic Club do Rio de Janeiro (LOPES, 2004, p. 132). É também provável que o surgimento do operário-jogador tenha se dado com o Bangu, isto na primeira década do século XX.

A proliferação de clubes de futebol com integrantes operários não é específico em Blumenau. Diferente da Europa, onde as escolas tiveram a função disseminativa do futebol na cultura e nas diferentes classes sociais, no Brasil são as fábricas que se responsabilizam pela difusão do futebol entre a classe trabalhadora (LOPES, 2004, p. 131).

Não é sem motivos que no Brasil as fábricas objetivaram o futebol para os trabalhadores. Desde o seu surgimento o esporte carregou os interesses de integrar e promover uma prática recreativa saudável, atlética e socialmente. Isto porque o “futebol respeita os valores que estão então na base do sistema educativo, da sociedade militar e do edifício imperial. [...] O

futebol faz parte da educação que visa o autodomínio, o controle das pulsões, o respeito pelo códigos” (CORBIN, 1995, p. 263).

Ao mesmo tempo em que o futebol era promovido visando a educação do povo para a ideologia dominante, sua *magia* escapou ao controle dos seus promotores e, tanto sua prática quanto sua organização, chegou às mãos dos trabalhadores (CORBIN, 1995, p. 264).

O essencial é agora a proximidade entre o local de trabalho e o espaço do jogo. As duas atividades interpenetram-se. [...] o futebol torna-se uma questão de bairro. Insere-se na cultura masculina da bebida, isto é, no pub. O clube manifesta e confirma a solidariedade local. Define um território, aquele sobre o qual exerce a sua influência cultural e em cujo interior contribui para ordenar as relações sociais (CORBIN, 1995, p. 265).

É sob esta perspectiva que se apresentará a próxima seção. A construção dos clubes de futebol nos bairros, a dimensão comunitária das sociedades e a participação dos trabalhadores de forma dinâmica e cultural. Neste momento, a história dos trabalhadores e do futebol se confunde.

A seguir estão descritas breves informações sobre outros Clubes de futebol fundados entre 1951 e 1970 e com Estatuto no Cartório de Registros Cíveis que, articulados com notícias de jornal e informações obtidas através de entrevistas, permitem, minimamente, o reconhecimento do cenário relativo aos clubes de futebol em Blumenau.

## 4

### OS TERRITÓRIOS DO FUTEBOL: ORGANIZAÇÃO E HISTÓRIAS DE CLUBES

O trabalhador blumenauense nos anos 50 e 60 conhece o futebol pelo menos em três esferas: 1) o futebol profissional da Primeira Divisão da Liga Blumenauense; 2) o futebol como uma atividade possível nas sociedades recreativas vinculadas às indústrias da cidade e 3) o futebol dos clubes amadores nos bairros.

Com respeito à Primeira Divisão<sup>5</sup>, não se pode afirmar que os clubes profissionais eram independentes ou que se caracterizavam distantes das indústrias. Pelo contrário, através das entrevistas com pessoas<sup>6</sup> que viveram intimamente o futebol nos anos 50 e 60, foi possível depreender que a relação futebol e fábricas era de muito mais proximidade do que os estatutos indicavam.

Os clubes da Primeira Divisão estavam organizados e relacionados nos seguintes termos, “o Olímpico em Blumenau era o clube da elite e o Palmeiras era mais a torcida do povão. O Guarani era restrito aos seus sócios, como ainda é hoje. O Vasto Verde era mais Cia Hering, e o Amazonas era o pessoal da Artex e Empresa Industrial Garcia” (DUWE, 2005).

Sobre os clubes das periferias, não se pode deixar de remetê-los aos bairros e comunidades em que surgiram. Inicialmente, destaca-se brevemente o clube de trabalhadores mais famoso de Blumenau, com grande torcida, localizado na região do Grande Garcia e que foi o único a jogar na Liga Profissional da cidade, isto é, na primeira divisão.

O Amazonas Esporte Clube (redimensionado em 1952)<sup>7</sup>, como já foi citado acima, era uma associação vinculada à uma indústria de Blumenau. Em 1957, temos notícias de que o clube vence a Segunda Divisão da Liga Blumenauense de Futebol (LBF) invicto (A NAÇÃO, 1957, n. 140) e que passa a disputar no ano seguinte a Divisão Profissional da cidade, pelo menos até 1965 (O PANORAMA ESPORTIVO, 1965, n.1). Em 1962, uma nota no jornal informa que “no dia 3 do vindouro mês de junho, segundo nos revelou o desportista Sr. Alfredo Iten, atual presidente do tradicional clube, assinalará o transcurso do 10º aniversário de refundação do Amazonas que forma com destaque na divisão de honra da LBF” (A NAÇÃO, 1962, n. 543).

E assim, não somente a Primeira Divisão da LBF interessava às indústrias de Blumenau, mas também outros clubes de futebol, neste caso

---

<sup>6</sup> O Sr. Aldo Gervásio Gonçalves, sócio remido do Clube dos Candangos, contou que aos vinte anos, saiu de sua cidade natal, Joinville, e veio para Blumenau para ser jogador de um time da Primeira Divisão da LBF. De acordo com Sr. Aldo, para jogar no referido clube profissional, foi-lhe oportunizado trabalhar na [antiga] Estrada de Ferro. Com essa ocupação ele poderia se manter naquele clube. De modo geral, Sr. Aldo afirmou que os jogadores do Palmeiras acessavam um serviço na Estada de Ferro, enquanto os jogadores do Olímpico, obtinham emprego na Auto Viação Catarinense.

<sup>7</sup> Para maiores detalhes sobre o Amazonas, veja: FERREIRA, Cristina; MACHADO, Ricardo. Futebol e trabalho: subsídios para uma história do lazer em Blumenau. Blumenau: FURB: PIPE, 2003. (Relacionado à Pesquisa A vida fora das fábricas: o cotidiano dos operários da indústria têxtil de Blumenau Pesquisa).

amadores<sup>8</sup>, eram mantidos ou incentivados pelas empresas da cidade:

Era muito comum uma empresa ter um time de futebol [...] mas depois surgiram muitos problemas. Por exemplo, a Artex queria fazer um grande time de futebol, eu era um garotão na época, mas eu me lembro que a Artex começou a contratar jogadores para começar a trabalhar na empresa, mas isso não deu certo e hoje isso também não dá certo. [...] Aí a Artex não poderia prejudicar o andamento da empresa, deixou de contratar jogadores, e nesse meio tempo surgiu o Treze de Abril (WAGENKNECHT, 2005, p. 1).

Outro clube da região do Garcia era o América Esporte Clube (1953). De acordo com as informações obtidas nas entrevistas, este clube estava ligado a Artex, fábrica que mais tarde incorporou a Empresa Industrial Garcia (WAGENKNECHT, 2005). Apesar da fundação do clube datar do ano de 1953, no Cartório consta que o registro civil foi somente efetuado em 1962. Coincidentemente, data em que o Grêmio Esportivo Treze de Abril, clube que também surgiu de um time organizado pela empresa Artex, se tornou uma sociedade civil, dirigida pelos trabalhadores e outros membros da comunidade do Badenfurt. O América também disputou algumas edições da Segunda Divisão da LBF, pelo menos até 1965 (O PANORAMA..., 1965, n. 1).



Canto do Rio Futebol Clube - década 60

O Canto do Rio Futebol Clube (1959) também estava localizado na região do Garcia, mais precisamente no Jordão. Pelas notícias de um jornal esportivo da época, sabe-se que o clube disputou a Segunda Divisão da LBF em 1965 contra outros clubes da cidade e região, especialmente Indaial e Timbó, entretanto, naquele ano não alcançou a fase final do campeonato (O PANORAMA..., 1965, n. 1). Sobre o

<sup>8</sup> É notável o número de associações (pelo menos doze) que expressam em seu Estatuto a defesa pelo esporte amador. Constam nos registros cartorários, idéias como "promover o desenvolvimento da cultura física, de caráter exclusivamente amadorista", além de "incentivar por todos os meios o amadorismo como prática dos esportes, e exercer severa vigilância a fim de reprimir a introdução do profissionalismo" (NEPEMOS, Banco de Dados).

clube é possível também afirmar que suas atividades não estavam restritas ao futebol, conforme indica a seguinte notícia: “Canto do Rio Futebol Clube, agremiação de nosso futebol amador, [...] promoverá na noite de amanhã, dia 15 de setembro fluente [1962], com início às 20 horas, outro grandioso Baile Social no Salão Caça e Tiro Garcia-Jordão” (A NAÇÃO, 1962, n. 87).

Daqui em diante os clubes que serão apresentados fazem parte da região Norte do município de Blumenau, opostos à região do grande Garcia, tradicionalmente ligada a cultura operária e ao futebol. A opção pela região Norte deve-se à existência de vários clubes amadores de futebol.

A primeira associação da década de 50 que se registra civilmente foi o Clube Recreativo Ferroviário (1952) que foi uma sociedade organizada a partir dos trabalhadores da Estrada de Ferro do Vale do Itajaí (DUWE, 2005). A localização do clube era a rua 1º de janeiro, no bairro Itoupava Norte, lugar onde posteriormente foram construídas “casas populares” (VILA..., 1960, n. 14, p. 1)<sup>9</sup>. Em 1959, a diretoria do Clube Ferroviário deliberou fazer uma campanha entre os ferroviários associados com o propósito de construir as instalações para o “estádio” (O FERROVIÁRIO, 1959, n. 6, p. 8).

Em 1960, o Ferroviário foi um dos clubes que disputou o Torneio de Futebol do Serviço Social da Indústria - SESI. Nestas competições promovidas pelo SESI participavam as sociedades e clubes de trabalhadores que estavam vinculados às empresas e indústrias da região, como naquele ano, podem ser citadas as equipes da Souza Cruz, Cia Hering, Cristais Hering, Sul Fabril, Artex, entre

outras (A NAÇÃO, 1957, n. 179). A pesquisa documental não indicou que o Ferroviário tivesse participado de alguma das divisões da Liga Blumenauense de Futebol - LBF.

O Arsenal Futebol Clube (1953) estava igualmente localizado no bairro Itoupava Norte, nas imediações da atual rodoviária da cidade. O clube era também conhecido como “canarinho” no futebol amador de Blumenau. Nas



Arsenal Futebol Clube  
em campeonato no Campo do Frigor - década 60

(Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva)

notícias em jornal da época, constam sobre o Arsenal a realização de um torneio de futebol:

Arsenal Futebol Clube, próspera agremiação de nosso futebol amador, organizou e fará realizar domingo próximo, dia 20 de maio [de 1962], fluente festival esportivo de contornos bastante atraentes, no estádio do Esporte Clube Corinthians Catarinense [...]. Infalível atração de qualquer festival, desdobrar-se-á, a partir das 8 horas da manhã, torneio a ser disputado pôr elevado número de equipes da cidade e arredores. [...] No local da festa, haverá: churrasco, café, doces, sanduíches, bebidas em geral, como também roda da fortuna, bingo, rifas e tiro ao alvo (A NAÇÃO, 1962, n. 542).

O Esporte Clube Corinthians Catarinense (1956) estava localizado no bairro Fortaleza (bairro vizinho da Itoupava Norte) e, ao que tudo indica, em 1962, de acordo com informações acima registradas, possuía uma sede com campo. Entretanto, notícia de 1957 evidencia que o clube fazia uso de outros espaços associativos para promover seus torneios de futebol.

Patrocinado pelo Corinthians, agremiação que se projeta no cenário do futebol amadorista da cidade, realiza-se no decorrer do próximo Domingo, no grama do Guarani, em Itoupava Norte, empolgante torneio ao qual se fará presente elevado número de conjuntos classistas do município [...] Cinco taças estarão em disputa no torneio, devendo o prélio de honra reunir os conjuntos do Corinthians e Bom Sucesso (A NAÇÃO, 1957, n. 140).

Em 1960, o Esporte Clube Corinthians Catarinense é apontado pelo Jornal A Nação como “o mais sério candidato ao título de campeão do primeiro certame oficial da Terceira Divisão da LBF” (A NAÇÃO, 1960, n. 793), ao se tornar campeão do torneio preliminar daquele campeonato que ainda contou com a participação do Clube Atlético Operário, Clube Desportivo Juventus e Glória Esporte Clube.

Outro clube que figura entre as associações de futebol que surgiram ainda nos anos 50 e se registraram em Cartório, chamava-se Esporte Clube

Javari (1956). Uma sociedade que participou, ao menos em 1962, da Segunda Divisão (A NAÇÃO, 1962, n. 539) da Liga Blumenauense de Futebol - LBF. O Estatuto do clube revela que a sociedade tinha sede própria e seus associados deveriam pagar mensalidades, além de muitas outras descrições que evidenciam uma prática associativa bastante institucionalizada.

Entre as notícias que se encontrou do Bom Sucesso Futebol Clube (1959), aparece que em 1962, “em ofício enviado a entidade [LBF], comunicou o clube estar impossibilitado de voltar a participar do campeonato da segunda na, em virtude de problemas financeiros” (A NAÇÃO, 1962, n. 559). Entre os itens que foram discriminados no Estatuto do clube, consta que era dever de todos os sócios, “portar-se com decência no recinto da sociedade ou lugares em que o clube estivesse disputando jogos amistosos”.

Através de entrevista com um dos organizadores do Clube Esportivo e Recreativo Nova Aurora (1962), foi-nos transmitido os primeiros movimentos que marcaram a fundação da associação localizada no bairro Fidélis:

Começamos com os primos e os amigos da época, formamos um timezinho, um clube, [...] vivendo na base do futebol, sempre o futebol, isto nós fazíamos aos sábados pela manhã, numa antiga *arrozeira*, [...] Uns que tinham carroça traziam a carroça, outros enxada ou pá, e fazíamos o campo na base do braço, mesmo. Tira daqui põe lá, e assim foi se formando durante o dia um campozinho, de noite já se batia uma bola no local. E sábado após sábado se aumentava o espaço. [...] Isso foi evoluindo, formamos o Nova Aurora em maio de 1962 (DUWE, 2005, p. 1).

Outro clube acessado a partir da história oral e que se reúne ainda hoje para partidas internas de futebol é o Grêmio Esportivo Treze de Abril (1962). Uma sociedade que se organizou no bairro Badenfurt e conforme um dos seus fundadores, a sociedade e nome do clube surgiram da seguinte forma:

[...] Um dia destes que a gente nem estava pensando na data [...], estávamos trabalhando na Sede, no barro, aí o cidadão que era o Sr. Pedro, disse - puxa, porque tão calor ainda no mês de abril, hoje é dia 13 de abril - daí ele olhou para mim e disse - Udo, não é uma boa data pra gente colocar o nome do clube!?. - Eu disse - tá fechado! [...] Daí

começamos. Aliás, antes disso já existia a Artex. Ai o Treze de Abril partiu para ser um time da comunidade em geral, não só dos funcionários da Artex. [...] Quando fundamos o Treze de Abril então foi liberado para todos (WAGENKNECHT, 2005, p. 1).

A Sociedade Esportiva Recreativa Cruzeiro (1963), pelas informações obtidas, se tratava do clube de futebol localizado na Itoupavazinha. Apesar dos registros cartorários afirmarem que o objetivo do Cruzeiro era o futebol de campo, as entrevistas com os trabalhadores que organizaram o clube de futebol Cruzeiro na Itoupavazinha, aproximadamente em 1957, relatam que não fizeram registro no Cartório daquele clube.

Aqui [falando do Cruzeiro] não tinha sócio, isso não foi feito nada. Isso o pessoal se incomodava depois. O Estatuto utilizado era ali do Fidélis, do Glória. Daí depois que pegou Estatuto passou [o nome do clube] para Glória. Mas o Clube continuou aqui [referindo-se ao local dos jogos], mas só que não era mais Cruzeiro, era Glória, porque pegou o Estatuto do antigo Glória. Lá fechou, já fazia tempo (KATH, A., 2005, p. 2).

Em 1962, um clube chamado Cruzeiro participou da Segunda Divisão da LBF. Talvez, em Blumenau na década de 50 e 60 existiram dois clubes de futebol amador com o nome Cruzeiro. O que se pode afirmar com certeza é que o clube de futebol da Itoupavazinha, inicialmente Cruzeiro, posteriormente Glória, foi o campeão da Terceira Divisão da LBF em 1960, um campeonato que parece não ter tido muitas outras edições.

Além destes clubes de futebol estudados a partir das informações extraídas dos Registros Cíveis, isto é, associações que foram criadas e/ou registradas entre 1951 e 1970, verificaram-se através da história oral a existência nestas décadas, de outros clubes de futebol, sobretudo na região



Time do Glória, sucessor do Cruzeiro Futebol Clube

Norte do município de Blumenau. Entre eles podem ser citados, Clube Desportivo Juventus (Testo Salto), Frigor (Itoupava Central), Serrinha (Vila Itoupava), Bandeirantes (Salto do Norte), Flórida (Fortaleza), entre outros.

## 5 RITUAIS CRIADOS E AGREGADOS AO FUTEBOL

No futebol se pensava a semana inteira. Com ou sem treinos no meio da semana, dizem os trabalhadores que até a terça-feira era costume falar e relembrar dos lances e acontecimentos do domingo. Da quarta-feira em diante, logo começavam os preparativos para o próximo final de semana. Onde jogar?

Futebol e domingo eram uma combinação perfeita:

[...] isso dava trinta clubes, vinte a trinta clubes no domingo. Jogava-se cinco minutos para cada lado, por eliminatória e pronto. [De] tantos clubes [que] apareciam para participar em torneios de futebol. [...] Torneios de futebol é por eliminatória, joga-se dois contra dois pelo sorteio, o que perde sai fora. E assim, quando a primeira fase terminou chega a segunda fase, e assim, até a final no campeão do dia (DUWE, 2005, p. 4).

Os torneios de domingo expressam a forma de organização que os clubes criaram para as suas práticas de lazer e sociabilidade. Pode-se perceber, nas falas, que inclusive, as regras do jogo de futebol eram alteradas para que todos os clubes inscritos no torneio pudessem participar em um único dia de torneio.



Equipe do Bandeirantes após treinamento no horário de almoço

Neste sentido, os torneios de domingo eram significativamente diferentes dos campeonatos e certames organizados pela Liga Blumenauense de Futebol. As

exigências da Liga eram a institucionalização do clube (Estatuto), reuniões antecipadas com dirigentes, juízes escalados, tabela oficial de jogos, etc.

Nos torneios organizados pelos clubes amadores, o espírito competitivo e da rivalidade na Liga, dá lugar à integração, diversão e liberação das posturas dos trabalhadores.

Os torneios de futebol também se tornam importantes para o autofinanciamento dos clubes nos bairros:

[Estes torneios] na época eram o que trazia dinheiro para o clube. Vamos supor, só falar por baixo, dez clubes, chegam no mínimo com 15 pessoas, dá 150 pessoas, mais os do local, dá 200 pessoas. Duzentas pessoas num domingo elas tem bastante gasto, deixa duzentas pessoas comer um churrasco, um cachorro quente, isso dá dinheiro. [...] na época o cara comia mesmo. Aquilo que dava dinheiro para o clube, você vendia bebida durante o dia, daí vinha aquelas cervejarias, naquele tempo, as transportadoras elas davam os troféus, além disso, elas pagavam ainda pagavam uma certa quantia [...] elas ajudavam demais as sociedades, fazia-se um torneio por mês e aquilo dava dinheiro (DUWE, 2005, p. 5).

Além da alimentação (churrasco) e da bebida, os clubes ofereciam outras atividades para que a “família” do trabalhador pudesse se divertir e deixar algum dinheiro na sociedade, para tanto, eram realizados, bingos, rifas etc.

A cerveja, contudo, parece ser o produto mais cobiçado pelos trabalhadores no domingo de futebol:

Nós tínhamos também os *pai-trocinadores* da cerveja [cita o nome das pessoas] esses três tinham poder aquisitivo maior, então por exemplo, o time ganhava, era cervejada garantida! [...] Eles se responsabilizavam também em eventual, diplomacia, resolver as coisas diplomaticamente para não haver briga entre torcidas, e jogadores, assim por diante. Durante o jogo acontecia alguma coisa e depois lá fora já apaziguavam tudo, uma caixa de cerveja pagava tudo (PREILPPER, 2005, p. 2).

Conforme alguns entrevistados, as brigas realmente eram comuns no futebol na década de 50 e 60. “No futebol amador dava briga, mas dava

briga em disputa do campo, depois do jogo nós éramos tudo amigos, inclusive se encontrava no balcão, com cerveja e tudo, não se levava o rancor para casa” (DUWE, 2005, p.3).

As brigas parecem ser tão importantes quanto os outros ingredientes do bom futebol. Nas palavras do Sr. Egon Kath (2005, p. 4), “naquele tempo, eu não sei, eu estava pensando hoje já, se não desse briga então o jogo não era bom. Que nem nos Caça e Tiro, se não tinha briga então não era baile.”

As cenas de briga no futebol envolviam todos os atores do festival da bola:

Eu fui uma vez em Indaial com o Frigor, aí um cara de lá apitou, daí o juiz puxou [roubou], teve um de Blumenau que começou a chiar, de repente o juiz [que inclusive era da Liga] jogou o apito, passou num pasto longe assim né, simplesmente ele veio com um revólver, queria matar um daqui [risos], tinha acabado o jogo, naquele tempo tinha de tudo (KATH, A., 2005, p. 4)

Outra característica que perpassava alguns clubes amadores de Blumenau, sobretudo aqueles que se opuseram à institucionalização, era a apresentação de sociedade civil e Estatuto, exceto para disputar o campeonato da LBF. O que se pode verificar, principalmente no Cruzeiro, posteriormente Glória, era que os jogadores transitavam pelos clubes. “[Se outro jogador comparecesse na data de um jogo e] faltasse um jogador aí podia jogar. Se vinha um bom, aí era até bom. [risos]. [...] Se tinha jogo e vinha um bom pra cá, a gente deixava o nosso ruim mais para fora e o melhor podia jogar” (KATH, E. 2005, p.5).

Os rituais e costumes apresentados nesta seção são elementos importantes no estudo da cultura associativa. Representam maneiras e procedimentos, inventados e agregados pelos trabalhadores, que através do associativismo refletem os modos e a percepção que estes grupos têm do mundo e da vida. Neste sentido, pode-se dizer que tanto individualmente quanto coletivamente os grupos e sujeitos elaboram e recriam suas tradições e contradições através de práticas e rituais simbólicos.

## 6 O FUTEBOL E OS SENTIDOS DA VIDA

Os trabalhadores das sociedades e clubes de futebol eram, em sua maioria, torcedores dos times da primeira divisão da Liga Blumenauense de Futebol, como também, jogadores das sociedades, sejam elas os clubes de futebol nos bairros ou as sociedades desportivas ligadas às empresas. “No futebol defendo as cores da nossa SDR, onde tive a oportunidade de fazer ótimas partidas juntamente com meus colegas” (O RADAR..., 1967, n. 48).

A relação futebol-trabalhador estendia-se para além dos campos e da sociedade desportiva, era uma atividade que alguns trabalhadores preferiam curtir pelo rádio, como uma oportunidade de lazer (O RADAR..., 1967, n. 48). Ou, de acordo com um trabalhador, ouvir uma partida de futebol pelo rádio, era uma forma de preencher o tempo livre, “algumas vezes escuto uma partida de futebol, para não estar sem fazer nada” (O RADAR..., 1966, n. 39)

O envolvimento ativo com o futebol permitia que o trabalhador fosse torcedor de mais de uma equipe futebolística. Há uma distinção entre o futebol amador e o profissional que aparece nas falas dos trabalhadores quando eles evidenciam que são torcedores de clubes profissionais da cidade, principalmente o Palmeiras e o Olímpico. “Torço pelo Olímpico, ‘o Poderio da Baixada’, e participo ativamente das jornadas esportivas da nossa S.D.R. Sul Fabril, ‘o Poderio da Rua Itajai’.” (GERMER, 1965, p. 2).

Entretanto, eram os clubes amadores dos bairros que mais atraíam e apaixonavam os trabalhadores. Ao narrar sobre a presença e o significado do futebol na vida das pessoas que fundaram e participaram ativamente dos clubes da comunidade, Sr. Irineo Duwe (2005, p. 4, grifo nosso) descreve assim:

Nós cavávamos um metro a mais para poder ter um metro a mais para correr atrás de uma bola. O que nós íamos fazer, a não ser



Glória - 1959  
(Acervo: Alex Kath)

futebol? Não existia nada. Não tinha rádio, rádio só a pilha. Na Itoupavazinha onde eu morava, a luz elétrica chegou lá quando eu tinha dezenove anos [...], qual a atividade que uma criança tinha, na época, que não fosse o futebol, nós chegávamos jogar na escola com laranja. [...] Como hoje uma criança se cria na base do computador, na época era o futebol. Também que pasto [espaço] existe hoje para uma criança correr atrás de uma bola? [...] **Naquele tempo não tinha rua que não tinha um campo de futebol.**

Logo, também não era difícil que o futebol encaminhasse outros assuntos da vida. De acordo com o Sr. Udo Wagenknecht (2005, p. 2, grifo nosso), “[...] Naquela época, começamos a fazer o time de futebol e saíamos por aí, de caminhão, pau de arara e, por que não dizer, **quantos casamentos surgiram daquela época!**”.

Algumas descrições mostram como o futebol foi responsável pelo destino de pessoas. Relatos que seriam uma questão de sorte se não fossem os caminhos da bola:



Time do Frigor em final de torneio, após partida contra o Tupy de Gaspar (1961)

(Acervo: Alex Kath)

Esse grupo como o Udo, o Pedro, que eram os fundadores, o Ralf Ewald, o Maçaneiro, [...] esses então conheciam alguém que sabia jogar bola, então eles diziam, tu vens lá no Treze de Abril, como foi meu caso, eu comecei a trabalhar na Walter Schmitt, onde esse Ralf Ewald e eu trabalhávamos na mesma seção, ele perguntou - tu joga futebol? - eu disse - sim, sim. - Ah, então Domingo tu vai lá porque vai ter um torneio. Vou te apresentar lá e tu já vai jogar. Mas ele nem mandava nada. Daí chegamos lá ele disse - Udo, eu trouxe um jogador novo aqui! Mas o Udo não sabia, nunca tinha me visto! [risos].

[...] Então esse Ralf Ewald me disse, se tu for jogar lá, eu tenho duas primas, vou te apresentar elas também, e dito e feito, apresentou a duas e eu me casei com uma! O meu caso é típico! (PREILIPPER, 2005, p. 1).

O futebol era também uma paixão que transcendia alguns imperativos culturais em Blumenau. As entrevistas revelaram que o esporte permitia aos trabalhadores uma razão de viver maior que os limites estabelecidos pelo trabalho e pela indústria:

Aprendi a trabalhar no tear, aprendi a fazer manutenção em máquina de costura, fiquei então dois anos, como isso lá me pareceu que eu queria outra coisa ainda e fui obrigado a trabalhar no segundo turno lá na Maju, **o segundo turno era para mim completamente inconveniente, porque eu gostava do futebol de noite no Nova Aurora, segundo turno eu estava morto [não poder participar] para minha atividade noturna [futebol], isso pra mim não dá, pensei comigo [...]** Falei com meu primo que trabalhava na Cremer, diz ele, tem uma vaga na Cremer na manutenção, porque eu vou subir lá dentro e tu podes pegar meu serviço, queres fazer isso – olha, eu topo! [...] **daí pedi minha demissão na Maju, isso na sexta. E na Cremer comecei a trabalhar no Sábado pela manhã (DUWE, 2005, p. 3 grifo nosso).**

Além disso, é possível afirmar que entre os trabalhadores, principalmente quem não freqüentava sindicatos e não militava pelas causas trabalhistas, existiam aqueles que possuíam uma experiência mais intensa e crítica sobre a relação indústria e futebol, conforme expressam as palavras de quem viveu o futebol, entre a ideologia do patrão e a magia da bola:

O que fez acabar com o Treze de Abril? [...] Nos anos 80, surgiu um surto das grandes empresas de fazer associações. Por exemplo, nós estamos aqui em uma associação de empresa, a ASTEKA. Aí a Artex também pensou, oba, vamos chamar a diretoria do Treze de Abril e vamos fazer a associação. Como aconteceu na Karsten, na Associação da Karsten, que tirou o Juventus. Daí isso passou outra vez a ser um quadro fechado. Quem não trabalhava na empresa [...] não poderia mais freqüentar a associação. [...] Com isso a diretoria das empresas começaram a chamar os diretores dos clubes e como esses diretores dos clubes eram funcionários da mesma empresa houve aquele aperto. Fomos obrigados a mudar o esquema, nós temos que fazer associações para os nossos funcionários, daí

não teve alternativa. Nossos presidentes na época tiveram que assinar a desistência do Treze de Abril e voltar a ser associação da Artex [...] perante a Justiça e tal, mas a gente não tinha condições de brigar com eles, esse patrimônio da Artex seria um patrimônio adquirido por nós já! (WAGENKNECHT, 2005, p.3).

Não existe uma hegemonia no que diz respeito à cultura operária dos clubes de futebol. Enquanto algumas comunidades se fazem a partir de um modelo mais institucionalizado para o clube, outras se organizam privilegiando os espaços disponíveis do bairro, sejam eles privados (de uma pessoa ou empresa) ou mesmo espaços cedidos pela prefeitura.

A manutenção e o financiamento destes clubes também ocorrem pelas conhecidas vias clientelistas estabelecidas no fazer político local. Os proprietários das fábricas e os políticos locais muitas vezes são confundidos ou quase sempre são os mesmos. Certo é que os clubes de futebol dependeram das ofertas das elites para que pudessem fazer melhorias nas suas dependências e também realizar torneios de futebol. E para isso, o melhor tempo era no período de campanha eleitoral.

Nós ficávamos contentes na época de política em Blumenau, quando ocorriam as eleições [...] daí nós pegávamos os prefeitos, os candidatos ali e arrecadava alguma coisa, bola, rede, enfim, essas coisas! [...] Na época da eleição nós fazíamos a coleta, vamos dizer assim. Isso nos salvou assim de muitas dificuldades que nós tivemos. Eu tenho muita saudade daquela época (WAGENKNECHT, 2005, p. 4).

Para o historiador Cláudio Batalha, um discurso como esse, reflete parte da cultura associativa dos trabalhadores, não de caráter militante ou classista, mas como atores de um projeto cultural que “se situa em uma relação dialética de atração e de repulsão com relação à cultura dominante” (BATALHA, 2004, p. 97).

O dinheiro extra, que podia vir das vitórias nos campeonatos amadores disputados, era um reforçador viável também para o trabalhador que integrava as equipes dos clubes de bairro.

Nós fomos jogar na Vila Itoupava, no Serrinha, e o irmão do Egon [o Ralf Ewald, tesoureiro do clube] tinha feito um belo trabalho, um domingo antes vendemos umas rifas e tal, e temos dinheiro, daí o homem da caixa [tesoureiro] disse, olha Udo, se nós quisermos dar 10 cruzeiros para cada jogador e ganhar o jogo nós temos em caixa [...] eu era técnico e jogador [...] mas eu cheguei no vestuário [...] e disse para os rapazes, [...] **“rapazes, se nós ganharmos o jogo vai ter 10 cruzeiros para cada jogador”**. Eles saíram espumando, rasgando a chuteira. Ganhamos o jogo lá, foi 3 a zero [...] Aí, no final do jogo entrava outra história, nossos braços fortes [cita nomes de pessoas que patrocinavam a festa para os jogadores], [...] eles então chegavam e botavam cerveja a vontade para os jogadores e “comes e bebes”, aí, me lembro também muito bem, o Sr. Pedro disse, dá uma caixa de cerveja pra eles também, coitados, eles perderam mas podem tomar também (WAGENKNECHT, 2005, p. 4, grifo nosso).

O que se pode perceber também neste depoimento é o lugar que um integrante do clube adquire pela contribuição que presta para o grupo. Para os trabalhadores entrevistados, estas pessoas são tidas como líderes não somente na associação, mas na comunidade. No caso dos clubes de futebol de bairros, o sentido comunitário está presente principalmente nos lugares em que o campo de futebol é um espaço compartilhado por todos. Isso é ainda mais recorrente nas vilas operárias. Corbin contribui para expressar a experiência comunitária do futebol:

A comunidade de origem - o bairro, a paróquia, a empresa - constitui uma memória: a de série de referências gloriosas que alimentam o orgulho coletivo. [...] A participação nas atividades do clube de futebol [...] tornam-se meios de identificação e podem até ser sentidas como elementos de promoção social. Através deste jogo da referência, o tempo do desporto entra nos processos de construção das identidades. Além disso, podemos pensar que estimula, alguns, o sonho do triunfo individual e que, deste modo, compensa a estandardização do mundo do trabalho (CORBIN, 1995, p. 266).

A história de alguns clubes expressa a maneira como a relação entre a tradição (caça e tiro) e a novidade (futebol) teve diferentes efeitos no associativismo desportivo e na sociabilidade dos trabalhadores, e não somente na década de 50 e 60, mas principalmente, nos rumos que os clubes tomaram. O Clube Cruzeiro deixou de existir e, desde então, alguns de seus membros se tornaram sócios no Clube de Caça e Tiro, ocupando funções nas diretorias, situação que remete aos irmãos Egon e Alex Kath.

Assim, um sentido peculiar que o futebol toma, principalmente pelo significado que adquiriu na cultura local, talvez pela sua contraposição inicial aos Clubes de Caça e Tiro, é de possuir um “final de carreira” bastante pontual e que, algumas vezes, pôs fim ao clube. “Daí depois aqui também fechou, ninguém queria mais, a gente ficou velho, então jogou um outro time aqui, o Vasquinho ali do Salto do Norte” (KATH, E., 2005, p.2, grifo nosso).

Enquanto alguns se apropriaram do discurso que divisou o Clube de futebol do clube de Caça e Tiro como algo entre novos e velhos, outros eternizaram a juventude pelo futebol. É o caso do Grêmio Esportivo Treze de Abril, que apesar de não ser mais uma sociedade com Estatuto e registro civil, depois de algumas décadas, motivado pelo desejo de resgatar uma época que deixou saudades, reúne seus “velhos” jogadores e promove semanalmente um encontro com futebol, churrasco e cerveja.

Enfim, para ilustrar como os clubes tomaram rumos diferentes e alternativos, é necessário registrar que uma solução exclusiva foi a do Clube Esportivo e Recreativo Nova Aurora: nasceu clube de futebol, cresceu e depois incluiu o tiro ao alvo como prática possível em um mesmo espaço e grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol não existe enquanto uma atividade natural, ele pressupõe em um dado momento, controle e disciplina para o tempo livre do trabalhador e, em outra instância, uma liberação do corpo e da mente para o exercício da sociabilidade, constituindo assim uma contradição e suscitando semelhanças e diferenças na composição dos modos de ser, ver e fazer dos integrantes dos clubes de futebol, principalmente os amadores, em Blumenau.

Não se pode negar que o futebol foi também expressivo nas elites

de Blumenau. Prova disso foram alguns clubes da Primeira Divisão da LBF que eram mantidos pelos sócios e que estavam sediados em locais centrais e privilegiados na cidade. Contudo, os clubes de bairro que oferecem elementos diferentes e específicos para as discussões sobre a Cultura Associativa, seja pela qualidade da organização, sócios, estatuto e financiamento, ou pelas relações comunitárias e políticas do Clube de futebol. São todos meios e modos como os trabalhadores fizeram do futebol uma preferência capaz de lhes oferecer mais do que uma prática desportiva. O futebol representou nas décadas de 50 e 60, uma forma inusitada, entusiasmada e diferente de associativismo civil.

Os estudos confirmam que os modos de ser e viver dos trabalhadores, neste caso no que diz respeito à sociabilidade dos operários, por um lado está condicionado ao modelo ideológico incentivado pelas elites industriais para os trabalhadores da época; mas, por outro lado, mesmo sofrendo a interferência do projeto local capitalista, os trabalhadores buscaram rotas alternativas para suas práticas culturais. Práticas que se tornaram rituais capazes de expressar não somente a recreação e a organização desportiva, mas muito mais que isso, as relações e os vínculos criados no interior dos clubes, os desejos e os encontros pessoais e comunitários e os modos de apreender o mundo, com seus valores mais extensos, tais como a família, os amigos e o lazer como uma forma de sobrepor às faltas da vida.

Através desta pesquisa foi possível conhecer um clube de futebol que não resistiu à retomada das empresas sobre o patrimônio dos clubes de bairro. Mas, informalmente, recriou sua prática da juventude e vêm se encontrando, quarenta anos depois, para jogar futebol todas as quintas-feiras em um campo alugado. Os melhores sentidos do futebol permanecem: diversão e sociabilidade, idéia de pertencimento ao grupo, vínculos identitários e laços de solidariedade capazes de vencer o tempo e superar as crises do futebol amador.

## REFERÊNCIAS

- BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando T.; FORTES, Alexandre. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Unicamp, 2004.
- CORBIN, Alain. **História dos tempos livres**. Tradução: Telma Costa. Portugal: Teorema, 1995. Tradução de: L' Avenement des loisirs.
- DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DUWE, Irineo. **Depoimento:** setembro, 2005. Entrevistadores: Cristina Ferreira, Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (70 min.) Entrevista concedida ao Projeto Cultura Associativa: os modos de ser, ver e fazer dos integrantes das associações recreativas, desportivas e trabalhistas de Blumenau.

**O Ferroviário**, Blumenau, ano 1, n. 14, 14 fev. 1960.

KATH, Alex. **Depoimento:** novembro, 2005. Entrevistadores: Cristina Ferreira, Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (60 min.) Entrevista concedida ao Projeto Cultura Associativa: os modos de ser, ver e fazer dos integrantes das associações recreativas, desportivas e trabalhistas de Blumenau.

KATH, Egon. **Depoimento:** novembro, 2005. Entrevistador: Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (60 min.) Entrevista concedida ao Projeto Cultura Associativa: os modos de ser, ver e fazer dos integrantes das associações recreativas, desportivas e trabalhistas de Blumenau.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando T.; FORTES, Alexandre. **Culturas de classe:** identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Unicamp, 2004.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. Separata da: **Revista Brasileira de Geografia**, [Rio de Janeiro], ano XXVII, n. 3, p. 389-481, jul./set. 1965.

A NAÇÃO. Blumenau: [s.n.], 1943-1980. Diário. Fundado em 1 janeiro 1943 por Jurandir Ferreira Neto e Assis Chateaubriand. Formato varia. Integrante da rede Diários Associados.

**O PANORAMA ESPORTIVO**. [Blumenau], 1968-1969.

PREILIPPER, Walfried. **Depoimento:** dezembro, 2005. Entrevistador: Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (60 min.) Entrevista concedida ao Projeto Cultura Associativa: os modos de ser, ver e fazer dos integrantes das associações recreativas, desportivas e trabalhistas de Blumenau.

GERMER, Haraldo. **O Radar Sulfabril**, Blumenau, ano 2, n. 24, jan. 1965. O álbum da família. [Entrevistado] Walmor Schneider, da tecelagem de Flex Bell.

THOMPSON, E. P. (Edward Palmer). **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado:** historia oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 385 p.

VILA operária: proficuo trabalho do Deputado Joaquim Ramos. **O Ferroviário**, Blumenau, ano 1, n. 14, 14 fev. 1960.

WAGENKNECHT, Udo. **Depoimento:** dezembro, 2005. Entrevistadores: Cristina Ferreira, Allan Henrique Gomes. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2005. Digital (70 min.) Entrevista concedida ao Projeto Cultura Associativa: os modos de ser, ver e fazer dos integrantes das associações recreativas, desportivas e trabalhistas de Blumenau.





# BLUMENAU no período da DITADURA

um partido organizado com apoio  
dos trabalhadores e uma ação  
governamental voltada aos  
interesses econômicos

Vilma Margarete Simão

## 1 APRESENTAÇÃO

Mesmo com a hegemonia consentida passivamente, lentamente os trabalhadores foram avançando na construção da independência de classe e organizando um sujeito político coletivo, o partido, que se coloca na perspectiva de representar uma vontade coletiva. Em Blumenau, os movimentos populares começam a ter expressão, com a representação no governo local, no início da década de 90 com a eleição de um Vereador oriundo destes movimentos, como também começam a surgir pequenas empresas que indicam alteração nas relações de trabalho.

O período do final de década de 1970 e da década de 1980 ficou caracterizado pelo fim de governantes, no governo local, proprietários de empresas e, ainda, também o início de governos com aparência de articulação com os interesses das classes populares, a partir destes governantes segmentos populares vieram a participar da administração local, por meio de canais instituídos pelo governo local.

O governo local, em 1964, tinha como representante do executivo Hercílio Deeke, vinculado à UDN e orgânico à elite econômica, que se manifestou favorável ao golpe militar. Assim, estando organicamente vinculado a uma classe empresarial não agiria fora dela, então, participava do projeto defendido por sua classe: burguesia.

Mas, ainda em 1966, na primeira eleição direta, após o golpe, em nível municipal, é eleito prefeito Curt Zadrozny, um dos proprietários da empresa Artex S.A., vinculado ao PSD, rompendo com a hegemonia<sup>1</sup> política de 19 anos da UDN, contudo ainda se mantinha um representante da classe hegemônica no governo local. Naquele ano o PSD (considerado de oposição ao governo central), venceu as eleições em grandes centros do país como Guanabara, Mato Grosso, Minas Gerais e Santa Catarina (elegeu Ivo Silveira), inclusive em Blumenau, demonstrando o descontentamento da população brasileira com as políticas adotadas pelo regime militar. A vitória do PSD, nesses centros, provocou uma reação dos militares no sentido de diminuir, entre outras, as liberdades políticas, vindo a ser implantado o bipartidarismo. Curt Zadrozny foi o último representante orgânico à classe hegemônica, em outras palavras, foi o último proprietário de indústria eleito para o executivo municipal.

A eleição de Curt Zadrozny, vinculado ao PSD, esteve mediada por questões conjunturais locais e pela própria estrutura que implica certas determinações nas relações políticas, econômicas e sociais. O candidato da UDN era um trabalhador, Aldo Pereira de Andrade, que, enquanto tal, não era considerado, pela totalidade da elite econômica, competente para exercer o cargo de prefeito do município. Ocorreu então uma divisão política da elite econômica: de um lado os que apoiavam Aldo Pereira de Andrade, por influência de Ingo Hering, e, de outro, os que apoiavam o candidato orgânico à elite

---

<sup>1</sup> Na perspectiva gramsciana, hegemonia é a capacidade de uma dada classe social dar a direção, de conquistar alianças, de fornecer, portanto, uma base social ao Estado.

econômica. Com o bipartidarismo, os representantes do governo local, orgânicos à elite econômica, passam a se vincular ao partido do governo central: Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Inclusive Curt Zadrozny.

Mas a atitude política da maioria dos eleitores de Blumenau, iniciada na eleição de 1966, se manteve. Na seqüência, foram eleitos representantes que se vinculavam ao partido do Movimento Democrático Brasileiro - MDB.

Embora fosse mantida essa tendência antiditadura, isso não significava que os interesses de classes estivessem polarizados, que de um lado estivessem os trabalhadores vinculados ao MDB, e de outro a elite econômica, vinculada à ARENA. A vinculação de representantes orgânicos ao empresariado ao partido do governo central não significava que toda a classe tivesse o mesmo procedimento. Até porque a burguesia não se organiza num único partido.

A partir das eleições de 1969, começa um novo período na história política de Blumenau, quando os empresários não mais se colocaram no embate político de forma direta, pois não mais se teve proprietários de grandes empresas como representantes no executivo local. Esse quadro se acentua ainda mais, quando, em 1977, nem mesmo no legislativo local se fizeram presentes representações orgânicas aos grandes empresários. Não estando a elite econômica no embate direto na escolha de representações para o governo local, mais facilmente poderiam ter representantes que defendessem seus interesses, não importando qual o partido. A elite econômica só se une, na eleição de um representante, quando interesses de classes se polarizam e quando existe a possibilidade de a classe trabalhadora eleger representações orgânicas que defendam interesses históricos.

O partido a que se vinculavam os prefeitos do período de 1970 a 1988, o Movimento Democrático Brasileiro, não foi organizado e identificado, inicialmente, como um partido da classe socialmente hegemônica e tampouco pode ser identificado como um partido que aglomerava intelectuais orgânicos<sup>2</sup> à classe que vive do trabalho. A organização do partido do MDB, que se

---

<sup>2</sup> O conceito de intelectual orgânico implica as relações dos grupos intelectuais com as classes fundamentais e a explicitação de suas funções técnicas...” Intelectual orgânico nasce no mesmo terreno da classe a qual pertence e defende os interesses históricos dessa classe ou que venha a defendê-los por passar a se vincular ao projeto de dada classe. Portanto, intelectual orgânico não aquele que se crê enquanto tal. “Estar vinculado organicamente a uma classe não significa agir de fora, externamente, de maneira mecânica. Significa, sim, participar efetivamente de um projeto junto as classes fundamentais: burguesia ou proletariado (SIMIONATTO, 1995, p.58-59). “[...] Poder-se-ia medir a 'organicidade dos diversos estratos intelectuais, sua mais ou menos estreita conexão com um grupo social fundamental [...]” (GRAMSCI, 1991, p. 10).

iniciou com a filiação de trabalhadores, significava tão somente o descontentamento com o regime repressivo e não que esse viesse a aglomerar concepções ideológicas, em nível local, contrárias ao capitalismo.

Apesar de organizado por trabalhadores, não existia um projeto de construção de uma vontade política coletiva, nem uma individualização da classe, independência em relação às outras classes, consciência dos interesses históricos. Entretanto, pode ser dito que já havia indícios de superação do primeiro momento da evolução da consciência política coletiva, definida por Gramsci (1980, p. 51), como econômico-corporativo. O segundo momento da consciência de classe é definido por Gramsci como a consciência da solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social, mas ainda no campo meramente econômico:

[...] Neste momento já se coloca a questão do Estado, mas apenas visando alcançar uma igualdade político-jurídica com os grupos dominantes: reivindica-se o direito de participar da legislação e da administração e, talvez, de modificá-las, reformá-las, mas nos quadros fundamentais já existentes (GRAMSCI, 1980, p. 51).

A passagem para esse segundo momento foi marcada, em Blumenau, pela candidatura do sindicalista Aldo Pereira de Andrade, mesmo que cooptado pelos empresários, representava a reivindicação dos trabalhadores em participar da administração pública. Esta reivindicação volta a se manifestar com a organização do partido do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que ocorreu através da filiação de trabalhadores, conforme Evilásio Vieira, primeiro prefeito peemedebista. No entanto, na solidariedade de interesses, por serem esses meramente economicistas, não está colocada a superação de classes ou a construção de uma vontade política coletiva. Com a presença da consciência da solidariedade de interesses, embora meramente econômicos, já se colocava, segundo Gramsci, a questão do Estado, mesmo que apenas visando alcançar uma igualdade político-jurídica com a classe socialmente hegemônica, através da reivindicação do direito de participar da legislação e da administração

A partir de 1970, os representantes no executivo local colocaram as massas em contato com a administração pública municipal. Neste sentido, esses representantes cumprem a mesma função de intelectuais “tradicionais”<sup>3</sup>,

ou seja, “[...] este tipo de intelectuais põe em contato a massa camponesa com a administração estatal ou local (advogados, tabeliães etc.) [...]” (GRAMSCI, 1991, p. 13). Logicamente que não é essa a intermediação feita pelos representantes do governo local. Sendo Blumenau um centro urbano, a mediação existente foi entre trabalhadores, empresariado e governo, concretizada principalmente através de políticas de desenvolvimento econômico, definidas com a participação da sociedade civil em canais estabelecidos pelo governo local.

No período do bipartidarismo, os representantes governamentais locais atuaram como mediadores de interesses. De uma representação que surge a partir de um partido organizado pela base e que poderia atender aos interesses populares, para representações que se vinculam organicamente a interesses hegemônicos.

## 2 ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO - MDB

A fundação do Partido do MDB em Blumenau se deu por iniciativa de Evelásio Vieira, proprietário de uma rede de rádiodifusão no estado de Santa Catarina, denominada Nereu Ramos, o que possibilitava maior popularidade e adesão das camadas populares, tanto na organização do partido quanto na sua eleição a prefeito municipal. Evelásio Vieira era vice-presidente do diretório municipal do extinto PSD, único do diretório a não se integrar ao partido da ARENA. Foi uma atitude, segundo o fundador, “[...] em solidariedade a Juscelino por ter sido cassado os direitos políticos e ter sido o maior estadista neste século aqui no país [...]” (SIMÃO, 1995, p. 114), como também, em resposta às solicitações de sujeitos políticos que atuavam na cidade de Florianópolis e por entender a necessidade de opção partidária para os eleitores de Blumenau. Além do que, era necessário existir um partido de enfrentamento da situação. Nesse sentido, é organizado

o partido do MDB, iniciando com a filiação de trabalhadores

---

<sup>3</sup> Embora a intenção não seja discutir se esses representantes são ou não intelectuais do tipo “tradicional” e sim a função destes representantes na sociedade, é importante esclarecer que para Gramsci, os intelectuais tradicionais como categoria são do tipo rural ligados à velha classe que perde sua supremacia econômica (GRAMSCI, 1991, p.13).

blumenauenses. Segundo Vieira, “no partido só se filiaram trabalhadores. Comerciantes nenhum, no começo. Isto até 1969, com minha candidatura a prefeito municipal começou o partido a ter adesão de pequenos comerciantes de bairro. Isto manifesto” (SIMÃO, 1995, p. 114).

O MDB aparece, então, como um partido que defenderia os interesses populares, já que o empresariado local se decidira pelo partido de situação. O MDB é organizado e seu fundador, Evelásio Vieira, eleito prefeito municipal. No entanto, a maioria dos representantes eleitos para o legislativo pertenciam à ARENA, 12 vereadores entre 14 (ver tabela 1).

Embora a maioria do legislativo eleito estivesse vinculada ao partido que defendia os interesses do governo ditatorial, o fato de ter sido eleito para o executivo o representante do partido de oposição ao regime instalado, demonstrava consciência política perante a situação nacional, mas não relacionada à luta de classe, pois Dieter Hering, um dos proprietários da Cia. Hering (em substituição a Ingo Hering que vinha desde 1951 compondo o legislativo local), é o segundo vereador em número de votos recebidos.

O partido do MDB, segundo entrevista concedida por Renato Vianna

Tabela 1 - Representantes no Legislativo Municipal Por Partido e Número de Votos 1970-1973

Nome dos Vereadores	Partido	Profissão	Nº de Votos
Dieter Hering	ARENA	Industrial	2.195
Oswaldo Malheiros	ARENA	Industriário	1.913
Victor Fernando Sasse	ARENA	Funcionário Público	1.699
Wolfgang Jensen	ARENA	Agroindustrial	1.433
Armando Liberato	ARENA	Economista	1.420
Alfonso S. Theiss	ARENA	Profissional Liberal	1.236
Edgar Paulo Mueller	ARENA	Empresário	1.198
Luiz Antônio Soares	ARENA	Empresário	1.163
Alfonso Oliveira	ARENA	Empresário	1.160
Mário Manske	ARENA	Funcionário Público	1.096
Mario Bagátoli	ARENA	Funcionário Público	1.079
Manoel V. Gonçalves	MDB	Ferroviário	2.393
Nelson Tofano	MDB	Radialista	1.919

Fonte: SIMÃO, 1995.

(1994) para Simão (1995), estava organizado em toda a cidade através dos subdiretórios, que se organizavam a partir da base. Os líderes realizavam reuniões nos bairros e no final era fundado um subdiretório, buscando envolver pessoas de referência na composição da diretoria: trabalhadores, comerciantes, pequenos e médios industriais. As pessoas eleitas passavam a ser líderes naquela reunião e então mantinham um contato mais acentuado com o gabinete do prefeito para reivindicações e postulações da região (1995, p. 115).

Neste sentido, o partido representava a intervenção da população, no seio da qual os subdiretórios são apontados, pelos governantes do período, como um canal de participação na administração municipal. Segundo Vieira, “através dos subdiretórios e do diretório a população apontava as necessidades. O partido era um canal de participação nas decisões locais. Segundo Theiss (1994), esses subdiretórios não funcionavam somente em época de eleições, eram canais de participação das lideranças na definição de prioridades de ações públicas no bairro (SIMÃO, 1995, p. 116).

Apesar, em nosso entender, da população não participar diretamente na definição de prioridades, o que seria possível pela proximidade espacial entre governantes e governados, os membros desses subdiretórios exerciam a função de representantes da população e integrados ao partido, era uma participação, segundo Gramsci, mais completa e orgânica. Ao mesmo tempo em que, através das representações organizadas em subdiretórios, a população participava da administração municipal e tinha, em suas direções, a possibilidade de eleger representantes governamentais orgânicos ao seu grupo social.

Os dirigentes do MDB atuaram, através do partido, no sentido de organizar novos sujeitos, que viessem a se tornar sujeitos políticos, qualificados como dirigentes e organizadores, e, para tanto, perante a população reforçavam a figura do presidente do subdiretório, salientando que a reivindicação e o atendimento se dava pela atuação dos subdiretórios, como nos diz Félix Theiss: “[...]E a gente estava sempre prestigiando os subdiretórios [...] dizendo que a obra saiu por causa do subdiretório” (SIMÃO, 1995, p. 116).

No entanto, a base popular do partido não chegou a eleger representações para o executivo local, que no senso comum ainda é considerada a esfera do governo mais importante. Entre os representantes deste período e de outros, não se teve nenhum prefeito orgânico aos interesses da classe trabalhadora ou popular (ver tabela 2). Demonstrando

Tabela 2  
 Distribuição dos Prefeitos Eleitos pelo (P)MDB, por Profissão e Atividade  
 Exercida nos Anos Precedentes a Eleição à Representação no Governo Local

Ano	Nome	Profissão	Atividade
1970	Evelásio Veira	Radialista	Radialista
1973	Félix Theiss	Administrador de Empresa	Assessor jurídico no governo de Evelásio Vieira
1977	Renato de Mello Vianna	Advogado	Assessor jurídico de empresas privadas e do governo local
1982	Dalto dos Reis	Advogado	Secretário de Finanças do governo de Renato de M. Vianna

Fonte: SIMÃO, 1995.

uma diferença de graus de influência no partido, já que trabalhadores não conseguem indicar uma representação popular, e maior organicidade dos representantes do (P)MDB com o empresariado.

Os prefeitos eleitos pelo MDB não estavam na relação direta com o sistema produtivo e não provinham de bases populares do partido. Esses se destacavam pela atividade que exerciam no poder público. Os subdiretórios davam bases para o destaque de sujeitos políticos, na medida em que os “escolhidos” se faziam conhecidos e se popularizavam através da organização da base do partido.

Enquanto os subdiretórios criavam bases populares, os “escolhidos” pelo alto criavam bases junto aos empresários, garantindo apoio às candidaturas do MDB, lembrando que o vice-prefeito na primeira gestão de Renato Vianna era vinculado à empresa Cremer S.A.

Os governantes mediavam os interesses econômicos dos diferentes segmentos da sociedade civil, pois as políticas e ações não se radicalizavam a ponto de comprometer a função de mediadores. A atuação do partido nos bairros e as propostas de participação popular na administração pública vão sendo “esquecidas”, na medida em que setores mais progressistas, com a abertura democrática, organizam seus próprios partidos, o que esclarece Renato Vianna ao relatar a relação do empresário e o governo local, informação esta coletada por Simão (1995) para fins de elaboração da dissertação de mestrado.

Havia participação de empresários, um governo moderado, sem radicalismos, que procurava, muito mais, pautar as ações num programa em benefício do desenvolvimento social da região, desenvolvimento econômico. E até porque depois se desfez toda essa idéia de esquerdismo, quando do MDB nasceram: o PT, PCdoB, PCB e tantos outros e aí praticamente eliminado qualquer possibilidade de conotação ideológica aqueles que permanecem mais radicalizados (SIMÃO, 1995, p. 118).

O MDB era o partido que aglomerava os descontentes com os rumos do governo instalado, com o regime repressivo e/ou com a sociedade capitalista. Nesse sentido, essa participação era ainda mais política, não se dando apenas com intuito de definições de políticas governamentais. O MDB foi um partido, em Blumenau, que se organizou a partir da filiação dos trabalhadores. Mas, mesmo com a participação dos trabalhadores, essas políticas não vinham ao encontro dos interesses históricos da classe trabalhadora, era a política de desenvolvimento econômico que atendia às necessidades imediatas: mercado de trabalho, e de políticas sociais na esfera da reprodução da força de trabalho.

A prática de gestionar a cidade com a participação dos subdiretórios contribuiu para fazer do MDB um partido que buscava congregar interesses populares e politicamente hegemônicos, em Blumenau, durante 18 anos ininterruptamente. Além da manutenção dos subdiretórios, o governo local mantinha contato com a população através do programa “Prefeito nos bairros”, o qual Vianna definia como administração descentralizada. Mas, essa descentralização era limitada à realização de audiências públicas semanais nos bairros, nas quais verificavam as reivindicações da comunidade. Naquela época a população não se organizava em associações de moradores, pois a liberdade de reunião era restrita pela ditadura instalada no país (SIMÃO, 1995, p. 118). A ação de descentralização está mais próxima do “clientelismo de quadros”, no qual lideranças de destaque da comunidade são consultadas, sem poder decisório sobre políticas e programas a ser implementados pelo governo local. Para que os setores populares tenham poder decisório, é necessária uma sólida organização que represente os interesses da grande maioria, garantindo a descentralização local e que o município passe a ser visto no seu todo. Nesse período, não existiam nem mesmo associações de bairro, muito menos uma forte organização popular autônoma, que além de

definir políticas públicas, também controlasse as ações do governo local.

Tanto a prática de administrar com a participação dos subdiretórios, quanto o programa “Prefeito nos bairros”, começam a enfraquecer no início dos anos 80 e interrompidos na gestão de 1982 a 1989. Evidente que, com a abertura e redemocratização do Estado brasileiro, não seria possível continuar com essa prática de aparelhamento dos organismos públicos a um único sujeito político coletivo (partido, no caso dos subdiretórios). Mas chegava o momento de serem ampliados ainda mais os espaços de participação da população e avançar no processo de democratização, o que não ocorreu na gestão do (P)MDB da segunda metade da década de 1980.

### 3 ORGANIZANDO O CONSENSO ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO

Em Blumenau, o governo local enfrentava a oposição de segmentos -do poder econômico e, conseqüentemente, dos principais meios de comunicação, entre eles a televisão que, através de críticas, tentava colocar a população contra as ações do governo e desestabilizar a administração pública. E, para o enfrentamento dessas críticas, os representantes iam à população e divulgavam, em reuniões organizadas pelos subdiretórios, com apresentação de slides, em todos os bairros da cidade o que estava sendo realizado em todo o município pelo governo local. Nas palavras de Félix Theiss (1995), “Não tinha televisão nos apoiando e nem nada. Então, íamos para esses locais e levávamos slaide, de bairro em bairro, mostrando o que se fazia na cidade” (SIMÃO, 1995, p. 119).

A administração municipal definiu, como prática política, a ampliação da participação, através de consultas, a população e essa se entendia participante da tomada de decisões das ações governamentais. Essa prática política tinha como objetivo o enfrentamento às críticas e a resistência de segmentos da sociedade civil as políticas implantadas pelo governo local. Acontecendo, além dos subdiretórios e do programa “Prefeito nos bairros”, através dos seguintes canais: comissão da saúde, de turismo, trânsito, de ajardinamento e de esportes (somente esta foi organizada antes do primeiro governo do MDB). Essas comissões, formadas por pessoas da sociedade

civil, desenvolviam atividades promocionais de esporte, campanhas de saúde na área rural, sugestões para a organização do trânsito, promoção de atividades para atração turística. Segundo Félix Theiss (1995) "O objetivo com as comissões [...] era a contribuição destas pessoas na preparação de promoções, preparação dos jogos abertos, etc." (SIMÃO, 1995, p. 119). Os presidentes dessas comissões integravam o Conselho de Desenvolvimento de Blumenau, no entanto, apenas no encaminhamento de sugestões e sem direito de votar na definição das ações do conselho, o que possibilitava o controle da participação e a certeza de que as políticas definidas não eram antagônicas aos propósitos do governo local, garantida pela própria composição do conselho que, em sua maioria, eram representantes do governo local.

Durante a administração do período de 1973 a 1977, é organizado o Conselho Municipal de Desenvolvimento de Blumenau (Lei 1.915 de 12 de março de 1973), com o objetivo de assessorar o governo local: 1) sugerindo a realização de obras e a implantação de atividades vinculadas ao desenvolvimento econômico do município; 2) congregando os munícipes para despertar-lhes o interesse e a participação efetiva na solução dos problemas da comunidade; 3) procedendo a estudos gerais objetivando o pleno desenvolvimento municipal nos campos esportivo, turístico e os relacionados com o trânsito, agricultura, saúde e assistência social; 4) promovendo a integração dos trabalhos desenvolvidos individualmente pelas diversas comissões, tendo em vista o bem-estar da comunidade.

Esse Conselho é formado no período de implantação do plano diretor que instituiu novas regras de desenvolvimento urbano. Nesse sentido, era necessário utilizar-se do Conselho e das comissões, que colocavam setores populares e o empresariado em contato com a administração municipal, para a organização do consenso. As novas normas do plano diretor, as mais polêmicas, atingiam os interesses econômicos, tais como: a definição do tamanho dos terrenos; espaçamento entre uma construção e outro (um prédio não mais poderia ser construído até a extremidade do terreno, sendo necessário espaçamento entre uma construção e outra), ou seja, regulamentação do uso do solo e do parcelamento da terra; regulamentação de edificações; do sistema viário, que previa o desenvolvimento do sistema de anéis viários que ligariam os bairros da cidade, provocando discussões e conflitos de interesses, pois esses provocariam um redimensionamento da

cidade. Terrenos seriam indenizados, projetos de investimentos frustrados por não mais se localizarem em pontos estratégicos. Estas medidas não eram de interesse da especulação imobiliária que tudo fazia para inviabilizar a aprovação do mesmo. Assim, segundo Félix Theiss (1995)

Entre os objetivos do Conselho era dar força a reação que a cidade criou em relação às normas do plano diretor e o respaldo de pessoas da comunidade para medidas que eram, aparentemente, antipáticas. Esse Conselho nos dava um certo respaldo, porque penetrava na associação comercial, ex-prefeitos, sindicatos e outros. O objetivo foi aparar as arestas de resistência (SIMÃO, 1995, p. 120).

Também estava prevista, pelo primeiro plano diretor da cidade, a vedação a qualquer pessoa física ou jurídica o lançamento de quaisquer resíduos, direta ou indiretamente aos cursos d'água, lagoas, tanques e represas, sem a prévia autorização do órgão competente da Prefeitura Municipal. Assim, para que obtivessem autorizações, as empresas tiveram que desenvolver tratamento de efluentes e qualquer outra forma de combate à poluição. Logicamente, os empresários se mostraram resistentes às novas medidas por considerarem um investimento de alto custo. Também, preocupado com a preservação do meio ambiente, o governo local, em 1977, criou um departamento de Assessoria ao Meio Ambiente, o primeiro em Santa Catarina.

Apesar de toda a participação, o plano diretor só foi aprovado pelo legislativo, no governo de Renato Vianna, em 1977, quando o MDB tinha maioria na Câmara.

O Conselho deveria promover a integração dos trabalhos desenvolvidos individualmente pelas diversas comissões, instituídas pelo governo municipal, assim como proceder ao exame, priorização e implementação das sugestões oriundas de instituições, grupos ou cidadãos estabelecidos no município de Blumenau, submetendo ao executivo aqueles julgados procedentes. A composição do Conselho previa 07 representantes governamentais e 03 representantes da sociedade civil: vice-prefeito (presidente); um vereador representando a Câmara Municipal; secretário Municipal de Agricultura; secretário de Saúde e Bem-Estar Social; secretário da Educação e Cultura; secretário de Obras e Serviços Urbanos; assessor do

Planejamento do Município; um professor, representante da Fundação Universidade Regional de Blumenau; um representante da Associação dos Engenheiros do Vale Itajaí e um representante da Associação Comercial e Industrial de Blumenau. Os representantes da sociedade civil eram nomeados pelo prefeito, a partir de uma lista tríplice, eleitos pelas entidades de origem, mantendo, assim, possível controle da participação de sujeitos que estivessem aliados aos interesses do governo, pois a participação, neste conselho e no Conselho de Desenvolvimento Econômico, é, assim, controlada através da escolha final feita pelo executivo municipal.

Neste conselho, composto em sua maioria por representantes governamentais, não havia a participação da classe trabalhadora, que apenas poderia encaminhar sugestões, através das comissões, sem participar nas decisões. Mesmo que houvesse a integração dos sindicatos na composição dos conselhos, não havia espaço para a defesa dos interesses históricos da classe trabalhadora. Neste período, eram todos cooptados pela classe patronal e controlados pelo regime militar. A composição do Conselho sofreu a primeira alteração no período de 1989 a 1992, da qual passaram a fazer parte representante dos sindicatos de trabalhadores e da associação de micro e pequenas empresas.

A política central dos governantes de Blumenau, neste período ditatorial brasileiro, foi o desenvolvimento econômico através de incentivos econômicos e fiscais a indústrias que viessem a se instalar no município ou a ampliação da empresa que significasse maior absorção de mão-de-obra. Essa política, segundo o governante da época, Evilásio Vieira (1995) foi repudiada pela classe empresarial local. "Havia empresas que não queriam instalação de novas empresas em Blumenau porque haveria competição salarial" (SIMÃO, 1995, p. 122).

Os representantes, que anteriormente estavam organicamente vinculados ao empresariado local e à cidade, no final deste período, já enfrentavam o problema social do desemprego. No discurso proferido na Câmara Municipal, pelo suplente de vereador, Armando Bauer Liberato, em sessão do dia 28.06.1966, propunha-se a formação de uma companhia, formada por representantes do legislativo, executivo, Associação Comercial e Industrial, Inter-sindical (dirigida por Aldo Pereira de Andrade), Faculdade de Ciências Econômicas e bancos, com o objetivo de conseguir recursos, na qual fosse possível, para aplicá-los em indústrias que quisessem se expandir

e criar novos empregos. Esta companhia deveria atuar junto a estabelecimentos de crédito e investimentos oficiais e particulares. Mesmo estando explícita na fala de Armando Bauer Liberato a falta de emprego na cidade, a proposta feita não contemplava o incentivo à instalação de novas empresas e sim à ampliação das já existentes. Estando esse sujeito vinculado ao partido da UDN, pode se inferir que o empresariado não era favorável à abertura de novas indústrias em Blumenau. No pensamento de Gramsci, quando “a burguesia se apresenta como obstáculo para o desenvolvimento da sociedade, os intelectuais tradicionais tendem progressivamente a separar-se dela e desenvolver vínculos com a classe trabalhadora [...]” (SIMIONATTO, 1993, p. 111). Isso poderia explicar o fato de os representantes, vinculados ao MDB, terem construído suas bases junto aos setores populares.

Os trabalhadores viam o MDB, segundo o primeiro prefeito eleito por este partido, como instrumento de luta pelo retorno à democracia, do respeito aos direitos humanos e de luta pelo desenvolvimento. Esse último se deu com a política desenvolvida pelo governo local através do incentivo econômico e fiscal para instalação de novas empresas e, conseqüentemente, de novas oportunidades de emprego. Na época, o mercado de trabalho era insuficiente para absorver a mão-de-obra existente. Segundo os dois prefeitos do período de 1970 a 1977, os trabalhadores blumenauenses passavam por um período de escasso emprego e instabilidade econômica, e ainda com salários pouco relevantes, pois o contingente de oferta de mão-de-obra era relativamente grande. A partir dessas observações, pode se dizer que havia um exército industrial de reserva, provocando a desvalorização da força de trabalho através de baixos salários e facilidade em substituí-la, pois já havia sido instituído o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e o fim da relativa estabilidade de emprego, além de toda a política recessiva do governo central.

Os governantes de Blumenau, vinculados ao MDB e, após, PMDB, tiveram como principal política o desenvolvimento econômico a diversificação da indústria. Criaram-se mecanismos de participação da sociedade civil, principalmente da classe patronal, na definição das empresas que receberiam incentivos econômicos e fiscais. O governo local continua, assim, organizando o consenso e mediando interesses econômicos através de mais um canal: o Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico, criado pela Lei 1.672 de 31 de agosto de 1970, de cunho deliberativo e com a participação de 02 representantes do governo e 05 representantes da sociedade civil: um representante da Associação Comercial e Industrial de Blumenau; um representante do Sindicato Patronal; um representante

da FURB; um representante da associação de Engenheiros do Vale do Itajaí e um representante do Sindicato dos Trabalhadores. Pela composição desse conselho, percebe-se que a classe empresarial é que detém a maioria, com dois representantes organicamente vinculados a esta. E, ainda, duas representações, da associação dos engenheiros e da universidade, que mesmo não estando em relação direta com o mundo da produção, estariam defendendo os interesses dos empresários. É de se lembrar que a universidade nasceu de demanda das empresas locais. De especialistas, passam a dirigentes na medida em que se integram na vida política, mediada pelos sujeitos políticos coletivos que representam e pelo próprio conselho, contribuindo na organização do consenso de que o governo local atendia aos anseios populares através de benefícios e estímulo ao desenvolvimento econômico. A principal política de gestão da cidade servia aos interesses dos detentores do capital e para a classe trabalhadora significava, nada menos, que a criação de alternativas de emprego para garantir o mínimo de sua sobrevivência.

O objetivo era estabelecer incentivos econômicos e estímulos fiscais para empresas que se estabelecessem no município ou ampliassem de forma expressiva sua capacidade de produção e de demanda de mão-de-obra. Os estímulos e incentivos eram: isenção de impostos municipais, pelo prazo de até cinco anos; execução no todo ou em parte dos serviços de terraplanagem e infra-estrutura do terreno, necessários à implantação ou ampliação pretendidas; destinação de áreas de terras em locais adequados, na periferia da cidade; isenção de taxas sobre a construção ou a ampliação das instalações e prorrogação do prazo para recolhimento dos tributos municipais no prazo de trinta dias contados da data dos seus respectivos vencimentos (Lei Nº1.672). Além destes incentivos, segundo Evilásio Veira (1995),

[...] eram conseguidas com a Celesc a instalação da rede elétrica no local, escolas mais próximas da fábrica para o filho do empregado, prefeitura dava todo o apoio e saíamos para fora ao encontro de pessoas que tivessem interesse em se instalar em Blumenau, inclusive no exterior. (SIMÃO, 1995, p. 124).

Das trinta e uma empresas que receberam incentivos entre o período de 1970 a 1989, apenas quatro são do setor têxtil, entre elas: a Cremer S/A.; Cia Hering; Artex S.A. e Malharia Thiemann Ltda., esta a única não pertencente

ao grupo das grandes empresas e cinco são multinacionais: Albany (Canadá); Coca-cola; Cotrisul (Alemanha) e Ártico (Alemanha). A maioria das empresas, que receberam incentivos do governo local, não pertenciam ao ramo têxtil, o que significou a diversificação da indústria em Blumenau, mas, assim, o governo continuava resguardando os interesses das grandes indústrias locais na medida em que não estimulava a concorrência. Os incentivos, do governo local, ao desenvolvimento econômico, também se estendiam à agricultura através do aluguel de tratores, a preço de custo, adquiridos pela prefeitura, mesmo que o percentual da população rural, em 1970, fosse de apenas 13,7%.

As empresas multinacionais se instalaram, em Blumenau, no período de 1973 a 1976 (nesta época Félix Theiss era o prefeito de Blumenau, o único entre os governantes vinculados ao MDB que era de origem alemã). Enquanto, pelo governo local, às empresas multinacionais era garantida a infra-estrutura básica e uma mão-de-obra qualificada, pelo governo central era (ALVES, 1987, p. 76) assegurada a possibilidade de essas empresas contribuírem no fortalecimento das matrizes, que permanecem nos países de origem, através da não existência de limites à percentagem de capital registrado que poderia ser remetida como lucro (Lei nº 4.390/29/08/1964); redução de 30% para 15% seus impostos sobre lucros, caso estes fossem destinados a um fundo para reinvestimento em instalações industriais; isenção de impostos à importação de maquinaria ou equipamento classificado como investimento estrangeiro direto, utilizados em projetos considerados de interesse do desenvolvimento do país. Além dos incentivos fiscais estabelecidos pelo governo militar, foi criada uma legislação de controle das greves e uma regulamentação dos reajustes salariais como forma de atrair os investidores estrangeiros.

A prática política dos governantes locais, do período do bipartidarismo, se diferenciava da dos militares e seus tecnocratas, apesar da principal política, desenvolvimento econômico, ser a mesma. Enquanto a ditadura usava de recursos repressivos e aparelhos de dominação, entre eles a criação de conselhos governamentais, o uso desses se dava de forma diferenciada. Em nível local, com representantes oriundos do partido do MDB, o Conselho de Desenvolvimento Econômico tinha, objetivando organizar o consenso, a participação de todos os segmentos da sociedade civil e visível a essa mesma sociedade. O mesmo não acontecia nos conselhos organizados pelo governo central que integravam, segundo Ianni, o sistema, que era e não era o governo, que era e não era ditadura, que era e não era o Estado, aparecia, concretizava-

se para todos e a cada um, nas operações do Serviço Nacional de Informações, nas atuações da Secretaria de Comunicação Social (Secom), e na atividade da Secretaria Especial de Informática (SEI), nas decisões do Conselho de Segurança Nacional (CSN), Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI), Conselho Nacional de Política Salarial (CNPS), Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE), Conselho de Desenvolvimento Social (CDS) e muitos outros órgãos do Poder Executivo (IANNI, 1981, p. 185).

Toda a política de desenvolvimento econômico do governo, em nível local e central, vai atender aos interesses da classe dominante. Assim, as duas esferas se complementam. Na local, o empresariado contava com uma infra-estrutura mínima - terreno, terraplanagem, isenção de impostos urbanos, e qualificação de mão-de-obra e, no central, entre outros, a definição de uma política salarial que possibilitava maior extração de mais-valia com o arrocho salarial. Os dados, relativos a 1972, mostram como as empresas multinacionais beneficiaram-se bastante da política governamental em favor da modernização, racionalização, reversão de expectativas ou produtividade. Mesmo que contrários aos interesses da elite econômica local, os representantes do executivo local buscavam a instalação de empresas estrangeiras que pagavam salários um pouco mais altos que as nacionais, o que elevou o valor da mão-de-obra local, pela disputa no mercado. Mas esses mesmos representantes passaram a estimular a inserção de maior número de cidadãos nesse mercado. Para tanto, estruturaram escolas profissionalizantes, pré-profissionalizantes e estimularam a integração das donas de casa no mercado de trabalho.

O governo local, em última instância, favorecia, mais uma vez, o acúmulo de capital. Poderia ter o governo local incentivado a estruturação de micro e pequenas empresas nas quais o trabalhador tivesse a possibilidade de tornar-se autônomo e a consolidação de organizações de classe com a finalidade de ser construída uma vontade política coletiva. Quando o governo incentiva a instalação de indústrias estrangeiras e a diversificação do mercado local, está, concretamente, contribuindo para a concentração de capital, pois não entra em choque com a elite econômica local e, ao mesmo tempo, dificulta o aparecimento de pequenas indústrias têxteis, tendência cultural da cidade. O trabalhador de fábrica de Blumenau estaria com experiência acumulada e conhecimento para iniciar atividades nesse ramo.

Logo que ocorre o golpe, como visto, os representantes orgânicos da elite econômica passam a se vincular ao partido que defende o governo instalado: ARENA. No entanto, na segunda gestão do MDB, o vice-prefeito, Alfredo Iten, era diretor da Cremer S.A., o que demonstra, no mínimo, uma cisão da elite econômica local. Lembre-se, ainda, de que a empresa Cremer S.A. foi a primeira indústria a se beneficiar dos incentivos fiscais e econômicos do governo local e mencionada, pelo terceiro representante deste período, como uma empresa simpatizante do partido do MDB.

Mesmo que a elite econômica local se beneficiasse da política recessiva do regime militar, era ainda mais conveniente à democracia que colocasse o mercado como regulador. Também a política de desenvolvimento econômico, implantada pelo governo local, interferia nas relações de mercado, já que o exército de reserva seria diminuído pela ampliação das frentes de trabalho e concorrência da mão-de-obra qualificada com as empresas estrangeiras que tinham melhores salários. No entanto, o governo local também atua no sentido de ampliar a oferta de mão-de-obra, em última instância, do valor da força de trabalho, que seria novamente regulada pelo mercado de trabalho. Para os empresários de Blumenau, o governo deveria apenas promover estruturas para o desenvolvimento e serviços que o mercado não pudesse prover. Essa foi a postura dos governantes anteriores que apenas se detiveram a desenvolver meios de comunicação, energia, escolas e serviços de saúde. Quando os governantes deste período começaram a estimular a instalação de empresas no município, contrariavam os interesses do empresariado mais conservador da cidade. Talvez esse tenha sido o motivo dessa política se restringir apenas a uma administração - de 1973 a 1977 -, período de instalação de empresas internacionais na cidade. As demais centraram-se em políticas de reprodução da força de trabalho e nos meios de comunicação (principalmente na pavimentação e abertura de ruas).

O ideal da democracia de mercado estava ainda mais ameaçado pela concentração de capital em grandes monopólios, “[...] a redução dos efetivos níveis de proteção e o fim de crédito subsidiado durante as crises de liquidez facilitava às empresas estrangeiras a compra de firmas brasileiras falidas” (ALVES, 1987, p. 75). Muito embora não estivesse colocada, na ordem do dia, a falência de empresas blumenauenses e sua venda a empresas estrangeiras (o que veio acontecer no final da década de 80 com as empresas TEKA S.A. e ARTEX S.A., quando a maioria acionária passou a pertencer a grupos financeiros internacionais), o empresariado local já se

preocupava com a formação de monopólios e a conseqüente desnacionalização da economia como característica do modelo econômico brasileiro. E, ainda, deve ser lembrado que, nas primeiras 4 décadas deste século, havia, em Blumenau, forte tendência nacionalista nos movimentos políticos, que extrapolavam o local, liderado por sujeitos políticos orgânicos ao empresariado e novamente se manifesta com a vitória do PSD e MDB que tinham, nacionalmente, propostas nacionalistas.

### 3.1 Participação Popular no Desenvolvimento

Mesmo que os trabalhadores pudessem reagir contra o regime instalado, elegendo governantes, no local, oriundos de um partido, o MDB, que defendia o retorno da democracia, não significava que seus interesses históricos estivessem defendidos. A política adotada, pelo governo local, de desenvolvimento econômico, levou à estruturação de uma rede de serviços e políticas sociais, como creches para filhos de mães trabalhadoras, ampliação das escolas municipais, incentivo à ampliação de cursos de nível superior, cursos profissionalizantes e pré-profissionalizantes.

Em 1967, no governo Curt Zadrozny, foram construídos os primeiros centros sociais em Blumenau, localizados no bairro Fortaleza e Rua Araranguá (Boletim Oficial nº 44 -Município de Blumenau de 31/08/1967). Os centros sociais prestavam atendimento ambulatorial e recreação infantil para crianças de 5 a 6 anos. É a partir do governo de Evelásio Vieira, que a construção de centros sociais se torna uma das políticas centrais para o desenvolvimento econômico.

No período de 1970 a 1972, foram instalados mais de 20 centros sociais. Passaram a ser oferecidos, além do serviço de creche<sup>4</sup>, cursos pré-

---

4 No decreto 5.452/43 na CLT, estava prevista a necessidade de empresas com mais de 30 funcionárias manterem o serviço de creche e no art. 389, § 2º, dizia que a exigência da creche, com atendimento restrito ao bebê, poderia ser suprida por creches distritais mantidas diretamente ou mediante creches próprias, convênios com entidades públicas ou privadas, a cargo do SESI, do SESC, da LBA ou de entidades sindicais. Essa exigência é complementada pelo art. 397 que regulamentava os convênios e pelo 399, que conferia diplomas para empresários que mantivessem creches. No entanto, essa legislação só foi regulamentada em 1971, pela portaria 1/71 do Ministério do Trabalho que dispunha sobre normas para a instalação e a celebração de convênios para a criação de creches nas empresas, levando-as a recorrerem aos serviços existentes ou a organizarem suas próprias creches.

profissionalizantes, prestação de assistência às famílias em estado de carência, através de “equipe de damas da sociedade” e foram organizados os clubes de mães, objetivando:

congregar as mães da comunidade para lhes proporcionar conhecimento e técnicas diversas, que lhes permitissem melhor nível dentro do ambiente familiar; envidar esforços no sentido educativo de formação do caráter e da personalidade feminina, despertando amor ao trabalho; e inculcar no espírito das participantes o sentido da vida comunitária, ressaltando o valor da cooperação e do prazer útil em sociedade (SIMÃO, 1995, p. 131).

Nos centros sociais e no Centro de Ensino Profissional, localizado e mantido no bairro Garcia, o governo local, através da Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social do Município de Blumenau, (hoje desenvolvidas pela Secretaria de Educação) desenvolveu políticas no sentido de formar e preparar mão-de-obra para o mercado de trabalho, promovendo cursos profissionalizantes (marcenaria, mecânico de máquinas industriais, eletricitista, etc.) e pré-profissionalizantes (corte e costura, etc).

O regime ditatorial, partindo da premissa de que se agravavam os problemas decorrentes do acelerado processo de urbanização no Brasil, exposição de motivos nº 004/75 do Conselho de Desenvolvimento Social, recomendava a implantação de unidades integradas de prestação de serviços sociais e de promoção de atividades comunitárias (AMMANN, 1981, p.121). Assim, também em Blumenau, os centros sociais (que recebiam esta denominação para se diferenciarem dos Centros Sociais Urbanos (CSUs) desenvolvidos por governantes vinculados à ARENA) objetivavam aumentar a participação da população no processo de desenvolvimento urbano, percebido claramente no objetivo dos clubes de mães.

Essa participação se dava através da prestação de serviços de creche, saúde - ambulatórios na periferia da cidade; lazer - canchas de bocha, esporte comum entre os migrantes - e, na área do trabalho, - treinamentos profissionais através de cursos profissionalizantes (marcenaria, mecânico de máquinas industriais, eletricitista, datilografia etc.) e pré profissionalizantes (corte e costura, pintura, manicura e pedicura, cabeleireiro, etc.). Esses serviços eram oferecidos nos chamados centros sociais.

No início da gestão - 1977 a 1982 - havia 20 centros sociais, passando, no final da gestão, a vinte e cinco; até 1976, existiam duas creches e, em 1982, 14. Nas creches, as crianças recebem assistência médica, através de médicos-pediatras pagos pela Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social, cuidados de enfermagem, alimentação apropriada para a idade, além de tarefas educativas e recreativas. Em 1988, existiam 29 creches e 33 centros sociais, nos quais funcionavam, além das creches, ambulatórios médicos e 05 gabinetes odontológicos (também distribuídos em 18 escolas).

A participação da população, pretendida pelo governo local no desenvolvimento de Blumenau, não foi apenas a preparação e liberação de força de trabalho através dos serviços oferecidos por meio dos centros sociais. O centro social também era utilizado como espaços de reunião com a comunidade para a definição de programas sociais. Assim, foi sendo substituída participação que se dava através dos subdiretórios, do partido do MDB. Através desses centros sociais, o governo local facilmente acessava a população, pois muitos eram os usuários. No entanto, não significava que essa participação tivesse um cunho deliberativo e ainda, mais longe de

[...] tomar parte nas decisões macrossocietárias que determinam a produção e a distribuição dos bens da sociedade, dispor e usufruir desses bens na dimensão em que aquelas classes contribuem para a geração do produto ao invés de, como permitem os CSUs, receber alguns residuais, segundo critérios, opções e interesses das classes hegemônicas das sociedades civil e política (AMMANN, 1981, p. 122).

Aos trabalhadores tais políticas favorecem apenas no sentido da liberação, principalmente da mulher, para o mercado de trabalho, o que significava o aumento da renda diminuída com o processo de pauperização decorrente da política recessiva do governo central. A mulher, com creches (no interior dos centros sociais) que atendiam seus filhos, passava a oferecer sua mão-de-obra no mercado de trabalho. Nesse sentido, estava o governo local, através das creches, contribuindo com os empresários que se liberavam do encargo dos serviços de creches e garantindo a produtividade da mão-de-obra feminina que não se preocupava com seus filhos, enquanto trabalhava, pois estavam sob a guarda do Estado local.

Nas primeiras administrações do MDB, os governantes abriram espaços de participação, através dos quais havia mediação entre interesses econômicos dos diferentes segmentos da sociedade civil. Foi também, neste período, até o final da década de 70, que trabalhadores e populares começaram a participar da vida pública de forma concreta, atendendo, assim, ao segundo momento na construção de uma vontade política coletiva. Estavam trabalhadores e populares solidários com os interesses econômicos da classe, visando alcançar uma igualdade político jurídica com o empresariado, reivindicando o direito de participar na administração pública. Mas, entre os canais de decisão, os conselhos, dos três analisados, somente um previa a participação de organizações sindicais de trabalhadores ou mesmo de outra forma de organização popular. E, durante o período de 1982 a 1988, não houve vontade política do representante do executivo em ampliar ou, até mesmo, estimular a participação em esferas da administração pública. Os Conselhos de Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento de Blumenau não tiveram expressão nessa gestão. Nesse período um novo conselho foi organizado - conselho municipal de saúde -, mas, apenas para atender à nova legislação que inclinava para a descentralização administrativa.

Tabela 3  
Distribuição dos Votos aos Partidos da ARENA, MDB e PDS, PMDB: 1969 -1982

Ano	Candidato	Partido	Nº de Votos	%	Diferença
1969	Evelásio Vieira	MDB	15.441	50,3%	241 = 0,7%
	Marco Henrique Buechler	ARENA	15.200	49,6%	
1973	Félix Theiss	MDB	17.625	53%	2.557 = 6%
	Jaison Barreto	MDB	5.135	47%	
	Victor F. Sasse	ARENA	6.944		
	Aldo P. de Andrade	ARENA	13.259		
1976	Renato de M. Vianna	MDB	24.282	42,9%	2.962 = 5,2%
	Milton Pompeu	MDB	5.475	9,6%	
	Victor F. Sasse	ARENA	16.960	29,9%	
	Oswaldo Fidler	ARENA	6.317	11,1%	
	Jonas Neves	ARENA	3.518	6,2%	
1982	Dalton dos Reis	PMDB	24.026	30,1%	11.463 = 14,9%
	Evelásio Vieira	PMDB	21.499	27,01%	
	Victor F. Sasse	PDS	26.537	33,3%	
	Vinício Luiz Fiamoncini	PDS	5.337	6,7%	
	Marcos Henrique Buechler	PDS	2.188	2,7%	

Fonte: SIMÃO, 1995.

## 4

GOVERNO LOCAL  
NA DÉCADA DA REDEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS

Com a redemocratização do país, é feita a reforma partidária e reinstituído o pluripartidarismo, assim, outros partidos são organizados<sup>5</sup> e, ao mesmo tempo, os diferentes segmentos da sociedade civil vão se fazer presentes na disputa pelo governo local.

Em 1982, a exemplo de muitas prefeituras do país e importantes estados, como Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, os eleitores elegem governantes vinculados ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Era o processo de transição democrática que colocava a saída para a crise econômica, que o regime militar prometera solucionar, negociada pelo alto.

A medida maior do projeto de abertura foram as eleições de 1982, fazendo com que setores oposicionistas participassem diretamente do processo de gestão da crise econômica, isto é, a repartição do poder significava a repartição das responsabilidades com a crise que não foi solucionada pela política do regime militar, mas preparou para a internacionalização da economia na medida em que facilitava a instalação de empresas internacionais no país. Mas o povo brasileiro elege os governantes vinculados ao PMDB aspirando a mais completa redemocratização do país. Em Blumenau, mais uma vez, foi eleito representante do executivo local o candidato vinculado ao partido do MDB, Dalto dos Reis, advogado, com uma diferença de 14,9% (ver tabela 3) para os candidatos do PDS.

Essa diferença, bem maior que nas eleições de 1970 a 1977, pode ser explicado pela conjuntura nacional, – na qual o MDB aparecia como partido aglutinador dos anseios da maioria da população brasileira, apesar do crescimento constante desde a primeira eleição a prefeito.

---

<sup>5</sup> Os partidos organizados em Blumenau, na década de 1980, foram: Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), em 1981, Partido Democrático Trabalhista (PDT), em 1981, Partido Trabalhista Brasileiro, em 1981, Partido dos Trabalhadores (PT), em 1981, Partido Social Democrático (PDS), em 1981, Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1986, Partido da Frente Liberal (PFL), em 1986 e Partido Liberal (PL), em 1987, Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), em 1988.

Tabela 4 - Crescimento, em votação, do Partido dos Trabalhadores

Ano	Nome	Votação	Votos Válidos	%
1982	João Luiz Bernandes	355	80.393	0,44
1988	José dos Reis Garcia	574	103.619	0,5
1992	Volir Nazário	19.079	111.675	17

Fonte: SIMÃO, 1995.

Contraditoriamente, essa administração ocorre no período da abertura democrática brasileira e é a mais centralizadora de todas as administrações do MDB que ocorreram no período ditatorial.

## 4.1 Do Local para o Regional

Os governantes da década de 80 estiveram vinculados ao PMDB no período de 1982 a 1988, e a coligação PDS, PFL e PL, no período de 1989 a 1992, no entanto, é um novo partido, PSDB, que veio a ter maior crescimento, no direcionamento de votos, ficando em segundo lugar, com 25.340 votos, na eleição realizada em 1988. Essa tendência à mudança da direção no executivo local acentuou-se a partir da greve de março dos trabalhadores blumenauenses, no ano de 1989, desde então o PT começa a se fazer presente na correlação de forças da sociedade civil local. O PT em 1982 recebeu 0,44% dos votos de eleitores blumenauenses, 10 anos após conseguiu aglutinar 17% dos votos válidos.

Durante a década de 80, o PT foi mais um partido sem expressão, mas, na entrada da década de 90, passa a se fazer presente na correlação da força local. Esse partido representa o avanço da consciência da classe trabalhadora de Blumenau, que rompe com a indiferenciação de classe reforçada pelo o empresariado como estratégia de manutenção da hegemonia, concedendo, inclusive, ao MDB, o poder governamental durante quase todo o período ditatorial, instalado, no país, em 1964. Os trabalhadores blumenauenses entram na década de 90 com duas primeiras representações, para o Poder Legislativo local.

A superação da consciência meramente econômico corporativa e a solidariedade de interesses econômicos se evidenciam, inclusive, pelo

Tabela 5 - Distribuição dos Representantes do Legislativo Local por Número de Votos e Partido 1993 - 1996

Nome	Votos	Partido
Antonio João Nunes	1.022	PMDB
Arlindo Antonio de Franceschi	976	PSDB
Braz Roncaglio	1.343	PFL
Caleb Zaniz	1.335	PFL
Celio Scholemberg	1.771	PT
Decio N. de Lima	1.812	PT
Deusdith de Souza	1.598	PMDB
Djalma Jansen	2.154	PFL
Erno Bublitz	1.292	PSDB
Fernando de M. Vianna	1.794	PMDB
Hasso Rolf Mueller	1.245	PL
Ismael dos Santos	1.906	PSDB
Ivo Hadlich	974	PMDB
João Ernesto Batista	1.037	PMDB
Marco A. G. M. Wanrowky	1.027	PSDB
Odilon Jose de Souza	1.137	PDS
Raul Clemente Pereira	976	PMDB
Salezio Stahelin	950	PDS
Valdir Jose Matias	926	PSDB
Yara Luef	1.083	PMDB

Fonte: SIMÃO, 1995.

Tabela 6 - Distribuição dos Votos aos Partidos na Eleição de 1988

Ano	Candidato	Partido	Nº de Votos	%
1988	Vilson P. Kleinübing	PDS/PFL/PL	51.875	50,06%
	Vilson L. de Souza	PSDB	25.340	24,45%
	Renato de M. Vianna	PMDB/PDC	24.054	23,2%
	Pedro Cascaes Filho	PTB	1.313	1,2%
	José dos Reis Garcia	PT	574	0,5%
	Jaime da S. Telles	PDT	297	0,2%
	Antonio Carlos Nascimento	PCB	166	0,1%

Fonte: SIMÃO, 1995.

movimento de que emergem os vereadores eleitos: Célio Scholemberg (quinto vereador mais votado), orgânico aos movimentos populares, e Décio Nery de Lima (terceiro vereador mais votado), vinculado ao movimento sindical, ambos eleitos pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Durante o governo repressivo, a elite econômica local mantinha diálogo direto com o governo central, não necessitava do parlamento para que seus interesses fossem assegurados. Concretizado o fim do regime repressivo, torna-se necessário, à elite econômica local, garantir a representação nas diferentes esferas do governo e a defesa de seus interesses. Com a restauração da democracia, Victor F. Sasse, que vinha sendo candidato pela ARENA desde 1973, se elegeu, em 1988, vice-prefeito na chapa de Vilson Kleinunbing<sup>6</sup>, vinculados ao PDS e PFL, claramente apoiados por grandes empresários de Blumenau. Tinha-se, então, um novo mediador dos interesses, definido pela elite local.

Fatos conjunturais contribuíram para a concretização do projeto político da elite local e seu candidato eleito fosse com 50,06% dos votos válidos. Destacam-se alguns fatos: 1) enfraquecimento do PMDB com sua divisão em outros partidos; 2) a proposta, divulgada durante a campanha, do candidato da Coligação PDS, PFL e PL, Vilson Kleinunbing, de administrar com as associações de moradores, -- as quais começam a ser organizadas em Blumenau no início da década de 80 e se difundiram a partir do programa do leite do Governo Federal, no período Sarney -- atendendo ao anseio popular de ampliação de democracia participativa e destacando um dos limites da última administração do prefeito eleito pelo PMDB; 3) a necessidade do empresariado em interferir em diferentes esferas do governo.

Na administração 1989/1992, os setores populares participam, sem poder deliberativo, através de reuniões realizadas nos bairros, com a presença do prefeito e secretariado. Durante o período de campanha eleitoral, foi organizada a maior parte das associações de moradores, através de "cabos eleitorais", sendo o fato justificado pelo programa de governo, o qual propunha que todas as ações fossem definidas em conjunto com as associações de moradores e que nenhum cidadão seria atendido individualmente. Após dois meses de administração, aproximadamente, tal prática foi esquecida.

Ao término dos dois primeiros anos de administração, assumiu o vice-prefeito, pois o prefeito foi eleito para o governo estadual. O prefeito

em exercício retomou a consulta à população através de reuniões nos bairros, organizadas pelas associações de moradores, e criou a Secretaria de Ação Comunitária como um departamento de assessoria às organizações de moradores. Foi também nessa administração (PDS/PFL) que foram criados os conselhos municipais deliberativos da Criança e do Adolescente e Saúde, criados por exigências da política de descentralização do governo central.

Mas, o projeto não era a simples ocupação do governo municipal, mas sim criar bases para sua candidatura ao governo do estado de Santa Catarina nas eleições de 1991 e, em 1994, eleger-se senador, estando, então, na esfera do Estado que mais interessa ao empresariado local. Em Blumenau, há um poder econômico forte, e as grandes empresas não se relacionam diretamente com o governo local, mas se articulam com o governo estadual e central, pois a relação dessas empresas, no que se refere ao mercado, se dá com o mercado nacional e internacional e não localmente, necessitando, portanto, dialogar com o governo central. No governo local, a interferência é no sentido de reprodução da força de trabalho e esta é negociada, articulada, na maioria, com a própria classe trabalhadora.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que os trabalhadores adquiriram consciência da solidariedade de interesses entre todos os membros da classe, reivindicam o direito de se fazer representar no governo local. Na entrada da década de 70, um sujeito político vinculado a um sujeito político coletivo, organizado por trabalhadores e populares, foi eleito representante do Executivo local. E depois deste fato não mais se teve, no Executivo local, representantes orgânicos ao empresariado e, após 1977, nem mesmo no Legislativo local.

Nestas duas décadas, 70 e 80, foram organizados, pelo governo local, espaços de participação popular, o que atendia à reivindicação dos trabalhadores de participação na administração pública. Os novos sujeitos políticos representantes no governo local não se vinculavam diretamente ao processo produtivo e, uma vez no governo, tentaram colocar-se como mediadores de interesses de classe. Mas, na década de 80, esta mediação vai se distanciando dos interesses dos trabalhadores e populares, na medida em que vão evoluindo na construção de sua identidade e os governantes

ainda mais se vinculam aos interesses do empresariado.

Em 1989, aconteceu a grande greve de março, onde pela primeira vez todos os trabalhadores blumenauenses paralisaram suas atividades. É o marco de um novo momento da consciência de interesses da classe trabalhadora para além dos interesses corporativos. E passam da esfera da estrutura para a esfera das superestruturas complexas, fortalecendo o partido que nascera aliado, orgânico aos interesses dos trabalhadores. Embora o Partido dos Trabalhadores (PT) já tivesse sido organizado no início dos anos 81, é na década de 90 que toma força e se faz presente na vida política de Blumenau, conforme mostrou o resultado eleitoral de 1992, quando o PT fez jus a 16% dos votos.

O avanço obtido no resultado eleitoral em 1992 não é apenas resultante da conjuntura, já que nas eleições para Deputado Estadual do corrente ano (1994), este quadro tende a se repetir: 16.763 votos distribuídos em dois candidatos - Décio Nery de Lima, 10.824 votos e Volir Nazário, 5.939 votos - significando a manutenção da proporcionalidade em número de votos. Em Blumenau existia em 1995, 147.417 eleitores, no entanto, a votação para deputado estadual acusou 14.707 votos em branco e 35.831 nulos, restando apenas 96.879 votos válidos, alcançando o PT um percentual de 17,3%. Por falta de quarenta e sete votos, não se elegeu Décio Lima a Deputado estadual.

Também devem ser considerados, como mais uma referência para o crescimento do PT e para a diferenciação de interesses de classes, os resultados locais à presidência da República. Nos resultados dos votos dirigidos aos candidatos, em Blumenau, o candidato do PT, Luiz Inácio da Silva, recebeu 30.119 votos e o candidato do PPR, Esperidião Aminn, recebeu 29.788 votos, o que significa uma diferença de 331 (0,3%), sobre o universo total, pró-Lula. Apesar da diferença entre Lula e Amin ser praticamente inexistente, mostrando uma tensão na hegemonia política. Os candidatos que representam os interesses do empresariado não mais possuem maioria absoluta, como ocorria até 1988. A polarização se dava entre candidatos do PMDB, PSDB, PDS e PFL, sendo a votação nos partidos mais à esquerda, ou a esquerda, PDT, PCB e PT, inexpressiva na intenção do voto do eleitorado blumenauense.

Na primeira eleição de Fernando Henrique Cardoso, foram direcionados 41.806 votos (28,3%) pelos eleitores blumenauenses, o que

significou um percentual de 7,8% a mais que Luís Inácio da Silva, sobre o universo total. No entanto, este fato não representou uma particularidade em relação ao resultado eleitoral no país, mas, para a realidade local, esta diferença não era significativa. Ao longo do desenvolvimento político da cidade, os trabalhadores se mantiveram aliados aos interesses do capital, mesclando-se numa indiferenciação de classe, com o consenso organizado pelos aparelhos “privados” de hegemonia, donde a classe socialmente hegemônica mantinha sua hegemonia sem, necessariamente, o uso do poder repressivo do Estado, concedendo, inclusive, ao MDB o poder governamental durante quase todo o período ditatorial que se instalou no país em 1964.

Mas, com o restabelecimento da democratização, começava a definir a hegemonia/passividade, abrindo caminhos para a ação consciente e para a representação de interesses, não só econômicos, mas também políticos da classe que depende do trabalho para viver.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- AMMANN, Safira Bezerra. **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1981.
- BLUMENAU (SC). **PREFEITO, 1983-1989, (Dalto dos Reis). Ação Comunitária um compromisso de Todos**: relatório de atividades do Projeto Nova Blumenau. Blumenau: Prefeitura Municipal, 1983.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Democracia e socialismo: questões de princípio & contexto brasileiro**. São Paulo: Cortez : Autores Associados, c1992. 88 p. (Polêmicas do nosso tempo, 51).
- DIAS, Edmundo Fernandes. **Democracia Operária**. Cam-pinas: Unicamp, 1987. v. 1.
- **Democracia Operária**. Cam-pinas: Unicamp, 1987. v. 2.
- FARFÁN, Patricio Vega. **A importância das migrações no crescimento da cidade de Blumenau**. Blumenau: Prefeitura Municipal de Blumenau, 1984.
- **Retrospectiva Econômica de Blumenau**. Blumenau: Prefeitura Municipal de Blumenau, 1993.
- GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 444 p.
- **Os Intelectuais Orgânicos e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- IANNI, Octávio. **A ditadura do grande capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 227 p. (Retratos

do Brasil, v.155).

REIS, Dalto dos. **Idéias, Idéias, Metas**. Plano de Governo. Blumenau, [S.n.], 1982.

RIDENTI, Marcelo; OLIVEIRA, Francisco de. **Classes sociais e representação**. São Paulo: Cortez, 1994. 118 p.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. 368 f. Tese (Doutorado em Serviço Social), PUC, São Paulo, 1993.

SIMÃO, Vilma Margarete. **Blumenau: da indiferenciação étnica a diferenciação de classe**. 195 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

SOUZA, Maria do Carmo Carvalho Campello. **Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930 a 1964)**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1983. XXIV, 178 p. (Biblioteca Alfa-Ômega de ciências sociais. Série 1., Política).





Cenários de  
**Territorialidade**  
e **Identificação**  
**Negra** em Blumenau  
(1993/4)

Vera Iten Teixeira

# 1

## INTRODUÇÃO

Ao sermos convidadas a participar do livro comemorativo aos 50 anos de publicação da revista **Blumenau em Cadernos** além da gratidão, ficamos felizes em poder compartilhar os resultados de uma análise realizada sobre Blumenau e grupos negros, publicada apenas como relatório de pesquisa em 1994<sup>1</sup>. Nesta perspectiva, o nosso objetivo é tentar contribuir para o debate, dando visibilidade ao estado da arte de então.

Passada mais de uma década deste estudo, a área temática e a luta pelo reconhecimento da participação efetiva da população afro descendente continua. Na época da pesquisa, vivia-se um período de afirmações e criação de novos grupos políticos e culturais, envolvidos com os direitos dos negros. A diversidade de interesses do qual resultavam os grupos refletiam os debates decorrentes das manifestações sobre os cem anos da abolição formal da escravidão no Brasil.

As limitações que o texto apresenta são de várias ordens, teórico-metodológica, tempo e condições da pesquisa, bem como dos próprios pesquisadores. Mas, por e para tudo isto, é importante registrar as análises e reflexões sobre o que aconteceu no início da última década do século passado em Blumenau.

Algumas questões apontavam a complexidade do problema em diversos níveis dentre os quais é possível situar a aparente dispersão social e espacial da população de origem africana, a sua invisibilidade historiográfica e atual e a sua condição de minoria. Para tanto nos parece pertinente fazer um ligeiro exame histórico do desenvolvimento da região onde se encontra Blumenau.

É sabido que o município foi fundado por imigrantes alemães na metade do século XIX e que daí até as primeiras décadas do século XX perdurou o afluxo regular destes, principalmente os de língua germânica. Esta situação provavelmente é similar a de inúmeras outras localidades situadas no sudeste

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado em Blumenau, 1993/94, através do NUER- Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas, UFSC, coordenada pela Professora Doutora Ilka Boaventura Leite, em convênio com a FURB. A autora teve Bolsa de Apoio Técnico à Pesquisa, participando da equipe executora Paulo Leiria Júnior, acadêmico de Ciências Sociais, com Bolsa de Iniciação Científica.

brasileiro e colonizadas por imigrantes europeus e seus descendentes.

A história oficial diz que, durante os dez primeiros anos, a colônia Blumenau foi um empreendimento particular de seu fundador, ficando sujeita a normas internas. Dentre estas, foi salientada a proibição de se manter nessas terras qualquer atividade que demandasse o emprego de mão de obra escrava. E não era apenas o trabalho cativo que era severamente proibido, também a permanência de escravos não era permitido em terras da colônia e até a passagem de escravos para outras localidades tinha que ser especialmente autorizada pelo seu diretor (DIAS; SANCHES; TEIXEIRA, 1987).

Apesar desta proibição, negros já habitavam terras que faziam parte da colônia. Não foi possível aplicar essa regra que, no entanto, durou apenas o período em que o empreendimento era particular. Segundo fontes orais, pela dimensão da colônia e pelo estabelecimento de uma pequena população que antecedeu a colonização alemã, não foi possível manter essa norma com a rigidez que as normas asseguravam. Assim, tão logo que as terras passaram ao domínio da Província, estas se adequaram às leis que regiam o país e que, no que diz respeito a utilização do trabalho escravo, estavam em processo de gradativa redução.

Após o período inicial de distanciamento entre os alemães da colônia de Blumenau e os escravos africanos ou seus descendentes, houve, conforme diversos registros, casos de famílias que se mudaram de outras localidades para a região e que trouxeram consigo seus escravos. Destas famílias, as que eram de origem alemã se haviam estabelecido inicialmente em outras colônias, como São Pedro de Alcântara, o que possibilitou o contato e a convivência com escravos. Outras, sem a marca recente da imigração, e portanto, consideradas como “brasileiras” pelos da colônia, mudaram para Blumenau e trouxeram, sem qualquer restrições, seus escravos domésticos.

O que nos chamou a atenção e que fez com que retomássemos este recorte da história de Blumenau é a situação atípica no que se refere a população de origem africana. Para nós, a pesquisa apresentou algumas questões que merecem ser analisadas tomando, como parâmetro ou referência, o passado do município.

Entre a população negra de hoje, é possível distinguir duas categorias: os “da terra” e os “de fora”. Nestes dois blocos transita e é construída a sua identidade.

No primeiro grupo, identificamos os descendentes destes negros que vieram para a cidade ainda no tempo dos escravos ou logo após o processo de abolição, mas que ainda podem ser considerados seus descendentes. Também consideramos pertencendo a este grupo, conforme Teixeira (1990), aqueles que já se encontram a tanto tempo no município que se consideram blumenauenses e que os próprios blumenauenses os consideram como tais.

Por suas características - se inseriram num contexto bastante diversificado em termos linguístico-culturais, não se agruparam para morar, uma vez que permaneceram junto a seus patrões ou morando em suas imediações. Tão pouco se agruparam para dividir um espaço de lazer, ou de credo. Em algumas situações, como o crescimento dos filhos, estes ao casar, permaneciam morando nas imediações da família de origem, mas com a perspectiva de mudar para lugares melhores assim que fosse possível. A população de origem africana que se encontra neste nível de integração em Blumenau, nós chamamos de "os de terra". É possível neste caso falar de uma aceitação sem questionamentos do modo de vida dado pela sociedade envolvente.

Esta forma de perceber o negro em Blumenau não exclui a possibilidade de que, mesmo tendo chegado mais recentemente à cidade, haja este tipo de integração, isto é, ele acaba se incorporando e sendo incorporado como "da terra".

Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, encontramos famílias e pessoas negras que chegaram à região nas últimas duas décadas, aproximadamente. É também neste período que se pode constatar a vinda de migrantes de outras partes de Santa Catarina e até de outros estados, em número considerável<sup>2</sup>.

Este grupo é identificado como os "outros", ou os "de fora". Perante os "da terra" são igualados nesta categoria. A união passa a ser a condição de migrante. Ocorre a aceitação interna da diferença perante a discriminação externa da igualdade em que são colocados.

Embora percebida nestas duas categorias, os "da terra" e os "de fora", a identidade negra encontra-se hoje predominantemente entre os "de fora". Os territórios negros se constroem no interior dos espaços de residência e interação dos migrantes.

---

<sup>2</sup> Sobre este assunto consultamos os levantamentos feitos pelo Instituto de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Blumenau de 1990 à 1993.

## 2

### ALGUMAS DAS PRINCIPAIS PRÁTICAS CULTURAIS DEFINIDORAS DE PERTENCIMENTO.

Ao tratar de práticas definidoras de pertencimento de um grupo através de sua cultura, estamos penetrando no espaço do que Leite (1991) convencionou chamar de território interacional. Estes operam através de símbolos, são espaços de encontros programados e se efetivam por determinadas práticas tais como lazer, comércio, religião e política. Esta forma de compartilhar não é decorrente da relação de parentesco ou vizinhança em área urbana muito embora também não a exclua.

Ao examinarmos este aspectos entre a população de origem africana em Blumenau, nos deparamos com certos movimentos que remetem a existência destes espaços especiais.

#### 2.1 Carnaval: a escola de samba

O carnaval se resume praticamente a duas opções - trocar a cidade pelo litoral ou trabalhar e passear ao som de música "alemã".

Algumas pessoas inconformadas com esta aparente falta de espírito de folia momesca na cidade vem, a alguns anos, tentando despertar a população para a festa, ao mesmo tempo em que procuram uma alternativa para sua própria disposição de brincar o carnaval. Para tanto, funcionários do Banco do Brasil provenientes de várias partes do estado e de outras regiões do país formaram um bloco de sujos que vem desfilando pelas ruas centrais da cidade, acompanhado de um carro de som.

Em 1993, o bloco resolveu substituir o som mecânico pelo batuque de um grupo. Este já estava formado e tocava em um bar. Eram algumas pessoas que se reuniam em torno de afinidades musicais - tocavam pagode, samba, sons que diferiam do cotidiano blumenauense.

Um dos integrantes do grupo conseguiu emprestar os instrumentos musicais em um colégio de cidade vizinha, Gaspar, onde lecionava . Foi o

primeiro passo. Em seguida, recebeu apoio da Prefeitura de Blumenau, secretaria de Turismo, com o intuito de resgatar o carnaval, paralisado desde fins dos anos 60.

Aos poucos, envolvidos pelo ritmo do samba e do batuque o grupo foi crescendo. São em sua maioria negros, mas não exclusivamente. Conseguiram uma pequena verba para fantasias e passaram a formar uma escola de samba. Os ensaios aconteceram num espaço público em frente ao complexo onde se realiza a Oktoberfest. O comparecimento do público aos ensaios foi significativo e provavelmente conseguiu reunir o maior número de negros na cidade. Vieram de Gaspar

O desfile do carnaval de 93 foi bem-sucedido, com razoável público presente e boa divulgação. O desfile foi praticamente monopolizado pela “escola de samba” que saiu precedida apenas por uns poucos blocos patrocinados pela prefeitura. Em 94, ocorreu novamente o desfile, apenas sem tanto patrocínio municipal.

## 2.2 Grupo Ébano

Entre os anos 88 e 89 surgiu em Blumenau o Grupo Ébano. Foi formado inicialmente por homens, a maioria negros, - amigos de cachaça - que se reuniam para escutar um sambinha, pagode, seresta ou chorinho. Hoje o grupo é formado por doze casais, tendo uma diretoria eleita para um ano. Continuam sendo em sua maioria (aproximadamente 70%) negros, e tem por finalidade o encontro periódico . Possuem sede no bairro de Ribeirão Fresco e é lá que se reúnem para um bate-papo e para ouvir e fazer música.

Nas entrevistas realizadas sempre afirmaram a posição de “apartidários” em termos políticos e de não apoiarem possíveis iniciativas de movimentos negros. Também não deixaram de enfatizar em nenhum momento que o objetivo do grupo é o aprofundamento e a divulgação cultural de ritmos como samba, chorinho, pagode e seresta.

Atualmente o grupo se envolve com a promoção de bailes, churrascos, feijoada, excursões, torneios de futebol. No caso de bailes, alugam o salão de algum clube de bairro, contratam um conjunto bem afinado com a preferência musical já descrita, normalmente de fora de Blumenau e

conseguem realizar grandes bailes. Não vendem estes ingressos ao público em geral, assim como também não anunciam nos meios de comunicação estes eventos. Vendem os ingressos num sistema “boca a boca”, conseguindo com isto um relativo controle dos participantes da promoção. Participam da organização do evento sob várias formas, desempenhando funções que variam de porteiro a garçom, mestre de cerimônias etc.

Parece possível perceber entre os membros deste grupo uma forte aliança entre eles na afirmação de um espaço destinado especificamente à integração social, que ultrapassa diferenças no campo da opção político-partidária, nas atividades econômicas exercidas e no plano religioso. Estas são esferas de convicção e atuação eminentemente pessoais que não são partilhadas pelo grupo, desde que não reflitam em seus objetivos organizacionais.

### 3 CONDIÇÃO MINORITÁRIA E AS ESTRATÉGIAS DE IDENTIDADE

A situação dos negros em Blumenau não se modificou muito ao longo de sua história recente, embora sua primeira fase, no período de colônia particular, possa ser considerada em tese, uma exceção no cenário da monarquia brasileira.

A população de origem africana tem se constituído em minoria em



seu duplo sentido, tanto numérica como de poder. Ao longo de sua história o percentual de negros em relação ao número de habitantes vem se mantendo em torno de (um) 1%. Além destas é possível identificar ainda uma outra situação, chamada por nós de marketing de invisibilidade étnica, ou seja, toda a propaganda que ressalta a forma e a qualidade de vida da região do médio vale do Itajaí, onde se encontra Blumenau, é centrada e reforça a semelhança com a vida na europa germânica, gerando uma invisibilidade propositada sobre os grupos que não se enquadram neste perfil. Por sua vez esta condição permite aos negros a manutenção das estratégias já mencionadas de identificação.

Se durante muito tempo a migração para Blumenau pode ser justificada pela força que a indústria, especialmente o setor têxtil, exercia sobre a mão de obra, hoje já não é possível encontrar um motivo central para a migração. As áreas de emprego se diversificaram e correspondem as de todas as cidades de médio porte e pode-se dizer que as pessoas de origem africana que vêm para cá se interessam cada vez mais pela área comercial, embora não de uma forma exclusiva. Uma outra forte razão de vinda para a cidade parecem ser as ligações familiares que atraem eventuais visitantes para a mudança e estabelecimento na cidade. Embora menos freqüente, constatamos também a existência de especializações que propiciaram a vinda de negros para a cidade, atraídos pelos mais diversos interesses.

Os locais de procedência nestes últimos vinte anos têm variado muito, não sendo possível estabelecer um critério de identificação a partir da origem para a população de origem africana que tem vindo a Blumenau. O que podemos constatar é a vinda de pessoas de lugares cada vez mais distantes, de outros estados e regiões, como de Goiás e da Bahia, o que denota uma mudança acentuada em relação às migrações anteriores, que ocorriam com populações do interior do próprio estado como é o caso da região do planalto catarinense, do Rio Grande do Sul e de São Paulo. O que se evidencia nesta situação atual de migração é uma acentuada diferenciação em relação a interesses de qualquer natureza, diferenças muitas vezes expressas nas relações de classe. Essa situação impede ou dificulta a possibilidade de contato e estabelecimento de grupos de interesse.

Existe ainda um outro ponto relacionado às estratégias de identificação que pudemos constatar em nossas pesquisas. São os locais escolhidos para morar. Estes seguem predominantemente dois caminhos: o da condição sócio-

econômica que faz com que as famílias optem por lugares compatíveis com o seu poder aquisitivo ocasionando uma difusão entre os bairros e periferia da cidade e o da proximidade com a família, que também se vincula à situação econômica. Uma vez havendo chance de melhoria, muito embora esta implique em deixar a vizinhança dos parentes em troca de maior conforto da casa ou do bairro esta mudança é efetuada.

Também encontramos alguns vivendo em uma situação de “isolamento”, caso de negros que moram em locais conhecidos como bairros de “brancos”, o que dilui o estigma do racismo e transfere-o para uma condição de estranho/exótico. Ele deixa de ser “grupo estigmatizado” e passa a ser “indivíduo exótico”. Ao invés de escolher a união com iguais ele vai em busca de uma convivência interétnica que enaltece aspectos diferenciadores para cada um dos que estão em contato, os alemães, os “típicos”, os “da terra”.

Neste caso onde ele mora entre os “da terra”, os alemães, a união se dá pela diferença e pela exclusividade. O “indivíduo exclusivo” obtém aceitação porque ele não ameaça a situação. Uma visão crítica deste caso nos permite afirmar que ela legitima e disfarça o racismo. Ele é a exceção que confirma a possibilidade da regra continuar existindo, já que aceitar um não significa aceitar os demais.

Ao morar de acordo com a sua condição sócio-econômica em muitos casos o negro mora no meio de outros migrantes, dos “de fora”, e se afirma na categoria “outros” perante os “da terra”, ele deixa de ser “negro” e passa a pertencer a categoria genuína de “migrante”, “de fora”.

## 4 INSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS DE USO E USUFRUTO

Como já mencionamos anteriormente, escolhemos dois espaços que consideramos privilegiados para a análise das relações de caráter interacional entre a população de origem africana em Blumenau.

Na escola de samba, predomina a vontade de sair no carnaval e a possibilidade de dançar, de sambar como justificativa de grande parte dos entrevistados sobre as razões que os levam a ensaiar e a desfilar na escola

de samba. Nos dois anos em que a escola vem ensaiando para o desfile, pudemos acompanhá-la de perto e observamos que o número de integrantes pouco se alterou. Segundo estes participantes, dois pontos são determinantes para a presença: a ocasião de ter mais tempo para se divertir com os ensaios, isto é, ter aumentado o espaço de lazer e ao mesmo tempo também encontrar um ambiente diferente do cotidiano, ligado ao ritmo. Esta última justificação assume em determinados momentos uma forte disposição, por parte destes integrantes, de se sobrepor como motivo. É como se sentem nestes ensaios, é um local que significa um espaço conquistado as duras penas em um mundo cujo ritmo é determinado por bandinhas e som “alemão”. Se faz importante lembrar que estes ensaios ocorrem nos meses de janeiro e fevereiro, período de férias em que há em Blumenau toda uma infra-estrutura montada para atrair os turistas e que oferece a cidade em sua face mais alemã possível: bandinhas nas principais ruas do centro da cidade, trajadas com roupa típica e executando músicas “alemãs”. Assim, os integrantes da escola de samba conseguem, através de integração por afinidade, no caso de som, ritmo, firmar uma identidade que contrasta e por isso mesmo se afirma perante os demais.

Outro espaço que permite uma leitura próxima é o Grupo Ébano. É constituído por pessoas que procuram um espaço de exercício e manifestação de suas diferenças numa cidade que se mostra e alcança projeção pela própria diferença em relação ao nacional.

Integram este grupo pessoas que vieram já há muitos anos para Blumenau e também famílias que chegaram em épocas mais recentes. Todos, porém, se sentem motivados por um local onde o maior prazer é o encontro em torno de música “brasileira”. É um espaço em que podem e determinam o tipo de som que ouvem, como pagode, samba e seresta. Outra explicação dada pelos membros do grupo para o pertencimento é a qualidade moral de seus membros. A participação nesta agremiação é feita por consenso de todos e implica num convite ao casal. Se complementam, portanto, as explicações num conjunto de ordem moral e de lazer, permeados pelo ritmo de samba.

Se torna um local de afirmação social, na medida em que institui regras rígidas de pertencimento que implicam na inclusão/exclusão de seus participantes em uma sociedade envolvente permeada destas formas de conduta social.

# 5

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas Ciências Sociais, a população de origem africana tem sido alçada genericamente a grupo étnico, especialmente quando analisada em condições de convivência com outros grupos étnicos ou no interior do próprio Estado. Na região ora em exame, é possível identificar uma situação onde o próprio grupo envolvente forma um grupo étnico, os alemães, que por sua vez se contrapõe à outro grupo étnico, o dos italianos.

É neste espaço que pesquisamos e buscamos encontrar algumas práticas por nós identificadas com população de origem africana. Mas o que se pode perceber são na verdade práticas onde as auto-representações se associam à outras identidades como a de migrantes ou os “de fora”. O ritmo afro se constitui em aspecto aglutinador dos que se vêem como não pertencentes ao lugar. Mais do que apenas ritmo afro, o que podemos observar nos permite afirmar que ele assume uma conotação de ritmo brasileiro - sonoridade e instrumentos, que se contrastam fortemente aos utilizados na região para realçar as suas características de “vale europeu”.

Constatamos, como já expusemos acima, duas situações distintas relacionados à população negra em Blumenau. E podemos encontrá-las tanto no âmbito do lazer como no local destinado a morar.

Uma é a que se refere aos que se aglutinam em torno da diferença e da diversidade de origem, se unido como “de fora” ou migrantes e que por isso enfatizam valorizações e manifestações culturais diferentes daquelas escolhidas pelos nativos.

Outra é aquela onde os negros são “alemães”, ou seja, assumiram ao longo do tempo em que moram em Blumenau a condição de nativos ou “da terra”, com isso os seus gostos e suas afinidades culturais sem contestarem uma posição que os coloca como realimentadora de preconceito e racismo. Poderíamos sem dúvida colocá-los como ingênuos participantes de um ritual social que celebra a igualdade, mas, cabe a nós julgá-los?

## REFERÊNCIAS

DIAS, José Roberto de Souza; SANCHES, Denise Paraná; TEIXEIRA, Vera Iten. **Santa Catarina: imigrantes e indústria**. São Paulo: Editora Rios, 1987.

LEITE, Ilka Boaventura. Território Negro em área rural e urbana: algumas questões. **Textos e Debates**. Florianópolis, NUER/UFSC, ano 1, n. 2, 1991.

TEIXEIRA, Vera Iten. **De negros a adventistas, em busca da salvação**: estudo de um grupo rural de Santa Catarina. 1990. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.



# CULTURA em BLUMENAU: Trinta e seis anos! ...

Noemi Kellermann\*

*"A Cultura condiciona a visão de Mundo do Homem".  
Roque de Barros Laraia.*

*"A cultura é como uma lente através da qual o Homem vê  
o Mundo". Ruth Benedict.*



## 1 INTRODUÇÃO

Os últimos anos da década dos anos de 1960 chegaram a Blumenau trazendo mudanças que se desdobraram em grandes e diversificadas transformações no decorrer do século vinte e nos primeiros anos do século seguinte.

Em uma publicação da ACIB de Blumenau de 1989, comemorativa aos seus noventa anos, já é possível ler sinalizações, no registro de 1.112 fatos ocorridos em Blumenau, significativos e marcantes nos âmbitos sócio, econômico e cultural. Outras publicações da ACIB já ocorreram após a edição de 1989, porém, esta já aponta alguns aspectos os quais conduzem o leitor a algumas reflexões: 1. Geralmente, nenhuma mudança, em qualquer contexto, de qualquer natureza, ocorre subitamente. 2. Transformações, tanto para o indivíduo como para o grupo social podem ocorrer independentemente de quaisquer circunstâncias ou vontades, ou mesmo pelo exercício de poder, ou pelo desejo de permanecer-se no nível de conforto do conhecido, do já visto e acostumado. 3. Essas mudanças e transformações acontecem porque o indivíduo e o grupo social são constituídos de vida e de vontades, expostos a influências e a necessidade de crescente conhecimento.

Ao tomar-se a publicação de 1989 - **ACIB 90 Anos de Memória**, se verifica também outros aspectos relacionados com a vida cultural de Blumenau: 1. A publicação foi editada pela então Casa Dr. Blumenau, atualmente Fundação Cultural de Blumenau, e apresenta um texto de abertura do diretor executivo, Sr. José Gonçalves, pelo qual se tem a informação que para a realização da revista foram feitas consultas e pesquisas no Arquivo Histórico da Casa Dr. Blumenau. 2. É pelos documentos e fatos, pela memória concreta e visual, guardada por uma casa de cultura que uma associação de produtores e impulsionadores da vida econômica de Blumenau pode registrar parte do percurso histórico de suas atuações construindo a cidade.

Os fatos registrados na publicação da ACIB estão organizados ano a ano, em cada página, desde 1898, até 1988. Como fundamento para um exercício de reflexão sobre a vida cultural de Blumenau decorrida nas últimas décadas do século 20 e primeiros anos do século 21, destacamos, do total de 1.112 registros, apenas 50 eventos, em um recorte temporal desse período, a partir de 1967, ano em que aparecem, mais claramente, os primeiros movimentos os quais produziram

novos fatos, novas realidades, novos contextos: 1967 “Nasce uma Universidade”; “De olho no Turismo: Vocação é despertada”; 1968 “Começam a ser implantados os equipamentos para a TV Coligadas - primeira emissora de TV em Santa Catarina”; “Abre, em 6 de julho o 1º Festival da Canção do Vale”; 1969 “O Prof. Felix Carbajal instala um Quadrante Solar no pátio da FURB”; “Os três primeiros blocos da Fundação Universitária de Blumenau são inaugurados”; 1970 “População ultrapassa 100.000 habitantes”; “O Colégio Sagrada Família completa 75 anos”; 1971 “Por iniciativa da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes é criada a Escola Superior de Música de Blumenau”; “O Clube de Caça e Tiro Velha Central comemora 70 anos”; 1972 “Realizado em Blumenau o I Encontro Internacional de cantores, promovido pelo Centro Cultural 25 de Julho” “A Casa Husadel, conservando suas características originais, comemora 75 anos de sua fundação”; “Roberto Carlos apresenta-se na PROEB sob o patrocínio da Empresa Industrial Garcia”; 1973 “As imagens de Nossa Senhora, Cristo crucificado, São José e o Cordeiro, esculpidas em cedro por Gotfried Taller, incorporam-se à fachada principal da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo”; 1974 “Surge o Grupo Teatral *Phoenix* da FURB”; “Nasce o Cine Clube Carlitos por iniciativa de Alvacir Ávila dos Santos”; “A Siemens, que mantinha a fábrica no bairro da Velha, transfere-se para Curitiba”; “Artistas têm a sua casa: Idealizada por um grupo de intelectuais surge a CASA DO ARTISTA na embocadura do bairro Ponta Aguda”; 1975 “A Albany Indústria e Comércio Ltda., com sede mundial nos Estados Unidos, inaugura em 10 de janeiro sua fábrica em Blumenau” 1976 “A FURB inaugura seu Centro de Processamento de Dados”; 1977; “O Clube de Caça e Tiro do Ribeirão da Itoupava comemora 100 anos”; 1978 “Volta a funcionar a Academia *Mont'Alverne* fundada em 1959 pelo Frei Odorico Durieux, no Colégio Santo Antônio”; “Realiza-se, com êxito, o III Festival da Canção”; 1979 “Um Teatro de Bolso para as Artes Cênicas na rua Itajaí”; “Abre-se uma exposição de Artes na FURB, em comemoração ao seu 15º aniversário”; “A Prefeitura homenageia artistas locais, inaugurando a escultura Colete Espacial da artista plástica Elke Hering”; 1980; “A escultura Mãe, do escultor Avancini é inaugurada em praça na Beira Rio”; “Pelo censo oficial a população de Blumenau é de 157.288 habitantes”; “O Clube Social e Recreativo de Caça e Tiro Garcia-Jordão comemora 100 anos”;



1981 "Força do trabalho vem de fora - das 48.715 pessoas que trabalham nas empresas com mais de 10 empregados no comércio indústria e serviços, 31.700 (63,5 %) são naturais de outros municípios."; "A crise gera desemprego - somente no primeiro semestre o setor têxtil dispensou 200 operários"; "A cidade já tem a sua Orquestra de Câmara, integrada por professores e alunos da Escola Superior de Música de Blumenau e convidados de outros centros do país, única em Santa Catarina com base profissional e sob a regência do Maestro Norton Morozowicz"; 1982 "Karsten festeja centenário"; "O Centro Cultural 25 de Julho e o Teatro Carlos Gomes prestam homenagem a Heinz Geyer inaugurando o busto do maestro." 1983 "Luiz Antônio Soares recebe o prêmio Esso pela campanha em defesa da Ponte do Salto"; 1984 "Manter o parque industrial passa a ser o maior desafio de Blumenau"; "Oktoberfest - alegria na tristeza - a primeira"; "Volta a funcionar o Museu da Família Colonial atingido pelas enchentes"; "O CETIL Processamento de Dados completa 15 anos, ostentando a condição de maior bureau nacional de informática"; 1985 "Inaugurado o novo prédio da Biblioteca Fritz Muller e do Arquivo Histórico"; 1986 "Artex comemora 50 anos dando de presente à cidade - A Concha Acústica na Prainha"; "FURB transformada em universidade: o ministro da Educação, Marco Maciel, vem a Blumenau no dia 7 de fevereiro e instala oficialmente a Universidade Regional de Blumenau que passa a ter autonomia nas áreas didático-científico-pedagógica e financeira-administrativa-disciplinar"; 1987 "A Praça Hercílio Luz, local histórico, transforma-se em Biergarten"; "O CETIL, processamento de dados vence a concorrência nacional para cadastrar 3 milhões de estrangeiros no Brasil"; "Realiza-se com êxito o 11º Festival Universitário da Canção no Galeão"; "No Castelinho da PROEB é lançado no dia 27 de julho o 1º Festival Universitário de Teatro de Blumenau"; 1988 "O sinal da TV Educativa entra no ar com a instalação de uma repetidora em Blumenau"; "O público da Oktoberfest chega a 1 milhão".

Dezenove anos decorreram desde a publicação desta revista da ACIB que, neste texto, é tomada como instrumento para reflexão sobre um breve recorte da vida cultural de Blumenau, porém, não se desvinculando do amplo contexto sócio-econômico da cidade, pois se percebe que a vida das cidades, ao construir-se, vai entrelaçando o sócio, o econômico e o cultural - necessários entre si, embora ocorram momentos ou situações em que indivíduos e grupos sociais não percebam assim.

Quase duas décadas após esta publicação, situados como leitores em pleno início do século 21, é possível ainda refletir sobre outros aspectos: 1) Embora seja essa uma publicação importante para presentes e futuras gerações,

a história ali registrada não está dita inteiramente - porém, é desejável, para a compreensão do que está dito, que não seria possível ser diferente do que ali está posto . 2) A vida econômica na cidade de Blumenau nas últimas décadas do século 20 passou por violentas transformações, por graves dificuldades decorrentes de fatores naturais, como as grandes enchentes na década de oitenta ou pelos fatos nacionais e pela globalização, mas também alcançou sucessivas vitórias e superações. 3) Essas transformações produziram necessidades e mudanças nos âmbitos econômico, social e cultural. 4) A simples leitura das manchetes selecionadas para reflexão neste texto, guia-nos na percepção dessas mudanças. 5) As transformações pela superação geraram significativas mudanças sociais destacando-se, em 1981: Força do trabalho vem de fora - das 48.715 pessoas que trabalham nas empresas com mais de dez empregados, pesquisados os setores de comércio, indústria e serviço 31.700 (63,5 %) são naturais de outros municípios. Os levantamentos são realizados pela Prefeitura de Blumenau. 6) Instituições tradicionais da cultura blumenauense marcam a sua resistência e importância para a cidade no registro de comemorações de vinte, cinquenta, setenta ou cem anos de existência. 7) Novas instituições surgem para atender a novas necessidades para a cidade; algumas destas mantendo-se em constante progresso até os dias atuais e outras desaparecendo fisicamente, mas deixando marcas e frutos das suas presenças, gerando de suas atuações mais e novas atuações no futuro próximo, hoje presente.

Outras e diversas percepções e reflexões poderão ocorrer destas leituras e novos registros têm testemunhado da vida blumenauense sobre diversos contextos, mas o que lemos hoje com o olhar no presente e no passado deve ser auxílio na tarefa de dimensionar e valorizar com mais justiça os fatos, em qualquer contexto.

Das mudanças importantes na vida cultural de Blumenau, algumas são impostas pelo progresso e estão fortemente vinculadas aos diversos e diferentes sistemas culturais gradativamente colocados no mesmo espaço blumenauense, pela necessidade de novas configurações sócio-econômicas. Esta compreensão é, entre outros fatores, necessária, para que seja possível compreender-se a vida cultural em Blumenau. Segundo Laraia (2003, p.96) "A Cultura tem uma lógica própria; é dinâmica. Existem dois tipos de mudança cultural: uma interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro".

Em qualquer espaço geográfico e em todos os tempos, constata-se

o que está aí descrito no pensamento do autor e dificilmente ocorreria de modo diferente na vida cultural de Blumenau. Ao olhar a cultura vivida em 2007, na cidade, o que se verifica é, que o que se vive culturalmente em Blumenau, é o resultado de uma rica e poderosa mistura de todos esses fatores: transformações sócio-econômicas, resistência e importância das instituições tradicionais, sobrevivência das melhores qualidades da herança da cultura alemã e italiana - embora esta, em grupo mais reduzido - necessidade a novas demandas e necessidade de crescente conhecimento, estes fatores todos entrelaçando-se no cenário da cidade aos novos sistemas culturais que chegaram a Blumenau nas últimas décadas. Daí a vida cultural blumenauense, em 2007, resultar em um tecido de muitas cores e em diferentes fios sob a luz generosa da cultura européia geradora do nascimento da cidade.

Ao completar 157 anos, no decorrer de sete anos da entrada de Blumenau no século 21, qual é, então, a cultura que aqui vivemos? Certamente que é, ainda e intensamente, a cultura européia em todo o amplo sentido antropológico de Cultura, isto é: a Cultura significando toda a manifestação da Humanidade resultante do sentir, do pensar, agir e do reagir humanos expressos de forma material e imaterial. Mas, certamente, a Cultura que aqui se vive em Blumenau é também, neste século 21, aquela que tem sido produzida a partir de todos esses fatores sinalizados, uma cultura material e imaterial resultante dos colonizadores alemães, mas também das diversas demandas econômicas, sociais e culturais.

A partir do que está exposto até aqui, embora tenha apresentado o amplo conceito antropológico de Cultura, este texto tratará apenas do recorte artístico cultural, pois a amplitude do tema Cultura em Blumenau exige o espaço de um livro.

## 2 AS GRANDES INSTITUIÇÕES CULTURAIS TRANSFORMAÇÕES , MUDANÇAS E INFLUÊNCIA

A herança da cultura alemã em Blumenau está presente, hoje nos trinta e cinco Clubes de Caça e Tiro, mantenedores das tradições da cultura popular e no Centro Cultural 25 de Julho onde se preserva tanto a cultura popular como a cultura erudita da tradição alemã,, oferecendo aos seus associados oportunidades de participação no Coro Masculino, no Coro Misto,

Grupo de Dança Folclórica Alemã, Grupo de Harmônicas e, até recentemente, um Grupo de Teatro no idioma alemão, além da manutenção de um restaurante que mantém em seu cardápio típica comida alemã. O Centro Cultural 25 de Julho tem também recebido em seu palco e salões, grupos de coro e de dança da Alemanha, abrindo os seus eventos para a comunidade.

A herança alemã está presente também nas Bandas Típicas Alemãs, prestigiadas pela Secretária de Turismo de Blumenau, pois têm adquirido crescente importância e aperfeiçoamento, principalmente a partir da Oktoberfest criada em 1984, ocasião em que as bandas da cidade têm oportunidade de conviver com as bandas européias..

O Projeto Bandas criado nas escolas, com o apoio da Associação de Pais e da Secretaria Municipal de Educação, sob a liderança do músico Edson Ricardo, com o apoio de músicos do 23º BI de Blumenau e de músicos profissionais de Antonina (PR), tem produzido importantes resultados no movimento de Educação Musical com a finalidade de aprendizagem em instrumentos de sopro, chegando-se ao resgate, com sucesso, da Banda Municipal de Blumenau que hoje tem competente e forte atuação na comunidade. Bia Passold, integrante da equipe criadora do Projeto Bandas e regente da Banda da Escola Municipal Anita Garibaldi, campeã em diversos concursos no Estado, atualmente é também coordenadora do Projeto de Musicalização nos Centros de Educação Infantil/CEI da SEMED de Blumenau.



Os inúmeros coros, grupos instrumentais e orquestras existentes em Blumenau, destacando-se nas igrejas de Confissão Luterana e nas Assembléias de Deus em Blumenau, são heranças da apreciação na cultura alemã e italiana pela prática destas atividades. O Coro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana da Igreja do Espírito Santo, localizada no centro de Blumenau, atualmente sob a regência da Prof. Melita Bona completa 140 anos em 2007. E em décadas recentes, o Circolo Italiano Di Blumenau mantém as tradições de seus antepassados, preservando o idioma e oferecendo atividades de coro, teatro e eventos anuais como a FestaItália.

A Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, nascida da Sociedade Frohsinn, uma das autênticas herdeiras da organização da cultura alemã, nos últimos quarenta anos viveu períodos dramáticos, mas também de progressivas superações chegando ao século 21 demonstrando grande capacidade de resistência, mas também de transformação. A partir do final da década dos anos sessenta e início dos anos setenta, tendo já o Teatro Carlos Gomes atingido um nível de intensas e importantes realizações na área da Música, sob a liderança do Maestro Heinz Geyer, mantinha-se um grande Coro Sinfônico, Grande Orquestra e o Conservatório de Música Curt Hering. Os cursos regulares de ballet que surgiram em 1936, a partir da necessidade de um corpo de baile para a montagem da Ópera "Preciosa" de Carl Maria von Weber, com arranjos do Maestro Heinz Geyer, transformaram-se nas últimas décadas, gradativamente, sob as orientações dos seus mestres. Na história da Escola de Ballet no Teatro Carlos Gomes, destacam-se os nomes de Madame Inês Poller, Mara Probst Schlögel, Pauline Stringer, Pedro Dantas, Ursula Ionen, esta responsável por proporcionar ao público apresentações de grandes espetáculos famosos do ballet como "Quebra-Nozes" de Tchaikovsky em 1985 e "Giselle" de Adolph Adam em 1987. Em janeiro de 1988, Beatriz Niemeyer, nessa época, diretora técnica do "Corpo de Dança Maria de Caro" e vice-presidente do Ballet de Câmara de Blumenau, assumiu a direção de uma nova Escola de Ballet do Teatro Carlos Gomes a convite da direção da SDM Carlos Gomes com o apoio administrativo da Associação PRODANÇA de Blumenau. Beatriz Niemeyer (apud BAUMGARTEN, 2006, p. 142) em entrevista afirma:

Atualmente a escola tem uma versatilidade maior, o que viabiliza o preenchimento de um amplo leque de necessidades e anseios da juventude. O nosso carro chefe ainda é o ballet clássico, modalidade que abriga o maior número de alunos, mas também mantemos classes de Sapateado Americano e Dança Contemporânea.

Todos os professores da Escola de Ballet Clássico do Teatro Carlos Gomes tem registro no Royal Academy of Dance de Londres, obtido por anos de estudo e provas prestadas em exames teóricos e práticos. O Grupo de Dança Contemporânea, sob a direção de Ivana Deeke Fuhrmann tem obtido 35 prêmios em festivais e o Grupo de Sapateado Americano sob a direção de Michele da Silveira obteve o 2º lugar no Festival de Dança de Joinville em 2007.

Também a música produzida no Teatro Carlos Gomes após o brilhante período sob a liderança do Maestro Heinz Geyer, amplamente divulgado nos registros históricos sobre a música em Blumenau, teve também, a partir do final da década dos anos sessenta e início dos anos setenta, expressivas mudanças tanto na produção artística como no repertório musical e principalmente nas metodologias de Educação Musical com a criação da Escola Superior de Música em 1971, substituindo o Conservatório de Música Curt Hering. Sob a liderança do Maestro Oscar Zander, que havia coordenado desde 1969 os Seminários Catarinenses de Música em Blumenau. A Escola Superior de Música chegou na cidade com as novas idéias que Zander desde os recentes tempos de estudo na Alemanha planejou colocar em prática, juntamente com uma pequena equipe do Rio Grande do Sul: Noemi Kellermann, Cely Moraes, Jorge Preiss, Elda Pires, Cassilda Canfield e Telmo Locatelli, todos músicos - instrumentistas, cantores e professores. Com esta equipe Oscar Zander propunha trabalhar também com os professores do Conservatório Curt Hering que estivessem dispostos a participar das novas propostas pedagógicas da nova escola.



Integraram-se, logo no primeiro ano, os músicos Leopoldo Kohlbach (violino), Hubert Geyer (viola), Nelly Péricas (violoncelo), Francisco Alberto Runze (Flauta Transversal). No ano seguinte da criação da Escola Superior de Música, já foram convidados a participar do corpo docente mais professores de Blumenau: Rose Altenburg Praun, Marlita Vailati e Melita Bona. A nova escola ofereceu, além do estudo e da prática de instrumentos as aulas em grupos de Teoria Musical, Harmonia, Análise Musical, História da Música e Musicalização para crianças e adolescentes pela Pedagogia Musical de Carl Orff, com instrumental específico para a prática de Orff, além das atividades de Prática de Música de Câmara - instrumental e vocal, em pequenos grupos e também na Grande Orquestra e no Coro Sinfônico do Teatro Carlos Gomes, estes já existentes anteriormente tendo continuidade sob a regência de Oscar Zander. O Teatro Carlos Gomes teve então nesta época: um coro e uma orquestra sinfônicos, um coro de câmara formado por alunos e professores da Escola Superior de Música do Teatro Carlos Gomes, uma orquestra de câmara formada pelos professores da escola, todos sob a

direção de Oscar Zander e um grupo de música da idade Média, Renascença e Barroco denominado "Studio de Música Antiga" sob a direção de Jorge Preiss. Novos instrumentos foram incorporados ao novo currículo oferecido, instrumentos específicos para a música antiga: um quarteto de krumhorns, duas cornamusas, uma dulcian, um shalmei, um quarteto de flautas doce e dois cemballos (cravos) - e ainda: um piano de marca Steynway, dois conjuntos instrumentais Orff, todos importados da Alemanha. A este acervo de instrumentos, os quais até hoje estão na Escola de Música do Teatro Carlos Gomes, sendo usados nas aulas, livros e partituras especializados em música foram adquiridos aumentando o acervo que já começara a ser montado na época do Conservatório Curt Hering, organizando-se uma biblioteca de Música que tem despertado a apreciação e a admiração dos profissionais de Música que, visitando a escola, a conhecem. No jornal do Teatro Carlos Gomes, de agosto de 2007, distribuído mensalmente aos sócios, registra-se sobre o acervo da Biblioteca da Escola de Música: 8.000 partituras, 411 periódicos, 340 livros, 700 LPs, 50 CDs e 36 fitas de rolo e entre este material, partituras manuscritas do Maestro Heinz Geyer.

Pelos repertórios organizados pelo maestro, compositor e professor Oscar Zander, a platéia blumenauense conheceu, reconheceu, e certamente ampliou a sua vivência musical com as obras de compositores como Heinrich Schütz, Johann Sebastian Bach, as obras dos compositores da escola de música contemporânea da Bahia: Lindenberg Cardoso, Jamary de Oliveira, Ernest Wiedmer e os compositores contemporâneos europeus: Francis Poulenc, Igor Strawinsky, Bela Bartok, Maurice Ravel, Claude Debussy, Arnold Schoenberg, Anton Dvorák e os compositores brasileiros do período colonial: Padre José Maurício, José Joaquim Emérito de Mesquita, Marco Coelho, entre tantos outros e a música da Idade Média e da Renascença européias.

Desde os Seminários Catarinenses de Música (1969 -1974) que realizados sob a liderança de Oscar Zander, atraíram para Blumenau profissionais e estudantes de música erudita do Brasil e do exterior, o repertório dos concertos inovava para o ouvido da maioria da platéia blumenauense<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Programa do Concerto de Encerramento do I Seminário Catarinense de Música - Teatro Carlos Gomes - Blumenau, 02 de agosto de 1969 - 1ª Parte: Willem de Flesch: Concerto Grosso em Si bemol; Solistas: Leopoldo Kohlbach e Hubert Geyer; Bela Bartok: 10 Peças para Orquestra Joseph Haydn: Concerto para Piano em Ré Maior. 2ª Parte: Andréas Hammerschmidt: Cantata para coro e orquestra "*Ihr lieben Hirte, fürchtet euch nicht*" Oscar Zander: Cantata para coro e orquestra sobre poesia de Mario de Andrade: "Pai do Mato". Regência: Oscar Zander.

Após quatro anos Oscar Zander, terminando os seus prazos de licença como professor universitário da UFRGS, partiu para o Rio de Janeiro para trabalhar junto a FUNARTE, onde faleceu em fevereiro de 1985, porém a escola criada por Zander, a partir das transformações e mudanças sobre a importante herança legada pelo maestro Heinz Geyer, continuou crescendo sob a liderança dos seus diretores no decorrer dos anos: Roberto Schnorrenberg, Lina Kubala, Neyde Coelho, Noemi Kellermann, Lolita Mello, Eusébio Nicolau Kohler, Chrisley Pereira, Roberto Rossbach e em 2007, Silvana Prestes, assumindo a Escola de Música do Teatro Carlos Gomes com a sua biblioteca especializada em Música, com salas equipadas, espaços para workshops e auditórios, oferecendo a prática de um repertório de música erudita e de música popular em um total de 23 cursos : Análise Musical, Apreciação Musical, Canto Erudito e Canto Popular, Harmonia, Leitura Musical, Música de Câmara, Musicalização para Crianças, Musicalização para Adultos, Musicalização para Bebês, Prática de Orquestra, Regência, Teoria e Percepção, Bombardino, Clarinete, Flauta Transversal, Flauta Doce, Piano, Trombone, Trompa, Trompete, Clarinete, Saxofone, Violão Clássico e Popular, Violino, Viola, Violoncelo, Contrabaixo Elétrico, Teclado e Bateria. A Orquestra Jovem "Prelúdio" formada pelos alunos e apoiada pelos professores, sob a direção do maestro Roberto Rossbach e as diversas modalidades de apresentações em concertos e recitais dos professores e alunos nos palcos do Teatro Carlos Gomes são também oportunidades oferecidas pela Escola de Música do Teatro Carlos Gomes para o desenvolvimento dos alunos.

A partir da década dos anos oitenta outras escolas de música foram criadas em Blumenau, atualmente, mantendo-se todas em atividade. Entre estas, destacam-se: a Free Studio, que trabalha em convênio com a Escola de Música Souza Lima (SP) especialista em sua proposta do repertório da Música Popular, o Espaço Kan que tem a ênfase na aprendizagem e prática em conjunto dos instrumentos de cordas pelo método Susuki, a Escola de Música de Daniel Krepsky, a Escola Livre de Música, especialista no Canto Lírico, a Escola de Música ABC e a Escola de Música da Regimar Musical; escolas que além de desenvolver o trabalho cotidiano da Educação Musical fundamentados em suas propostas, organizam e apresentam ao público, concertos, recitais e shows com seus professores, alunos e artistas convidados, o que fazem, com destaque a FreeStúdio, de Carmem e Marwin Friesen, o Espaço Kan de Lygia e Sérgio Stein e a Escola Livre de Música de Domingos Moreno e Helder Cadore, todos esses diretores, profissionais da música, também ativos como instrumentistas e cantores.

Entre os anos de 1975 e 1980 importantes maestros: Frank Graf, Roberto Schnorrenberg (São Paulo) e José Penalva (Paraná) conduziram a orquestra e o coro do Teatro Carlos Gomes em diferentes períodos e em 1981 a cidade de Blumenau viu o nascimento de uma nova orquestra no Teatro Carlos Gomes: a Orquestra de Câmara de Câmara de Blumenau , criada pelo presidente da SDMCarlos Gomes, Dieter Hering.

A criação da Orquestra de Câmara de Câmara de Blumenau tinha como meta principal abrir mercado de trabalho efetivo para músicos profissionais. Integrada por músicos blumenauenses e por músicos profissionais de outras cidades. (BAUMGARTEN, 2006, p. 155).

Em publicação comemorativa aos 10 anos de sucesso, divulgando sua temporada artística lia-se “retomando antiga tradição cultural que chegou ao Vale do Itajaí com os primeiros imigrantes alemães há quase 150 anos, a Orquestra de Câmara de Blumenau desenvolveu, intensa atividade, mantendo elevado padrão artístico”. (BAUMGARTEN, 2006, p. 157).

Com a coordenação da musicista Neyde Coelho e sob a direção do maestro Norton Morozowicz da Orquestra Sinfônica Brasileira, a Orquestra de Câmara de Blumenau teve uma década de existência e êxito, aplaudida pelo público e pela crítica nacional e estrangeira, período em que gravou nove discos, realizou turnês pelo Brasil e no exterior - Alemanha, Áustria, e Tchecoslováquia, contando com a participação de consagrados solistas internacionais como Pierre Rampal, Maurice André, Antonio Meneses, Iara Bernette, Fany Solter, Jean Louis Steuermann e Arthur Moreira Lima. A Orquestra de Câmara de Blumenau, que desde o seu nascimento teve o trabalho discreto e competente de Iracema Buzzi Serpa como secretária, após a saída do maestro Morozowicz, seguiu atuando sob novo formato, novas direções, novos condutores - Telmo Jacconi, Cláudio Ribeiro, Lolita Mello e Daniele Girardello,, chegando a 2007, em novo contexto, sob a regência

---

<sup>1</sup> Programa do Concerto de Encerramento do I Seminário Catarinense de Música - Teatro Carlos Gomes - Blumenau , 02 de agosto de 1969 - 1ª Parte: Willem de Flesch : Concerto Grosso em Si bemol; Solistas: Leopoldo Kohlbach e Hubert Geyer; Bela Bartok : 10 Peças para Orquestra Joseph Haydn : Concerto para Piano em Ré Maior. 2ª Parte: Andréas Hammerschmidt: Cantata para coro e orquestra “ *Ihr lieben Hirte, fürchtet euch nicht* “ Oscar Zander : Cantata para coro e orquestra sobre poesia de Mario de Andrade: “Pai do Mato”. Regência: Oscar Zander.

de Daniel Bortholossi, realizando turnês pelo Brasil. Em 2007 participa do Circuito Estadual de Orquestras em Santa Catarina e no projeto “Clássica Blumenau / Festival de Orquestras” evento que durante três dias nos palcos e jardins do Teatro Carlos Gomes, na praça Dr.Blumenau, no Shopping Neumarkt e no Colégio Pedro II, além de ensaios aberto para estudantes das escolas públicas e palestras, apresentou música instrumental, com a Orquestra Filarmônica de Jaraguá do Sul e seu naipe de Metais, Quartetos de Cordas da Orquestra de Câmara de Blumenau e da Orquestra Jovem “Prelúdio”, Orquestra Sinfônica da PUC/Paraná e Orquestra Sinfônica de Euskadi da Espanha. No concerto deste projeto em 11 de agosto de 2007 a Orquestra de Câmara de Blumenau sob a regência de Daniel Bortholossi apresentou o seguinte programa: Concerto Grosso op.3 - n°8 em lá menor para dois violinos, *L'Estro Armonico*; Concerto para Trompa e Orquestra - n° 4, em mi bemol maior de Wolfgang Amadeus Mozart e Serenata para Cordas em dó maior - op.48 de Piotr Ilytch Tchaikowsky.

Em 1970 Carlos Jardim, com o apoio de Dieter Hering, presidente da SDMCarlos Gomes, dá continuidade as atividades de Teatro iniciadas em 1969 no SESC de Blumenau: estava nascendo a Equipe Vira Lata Teatro Carlos Gomes que tem sua sede no Teatro Carlos Gomes, completando em 2007 trinta e oito anos. Neste período a Equipe Vira Lata levou Teatro por todo o estado de Santa Catarina sendo a primeira companhia de Teatro da região a proporcionar aos seus integrantes a condição de ter carteira profissional assinada com o registro de profissão: ator. Em “O Jardim das Ilusões” de Édio Raniere, edição da Cultura em Movimento, pelo Fundo Municipal de Apoio a Cultura de Blumenau em 2006, está registrado o repertório apresentado pela Equipe Vira Lata nas diversas escolas de Blumenau e do estado: de Maria Clara Machado - *Pluft, o Fantasminha*, *O Rapto das Cebolinhas*, *a Menina e o Vento*, entre muitas desta autora; de Lucia Benedetti - *O Casaco Encantado*; e *Amor por Anexins*, entre outras peças, inclusive algumas de autoria de Carlos Jardim e mais recentemente de integrantes do grupo. Em mais de três décadas de existência, crianças, adolescentes e jovens vivenciaram Teatro no Teatro Carlos Gomes através da participação como integrante ou como platéia através da Equipe Vira Lata.



A Equipe Vira lata levou Teatro a cidades em que a palavra era apenas uma referência...O que emociona Carlos Jardim é ver sua turma abraçando novas profissões mostrando-se donos de grande desembaraço no trato com o ser humano, sendo excelentes nas suas áreas - fruto da experiência de ter enfrentado, na juventude, platéias com mais de mil crianças. (LUZ apud RANIERE, 2007, p. 222).

Atualmente a Equipe de Teatro Vira Lata tem diversificado a sua atuação, mas continua realizando montagens de Teatro com a coordenação de integrantes veteranos, entre estes, Mira Massaneiro e Rosangela Tschumi profissionais graduadas no Curso de Artes Cênicas da FURB.

Alguns anos após o nascimento do Vira Lata, nos anos oitenta, nasce no Teatro Carlos Gomes as atividades de Teatro lideradas por Alexandre Venera dos Santos; um teatro inovador, experimental, ousado, um grupo que buscou orientação em aulas com professores convidados, entre estes, José Ronaldo Faleiro, recém-chegado de uma longa temporada de estudos na Sorbonne/França para a FURB onde ingressou como professor do Departamento de Artes. O Núcleo de Teatro e Escola do Teatro Carlos Gomes - NUTE, montou vários espetáculos nos palcos do Teatro, montagens surpreendentes para o espectador blumenauense; usou espaços alternativos dentro do próprio espaço do Teatro Carlos Gomes e criou um evento que realizou durante alguns anos, mobilizando o entusiasmo e a participação de artistas plásticos, músicos, dançarinos, atores e poetas blumenauenses, nascendo e desenvolvendo-se no exercício daquela proposta, dramaturgos, técnicos de luz, cenógrafos: o "TIC - TAC, Jogos de Teatro: Técnica - Dramaturgia - Interpretação nas Artes Cênicas". Houve um primeiro regulamento para a primeira edição do JOGOS DE TEATRO: realizar, durante três dias, a produção de um texto que deveria ter a extensão máxima de uma folha de ofício, frente e verso no máximo e ser montado e encenado com dois atores. Esse regulamento foi sendo modificado nos próximos anos e o número de participantes ampliou-se, mas a característica do tempo reduzido foi mantida. Entre os autores do TIC TAC destacam-se Gilberto de Oliveira (GIBA), atualmente entre Rio de Janeiro e França, Alexandre Venera dos Santos, Wilfried Krambeck, Nassau de Souza, Dennis Radunz, e Aphonso Nils. Tadeu Bittencourt, artista plástico muitas vezes premiado, em diversos salões de Arte, participou intensamente dos Jogos de Teatro criando elementos de cena surpreendentes<sup>2</sup>.

A partir destes fundamentos e de outros fatores como os Festivais de Teatro e o curso de Bacharelado de Teatro da FURB outros grupos de Teatro formaram-se na cidade entre estes, grupos que ficaram na história, no passado: Tebas, Arteatroz, Elementos em Cena, Fusão Liturgia do Teatro e Parachoques, (Co)Incidentes, Contrassenha, Triato e Grupos que até os dias atuais estão atuando na cidade: O Grito Cia. de Teatro, Grupo K, Grupo Phoenix e Cia. Carona de Teatro.

Desde 2005 o Teatro Carlos Gomes tem mais uma escola: A Escola de Teatro dirigida pela Cia. Carona de Teatro sob a liderança de Pepe Sedrez; companhia de Teatro existente desde 1995, premiada em diversos festivais nacionais. A Cia Carona inscreveu-se como candidata entre outros proponentes no concurso aberto a instalação de uma escola de teatro nas novas salas restauradas do Teatro Carlos Gomes e venceu, pelo projeto apresentado, pelo currículo do grupo e dos professores - atores e professores graduados e pós-graduados em Teatro na FURB. No Informativo de setembro do Teatro Carlos Gomes, lê-se sobre a escola: "Os alunos da Escola de Teatro vão passar a trabalhar sobre temas específicos em cada semestre letivo nas aulas. A novidade faz parte de uma reformulação pedagógica trabalhada pelos professores. O primeiro tema é William Shakespeare; dramaturgo e poeta inglês do século 16." (SEDREZ, 2007, p.2). Entre as diversas atividades sobre o tema haverá: Oficinas de História do Teatro, Maquiagem, Cenotécnica, Caracterização e Sessões de Vídeo. Em 2007, a Cia. Carona, em parceria com o Teatro Carlos Gomes, oferece na região, o projeto **Teatro na Empresa** - Comunicação, Diversão, Educação e Formação; projeto similar ao realizado durante anos anteriores com sucesso pelo diretor de Teatro Roberto Murphy, diretor do espaço Plural e professor Mestre no curso de Bacharelado de Teatro do Departamento de Artes da FURB. Na divulgação do projeto Teatro na Empresa de 2007, a Cia. Carona apresenta os seguintes esquetes: O Homem e os Cinco S - Saúde no Trabalho - Administração do Tempo - Relações Interpessoais - Segurança no trabalho - Motivacional e Álcool a ser dito.

O Teatro Carlos Gomes tem sido desde os seus fundamentos o grande palco das grandes performances, mas também tem sido berço de iniciativas culturais de êxito como a Sociedade PROMÚSICA de Blumenau fundada na década de 80 por Frank e Anne Graf, Clotar e Trudi Schroeter e

---

<sup>3</sup> Informação verbal de conversa informal da autora com Alexandre Venera dos Santos.

Leandro Victor e Hedda Bona, entre outras pessoas, de um grupo que, voluntariamente organizaram, de modo profissional e competente, durante alguns anos, temporadas artísticas para a cidade de Blumenau. Em um programa<sup>3</sup> da Temporada Artística da ProMúsica de Blumenau do ano de 1984 é possível perceber sua importância.

O coro Camerata Vocale que em 2007 completa 30 anos de existência com êxito e expressiva platéia na região, atualmente constituído como associação, também nasceu no Teatro Carlos Gomes, criado pelo professor da Escola de Música do Teatro, na época, Telmo Locatelli, até hoje regente do Camerata Vocale.

Na década de 90, Edouard Vidossich, residente em Blumenau vindo de São Paulo, homem de ampla cultura, dominando cinco idiomas, com profundo conhecimento e prática como pianista de Jazz associa-se a Roy Kellermann para ensaiar e apresentar-se em pequenos recitais de Jazz em Blumenau e como assíduo freqüentador do Teatro Carlos Gomes para ensaiar nos pianos da Escola de Música, propõe a realização de um Festival de Jazz a Elizeth Beck, administradora do Teatro Carlos Gomes que acreditou na possibilidade de êxito da proposta. Beck buscou parceiros e o resultado foi a realização anual de quatro Festivais de Jazz com a duração de três a quatro dias cada, em cada ano, com os mais importantes músicos instrumentistas e cantores nacionais e locais, com casa totalmente lotada. Em anos recentes, a Fundação Cultural de Blumenau realizou festival similar - o Instrumental Jazz, com músicos como Hermeto Pascoal, Nana Vasconcelos entre outros, também trazendo ao Teatro um público vibrante que lotou o Teatro Carlos Gomes.

---

<sup>3</sup> Diretoria - Frank Graf (presidente) Gertrud Schroeter (Vice - presidente) Conrado Odebrecht (secretário executivo) João Nicolau Turnes (tesoureiro) Jorge Hartke (diretor artístico) Norton Azambuja (divulgação) Francisco Socorro (Relações Públicas) Conselheiros: Lolita Mello, Clotar Schroeter, Noemi Kellermann, Osmar Lakschewitz, Alexandre Venera dos Santos, Iracema Buzzi Serpa, Altair Pimpão, Leandro Victor Bona, César Zillig. Na extensa programação, de março a dezembro, está previsto: Concerto de Piano - Martina Graf, Orquestra de Câmara de Blumenau - Norton Morozowicz; Coral - Stuttgarter Ensemble; Coral Madrigal de Curitiba-Padre Penalva; Duo de Cravo e Flauta-Norton Morozowicz e Helena Janke Música Renascentista - Collegium Musicum de Brasília; Auto de Maria - Jorge Preiss (Florianópolis); II Festival de Música de Câmara de Blumenau; Recital de Canto - Homero Magalhães / Carol McDavid (EUA) Ballet de Dominique Petit/Barre Philipps (França) Recital de Violino e Piano - Roberto Hübner/Jorge Hartk (Blumenau) Recital de Cravo - Marcelo Fagerlande (RJ), Recital de Piano - Elisa Voigt (Blumenau) Recital de Piano - Harold Auras (Blumenau) Música Renascentista - Quadro de Cervantes (RJ) Recital de Piano - Neyde Coelho (Blumenau) Concerto dos Alunos da Escola de Música de Blumenau; Concerto dos Professores da Escola de Música de Blumenau; Concerto do Coral ARS SACRA-Regência: Frank Graf (Blumenau)

Demandaria extensa tarefa enumerar todas as iniciativas culturais que nasceram no Teatro Carlos Gomes e parte dos eventos de Música, de Teatro e de Exposições de Artes Plásticas que a platéia de Blumenau teve o privilégio de vivenciar nas últimas décadas nos palcos do Teatro Carlos Gomes; mas quem esteve e quem estará participando do que esta casa tem oferecido, olha para a história, olha para o presente, olha para o futuro e vê o Teatro Carlos Gomes entrando no século 21, restaurado em sua estrutura física, mas também transformado, moderno, sob a liderança do presidente Ricardo Stodieck e do presidente do Conselho Deliberativo Felix Christiano Theiss, lançando-se no desafio de um teatro ainda maior pela realização de um projeto arrojado da autoria da equipe de Bruno Werner Metzler Filho da Meztler Arquitetura, em parceria com a Baumgarten Simon Architekten, de Berlin. O projeto de ampliação prevê uma edificação moderna de 24.520 metros quadrados e segundo o arquiteto Bruno Werner Metzler Filho a obra segue conceitos ecológicos e será um prédio inteligente com aproveitamento de luz natural, da circulação de ar e da água da chuva.



Este é o desafio que a geração de 2007 coloca para o seu tempo tendo como inspiração, o conjunto das melhores qualidades da cultura de uma geração que construiu, em seu tempo, um Teatro com tais dimensões, em um passado em que não havia leis governamentais de incentivo. Será importante, porém, lembrar para o registro na história sobre este processo de transformações e mudanças no Teatro Carlos Gomes, iniciadas nas recentes quatro décadas, alguns líderes que neste período, antes de Stodieck e Theiss, deram a sua contribuição como presidentes: Dieter Hering desde 1969 até 1991, Hans Shadrack, Hans Dieter Didjurgeit e nomes que como Conrado Odebrecht e Ruy Willecke no Conselho Deliberativo do Teatro Carlos Gomes representam tantos, que voluntariamente, atuam no Conselho, juntando-se ao trabalho cotidiano da equipe que atua no Teatro .

A Fundação Casa Dr. Blumenau, parceira da ACIB em sua publicação de 1989, também passou por transformações. Pois desde 1993 passando a chamar-se FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU teve o seu conjunto de atribuições ampliadas e sucessivas e importantes lideranças do meio cultural

de Blumenau, exercendo a presidência da fundação ou funções de direção, antes dessa data e nos anos seguintes: Daniel Curtipassi, publicitário e fotógrafo, Guido Heuer, Rubens Oestroem, Elke Hering, Lygia Helena Roussenq Neves, artistas plásticos; Frank Graf, músico, professor e maestro, Altair Pimpão, profissional de Rádio e Televisão, Bráulio Maria Schlögel, escritor e professor, Maria Therezinha Heimann, produtora cultural, e na gestão do Prefeito João Paulo Kleinubing, Marion Bubeck, gestora administrativa, com vivência cultural artística importante como integrante de uma família de forte participação na vida cultural da cidade. No discurso de passagem de cargo da presidência da Fundação Cultural de Blumenau ao escritor Ivo Hadlich que assumiu a presidência da Fundação Cultural de Blumenau (FCB) no dia 3 de setembro de 2007, Marion Bubeck (informação verbal)<sup>4</sup> registra, em breve resumo, a ampla ação da Fundação Cultural de Blumenau nos dias atuais: “1. Ampliação do Centro Histórico através do Casarão das Oficinas na rua Alvin Schrader que atende 500 alunos e se tornou um projeto auto sustentável. ... e casarão do Coteminas, na rua 15 de novembro que servirá, entre outras coisas, como ampliação do Arquivo Histórico Ferreira da Silva e também ao Fundo Privado e Cinematográfico de Herbert Holetz. 2. Inauguração do Kunstgarten, espaço de divulgação de produtos dos artistas locais apresentando resultados excelentes oportunizando ao turista a aquisição da produção cultural local. 3. Inauguração do Espaço de Cultura Popular. 4. Novos programas criados: Circo Acústico, Praça Acústica, Noite de Seresta, Mostra Alternativa, Mostra Caipira, Festival Multicultural de Inverno, Rock in Bar, Talentos da Comunidade (projetos criados por Nico Wolf, diretor de Cultura da FCB)<sup>5</sup>. 5. Parceria na criação da Temporada de Teatro - uma ação dos Grupos de Teatro de Blumenau. 6. Programa de Leitura em parceria com o PROLER. 7. Programa de Artesanato e apoio a Associação de Artesões. 8. Divulgação do Roteiro Cultural, o Calendário oficial da cidade. 9. Exposições de Artes Plásticas. 10. Manutenção de eventos já existentes: Festival Nacional de Teatro Infantil (FENATIB), Festival Nacional de Dança Folclórica (FESTFOLK), Mostra Blumenauense de Teatro (MOTTAB) e o Salão Elke Hering, de Arte Contemporânea. 11. Aprovação de 148.000 reais para a digitalização e micro filmagem do Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva pelo Governo do Estado de Santa Catarina. 12. Aprovação de 68.600 reais no IPHAN para a modernização do Complexo Museológico da Fundação Cultural. 13. Informatização da Biblioteca Municipal e Biblioteca de Apoio ao Arquivo Histórico no valor de 83.000 reais com o apoio da Caixa Econômica Federal

com previsão para término em dezembro de 2007.<sup>14</sup> Destaque para a participação da Sociedade dos Amigos da Biblioteca que trouxe para a Biblioteca Municipal os projetos: Criação do Centro de Literatura Alemã, patrocinado pela Petrobrás Cultural no valor de 82.000 reais, a revitalização da Biblioteca Ambulante, apoiado pela VisaNet com o valor de 116.000 reais, para a compra de livros e um novo veículo.<sup>15</sup> Destaque para a projeção internacional do Centro Braille da Fundação Cultural de Blumenau que levou para a Suécia, em 2005 o Projeto “Toque Silencioso da Arte no Sul do Brasil”.<sup>16</sup> Destaque para a literatura local através do Projeto Pão e Poesia que ganha reconhecimento internacional e no ano em que completa 10 anos de funcionamento foi levado para a Biblioteca do Congresso Americano e para as Universidades de Sorbonne na França.<sup>17</sup> Repasse dos recursos para o Fundo Municipal de Apoio a Cultura de Blumenau: Pela primeira vez, na história da Cultura em Blumenau, os artistas puderam inscrever-se em um edital de cultura lançado pelo município. Em 2007, o edital que está em sua segunda edição é uma reivindicação antiga dos artistas e conta com o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau para a avaliação dos projetos inscritos.<sup>18</sup> Realização, da 1ª Conferência Municipal de Cultura de Blumenau em parceria com o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau que discute as diretrizes norteadoras para a Cultura de Blumenau.”

Na solenidade de posse do escritor Ivo Hadlich para a presidência da Fundação Cultural de Blumenau em setembro de 2007, o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau, em 2007 sob a presidência da advogada e escritora Rosane Magaly Martins, em segunda gestão, foi citado quando destacou-se dois eventos de alto significado para a comunidade blumenauense, resultados do trabalho dos conselheiros que têm integrado este conselho: O Fundo Municipal de Apoio a Cultura de Blumenau e as Conferências Municipais de Cultura de Blumenau, esta, em 2007, com a presença de Celso Frateschi, presidente da FUNARTE/ MINC e com a realização de um Encontro de Entidades de Cultura da região acrescentando-se as parcerias com a FCBlu e com a Secretaria Regional para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina- Blumenau através da SDR Cultura Esporte e Turismo. Destaca-se, também nesta gestão do CMCBlu, as Sessões Solenes, ocorridas no plenário da Câmara Municipal para entrega de Medalha de Mérito Cultural para personalidades e instituições que tenham prestado relevante serviço a Blumenau na área da Cultura. Receberam a Medalha de Mérito Cultural do Conselho Municipal da Cultura de Blumenau, em 2006: a historiadora e diretora

do Arquivo Histórico de Blumenau, Prof. Suely Petry e o poeta Lindolfo Bell (in memorian), através do filho Pedro Bell, representando a família. Em 2007, os homenageados foram: Beatriz Niemeyer, diretora da Escola de Ballet PRODANÇA, Elio Hannemann, artista plástico (in memorian), através de Regina Hahnemann, mãe do artista e **Blumenau em Cadernos** pela comemoração de 50 anos de publicação ininterrupta, recebendo a homenagem a diretora Suely Petry e a presidente do Conselho Editorial Annemarie Fouquet Schünke. O Conselho Municipal de Cultura de Blumenau foi criado pela Lei nº 2555 em 22 de maio de 1980 como Órgão Consultivo de Assessoria Direta do Executivo Municipal no que se relaciona com assuntos de planejamento e orientação cultural do município. Desde então o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau tem sido conduzido pelos diversos presidentes eleitos entre os conselheiros: Frank Graf, Elke Hering, Noemi Kellermann, Daniel Curtipassi, Alceu Longo, Carlos Braga Muller e Rosana Magaly Martins.

Fatores gerados das necessidades de mais conhecimento face ao progresso no contexto de novos tempos produziram, entre outros fatos, o nascimento do ensino superior em Blumenau. Na publicação de 1989 da ACIB, na página reservada ao ano de 1967 lê-se: "Nasce uma universidade". Ao ler a história desta instituição que somente a partir da década dos anos 80 tornou-se, realmente, uma universidade, constata-se que a trajetória que percorreu, até atingir o status de universidade, foi longo, construído com muito trabalho iniciado antes daquela notícia de 1967, pois registra-se ali a construção dos primeiros blocos na rua Antônio da Veiga no campus 1 da FURB. Em 2007, a Universidade Regional de Blumenau possui sete campus, um total de 1.368 servidores, entre estes: 837 professores, sendo 172 Doutores, 400 Mestres, 234 especialistas e 36 graduados e 531 Técnico-administrativos, 39 cursos distribuídos nos diversos departamentos e unidades. Oferece serviços à população nas áreas de Fisioterapia, Odontologia, Psicologia, Ambulatorial e Jurídica. Mantém três institutos de Pesquisa: Ambiental - IPA, Sociais - IPS e Tecnológico - IPTB; um Laboratório de Idiomas, ministrando Inglês, Francês, Italiano, Português em várias modalidades e Mandarim. Criou 07 programas de Mestrado: Administração, Ciências Contábeis, Educação, Desenvolvimento Regional, Engenharia Ambiental, Engenharia Elétrica e Química. A Biblioteca Martinho Cardoso da Veiga, da FURB, que atende a comunidade universitária atende também a comunidade da região, pois é considerada uma

---

<sup>4</sup> Discurso proferido por Marion Bubeck, na solenidade de posse de Ivo Hadlich como Presidente da Fundação Cultural de Blumenau no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Blumenau, 3 set. 2007.

das maiores Bibliotecas do Estado com um acervo de 162.026 títulos em 481.909 volumes. Em 2006, a Biblioteca da FURB adquiriu 23.397 volumes de livros, teses, folhetos e materiais especiais por compra, doação e permuta. Recebendo em seu acervo as revistas publicadas pela FURB: Revista de Negócios, Dynamis, Revista de Divulgação Cultural, Revista Jurídica e O Teatro Transcende, a Biblioteca da FURB realiza permutas recebendo cerca de 606 publicações de outras instituições. Em 2007 todas as revistas da FURB serão virtuais devendo os leitores ter acesso as revistas pela Internet. Duas revistas já estão desde setembro em circulação na Internet: "Linguagens", coordenada e editada por Maria José Ribeiro que foi editora da Divulgação Cultural/RDC que circulou durante 30 anos e Atos de Pesquisa, coordenada por Gilson Ricardo Pereira. Acompanhando a modernização, em decorrência da tecnologia de informação a Biblioteca da FURB está estruturada para ampliar o acesso via on-line; mantém convênios e está conectada com mais de vinte redes, programas e convênios nacionais e internacionais. A Biblioteca universitária tem também a responsabilidade de guarda e manutenção do acervo de 500 obras de arte da FURB, acervo que regularmente é mostrado em segmentos para o público em exposições.



Entre as ações da FURB no cumprimento do seu compromisso como universidade, destaca-se a liderança, na promoção artística cultural, desde o início de sua história e nos recentes anos, somando-se as outras instituições de Ensino Superior, atualmente existentes em Blumenau. Será importante destacar a característica da continuidade e fidelidade na manutenção destas iniciativas e realizações que são mantidas pela FURB durante muitos anos: O Concurso Fotográfico "O verde da nossa terra" - 17 anos, que incentiva a consciência ecológica, o Festival de Teatro Universitário de Blumenau - 21 anos, Exposições de Artes Plásticas e Lançamento de Livros, e os Grupos Estáveis de Produção Artística, todos estes criados e dirigidos por profissionais graduados e professores da FURB: Orquestra da FURB - Frank Graf, JAZZ Band - Luiz Lenzi, Coro da FURB - Eusébio Kohler, Camerata de Violões - Renato Mor, Grupo de Dança Alemã - criado e dirigido por Ester Neotti, teve a seguir a direção de Marleide Ávila e até 2007 de Sandro Lima; e dirigido por Pita Belli, também coordenadora do Festival Universitário de Teatro de Blumenau, o Grupo Teatral Phoenix, em 2007 completando mais de três décadas de existência. Destes grupos da FURB têm surgido novos grupos independentes na cidade, tais como o Quarteto de

Violões e o Quinteto de Metais. Durante mais de vinte anos, a Divisão de Promoções Culturais da FURB desempenhou a função de administrar estas ações da área cultural exercendo na região importante papel, abrindo os seus espaços para os artistas, incentivando-os e apoiando-os no convívio da comunidade com o artista e sua obra, em eventos e exposições. Sendo pioneira em diversos âmbitos como instituição de ensino superior, a FURB foi pioneira também na formação em Artes, pois foi a primeira instituição a oferecer em 1973 o primeiro curso de Artes no Estado de Santa Catarina, curso que a partir da década de 80 evoluiu para a oferta de um renovado curso de Licenciatura Plena em Artes Plásticas, na década de 90 transformando-se novamente para o desdobramento de um novo curso de Artes, chegando a 2007 com os Cursos de Licenciatura em Música, Licenciatura em Artes Plásticas e Bacharelado e Licenciatura em Teatro. Tendo já graduado expressivo número de profissionais nas áreas de Música, Artes Visuais e Teatro, os cursos de Artes da FURB tem forte contribuição no panorama da vida artístico cultural da região. Entre outras iniciativas, a Temporada Blumenauense de Teatro, mantida com êxito com o apoio da Fundação Cultural, tem sido coordenada por profissionais, acadêmicos do Curso de Bacharelado Teatro da FURB, integrantes de grupos de Teatro na cidade.

O presidente da FUNARTE na palestra “Políticas Culturais” proferida aos participantes da 2ª Conferência Municipal de Cultura de Blumenau em 15 de setembro de 2007 afirmou o que o programa Arte na Escola da FURB já vem cumprindo desde a década de 90 quando o Departamento de Artes integrou-se a Rede Nacional “Arte na Escola.” Segundo o presidente da FUNARTE Celso Frateschi<sup>5</sup> “Cultura e Educação deveriam andar sempre juntas”. O Programa ARTE NA ESCOLA, sob a liderança das professoras do Departamento de Artes, Marilene Schramm e Roseney Cabral tem cumprido importante função em Blumenau, provendo os professores de Artes das escolas, de orientação e material para a aprendizagem e ensino das Artes além de oferecer, periódica e regularmente, Cursos de Especialização, com um corpo docente de doutores e mestres em Artes, convidados de outras universidades.

Os programas da FURB TV apresentando resultados de pesquisas, entrevistas, debates e informações, pelo olhar da universidade conectado com a comunidade; a FURB FM, com uma proposta de programação musical diferente, destacando-se o programa de Música de Frank Graf – êxito de audiência, somam-se, como as grandes contribuições da FURB a Blumenau, exatamente pela proposta,

como mídias de comunicação de uma universidade na região.

A história do ensino superior em Blumenau mereceria o espaço de um livro, pois desde o nascimento da FURB, que chega a 2007 plenamente como universidade, exercendo a sua missão em ensino, pesquisa e extensão, a partir de recentes anos passados nasceram outras instituições, as quais, atualmente, somam-se a Universidade Regional de Blumenau na contribuição da tarefa do ensino superior: o IBES - Instituto Blumenauense de Ensino Superior e a ASSEVI - Associação Educacional Leonardo Da Vinci (1999)

### 3 ESPAÇOS CULTURAIS, HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA

A ASSEVI que inaugurou em julho de 2007 o Teatro Michelângelo com capacidade para 1.200 pessoas, considerado um dos maiores de Santa Catarina e o IBES mantém, como a FURB, espaços de Exposição para as Artes Visuais, Lançamento de Livros e Noites de Autógrafos. Esses espaços mantidos nas instituições de ensino superior tem sido importantes para os produtores de arte e cultura de Blumenau e região, por dois aspectos: A abertura do espaço universitário para promoção, convívio e diálogo artístico cultural entre a sua comunidade e o artista e a contribuição deste espaço, somando-se ao esforço de oportunidade para o produtor, que ao mostrar o conjunto de sua obra, obtém mais uma possibilidade de negócio.

Há ainda um fator de importância a ser atribuído a esses espaços quando se verifica os espaços para aquela finalidade já existentes em Blumenau, e os espaços com os quais convivemos atualmente. As pessoas que freqüentam os eventos de Arte e Cultura em Blumenau, conhecem, além dos espaços aqui citados, as galerias Alberto Luz, Galeria do Papel da FCBlu, o Museu de Arte de Blumenau, os espaços culturais Angeloni, os espaços culturais no Shopping Neumarkt e dois espaços culturais que surgiram nos anos 2000 e se destacaram com forte presença e atuação: a Galeria Belas Artes da ceramista Freya Gross, dirigida por Anne Graf e a Fundação Alice Seyler, estes dois últimos, espaços que enquanto estiveram ativos, atuaram com competência despertando interesse e entusiasmo na comunidade blumenauense. A Casa do Artista, citada

---

<sup>5</sup> Notas da Palestra de Abertura da 2ª Conferência Municipal de Cultura de Blumenau, realizada em Blumenau no dia 15 de setembro de 2007.

a sua fundação na publicação da ACIB, nasceu em meio a década de setenta, em período bem anterior a essas duas galerias e após a criação da *Galeria Açu-Açu* fundada pelo poeta Lindolfo Bell, a artista plástica Elke Hering e o escritor Péricles Prade, encontrando-se, nesta época, a Açu Açu já estabelecida em um forte movimento de intensa inspiração para os artistas em Blumenau. Ainda anterior a criação da Açu Açu a loja de antiguidades "*Portobello Road*" fundada por Roy Kellermann, no centro da cidade, na rua Marechal Floriano Peixoto, abrigava também o primeiro atelier de Kellermann e atraía artistas para ouvir música e desenhar. Desta época setentista, junto à galeria Açu Açu, cresceram artistas plásticos entre os quais, muitos ainda atuam em Blumenau e no Estado: Guido Heuer, Rubens Oestroem, César Silveira, Suely Beduschi, Roy Kellermann, Reynaldo Pfau, Edla Pfau, Erica Araújo, Rose Darius, Lygia Roussenq Neves, Alberto Luz, Beatriz Bona, Freya Gross, Maria Edith Poerner, Orlando Ferreira Mello, Lucimar Bello Frange e Elke Hering, entre outros. Nesta época as "Coletivas Barriga-Verde", organizadas por Lindolfo Bell, envolviam diversas linguagens artísticas. Em uma edição de 1976 do *Jornal de Santa Catarina* é possível ver-se uma foto de Jorge Preiss e Noemi Kellermann, músicos e cantores, na abertura de uma destas exposições, na coluna de Lindolfo Bell (1987, p.18), antecedendo um texto seu em prosa poética sob o título *Manifesto Barriga Verde: 1970, onze de outubro... Primeira Coletiva de Artes Plásticas Barriga - Verde. Começa em Santa Catarina um movimento polivalente na cultura, envolvendo todas as linguagens criativas, a cidade de Blumenau feita ponto de convergência e irradiação. O Seminário da Visualidade Catarinense, Julho, no CIC, faz deste manifesto uma possível memória e uma proposta de futuro. Ainda!... E cabe neste futuro a lembrança: quando Blumenau terá um Museu de Arte? E após esta introdução Bell segue apresentando um texto que inicia com a frase: "Engolimos a esperança.... Por isso somos Barrigas-Verdes" e encerra dizendo: "Engolimos a esperança. Começamos a devolvê-la ao mundo".*

Em 13 de dezembro de 1997, realiza-se a primeira reunião da comissão especial da Fundação Cultural de Blumenau para elaboração de estudo de implantação do Museu de Arte de Blumenau e em 1998 Francisco Scliar, do Rio de Janeiro formado em Museologia Histórica e pós graduado em Museologia e em Museu de Arte orienta os trabalhos de implantação do museu. Em 06 de março de 2003 o Museu de Arte de Blumenau (MAB) é instituído pela Lei Municipal n°400, inaugurado em 2004. Atualmente o MAB situa-se nas edificações da antiga prefeitura de Blumenau onde se localiza a Fundação Cultural de Blumenau, apresentando uma estrutura constituída de: Sala do Acervo que abriga 400

obras (desenhos, gravuras, esculturas, instalações, fotografias e vídeos, entre outros) Sala Elke Hering com exposição permanente de obras da artista e Sala de Exposições onde periodicamente são realizadas exposições com artistas locais, nacionais e do exterior promovidas pelo MAB.

## 4 PRODUTORES DE ARTE E CULTURA E ASSOCIAÇÕES

A comunidade de produtores de Arte e Cultura em Blumenau tem escrito a sua história com a trajetória de artistas que em determinados períodos, seguem suas trajetórias solitárias e independentes de trabalho e sobrevivência de sua arte: Douglas Zunino, Telomar Florêncio, Tadeu Bittencourt, César Otacílio, Guido Heuer, Fernando Alex e Alexandre Venera dos Santos que com Juliana Theodoro traz para Blumenau um trabalho de multimídia ousado, afinado com a modernidade. A citação de poucos não é justa. Mas esta é uma outra história que também mereceria o espaço de um livro. Na história das associações de escritores, artistas plásticos, fotógrafos e artesões, o número dessa comunidade de produtores de arte e cultura em Blumenau demonstra a força trabalho destes grupos que tem sempre em suas diretorias o trabalho voluntário pelos seus associados e pela cidade. A estas associações deverá acrescentar-se ainda em 2007 uma Associação dos Músicos, iniciativa nascida na 1ª Conferência de Cultura de Blumenau em 2006, consolidando-se na segunda conferência pela formação de uma comissão para essa finalidade. Entre estas associações, novamente, ainda é possível citar neste espaço somente algumas: a Associação dos Grupos de Dança Folclórica Alemã, a Sociedade de Escritores de Blumenau (SEB), a Academia de Letras, a Associação de Artistas Plásticos de Blumenau (BLUAP), todas, em períodos diferenciados, devido a muitos fatores, com fraca ou forte atuação na comunidade, porém, resistentes e presentes em seus objetivos de agregar-se, para alcançar força e resultados para todos, no exercício das suas vocações. A Temporada



<sup>5</sup> Notas da Palestra de Abertura da 2ª Conferência Municipal de Cultura de Blumenau, realizada em Blumenau no dia 15 de setembro de 2007.

Blumenauense de Teatro, recente e importante conquista assume indiretamente a função agregadora dos grupos de Teatro não somente de Blumenau mas também da região. Estes grupos abrigam expressões diversificadas da expressão cultural em Blumenau, tornando-se uma mostra significativa da produção cultural blumenauense. Uma das mais importantes conquistas destas associações é a contribuição que fazem para a vocação turística de Blumenau, na Praça Hercílio Luz, no Biergarten , junto ao Museu da Cerveja, no centro da cidade, onde localizaram o Kunstgarten. Neste espaço, o turista também pode apreciar e adquirir o produto cultural da cidade, confirmando para os visitantes a fama de Blumenau no cenário nacional como cidade de nível cultural elevado devido as suas raízes européias.

## 5 ANO 2007, ADMIRÁVEL MUNDO NOVO EM BLUMENAU...

Nenhuma referência verifica-se no documento da ACIB sobre a produção de fotografia e de cinema quanto a espaço e produção, ou a vídeo. No entanto, o movimento ocorreu: o desaparecimento dos cinemas tradicionais de Blumenau e o surgimento dos cinemas localizados nos shoppings, o retorno de Herbert Holetz a Blumenau, acolhido o seu trabalho e competência na Fundação Cultural de Blumenau, homem com amplo conhecimento de cinema quanto a funcionamento e repertório e proprietário de magnífico acervo que estará localizado no Casarão da Coteminas, espaço recém-passado à Fundação Cultural de Blumenau, conforme informação no discurso de Bubeck na transmissão de cargo. Quanto à produção de cinema, em Blumenau destaca-se, a partir dos primeiros anos do século 21, Andréas Peter que em 2007 produziu o Caminheiro , documentário sobre o maestro Frank Graf e que deverá produzir também um novo filme sobre Heinz Geyer.

No decorrer destas mais de três décadas selecionadas para reflexão sobre as mudanças e transformações na vida cultural de Blumenau em um recorte temporal de áreas do segmento cultura, outros aspectos precisariam ainda ser sinalizados:

A importância da atuação do SESC ao trazer para Blumenau, regularmente em planejamentos anuais, programas e espetáculos de Literatura, Música, Artes Plásticas e Teatro, de alto nível de originalidade e

qualidade, eventos culturais produzidos nacionalmente que não são mostrados pela mídia e que não seriam vistos pelo público de Blumenau sem a iniciativa do SESC, nacional, estadual e local. Entre estes, Blumenau tem recebido anualmente os eventos: "Palco Giratório", "Dramaturgia em Cena", "Sonora Brasil", "Tapete de Contadores de Histórias", "Pretexto" (de Poesia), "Pretexto" (de Artes Plásticas), entre outros. Em convênio com a FURB, o IBES, a ASSELVI, a Fundação Cultural de Blumenau e com o Teatro Carlos Gomes o SESC tem oferecido à cidade gratuitamente, ou em preços quase simbólicos, o acesso a estes programas.

A ampliação e diversificação dos meios de comunicação impressa, de rádio e de televisão, registrando-se a FURB TV, a criação da Têvê Galega, a intenso serviço da comunidade blumenauense, a presença da RBS e da SBT, os Jornais - Santa, Folha de Blumenau, a Voz da Razão e outros; as emissoras de rádio FM90, CBN, MENINA, NEREU, FURB FM - todos estes, certamente, responsáveis por grande parte das mudanças e transformações nestas três últimas décadas em Blumenau considerando-se a Blumenau que vivia sem o conjunto de todos estes meios de comunicação.

A existência de editoras locais responsáveis pela produção de livros de autores blumenauenses, mas também de outros pontos do país e de formação acadêmica universitária. Entre estas: a Cultura em Movimento, Nova Letra, EdifURB e a Hemisfério Sul da escritora Urda Alice Klueger.

O surgimento de um colorido e vibrante conjunto de expressões culturais e artísticas o qual, pela simples leitura dos nomes dos grupos que o compõem conduzem o leitor a uma reflexão sobre as mudanças e transformações que vieram somar-se a rica cultura alemã em Blumenau: Na década de 70, Bandas de Rock - "Bananera Ltda", "A Veia", "A Gota", a partir da década de 80 - "Festival de Música Caipira de Raiz", "Encontro de Terno de Reis", "Grupos e Cantadores de Música de Viola", Grupo de Pagode "Toque de Simplicidade", "Confraria do Samba" e mais recentemente, entre as bandas que tem se apresentado no evento Circo Acústico, projeto criado pelo diretor de Cultura da FCBlu, Nico Wof: Thezorden, Macumba, Revolver, Maresia Democrática, Nafarra, Provisório, Mutecaos, Juliana Muller e Banda, Vlad V, Travesseiro Polar, Soda Café, Swami, Crisálida, Os Dálmatas/HipHop e Projeto 85. Convém considerar que certamente não estão todos aqui justamente citados, porém mais importante ainda será considerar que nesta última lista registrou-se apenas expressões musicais em Blumenau, nas

recentes quase três décadas.

Esta cultura que herdamos em Blumenau do passado, esta cultura a qual produzimos e com a qual convivemos no presente em Blumenau, é a cultura que deverá condicionar a nossa visão de Mundo, sobre o que nos fala Laraia e Benedict; porém esperamos, como no texto de Lindolfo Bell, que tendo engolido, em tempos difíceis, a esperança, possamos devolvê-la ao Mundo com a visão descrita nas palavras de Laraia (2003, p. 101):

Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o Homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo do futuro.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE BLUMENAU. **ACIB Blumenau 90 anos de memória**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989. 1v. (várias paginações), il.

BAUMGARTEN, Christina; STINGELIN, Bettina; TAMBOSI, Simone. **Dos camarins ao grande espetáculo: 145 anos de história do Teatro Carlos Gomes**. Blumenau: HB Ed, 2006. 187 p, il.

BELL, Lindolf. Manifesto Barriga Verde: 1970, onze de outubro. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 9 jul. 1987. Seção de Variedades, p. 18.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 102 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 116 p. (Antropologia social).

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002. 118p

RANIERE, Édio. **O jardim das ilusões**. Blumenau: Cultura em Movimento, 2007. xxxii, 235 p, il.

SEDREZ, Pepe. Teatro na Empresa. **Informativo** (do Teatro Carlos Gomes). Blumenau, set. 2007.

### SITES CONSULTADOS

[www.museudeartedeblumenau.com.br](http://www.museudeartedeblumenau.com.br)

[www.seblumenau.com.br](http://www.seblumenau.com.br)

[www.blup.com.br](http://www.blup.com.br)



# BLUMENALVA e NAUEMBLU

T R A N S C E N D E M

## DEUSCHTUM e BRASILIANERTUM NA LITERATURA BLUMENAUENSE

Dr. José Endoença Martins

*Eu que escrevivo, vivo o que escrevo,*

*E escrevo o que vivo.*

*Porém se vejo o que escrevo*

*O que vejo?*

*Eu vescrevo, não escrevejo.*

José Endoença Martins, *Poelítica*, 1995, p. 97.

### **I** INTRODUÇÃO

Pensa-se que a epígrafe acima revela mais sobre o autor deste texto do que antecipa sobre tema que vai se descortinar nestas páginas. Neste sentido, a narração na primeira pessoa é reveladora de uma percepção pessoal a respeito da experiência literária. “*Vivo o que escrevo,*” explicita o escritor-narrador sobre sua produção literária. Com esta visão da produção artística, procura-se preocupar o leitor com a possibilidade de que escrever, viver e ver não sejam realidades distantes, mas avizinhas, às vezes, até simultâneas. Vida, visão e escrita se encontram, numa lógica especial que o autor utiliza para aproximá-las. “*Eu vescrevo,*” afirma o autor na primeira pessoa. A análise literária – qualquer que seja – decorre também da vizinhança proposta entre viver, ver e escrever. O espaço deste artigo evidencia um pouco este aspecto.

Os textos - poéticos e prosódicos - e as metáforas - *blumenalva* e *nauembla* - se valem do *deutschtum* e *brasilianertum* para fazer surgir um tipo de reflexão que a literatura pode receber, entre muitas, ainda não tentadas. Deve-se atentar também para parcialidade do estudo. A presença de autores não deve sugerir qualidade literária, somente. Nem a ausência indica falta de relevância artística. O que se realiza aqui é a amostragem de como alguns gêneros - poema e ficção - podem exemplificar um esboço teórico que se vem construindo - *blumenalva* e *nauembla* - para a literatura da cidade. Por isso, este texto desenvolve a discussão da literatura que deseja ser abrangente sem, contudo ser completa. A abrangência fica por conta da decisão de incluir a produção dos imigrantes e a literatura contemporânea. A incompletude se explica pelas omissões que se apresentam. Muitos autores do passado e do presente não estão resenhados nestas páginas.

No terreno metodológico, o texto faz convergir o aspecto cronológico, o elemento teórico e a produção poética e a da prosa. Cronologicamente, avança-se dos anos da imigração alemã à derradeira década do século passado; na teoria, dá-se espaço ao diálogo entre os conceitos saudade e blumenalva, esperança e nauembla; no campo da produção, incluem-se a poesia e a prosa de escritores, imigrantes e contemporâneos, avizinados na lógica teórica deliberadamente assumida.

## 2 SAUDADE E BLUMENALVA: A POÉTICA DO *DEUTSCHTUM* CULTURAL

O *deutschtum* germânico toma conta das práticas culturais e literárias, da colonização aos ao momento presente, estabelecendo relações entre *blumenalva* e *saudade*. Saudade inscreve-se entre 1880 e 1940, *blumenalva* se desenvolve entre 1960 e 1990. Os temas que atraem os escritores de *blumenalva* ampliam os de saudade, mas aqueles também se distanciam destes. Na análise da literatura dos imigrantes alemães que desenvolve, Huber (1993) se dedica aos aspectos de saudade. No seu livro *Saudade e Esperança: o Dualismo do Imigrante Alemão Refletido em sua Literatura*, a autora estuda a presença de saudade nos textos dos escritores. Em alguns escritos, saudade está presente nas reminiscências que os autores elaboram sobre a Alemanha deixada para trás. Tais lembranças fazem parte do *deutschtum*, ou seja, o patrimônio cultural que os imigrantes preservam e os escritores expressam na poesia e na prosa. Para Huber, o *deutschtum*

Envolve a idéia de conservação de caracteres culturais, raciais e

sociais dos grupos de origem germânica, através da igreja, da escola e do lar. Alguns interpretam a palavra apenas como perpetuação da língua e outros como estados afetivos. Mesmo bilíngües, os imigrantes e seus descendentes continuam a falar no *Deutschtum* (HUBER, 1993, p. 35).

A autora engloba no termo a elaboração um *locus* cultural alemão, simbolizado no amor ao trabalho, nos olhos azuis e cabelos louros, na alimentação, no orgulho racial, no protestantismo, na experiência imperialista e na cumplicidade racial. Mais: a palavra apresenta também aspectos discriminadores e racistas em relação ao brasileiro. E dá sustentação ao “pavor do *verkaboklern* ou *verlusen*, ou seja, tornar-se parecido com o brasileiro (luso ou caboclo), que para ele é o caboclo litorâneo, pobre e ignorante” (HUBER, 1993, p. 37).

Alguns aspectos do *deutschtum* se evidenciam no poema *Saudade*, de Victor Schleiff (2002). No segundo verso, a lembrança do que foi deixado “para trás a pátria deixando, dos pais a casa”, segue no “e saudoso o olhar para trás viajava.” A volta poética à terra-mãe aumenta o conjunto das lembranças, carências e ausências que o poema insere no coração do imigrante através da voz do narrador. A terra natal, o vale tranqüilo, os sinos, a igreja, a labuta dos pais, o sofrimento e a sorte dos entes queridos se encontram. O poeta fecha a narrativa saudosa com uma pergunta sobre o exílio: “Silencioso sonhar! Nos deu tempo, para tanto/ o novo viver” (SCHLEIFF, 2002, p. 41).

No poema *Teuto-Brasileiro*, Georg Knoll (2002) amplia a experiência de saudade na identidade alemã que se afirma: “alemão o sou! Ouçam/dos pés à cabeça/sempe, alemã foi minha linhagem” (KNOLL, 2002, p. 46). No poema, *Recordação*, o mesmo Knoll (2002) direciona à pátria o olhar saudoso para recuperar a casa do pai, o jardim, as frutas, a escola, a chaminé, a torre da igreja e o sino. Nos versos, o *deutschtum* do narrador se afirma em vivências simples, pequenas, diárias. As palavras de Steil (2003), em estudo da poesia do imigrante, realçam as impressões de Knoll:

Observe-se o mergulho que seus pensamentos permitem em suas lembranças, alçando inicialmente a cidade, como que a sobrevoasse e de lá avistasse a casa dos pais, para só depois alçar o círculo do jardim e por fim, chegar aos frutos. A citação do castelo, que continha a escola, é igualmente infantil (STEIL, 2003, p.53).

A sensação de distância do país natal e a experiência do exílio na

pátria nova se intensificam, e a saudade se transforma em lembrança de padecimento para o imigrante. Knoll (2002) conclui a recordação que tem da terra-mãe com uma nota de dor:

Tomado por profunda tristeza.  
O quadro com lacrimajante olhar eu vejo,  
Do tempo, espaço e laço de família esquecido,  
Coração meu, de volta à terra em que nasci (RECORDAÇÃO,  
2002, p. 51).

Huber explica como a saudade articula as experiências dos primeiros imigrantes:

Os que sentem saudade, porque a luta pela sobrevivência na nova terra não corresponde às suas expectativas, os decepcionou e só agora, longe, avaliam a importância da pátria que deixaram, e também aqueles que, apesar do sucesso na terra estranha, não conseguem se sentir em casa (HUBER, 1993, p. 41).

A idéia de *saudade* inclui vários elementos, todos ligados à pátria de origem: a língua, os costumes, o trabalho, a fidelidade, os laços afetivos, a comunhão comunitária.

Aqui, uma breve relação entre *saudade* e a noção de cultura viajora, navio, caminho do meio, diáspora e exílio pode esclarecer o sentimento que domina o imigrante. Clifford (1997) argumenta que culturas viajam através “das histórias dos movimentos populacionais, exílio e migração em busca de trabalho”, se transformando em culturas diaspóricas, resultantes “das maneiras como as pessoas deixam e retornam as suas casas” (CLIFFORD, 1997, p. 27-28), de forma real, ou imaginada em textos literários. Ao definir diáspora como “uma casa longe de casa” o autor sugere que, no ambiente diaspórico, culturas se movimentam, se deslocam, se perdem em outras, resistem a outras, e se misturam a outras. Em suma, afirma Clifford:

*[With varying degrees of urgency, they] negotiate and resist the social reality of poverty, violence, policing, and political and economic inequality. They articulate alternate public spheres, interpretive communities where critical alternatives (both traditional and emergent) can be expressed (CLIFFORD, 1997, p. 261).<sup>1</sup>*

Nos poemas de Schleiff e Knoll, os códigos de *saudade* expressam

esta comunidade interpretativa da vida na colônia e a cotejam com a antiga vida deixada na Europa.

Outro traço importante na relação entre *saudade* e a Alemanha dos imigrantes é o navio e, dentro dele, a viagem. Para Gilroy (2001) o navio funciona como “uma sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento” e a viagem como “circulação de idéias e ativistas, bem como movimento de artefatos culturais e políticos, caminho de retorno redentor para uma terra natal” (GILROY, 2001, p. 38). Infelizmente, os poemas dos imigrantes responsáveis pelos códigos de *saudade* eliminam dos versos o navio e a viagem de chegada, pelo menos dos poemas aos quais tenho acesso. Qual a razão? Quando Steil (2003) intitula seu estudo sobre a poesia do imigrante alemão *Uma Viagem só de Chegada* também deixa de fora o navio e a viagem, foco da sua discussão, insinuado no título. Diferentemente do que acontece na poesia, a ficção do imigrante parece atenta aos fenômenos do navio e da viagem, na diáspora alemã em Blumenau. Por exemplo, no conto *Uma Enteada da Natureza*, Hering (2000) introduz o navio e, dentro dele, problematiza a viagem da desditosa protagonista à colônia, tangida pelo sofrimento, a solidão e o medo, paralisada pela monstruosidade de seu rosto disforme:

Quando embarcou no transatlântico, Kathrin não era mais vista por quase ninguém. (...) Noite após noite, ficava sentada debaixo da escada que conduzia à ponte de comando, na escuridão, com cuidado, para que ninguém a notasse. A música do baile, em meio ao ruído de muitos pés dançantes, batia em seus ouvidos. Kathrin só precisava se levantar e observar pela janela, acima de sua cabeça, para ver de muito perto o movimento alegre da vida. Mas o medo de ser vista era maior que a curiosidade (HERING, 2000, p. 55-57).

A experiência de Kathrin é evidência de que a viagem para longe da, e volta à, pátria, real ou imaginada, ou seja, “a casa longe de casa”, não é privilégio dos poetas imigrantes. Como os poetas imigrantes, os ficcionistas dos primeiros anos da colônia também se deixam tocar pela *saudade*. O conto *A Enteada da Natureza*, de Hering (2000) alonga o panorama dos

<sup>1</sup> [Em seus graus variados de urgência, elas] negociam e resistem à realidade social de pobreza, violência, repressão policial, e desigualdade política e econômica. Articulam esferas públicas alternativas, comunidades interpretativas onde alternativas críticas (tradicional e emergentes) podem se expressar (CLIFFORD, 1997, p. 261).

elementos de *saudade*, visíveis na poesia. Huber (1993) explica que, na ficção, a saudade traz a noção de perda, enfatizando que:

Os que sentem saudade, porque a luta pela sobrevivência na nova terra não corresponde às suas expectativas, os decepcionou e só agora, longe, avaliam a importância da pátria que deixaram, e também aqueles que, apesar do sucesso na terra estranha, não conseguem se sentir em casa (HUBER, 1993, p. 41).

Como na poesia, a saudade ficcional inclui elementos ligados à pátria de origem: a língua, os costumes, o trabalho, a fidelidade, os laços afetivos, a comunhão comunitária.

No conto *Enteada da Natureza*, Hering (2000) associa *saudade* à pátria de Kathrin, a Alemanha mergulhada em séria crise econômica. Tangidos pela penúria econômica, os alemães sofrem os efeitos da falta de perspectiva e muitos procuram alternativas. A senhora Prusch comenta com um parente a crise em que a família esta mergulhada, dizendo que

Seria preciso muito mais coragem para continuar lutando aqui. [...] Sabes que nós, aqui no nosso sítio e com os impostos, não ganhamos o suficiente para o sal da sopa – Além disso, tu nos havias limitado o prazo para os 1.500 marcos, que empregaste para comprar nossa casa. – e de onde nós haveríamos de tirá-los? (HERING, 2000, p. 45).

No caso de Kathrin, a crise econômica se agrava por um outro elemento: a feiúra física, que o narrador descreve com detalhes:

Uma visão terrível: cabelos parcos, vermelhos, cor de fogo, em fiapos arrepiados em torno de uma cabeça feia e de formato muito grande, do qual as orelhas se sobressaíam como duas colheres. Um rosto sardento, largo, chato, e com os olhos mirolhos, uma boca grande, como se fosse uma fenda e, o mais feio: um nariz achatado, que se poderia duvidar de sua existência, não fossem evidentes duas grandes narinas e, entre elas, duas partes redondas em relevo, como dois botões sobrepostos (HERING, 2000, p. 49-51).

Sabendo que a senhora Prush está de viagem marcada para o Brasil para dali a pouco, mais especificamente, para a colônia de Blumenau, a dupla

limitação - econômica e estética - faz Kathrin implorar àquela que, mais tarde, durante todo o percurso, vai se transformar na sua protetora: "me leve pro Brasil" (HERING, 2000, p. 49). A senhora Prusch vence a oposição dos filhos e do marido, e a jovem Kathrin segue com a família para a colônia, onde os Prusch vão "assumir a propriedade de um tal Rambler que, por motivos de saúde, precisou retornar à Alemanha" (HERING, 2000, p. 47).

No navio, durante a viagem, a crise emocional de Kathrin se intensifica por dois aspectos: solidão e amor. Hostilizada pelos outros passageiros e pelos filhos do casal Prusch, a quem sua feiúra incomoda, Kathrin se exclui do convívio das pessoas, passando "o dia num canto escuro, mofado e semelhante a um buraco" (HERING, 2000, p. 55), quando não se encontra realizando alguma tarefa para os Prusch. O narrador adiciona detalhes degradantes ao esconderijo da moça: "noite após noite, ficava sentada debaixo da escada que conduzia à ponte de comando, na escuridão, com cuidado, para que ninguém a notasse" (HERING, 2000, p. 55-57). É aí que, uma certa noite, Kathrin vai encontrar Klaus Woermke, o formoso jovem que irá transformar sua vida.

Se Kathrin e Klaus têm um destino comum - a busca de melhor futuro longe da pátria - a aparência distingue os dois jovens alemães. O narrador esclarece reação de Kathrin diante da beleza do moço que, durante parte da viagem, se transformará em companheiro e partilhará de suas emoções:

Klaus Woermke lhe parecia a pessoa mais bela que o sol sagrado. Sua grande gratidão tecia um brilho transfigurado em volta do seu rosto comum, de ossos grosseiros, marcando-o para ser a pessoa mais valente do mundo. E quando ele ria, Kathrin entrava num estado de admiração devota. Como alguém podia rir tão despreocupado e tão infantilmente! Outra pessoa, sem ser Kathrin, teria achado este riso ridículo, pois Woermke ria muitas vezes sem nenhum motivo. Não que ele tivesse descoberto a pólvora, mas Kathrin achava suas escassas palavras semelhantes a uma fonte prestes a secar, inteligentes e sábias (HERING, 2000, p. 63).

A reação do moço não pode ser pior quando vê o rosto descoberto de Kathrin. Diante da feiúra de Kathrin, ele só consegue dizer "uí, demônio", cuspidando com nojo. O comentário de desprezo do jovem a teria levado ao suicídio, não fosse pela solidariedade da senhora Prusch. Na colônia de Blumenau, Kathrin retribui com trabalho ao carinho da família Prusch. Quando

descobre que está grávida de uma menina, Kathrin rejeita aquela maternidade, com a força de um pensamento decido: “uma menina não, pelo amor de Deus, uma menina não” (HERING, 2000, p. 73). Fica-se, então, sabendo que o pai é o lindo Klaus que havia continuado sua viagem para a Argentina. Para Kathrin fica a esperança de que a criança nasça linda como pai. Quando a criança nasce ela olha o bebê e, diante da mãe surge a criança mais feia que ela já viu. Tenta matá-la, mas é impedida pelo senhor Prusch. A infeliz mãe cai enferma e, durante a enfermidade, delira, dizendo coisas como: “antes que minha filha sofra isto tudo, eu mesma quero estrangular ela com minhas mãos” (HERING, 2000, p. 81).

O período de convalescença a senhora Prusch o passa ao lado do leito de Kathrin e decide cuidar da recém-nascida, se a mãe não resistir. Contra todas as expectativas, Kathrin sobrevive, se recupera, melhora e a aceitação final do bebê se reflete nas suas palavras “não tem muito de mim” (HERING, 2000, p. 85), quando se conscientiza de que a menina é linda e perfeita. A gratidão de Kathrin se transforma, então, em “lágrimas da mais sublime felicidade” (HERING, 2000, p. 87).

A partir dos anos 60, a saudade vivida no *deutschum* poético e ficcional dos imigrantes vai encontrar guarida, renovação e alento no poeta Lindolf Bell e na romancista Urda Alice Klueger. Nos textos que o poeta e romancista escrevem, *blumenalva* se apresenta como a retomada dos ideais culturais e estéticos de *saudade*. Com Bell, o *deutschum* se movimenta no tempo e no tema. No corpo do poema de Bell, *saudade* viaja – não mais no navio que singra o Atlântico, mas no barco – pelo leito do Itajaí-Açu, cujas águas entrelaçam o imigrante ao seu filho, o alemão ao brasileiro. O rio substitui o mar. Do rio como movimento em busca do encontro diz Bell (1980)

Na origem,  
O rio. (...)  
Na origem  
O pó lido do tempo  
Escrito em páginas claras  
De afluentes águas  
Entrelaçadas,  
Estrelaçadas (BELL, 1980, p. 53).

A respeito do poema como construtor do rio e suas águas, ele escreve:

Mas [seja o poema] o exercício  
 Corpo a corpo do poeta  
 Entre uma dúvida e outra dúvida  
 Mas dentro do horizonte  
 Da certeza duvidada (BELL, 1980, p. 124).

Em Bell, o sentimento saudoso que se encontra “escrito em páginas claras” do “exercício/corpo a corpo do poeta” adquire o nome de *blumenalva*. A proximidade entre a *saudade* do imigrante e a *blumenalva* de Bell - de outros escritores blumenauenses, também - entre os anos 60 e os 90, possui um invólucro teórico. Nos últimos anos, ensaios (Martins, 1999, 2000, 2002, 2004, 2005, 2007) estabelecem *blumenalva* como metáfora da germanidade blumenauense a partir da década de 60 do século vinte. Os textos sugerem que, até aquele período, a germanidade que se vale de *saudade* para ganhar expressão é descrita em língua alemã. A partir de então, é através da língua brasileira que a germanidade vai ganhar visibilidade. E muitos textos informam como *blumenalva* dá seqüência à *saudade*. O neologismo *blumenalva* encontra nesta estrofe de Bell:

Minha cidade Blumenália,  
 Minhas ruas varridas,  
 Meus crepúsculos alvoradas (...)  
 Dentro de ti viajo, Blumenau  
 Blumenalva, Blumenágua (“BLUMENAU”).

A aproximação entre os dois conceitos se explica:

Saudade e Blumenalva se aproximam porque desejam reafirmar como centro da literatura local certa experiência de germanidade, altamente determinante na vida da colônia. Tanto os adeptos de Saudade quanto os defensores de Blumenalva crêem que a literatura blumenauense constrói - reconstrói - localmente o retrato de uma cultura que não se afasta dos valores germânicos que encontram espaço propício na cidade de Blumenau desde a colonização (MARTINS, 2002, p. 82).

Como força inovadora do talento novo que surge, *blumenalva* alarga os contornos de *saudade* presentes nos poemas de Schleiff, Knoll, e em *As Vivências Elementares*, livro de poemas de Bell (1980). Nos versos de Bell, está a terra, o pomar, a casa, o rio, o vale, a árvore, a carroça, elementos do cotidiano que já se encontram nas lembranças poéticas que os autores imigrantes têm da Alemanha

deixada para trás. Da mesma forma que faz a diáspora dos ancestrais, a de Bell cria “uma casa longe de casa” onde suas vivências “deixam e retomam a sua casa”, para usar expressões de Clifford (1997) sobre culturas que viajam.

A viagem para longe e a volta à pátria - real ou imaginada - ou seja, “a casa longe de casa” não é privilégio dos poetas locais. Como Bell e os poetas imigrantes, Hering (2000) e Klueger (1979) também colam *saudade* e *blumenalva*. A *blumenalva* de Klueger é tema do romance *Verde Vale*. Junkes (1987) aponta os valores germânicos presentes no romance:

Verde Vale é o livro das origens de Blumenau, o livro do desbravamento, da luta, da coragem, da decisão e persistência dos alemães que acreditaram no Dr. Blumenau, deixaram sua pátria, e vieram construir com seu sacrifício e sua dedicação, a colônia que teria o nome do fundador e se transformaria numa das cidades mais marcantes e progressistas do Estado (JUNKES, 1987, p. 290).

Os elementos de saudade tomam forma de experiências existenciais na trajetória de Eileen, a heroína do romance. A bela Eileen tem na crise econômica e familiar o elemento que a aproxima de da feia Kathrin, personagem de Hering (2000). A crise obriga os Sonnes a deixar a pátria alemã em busca da colônia de Blumenau. O narrador explica que “as coisas começaram a ficar cada vez piores. Mais uma das eternas guerras grassava entre os estados alemães. Houve aumento geral nos preços. A pequena Lisa esteve doente. As economias de verão foram todas gastas com médicos e medicamentos” (KLUEGER, 1979, p. 18). Na colônia blumenauense, o encontro com a prosperidade é um desejo constante e se manifesta nas orações de todos e nos pedidos de “que Deus abençoasse a todos, conservasse a saúde e lhes desse prosperidade” (KLUEGER, 1979, p. 29-30). A prosperidade se manifesta na aparência de Eileen. A imigrante soma à beleza física, visível nos cabelos loiros e olhos da “cor de violetas dos prados nas tardes de sol” (KLUEGER, 1979, p. 15), a qualidade artística de musicista. A aparência, o piano e a música são representações culturais da saudade da Alemanha da infância deixada para trás. Das teclas se desprende “uma música simples e muito antiga, muito antiga, desenterrada lá do fundo do cofre da sua memória, talvez a primeira que tivesse aprendido na infância” (KLUEGER, 1979, p. 83). O sucesso econômico e cultural da família Sonne se consubstancia na nova vida de Eileen. Ela representa a mulher germânica perfeita na colônia de Blumenau. O próprio

narrador faz questão de realçar suas grandes qualidades.

Eileen era a mulher perfeita, a mulher pela qual valia a pena viver. Bonita como uma pintura, terna como um animalzinho novo, viçosa como uma flor, quente como as brasas de uma fogueira, Eileen sobrepujava todas as ambições da vida de Humberto. A dona de casa perfeita, Eileen era uma aristocrata que dirigia seu pequeno reino com tanta graça e sabedoria como talvez poucas rainhas o houvessem feito. Idolatrada e amada pelos filhos, não havia mãe mais carinhosa e completa em todas as adjacências. Mulher nascida para a vida em sociedade, sabia exatamente como agir e o que dizer em todas as circunstâncias. Tão bem se trajava e valorizava a beleza natural, que nenhum homem titubeava em elegê-la a mais bela das mulheres da Colônia. Mas isso não era tudo. Eileen era mais. Eileen era carinho, era ternura, era a verdadeira aurora que nascia a cada sol, era a adolescente que se ruborizava e se empolgava, era o esplendor da mulher de trinta e cinco anos. Eileen, Eileen, que mais, Eileen? Eileen boa, Eileen bela, Eileen amiga, Eileen amada, Eileen de novo noiva a cada noite; Eileen amante perigosa nas madrugadas. Oh! Mein lieber Gott, que poderia desejar a mais na vida o homem que tinha uma mulher como Eileen? (KLUEGER, 1979, p. 136).

A prosperidade é entremeada de derrotas e vitórias, de experiências estimulantes na colônia até os últimos dias de uma vida dedicada à família, ao marido. Eileen morre, com a morte do marido. Para ela não há mais motivo para viver. Dedicara a vida a Humberto e como ele se fora ela também queria ir-se. “Eileen como que perdeu toda luz. Parecia uma vela se apagando - devagarinho, sem alarde, a vida lhe fugiu e ela foi morrer poucos meses depois. Houve quem dissesse que Eileen morreu de velhice. Na verdade, Eileen morreu de amor” (KLUEGER, 1979, p. 203).

### 3 ESPERANÇA E NAUEMBLU: A POÉTICA DO BRASILIANERTUM CULTURAL

A literatura blumenauense avança para além do *deutschtum*, seus elementos estéticos de *saudade* e *blumenalva* e seus propagadores, poetas e

ficcionistas. Com o avanço, ganha os aspectos inovadores do *brasilianertum*, marcas simbolizadas nos vocábulos *esperança* e *nauemblu*. De forma semelhante à *saudade* e *blumenalva*, *esperança* e *nauemblu* também encontram suas origens na literatura dos primeiros imigrantes. Huber (1993) explica os contornos de *esperança*, presentes nos textos poéticos dos primeiros imigrantes. Argumenta que, em função do dualismo que nutre a poesia do imigrante com a força do *deustchtum*, as marcas de *esperança* atuam como a outra face dos traços de *saudade*. Enquanto *blumenalva* se associa a, e amplia as marcas de, *saudade*, *nauemblu* se aproxima dos elementos culturais de *esperança*. Ou seja, enquanto *saudade* tende a dar conta do apego do imigrante aos valores culturais da Alemanha, *esperança* representa o conjunto das identidades do imigrante que busca integração com a cultura brasileira presente na colônia, e no país. Através de *esperança* dá-se a combinação do *deustchtum* com o *brasilianertum*. Huber argumenta que, como espaço de *esperança*, o *brasilianertum* apresenta fatores como a satisfação que o imigrante sente quando se percebe atraído pela cultura brasileira e o desejo de participar da nova sociedade que o recebe e lhe oferece abrigo e desafio. Explica a aproximação, presente especialmente nas novas gerações de imigrantes, aos códigos culturais de matizes brasileiros que ela chama de *brasilização, verbrasilianern*:

As novas gerações, em contato permanente com o meio nacional, também influenciam as mais velhas, com o processo chamado de *verbrasilianern* (brasilização ou abrasiliamento) que traz, por exemplo, uma maneira diversa de sentir e utilizar o tempo (aquisição da “paciência” brasileira), proveniente do ritmo mais lento da vida social e das distâncias espaciais, bem como da maior liberdade aqui existente (controle social menos rígido) (HUBER, 1993, p. 37).

Os versos de Schleiff (2002), no poema *Os Primeiros Imigrantes*, associam *esperança* ao *verbrasilianern*, no contato do alemão com o Brasil:

Seja, nova Pátria, por mulher e homem,  
Terra das esperanças nossas, saudada,  
A nós peregrinos do deserto uma Canaã,  
Com leite e mel fluindo (SCHLEIFF, 2002, p. 86).

A mesma sensação, presente em Schleiff, de que o imigrante encontra aqui “uma Canaã/com leite e mel fluindo,” prossegue no poema *Minha Casa*

*Paterna*, de Damm (2002). Nele, o narrador sugere grande identificação entre o imigrante e a paisagem local. “Tudo é luz do sol, tudo é perfume de flores/ Não se preocupa nem se aflige o coração aqui” (DAMM, 2002, p. 111), diz o narrador. A abundância, a beleza e a tranqüilidade que a vida na colônia oferece ao imigrante o fazem assimilar o *brasilianertum*. Identificação que se repete no poema *Segunda Pátria*, de Kahle (2002): “à pátria nova vamos consagrar/nossa mente e os nossos braços” (KAHLE, 2002, p. 93).

O *verbrasilianern* não se restringe aos aspectos de *esperança* que os poetas imigrantes desenvolvem nos poemas que escrevem, mas necessita, para se re-significar, da produção poética futura que, a partir dos anos 1990, vai ser representada pelo vocábulo *nauemblu*. Como metáfora, *nauemblu* engloba um tipo de produção literária local que se caracteriza pela superação da *blumenalva* (MARTINS, 1999, 2000, 2002, 2004, 2005, 2007). *Nauemblu* se relaciona com a poesia que a precede de forma dupla. Primeiro, os textos *nauemblu* rearticulam os de *esperança*; depois, redimensionam os de *blumenalva*. No poema *Nauemblu*, Radünz (1998) introduz o neologismo que serve de base teórica para a discussão. O poeta escreve:

o rio irremovível  
 vela  
 sem açus  
                   nauemblu (...)  
           nauemblu  
 irremovível,  
 indevassável  
                   perece (RADÜNZ, 1998, p. 25).

Nos meus ensaios, explico quais as possibilidades teóricas que as características de *nauemblu* oferecem para a discussão da poesia de Blumenau, a partir dos anos 1990:

A leitura da produção literária local sugere que, diferente da monolítica, fechada, centrada e paradisíaca blumenalva, *nauemblu* se mostra plural, aberta, descentrada, estranha e nada paradisíaca. Visível na multi-traduzível evocação de *nauemblu* reside o caos - o estranhamento fértil - que se constrói e se reconstrói em inúmeras possibilidades de tramas e tecidos, tanto inesperados quanto inexplorados, ou desesperados [...]. Se inscreve nas forças locais

que vão muito além das germanidades, brasilidades e mundialidades culturais que o local é capaz de engendrar esteticamente. Por isso, cabem na nauembla anamárias e albergálias, capitus, bertílias e kaputs, diablos e jundiás, riovários e sincretinismos, tatuagens, niras e espontâneas (MARTINS, 2002, p. 84-85).

Um exemplo das “inúmeras possibilidades de tramas e tecidos, tanto inesperados quanto inexplorados, ou desesperados” que *nauembla* aciona para avançar para além de *saudade* e *blumenalva* é apresentado agora. No poema *Blumenau*, de Schleiff (2002). No poema, a noção de *saudade* se caracteriza pela maneira como o poeta sugere que o machado afiado do imigrante é o instrumento que vai transferir para a colônia a graça, a beleza e a pujança econômica da velha pátria. “Olhem, como os afiados machados incansáveis/reluzem” (SCHLEIFF, 2002, p. 124), convida o narrador ao espetáculo do embelezamento de Blumenau. Décadas mais tarde, no poema *Blumenau*, Bell substitui, pela linguagem, o machado que Schleiff utiliza para formatar a colônia à imagem e semelhança da mãe. “Deixar poemas escritos”, diz o narrador de Bell. Porém, a palavra (poética) de Bell deseja alcançar os mesmos efeitos estéticos de Schleiff: plasmar Blumenau ao modo alemão. À maneira de Schleiff e Bell, Radunz também deseja plasmar Blumenau. Porém, diferente dos dois poetas, Radunz não o faz a partir do modelo da vela pátria. Ele transcende o padrão alemão, na perseguição de concepções mais variadas. Se na poesia de Schleiff Blumenau resulta dos “afiados machados” do colono imigrante e, se em Bell, “a identidade real” da cidade nasce de “poemas escritos”, em Radunz, o espaço blumenauense não é o produto de algum demiurgo - colono, poeta - ou de seu instrumento de trabalho - machado, linguagem. Em Radunz, Blumenau não é mais Blumenau, é *nauembla*. Ou seja, Blumenau vira *nauembla* por geração espontânea: a palavra que se auto-inventa, se auto-cria, se auto-produz, se “auto-nasce”, no caos. O que implica todas as possibilidades de significação, re-significação, ou de-significação. Colocada de maneira simplificada, as germanidades e brasilidades anteriores buscam incorporar as mundialidades contemporâneas.

Que contemporaneidades estéticas são essas? Vamos a algumas delas.

Além de Radunz, muitos escritores - poetas, ficcionistas - vêm dando formatos diversos à produção literária em Blumenau. Um deles é Zunino. Em *Na Curva do Rio*, Zunino (2002) se vale da sua autobiografia poética para

redesenhar *nauembla*. Consciente de experiências passadas e presentes, o poeta assim se apresenta: “retornar à rua/do passado e alcançar/esta ilha do presente!” (ZUNINO, 2002, p. 48). A autobiografia – olhar temporal oscilando entre o que o eu viveu e está vivendo – em Zunino alia os espaços da rua e da ilha ao tempo. O poeta sabe que a aproximação de passado e presente traz dificuldades, devido à fugacidade das coisas lembradas e à volatilidade da memória que se vale da lembrança. Por isso, os pedaços de memória que ele consegue apreender são “areias/que o vento/leva e traz...” (ZUNINO, 2002, p. 48). Tocado pelas areias da memória que o poeta procura controlar, mas que teimam em escapar-lhe, Zunino se esforça para ser completo, se auto-definindo através do abandono artístico: “talvez todo poeta seja isso:/ uma casa abandonada” (ZUNINO, 2002, p. 20). E o poema, matéria da memória autobiográfica – ambas fragmentadas, incompletas e limitadas – se insinua no eu em pedaços:

Talvez todo poema seja isso:  
 Esses restos de papéis rotos, pedaços  
 De pano e madeira, telhas quebradas,  
 Essa lata amassada e enferrujada  
 Ou essas garrafas de plástico  
 Vazias...(ZUNINO, 2002, p. 21).

Não é somente o poema que se transforma em “restos de papéis rotos, pedaços” a que Zunino alude. A própria noção de *nauembla* se deseja assim: pedaços, incompletudes. De que pode ser feita a mundialidade se não de pedaços do local? A esses “pedaços” de textos que Zunino posiciona no nível da madeira, da telha e da lata autobiográficas, Galvão (1999) confere a altura de “barca em nuvens” (GALVÃO, 1999, p. 24). Em *Sincretinismo*, ele retira *nauembla* do espaço do rio em que a colocam Radünz e Zunino para fazê-la levitar entre o oceano e o céu. O poeta faz diagonino – desenhista de ilhas – vagar entre terra, poeira, areia, céu e água, para que o próprio herói conclua “eis o meu mundo,/ encontrei-me: / diagonino sou/ num corpo coabitação de opostos” (GALVÃO, 1999, p. 85). Como o corpo de diagonino, o corpo do poema também se transforma em “coabitação de opostos,” que desenha interação: do rio com o oceano, da água com a terra, da terra com céu, de Zunino com Galvão.

As oposições incluem a terra, o céu e o mar. Coabitar opostos, como faz diagonino, inventa a possibilidade da inclusão do estranhamento. Galvão faz-nos pensar em diagonino como sua própria persona, informação descoberta

no epílogo, vagando pelo deserto, na busca de imagens. Tendo como pano de fundo o estranhamento do deserto, as imagens se tornam precárias, provisórias e irrealis como as que um deserto pode proporcionar a um caminhante exausto. Tais imagens se refletem no “espelho volátil” em que o deserto se transforma: a estrela, o risco celeste, a barca, o pássaro, o cavalo alado, o fogo, o sol. O resultado de todas estas imagens provisórias é a música que, para Galvão “é som do céu/ é o som do mar” (GALVÃO, 1999, p. 31). Aqui, o simbolismo de Aphonsus de Guimaraens me compele a uma intromissão, talvez descabida. E se *nauembla* fosse a loucura poética – simbolista – de Ismália? “Quando Ismália enlouqueceu/ pôs-se na torre a sonhar.../viu uma lua no céu,/ viu outra lua no mar” (GUIMARAENS, 1972, p. 144), diz o poeta simbolista.

Na verdade, nas inúmeras possibilidades do sincretinismo de Galvão, o encontro das duas sonoridades – a celestial e a marítima – não deve incluir impossibilidades de quaisquer matizes, menos ainda estéticas e poéticas. É só atentar para o verso que segue para se compreender que o “beijo aéreo/ bolando na saliva do ouvido” (GALVÃO, 1999, p. 31) é auto-explicativo das associações inesperadas de *nauembla*. O espaço entre o céu e o mar não apaga a possibilidade do rio que sempre volta, sempre presente em *nauembla*. E se prolonga na “mulher-rio”, dotada de:

asas  
elos belos  
cabelos assaz  
beiços marcados  
- vermelhidura -  
... a salicitude no umbigo...! (GALVÃO, 1999, p. 32).

Este rio – mulher-rio – recorrente e rio-corrente, aguarda o olhar feminino de Martins, para que *nauembla* adquira amplidão especular. A *nauembla* não basta a autobiografia das águas que Zunino elabora, a ela não é suficiente a biografia do espaço de Galvão-diagonino. A *nauembla* interessa que se deixe de olhar as geografias espaciais – líquidas, sólidas – para olhar-se. Em *Poemas para Além do Tempo*, Martins (2005) faz *nauembla* oscilar entre o espelho e o olhar. Trata-se de duplo movimento: uma parte liga-se ao espelho; a outra associa-se ao olhar. O alvo deste duplo foco – o especular e o ocular – parece mirar no interior da poeta que surge nos versos como alguém que procura auto-conhecimento. A poeta posiciona o olhar no exterior, no rosto. Escreve “abro os olhos,/ enxáguo o rosto” (MARTINS, 2005, p. 20). Os olhos surgem

como uma aproximação do olhar. É preciso ter os olhos abertos para dir o olhar. O primeiro olhar dirige-se ao rosto e, aí, se dá o momento de hig lo, e a poeta o enxágua. Diante do espelho, desejam encontrar-se o água, as mãos e o rosto. Não se trata da água do rio ou do oceano. Inv como água de reconhecimento do corpo marcado.

Limpo, o rosto mostra o que realmente pode mostrar: as mar tempo. A poeta faz questão de realçá-las, dizendo: “meu rosto, rugas” (MA 2005, p. 28). Além das rugas, existe ainda uma outra parte do rosto mostra: a boca. Com ela, um prenúncio de tristeza. E a constatação de que “o sorriso triste no canto da boca/denuncia seu abandono” (MARTINS, 2005, p. 45). O rosto parece o mapa das experiências e de seus resultados. “E minha história vira/entalhes em meu rosto” (MARTINS, 2005, p.73), a poeta conclui, consciente de que as marcas em seu rosto podem contar a trajetória da vida que programa para si. Esculpe ou entalha a própria história, não na vida, nem nos atos, mas na cara. A solidão, então, é o convívio consigo mesma:

perpétuas as horas  
em que convivo  
com minha solidão  
cravada no sulco de minha carne (MARTINS, 2005, p. 80).

Com *Vide-Verso*, Barros (2007) repagina a *nauemblu* especular/ocular de Martins. Tira dela a carga de sofrimento que Martins lhe empresta e lhe oferece um arsenal de aliterações e sonoridades. Também como Martins, Barros dimensiona o olhar que não se desgruda do viver. O título - *Vide-Verso* - gruda visualidade ao poema. As aliterações presentes nas combinações sonoras entre *ver-te* e *verte* parecem sugerir que, no que ela empresta ao poético, a visão precisa verter-se - e, quem sabe, reverter-se - em algo inusitado. O que será este algo inesperado? O narrador não declara, nem o olhar precisa, porque o que mais importa é o jogo verbal. Por isso, “verte meu peito ao ver-te”, exclama o narrador num verso. Na verdade, percebe-se que é lá nos versos que alguém vê, ou naqueles que vêem ou, ainda, nos que se vêem, que a visão se transforma no espelho que reflete a própria imagem. Isto é, o olhar se olha. Fica, então, possível a aceitação de que “a alma geme ao ver a alma gêmea.” *Nauemblu* também pode ser um conjunto de olhares que se cruzam, se recusam, e se acusam. Por isso, se o olhar de Zunino vê o rio, o de Galvão enxerga o oceano, e o de Martins olha o rosto, no olhar de



Barros é a alma que se vê. Com o olhar de almas, *nauemblu* adentra-se no cerne do humano e aí aloja sua mundialidade e humanidade. Deve ser isso mesmo que acontece diante do espelho-*nauemblu*: a alma (poética) vira gêmea de si mesma. Como a sugerir que *nauemblu* se transforma num espelho que reflete a si mesma. Por isso, o melhor conselho ao leitor que lê estes versos é olhar, mas sempre desejando ir além do olhar, para ver: “ver de perto”.

Barros faz o olhar, ou o ver, apresentar-se como experiência complexa. Às vezes, não é a presença que o olhar busca, mas a ausência. Por isso, faz sentido quando o narrador esclarece que “sumi [...] numa duna duma dona.” Mas o que é ausência se, quando se declara, se transforma em presença? No mesmo tom de ausência que o encontro com o corpo (uma duna) da mulher descortina, encontramos os versos de ausência e desencontro. Por que “acaso acasalamento lamento” é verso onde o lamento provocado pelo acasalar-se pode redundar em casamento. Então, tudo se resume em “e caso.” Diante do olhar, a direção entre acasalamento e casamento nem sempre sugere uma linha reta, fácil, sem obstáculos. Por isso, muitas vezes, urge insistir com o amado, ou a amada, e pedir: “me assuma.” De novo, o assumir - que é uma presença entre almas gêmeas - já projeta a ausência de sumir - o abandono das almas iguais. Por fim, os jogos sonoros e amorosos - nunca esquecer que o amor sempre pode virar um jogo entre caso e acaso - vão desembocar no verso “cada caso é um caos.” O caos, todavia, é onde a presença pode prometer-se disfarçada, sutil, porque, sabe-se, o caos pode ser tão criativo quanto a ordem, em suas inesperadas possibilidades. Atente-se aqui para uma das muitas características de *nauemblu*: “visível na multi-traduzível evocação de *nauemblu* reside o caos” (MARTINS, 2002, p. 84) da criatividade. Tal criatividade - a do caos e a da ausência - fica sugerida na revelação do inesperado, já que “revelo me em teu relevo.”

Os jogos verbais se revelam no relevo dos jogos amorosos com os quais Barros edifica sua *nauemblu*. Tais jogos sonoros redimensionam as nuances poéticas do olhar *nauembluense*. Às vezes, um verso como “a maria amaria” estabelece uma continuidade sonora com “obsoleto absoluto” para alertar o amante de que a possibilidade do amor absoluto vir a ser obsoleto é sempre uma ameaça poética e uma cilada real, e verbal. Por isso, diante da precariedade do amor, vem a sugestão do andar lento, misturado ao pensamento sem rumo certo. É quando o narrador aconselha: “sempre essa de divagar sem pressa.” Neste passo - compasso - amoroso que prima pela lentidão do pensamento reflexivo não existe espaço para algo que sugira a rapidez que consome, já que tal acordo com lago tão intenso, porém ligeiro, redundando na terminação tanto da lentidão como do amor. Uma constatação é a de que “meu fôlego teu fogo ex-pira;” outra, segue àquela: “no amor haja gás e ânimo.”

Pena que na exaltação dos jogos sonoros e amorosos que os versos de Barros engendram a culpabilidade do fim seja imputada ao feminino, à mulher - não ao homem -, aí representada pela sua qualidade vampiresca. "Vampira me aspira expira," acusa um narrador. E já que o vampirismo feminino reflete "a danada da amada," o resultado é receio, porque a mulher "me dá medo se me ama" (?). E também porque seu ardor vampiresco lhe confere poderes de "uma dona que me dana," ou de "uma dama que me doma." Nem tudo se resume ao amor - vampiresco ou desatinado - nas deambulações sonoras e poéticas que Barros expõe em *Vide-Verso*. Como não poderia deixar de ser, próprio eu-narrador do poeta chama a atenção a um outro tipo de amor. Na *nauembla* do olhar, este novo amor se volta à poesia, ao verso, à escrita poética. O olhar, agora, se volta ao ato de escrever como profissão de fé, ou militância, ou meta - a metapoesia. "Escrevo não para ser imortal mas pra um amor tal pra uma mortal." *Nauembla* se metapoetifica. Aí, amor à escrita equivale a amor a uma mulher. Esta triangulação - escrita, amor, mulher - se expande em outros versos. Um deles consagra sonoridades em erres quando propõe: "do poema rimas do amor rimos da vida rumos." O humor aí consignado se acopla ao riso do verso que segue: "ri mas são rimas minhas." Como é bom ver que a rima - o verso, a poesia, a escrita - está a serviço do humor em sonoridades que jogam e, durante o jogo, se jogam umas contras as outras, em buscas de efeitos mais produtivos. Diante do olhar, tocado por ele, ou superado por ele, o verso de Barros - solitário ou em grupos de jogos sonoros - não pode prescindir do espelho. Diante do espelho, os versos se transformam em "universos paralelos," de um lado. Do outro, se desejam "uni versos para lê-los."

No mote de *nauembla*, como recorda Barros, "universos paralelos" são "uni versos para lê-los," a leitura da poesia de Saut (1989) é imprescindível. Em seu *Habitat 2000*, o universo paralelo é o espaço sideral de existência renovada, onde "longes estrelas tão perto dançam/para construir nova vida" (SAUT, 1989, p. 41). Eis o dilema do narrador que, vivendo na terra, aspira ao espaço sideral. E, nele, encontra a liberdade que livra o homem das contingências humanas. Nos versos "livrei-me do útero/Livre-me da infância/Livre-me da idade/Livre-me da morte?" (SAUT, 1989, p. 23), o narrador reitera com firmeza e se indaga. O vôo para a liberdade sideral implica construção, chamado a que ele responde com versos como "construo a beleza do firmamento/e as estrelas riem em coro" (SAUT, 1989, p. 27). Na terra finita ou na eternidade sideral, Saut sabe que a arte - a poesia - é o navio. Tal visão se adensa no verso "eu navego a arte" (SAUT, 1989, p. 12). A insistência no espaço alia o narrador de

Saut a Diagonino de Galvão no esforço de dar a *nauemblu* novas dimensões estéticas. Nelas, uma composição musical pode atuar comô moeda de troca:

Vinicius negocia “Vênus” com Sócrates:

—Te dou “garota de Ipanema”.

Sento-me ao bar-jato

Doido por gole de cerveja com Portinari (SAUT, 1989, p. 52).

Se Saut navega “a arte” para atingir a experiência sideral que permite intercâmbios artísticos de Vinicius, Sócrates e Portinari, Luz (1990) utiliza o poema para encontrar a vivência política de aprender e apreender a vida, aprendizagem insinuada no verso “a hora é de aprender a mecânica bucéfala” (LUZ, 1990, p. 15). O aprendizado da vida, amparado na apreensão do poema percorre o verso curto, elaborado para dizer apenas o necessário e permitir as vantagens imaginativas e vivenciais do trabalhador político. Simples e direto, o de Luz é verso que “perdeu o contato com as estrelas e não ficou triste” (LUZ, 1990, p. 27), provavelmente porque ganhou o apego à vida dos homens. Como Zunino, Luz devolve *nauemblu* ao que é terreno, aspecto que Galvão e Saut desprezam, em suas estéticas siderais de estrelas e céus. Galvão e Saut parecem dizer que a beleza da arte precisa do firmamento. Douglas e Luz desejam que pão, leite e telhas quebradas tenham presença no poema. Por isso, as preocupações do verso de Luz não se afastam das preocupações mais quotidianas do homem no mundo. Luz é categórico, dizendo que “o que me preocupa e a eles, meus vizinhos, é mais/o preço do pão, do leite, da carne, da habitação” (LUZ, 1990, p. 43). A poesia que o anima não serve para fingir tempos e templos, aurora, mas para “assimilar o dia a dia, cada vez/ a partir da fome que sustenta o dia a dia” (LUZ, 1990, p. 48).

Entre o olhar sideralizado de Galvão e Saut, a mirada terrena de Douglas e Luz, o ver especular de Martins, e o de almas gêmeas de Barros, onde colocar o *hai-kai* de Bruning? A resposta mais óbvia parece a de deixá-lo encontrar-se no valor mais genuíno de *nauemblu*: a estética “que se constrói e se reconstrói em inúmeras possibilidades de tramas e tecidos, tanto inesperados quanto inexplorados, ou desesperados” (MARTINS, 2002, p. 85), e que se abre para o encontro com a natureza. No seu *Hai-Kais Escolhidos*, Bruning (1992) enfoca a natureza em nuances sutis e instantes líricos, envolvendo flores, lírios e pássaros. E se completa na constatação de que

Meu filho, pequeno,  
Não lê os poetas, mas

Ama a Natureza (BRUNING, 1992, p. 20).

Mais feliz - ou menos - que o filho, o leitor lê a natureza nos hai-kais de Bruning. E neles encontra o humor como presente inesperado neste hai-kai

:

Vai-se o primeiro barquinho,  
Vai-se outro, mais outro...  
Vai todo o caderno (BRUNING, 1992, p. 11).

Este, sem dúvida, é o hai-kai mais instigante, justamente por causa do inesperado do último verso. Na mesma linha da graça insuspeita e sutil habitam os versos

Fatia de melancia,  
Ou nova versão  
De gaita de boca? (BRUNING, 1992, p. 19).

A metáfora da melancia como gaita de boca é uma revelação que só a sensibilidade de um poeta maduro e completo como Bruning poderia incorporar, plasticamente, num poema tão enxuto como o hai-kai.

O barquinho de Bruning (1992), que vai ao mar, é recuperado, e transformado em metáfora, em *Fogofurto* de Steil (1996). Na voz do narrador “e meu barco/d papel virou/metáfora” (STEIL, 1996, p. 68). Porém, não se encerra aí a aproximação que Steil busca com Bruning. E o caderno do primeiro poeta, também lançado às águas em formato de barco, reaparece no segundo “por um desvio/(d lógica)” (STEIL, 1996, p. 9). No texto poético de Steil, então, “a palavra estoura/pipoca na página” (STEIL, 1996, p. 9). Na verdade, a página, de caderno ou livro, apenas retarda momentaneamente o alvo da palavra - metáfora e poesia. Assim, “a palavra dança/alcança a rua” onde aquele que a recebe, que a vive, ou dela se apropria, no movimento das águas ou na estática do livro, “imagina/ o poder/d sua mágica” (STEIL, 1996, p. 9). E como Radünz, Steil faz a palavra encontrar “riovário/descendo açu” (STEIL, 1996, p. 48). Toda aquosidade poética do autor - o rio vário, ou único, nunca se ausenta - vai direto a quem interessa: o leitor

Invés é ver  
o verso  
do lado avesso.  
d dentro do poema  
ao redor.  
Reto direto  
ao teu  
olho leitor (STEIL, 1996, p. 16).

Como fazem os poetas, os ficcionistas locais se aliam a *nauemblu*. No conto *A Surda-Muda*, Vilson Nascimento (1974) distancia sua heroína de Eileen de Klueger (1979). Diferente da bela Eileen que Klueger faz vir da Alemanha em crise para encontrar prosperidade na colônia blumenauense, a personagem de Nascimento se aproxima de Kathryn, a feia e desditosa heroína de Hering (2000). Consciente da própria surdez e mudez, a personagem de Nascimento sabe dos problemas que enfrenta e, sem desespero, queixa ou medo, se adapta ao tipo de limitação que envelopa-lhe a vida. Encontra formas de resistência na maneira como cria formas inusitadas – pouco ecológicas – de diversão. Por exemplo, transforma graciosos coelhos brancos em espantosos animaizinhos paralíticos. A estudante de Bioquímica aplica aos coelhos uma poção, se comprazendo com os efeitos que o veneno provoca nos infelizes animais. Ela admira o arsenal de improvisadas e grotescas coreografias que os coelhos exibem quando caminham. Diante do balé desajeitado dos defeituosos coelhos brancos, a surda-muda parece tomada de admiração pura e ingênua, sem nenhum traço de morbidez. O narrador conta que

Paralíticos, estes roedores criavam as mais abstratas coreografias. Improvisando saltos tão extraordinários eram capazes de cativar as mais apáticas criaturas. E para esta excêntrica mulher isto era tudo. Era um significado. Era vida (NASCIMENTO, 1974, p. 10).

Se a vida é o que ela inflige aos graciosos coelhos brancos, esta vida inesperadamente se volta contra a surda-muda. Começa a afetá-la e a provocar transformações em seu corpo. Depois de algum tempo dedicado às experiências insólitas com os coelhos, a surda-muda vai se assemelhando aos animais e, quando morre, uma penugem branca bastante acentuada é visível no rosto. Na boca, para completar a aproximação com os animais, um par de incisivos apontam para fora.

No romance *Jundiá*, Lauro Lara (1990) retoma a condição da mulher que Nascimento (1974) introduz, e a redimensiona. Como em Nascimento, a mulher em Lara é agente ou paciente da monstrosidade. No texto de Lara, a mulher surge da mordida do peixe num homem. “Um homem poderia ser picado por um jundiá e se tornar uma vistosa alemã linda ou uma italiana morena” (LARA, 1990, p. 5), explica o narrador. No contexto cultural do infecto rio Itajaí-Açu, local da narrativa, a femininidade é atípica porque, anteriormente homens, as mulheres têm uma relação de desespero com os jundiás. Neste habitat de mutabilidade, a condição humana se vê precária e a sexualidade, relativa. Os

homens não sabem quando vão virar mulheres; os jundiás não têm consciência de quando vão desferir suas ferroadas nos homens que deixam seus esconderijos seguros na caça de peixe para Jundiairê, o monstruoso líder de homens-mulheres e jundiás. Tudo depende do humor sádico de Jundiairê e sua vontade de castigar homens que, “na maior parte de um tempo sem dias ou horas, todos dormiam em torno do seu chefe” (LARA, 1990, p. 2).

Jundiairê é produto especial do deteriorado rio. Sua monstruosidade física apresenta elementos como:

Cabeça e pescoço eram uma forma só. Quadris com coxas também, terminando sem pés. Apenas dos tocos inchados, mantendo-se num aparente tronco formado por alguns caixotes, rodeado de duas ou três lembranças das quais nem sequer mais se lembrava. Oleosidade e detritos para ele tinham sabores de banquetes celestiais. Enrolado em coloridos trapos, Jundiairê às vezes dava suas ordens, sem que houvesse contrariedades (LARA, 1990, p. 1).

Sob poder e orientação do monstro, as mulheres inundam os estoques de provisões de peixe do chefe, uma vez que se transformam em exímias pescadoras. Em retribuição, ele lhes dá nomes significativos: heroína, acolhedora, prometida, festa, luz, emissárias de boas notícias, trabalhadora e amanhecer. Trata-se de outra característica do humor do monstro, para quem elas não passam de “prostitutas queridas”.

Em *Jundiá*, Lara não apenas faz do homem uma masculinidade precária. A femininidade também se relativiza, quando a mente pérfida de Jundiairê concebe o raciocínio maldoso de que “se acontecia de um homem virar mulher, o mesmo deveria acontecer ao contrário” (LARA, 1990, p. 8), isto é, uma mulher virar homem quando picada por um jundiá. O chefe escolhe Aurora, aquela que significa amanhecer, para a experiência. Envia-a a caçar jundiás, porém um a ferroa doloridamente na mão esquerda. Quando, na volta, se aproxima de Jundiairê, o corpo de Amanhecer já apresenta detalhes da transformação. O rei do pantanoso Itajaí-Açu vibra, “entre palmas e gritos, aplaudindo o que mais queria: a transformação de uma mulher em homem” (LARA, 1990, p. 9).

Para tudo há limites e as transformações começam a provocar reações no reino de Jundiairê. A parceria entre ele e os jundiás chega a um grau elevado de indefinição sexual dos súditos. O nível de sofisticação sexual é tal que não mais se sabe quem foi originariamente homem ou mulher. Assim, as relações

sexuais se tornam múltiplas e variadas. Tanta cambiabilidade também causa transtornos e Jundiairê decide agir. A variabilidade física de homens e mulheres e as propostas sexuais mistas se tornam algo tão insuportável a Jundiairê que ele começa a castigar os homens que aceitam ou oferecem amor e sexo a outros homens. Nestes casos, o castigo de Jundiairê aos praticantes é implacável: extirpação do pênis.

Capitu não é diferente da surda-muda de Nascimento, nem dos homens-mulheres ou mulheres-homens de Lara (1990). Como acontece naqueles dois textos, no romance *Enquanto isso em Dom Casmurro* (1993), a identidade feminina também é cambiável. Sua cambiabilidade lhe garante variabilidade física. Por isso, Capitu não tem um traço definido, próprio. Ela se utiliza das características de outras mulheres. Semelhante variabilidade Capitu a inventa pelo e no desejo. Às vezes, adquire traços de Sula Miranda; outras, de Zezé Motta; outras ainda, de Bertília. O narrador lista o arsenal de câmbios, fisicamente visíveis em Capitu. “Capitu desejou. Desejou a roupa a Sula Miranda. Desejou a cor e o cabelo a Zezé Motta [...] Capitu vestiu a Sula Miranda” (MARTINS, 1993, p. 12). A descrição que o narrador faz da personagem torna Capitu uma mulher plural, difícil de adjetivar. Ela sempre é o que ela mesma deseja ser. É o desejo que torna suas experiências, emoções e sentimentos possíveis e realizáveis. “O desejo. A marca de Capitu. Quando desejasse, o que desejasse aconteceria. Na hora” (MARTINS, 1993, p. 12). O desejo permite que seja múltipla, plural, várias, ao mesmo tempo ou em tempos diferentes. Em sua busca da pluralidade identitária, Capitu pensa em dessas mulheres, reais, ou inventadas pela linguagem que, como ela fazem da experiência negra um eterno transformar-se:

Capitu sugeriu vários novos scripts. Havia mulheres dignas nas historias. Negras, independentes, fortes, extraordinárias, humanas, divertidas, cheias de vida. Capitu enumerou: Shug de Alice Walker, Sula de Toni Morrison, Janie de Zora Neale Hurston. Entre muitas outras do mesmo quilate de mulheres fortes” (MARTINS, 1993, p. 26).

Outra característica de Capitu é a irrealidade. Ela não é uma mulher real, mas inventada pela linguagem. Não tem família. Deixa o romance de Machado de Assis, linguagem, para entrar em outra linguagem, o meu romance. “Capitu não avisou ninguém que estava saindo do romance. Nem se despediu dos outros personagens” (MARTINS, 1993, p. 11). Nas transmigrações intertextuais, sua sexualidade, pouco ortodoxa, amplia suas experiências. Uma delas torna a

interracialidade algo complexo, na relação patroa-empregada que mantém com a moça alemã Conike. “Capitu achava interessante alguém como a alemãzinha Conike chama-la de patroa, ou simplesmente de Capitu. Ou preparar um sanduíche de atum para ela [...] Ela tinha em casa uma boneca loura com a qual poderia brincar quando quisesse e como desejasse” (MARTINS, 1993, p. 45). Fruto da intertextualidade, alimentada na interracialidade, Capitu também se insurge contra a morte. Capitu não morre. Como é produto da linguagem, ela não pode morrer, mas vive entre textos e vaga entre eles. Por isso, sua morte é impossível. Mas se, por acaso, um dia vir a morrer, há sempre possibilidade da ressurreição. Da repetição, da volta. Como diz o narrador: “agora, a louca negra alma de Bertília voltou” (MARTINS, 1993, p. 125). Ela é mais uma das re-encarnações lingüísticas, ou realinhamentos das identidades de Capitu nas linguagens.

Hohlfeldt (1997) analisa os aspectos *Nauemblu* do romance *Enquanto Isso em Dom Casmurro*:

Temos referências explícitas ao racismo brasileiro e, muito especialmente, ao racismo vigente no sul do país, como na região de colonização alemã que é Blumenau, onde decorre a ação. Mais que isso, há também uma crítica explícita da sociedade de consumo, marcada pela televisão e seus subprodutos, transformados em simulacros da realidade, mediante a crítica à figura da cantora Sula Miranda e da institucionalização da Oktoberfest na região” (HOEHLFELDT, 1997, p. 147).

Com o romance *Entre a Brisa e a Madrugada*, Tenfen (1996) desafia a tendência comum na prosa de *nauemblu*. Com Nascimento, Lara, e Martins, o foco ficcional se volta ao feminino, e às mais complexas variabilidades identitárias que o feminino comporta. Ao introduzir o masculino, Tenfen reverte esta primazia da mulher como personagem nauembluense. A linguagem que Tenfen utiliza para colocar o masculino em evidência parece viável. Ao preferir ser fiel à linguagem despojada de artifícios, mas repleta de criatividade e neologismos inesperados, o autor concede ao narrador uma característica que as mulheres daqueles autores não possuem. O narrador-herói, assim dotado de linguagem, vai se construindo à medida que vai amontoando presuntos humanos por valas e morros. Com o casamento que Tenfen realiza entre linguagem despojada e bandidagem quem ganha é *nauemblu*. Ela se vê inundada de tanta naturalidade que se tem a sensação de que a mais extraordinária bandidagem no romance fica por conta da linguagem, do discurso.

Outro elemento que chama atenção no romance reside na maneira como o narrador-herói inova a temática romanesca local ao decidir revelar a experiência de marginais marcados por uma vivência, em que as drogas, tráfico, assassinatos, estupro, incesto, chifradas, traições, prisões e muito dinheiro dão cores vivas e desafiadoras às experiências devastadoras incrustadas nos morros de uma cidade não revelada. Se Tenfen decide finalizar a história do romance na cadeia, com a prisão de um herói anônimo, o autor igualmente faz a narrativa iniciar na prisão, de onde o herói sem nome conta sua trajetória de crimes a um companheiro de cela.

*Entre a Brisa e a Madrugada* é uma história de morte, muita morte. Para tecer o tecido narrativo da morte Tenfen se vale da romântica trajetória de heróis anônimos e despojados que fazem dos morros um território de poder absoluto. Neste território, os homens são protagonistas de histórias violentas, e matam por um prazer que, às vezes, surgem mesclados a sentimentos vagos de auto-proteção, honra e poder:

O crioulinho não quis esperar. Ergueu a carcaça e grudou carreira, saiu cavocando. E eu contei em voz alta, gritando: um, dois, três, quatro... Ora, se esperasse mais um segundo, se contasse até cinco, o pulha escapava. Então resolvi encurtar o prazo e abrir fogo. Peguei o sacripanta bem no vão da saída, a carnezinha escura das costas desabrochou como uma flor vermelha e ele acabou rolando nos degrauzinhos da frente (TENFEN, 1996, p. 61).

A prosa de Costa se aproxima do texto ficcional de Tenfen, ao colocar ênfase no masculino, como faz o primeiro. Em *Sob a Luz do Farol*, o realce que Costa (2005) deposita no masculino é visível na presença constante de Ernesto em vários textos. A masculinidade do protagonista de vários contos ganha um adjetivo que serve para marcar suas experiências, ou idéias: *ernestiana*. “A perfeição consiste em compreendê-lo, em compartilhar dos devaneios ernestianos, o que não é muito fácil” (COSTA, 2005, p. 42), diz um dos vários narradores. No geral, a presença de Ernesto no texto de Costa pode ser explicada assim: “meu destino é plantar palavras, minha sina ser nuvem” (COSTA, 2005, p. 9).

O texto de Costa (2005) tem predileção pela palavra como sujeito de suas histórias. Talvez seja por isso que um dos narradores de Costa insiste: “mas há o verbo, e este define, registra, explica” (COSTA, 2005, p.10). Um outro - mendigo - faz da palavra, do texto falado ou escrito, ofício de vida e

“passa os dias escrevendo, ouvindo, conversando” (COSTA, 2005, p. 16). O resultado de tanta confabulação ou narração é o texto, ou seja, textos que para os criadores são “espelhos das suas retinas e arautos dos seus ouvidos” (COSTA, 2005, p. 16). Retinas e ouvidos sugerem que a palavra é uma experiência sensual. Às vezes, a sensualidade que se aloja na palavra é poética e, então, uma mulher se transforma em “onda que me envolve todas as noites” e um corpo de mulher “é coral que me queima a carne” (COSTA, 2005, p. 19).

A palavra na poética ernestiana é masculina na escolha dos seus modelos, quase sempre poetas como Quintana, Vinicius, Pessoa. A mulher é o alvo - Sarita, Cíntia -, transformada em “linda, uma galáxia de luz e sensibilidade,” (COSTA, 2005, p. 43). É experiência concreta também, às vezes, utilitária, desprovida de ornamento, porém nunca avessa à influência pública:

Por isso Ernesto escora mesas com livros, grandes volumes de versos. Faz o teste: a mesa deve balançar, ficar desnivelada, torta. Se firme, despótica ante as imperfeições do piso, os versos que a escoram não são poesia, já que entende que o poema, ao escorar o mundo, deve entortá-lo ainda mais. Coisas do Ernesto que desconfia de todo aquele que se apresenta como poeta, que se veste de preto e faz noite de autógrafos em clube social. Prefere ouvir a poesia que emana das vozes da rua, dos gritos das feiras, do silente do templo (COSTA, 2005, p. 50).

## 4 TRANSCENDENDO O LOCAL: A PÓS-MODERNIDADE

Os comentários sobre os vários textos - poéticos, teóricos e prosódicos - levam a uma constatação: de uma lado, a literatura blumenauense é fonte de produção textual através dos poemas e prosas dos seus autores; do outro, por meio dos textos teóricos dos seus estudiosos. Esta combinação de produção e teorização é o que a torna uma literatura forte. As metáforas - *saudade, esperança, blumenalva, nauemblu* - são geradas por seus próprios autores e retomadas pelos críticos como formas de explicação da própria produção.

Qual a contribuição de teorias literárias globalizadas sobre a produção local?

De um modo geral, pode-se aceitar que o local se articula com o global.

Acredita-se que a discussão da literatura blumenauense, dos escritores imigrantes aos autores dos dias de hoje, em cujos textos, *saudade* e *blumenalva*, *esperança* e *nauemblu* buscam afirmações e espaços estéticos, pode receber uma contextualização mais ampla e abrangente. Insiste-se em que o artista não deseja ver-se restrito apenas ao local, mas almeja integrar o local e o universal. No âmbito da literatura em Blumenau, o artista não almeja apenas a proximidade com o machado, necessário e útil no momento inicial da empreitada artística; menos ainda anseia somente a dependência da palavra que avança para além das possibilidades do machado, mas que, como machado, apenas desenvolve uma de suas capacidades: o de funcionar como instrumento de criação de objetos exteriores. O escritor blumenauense, a partir dos noventa do século vinte, busca a palavra que se auto-cria e se auto-recria.

Na maneira como se recebem as relações entre o local e o global no contexto da produção literária blumenauense, procura-se acoplar a modernidade a *saudade* e *blumenalva*. Deseja-se também esclarecer que *blumenalva* é uma recriação estética em relação a *saudade*. Assim como, ainda que exerça a função de instrumento de construção de algo externo a si mesma, a língua na poesia de Bell (1980), suplementa poeticamente as projeções artísticas do machado, no poema de Schleiff (2002). Da mesma forma, a prosa laudatória de Klueger (1979) complementa a germanidade ferida de Hering (2000). Assim, o sucesso de Eileen substitui a derrota de Kathrin na travessia do Oceano Atlântico. Se na poesia, o braçal necessita do mental e, se na prosa, feiúra e beleza se aliam, é porque tais habilidades artísticas são úteis e complementares no tempo, colocando lado a lado o velho e o novo.

A idéia de modernidade que interessa ao estudo vem das relações que Eliot (1989) estabelece entre o novo artista e a tradição. O crítico e poeta anglo-americano argumenta, no ensaio *Tradição e Talento Individual*, que as relações entre uma tradição literária já totalmente estabelecida, firmada, e o talento individual que aparece são interessantes porque sugerem um tipo de harmonia entre adaptação ao, e transformação do, cânone vigente. Eliot escreve que uma tradição não é uma herança que alguém recebe como doação. “Se alguém a deseja,” ele afirma, “deve conquistá-la através de um grande esforço” (ELIOT, 1989, p. 38). Trata-se de um diálogo, um convívio – nunca uma ingênua conformação – entre os artistas do passado e os do presente. Para Eliot, a tradição é um conjunto de obras que pré-existem ao novo talento que surge. Estas obras, ou seja, estes “monumentos existentes formam uma ordem ideal entre si [...] completa antes que a nova obra apareça”

(ELIOT, 1989, p. 39). Eliot explica a relação entre a tradição literária já consagrada e o novo talento individual que nela penetra para abalá-la:

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, para contraste e comparação, entre os mortos (...). O que ocorre quando uma nova obra de arte aparece é, às vezes, o que ocorre simultaneamente com relação a todas obras de arte que a precedem. Os monumentos existentes formam uma ordem ideal entre si, e esta só se modifica pelo aparecimento de uma nova (realmente nova) obra entre eles. A ordem existente é completa antes que a nova obra apareça; para que a ordem persista após a introdução da novidade, a totalidade da ordem existente deve ser, se jamais o foi sequer levemente, alterada: e desse modo as relações, proporções, valores de cada obra de arte rumo ao todo são reajustados; e aí reside a harmonia entre o antigo e o novo (ELIOT, 1989, p. 39).

A proposta de Eliot é relevante, mas apresenta uma fraqueza: não permite ruptura com o, nem subversão do, passado pelo presente. Aí reside a salvação da tradição e do talento individual que chega, a quem é permitido inovar desde que não rompa, desde que atue nos limites da tradição. A incapacidade de rompimento com o passado é uma situação limitante para o artista. Gysin (2004) explica a força e a debilidade da linguagem - poética e ficcional - do escritor moderno:

*The modernist [writing] is experimental and innovatory in form; it foregrounds the subconscious and unconscious regions of the human mind; it frequently breaks the linearity of the plot and often makes use of "new" strategies of point of view, such as the technique of "stream-of-consciousness." Nevertheless, it usually compensates for such breaches of conventional mimetic writing by trying to establish unity, closure, identity, etc. on another (higher or lower) level of discourse (GYSIN, 2004, p. 140-141).<sup>2</sup>*

Em outras palavras, há sempre a necessidade, da parte do artista moderno, de encontrar uma tábua de salvação. Ou seja, uma nova unidade. A ruptura é demais para ele. Para se sentir a salvo da fragmentação à qual a ruptura o levaria, o modernista faz "use, however ironically, of older (and "safer")

*literary and musical forms as well as mythical topics from older literary and religious sources*" (GYSIN, 2004, p. 141-142).<sup>3</sup>

Na Literatura Blumenauense, a partir dos anos 60, os textos poéticos e ficcionais da *blumenalva* belliana realizam exatamente o fenômeno que o moderno Eliot aponta. Eles invadem a praia de *saudade* dos escritores imigrantes e os alteram, de modo a rearticular as relações, as proporções e os valores entre aquelas e estas novas concepções artísticas. Porém, Bell não abandona o padrão alemão que Schleiff utiliza para plasmar Blumenau. Nem Klueger se afasta de Hering em seu desejo de articular uma germanidade heróica em solo blumenauense. Ao contrário, Bell e Klueger reafirmam o modelo *deutschum* de Schleiff e Hering, atualizando-o no tempo: no lugar dos "afiados machados" e da pintura, Bell coloca a palavra e a fotografia. Klueger substitui a feiúra e a desgraça de kathrin pela beleza e a qualidade de esposa dedicada de Eileen. Na relação que mantêm com o passado, Bell e Klueger podem ser tomados como escritores modernos, aqueles que se conformam ao credo estético que Eliot propõe à tradição da modernidade.

E a pós-modernidade?

Pela maneira como enxerga a língua, a estética pós-moderna pontifica na *nauembla* que se apóia no tratamento que Radünz dispensa à linguagem e nas contribuições que poetas e prosistas trazem para o *brasilianertum*. Neste sentido, a superação da palavra de Bell como instrumento pela palavra como auto-referência é prerrogativa da pós-modernidade como teoria, e dos textos de Radünz e dos escritores-*nauembla* como prática poética e ficcional. Pós-modernidade é essencialmente palavra auto-criadora: língua e linguagem, em processo de auto-referencialidade como sugere Marshall (1992):

*Postmodernism is about language. About how it controls, how it determines meaning, and how we try to exert control through language. About how language restricts, closes down, insists that it stands for some thing. Postmodernism is about how "we" are defined within that language, and within specific historical, social, cultural matrices* (MARSHALL, 1992, p. 4).<sup>4</sup>

Ou, ainda, como deseja Gysin (2004), a pós-modernidade "implies a text assuming a life of its own" (GYSIN, 2004, p. 140)<sup>5</sup>, ou seja, texto autônomo, auto-referente. Neste aspecto, ao se subordinar às forças da auto-

referencialidade da linguagem literária - poética, ficcional e outras - os escritores - poetas, ficcionistas e outros - pós-modernos, segundo Gysin:

*Invert or subvert hierarchies, emphasize dislocation, antitotalization, infinite regress, etc., and, together with fabulation, textual play, and self-referentiality, they mostly valorize fragments, highlight peripheral phenomena, focusing on the centrifugal rather than the centripetal forces* (GYSIN, 2004, p. 142).<sup>6</sup>

É na perspectiva que Marshall (1992) atribui à língua, à linguagem e à palavra pós-modernas, e que Gysin (2004) emprega para examinar a função do escritor na pós-modernidade, que cabe incluir os conceitos de diferença e repetição, de Deleuze (2006). Com eles vale sugerir que a pós-modernidade artística de Radünz - dos demais escritores blumenauenses discutidos neste texto - se constrói a partir das formas como eles repetem o que já se encontra nos textos de Bell e Klueger, ao mesmo tempo em que rompem com o poeta e a ficcionista. Quando colocam língua e literatura lado a lado Deleuze/Guattari (1975) apresentam dois aspectos desta relação. Primeiro, argumentam que a enunciação literária é dotada de auto-geração, dizendo que:

*Il n'y a pas de sujet, il n'y a que des agencements collectifs d'énonciation - et la littérature exprime ces agencements, dans les conditions ou ils ne sont pas donnés au-dehors, et ou ils existent seulement comme puissances diaboliques à venir ou comme forces révolutionnaires à construire* (DELEUZE/GUATTARI, 1975, p. 33).<sup>7</sup>

Segundo, sugerem que a língua se desterritorializa, processo no qual,

<sup>2</sup> A [escrita] modernista é experimental e inovadora na forma; privilegia as regiões subconscientes e inconscientes da mente humana; quebra, com frequência, a linearidade da trama e, geralmente, faz uso de “novas” estratégias de ponto de vista como, por exemplo, a técnica do “fluxo de consciência.” No obstante, muitas vezes responde aos desvios de uma escrita convencionalmente imitativa com o estabelecimento da unidade, fechamento, identidade, etc, num outro nível de discurso (mais elevado ou menos elaborado) (GYSIN, 2004, p. 140-141).

<sup>3</sup> Uso irônico tanto de formas musicais e literárias mais antigas (e mais “seguras”) quanto de tópicos míticos de antigas fontes literárias e religiosas (GYSIN, 2004, p. 141-142).

<sup>4</sup> O pós-modernismo é sobre a linguagem. Sobre como ela controla, determina o significado, e como tentamos exercer controle através da linguagem. Sobre como a linguagem restringe, limita, insiste em que representa algo. O pós-modernismo é sobre como “nós” somos definidos na linguagem, e em matrizes históricas, sociais, culturais específicas (MARSHALL, 1992, p. 4).

<sup>5</sup> [Pós-modernidade] tem a ver com um texto assumindo uma vida toda sua (GYSIN, 2004, p. 140).

«*le premier caractère est de toute façon que la langue y est affectée d'un fort coefficient de déterritorialisation*» (Deleuze/Guattari, 1975, p. 29).<sup>8</sup>

O tipo de desterritorialização lingüística que interessa aqui não se refere àquele que os teóricos franceses percebem no tipo de literatura que denominam de menor, atribuída à obra de Kafka como “literatura menor”. Prefiro utilizar a idéia de desterritorialização que percorre o texto literário por meio da noção de eterno retorno, manifestado nos processos de diferença e repetição, como o examina Colebrook (2002). O estudo que realiza da obra de Deleuze permite a Colebrook afirmar que:

*True literature, as minor literature, is therefore an instance of Deleuze's concept of eternal return. The only thing that is repeated or returns is difference; no moments of life can be the same [...] The power of life is difference and repetition, or the eternal return of difference. Each event of life transforms the whole life, and does this over and over again* (COLEBROOK, 2002: p. 121).<sup>9</sup>

Quando se atém mais especificamente à diferença e à repetição, os dois processos que materializam o eterno retorno, Colebrook escreve que:

*Maximum repetition is maximum difference. Repeating the past does not mean parroting its effects, but to express an untimely power, a power of language to disrupt identity and coherence [...] On Deleuzean model of difference and repetition, a repeated word may look the same; but it is not sameness that produces repetition so much as difference. [...] Real repetition maximizes difference [...] A minor literature repeats the past and present in order to create a future. It is a transcendental repetition: repeating the hidden forces of difference that produce texts, rather than repeating the known texts themselves* (COLEBROOK, 2002, p. 119/120).<sup>10</sup>

<sup>6</sup> [Artistas pós-modernos] invertem e subvertem hierarquias, enfatizam deslocamento, anti-totalização, retorno infinito, etc., e, junto a fabulação, jogo textual, e auto-referencialidade, valorizam especialmente fragmentos, dão destaque a fenômenos periféricos, centrando-se mais em forças centrífugas que centrípedas (GYSIN, 2004, p.142).

<sup>7</sup> Não há sujeito aí, há somente agenciamentos coletivos de enunciação - e a literatura exprime estes agenciamentos, nas condições que não se encontram fora, e nas quais existem somente como potenciais poderes diabólicos ou forças revolucionárias em construção (DELEUZE/GUATTARI, 1975, p. 33).

<sup>8</sup> A primeira característica é que de toda maneira a linguagem é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização (Deleuze/Guattari, 1975, p. 29).

As noções de eterno retorno, de diferença e de repetição encontram-se presentes na poesia e na ficção de *blumenalva* e *nauemblu*, como formas de rearticulação de *saudade* e *esperança*, de *deutschum* e *brasilianertum*. Nos conjuntos de textos analisados, tais processos se conduzem duplamente: externamente, quando *nauemblu* repete os interesses de *blumenalva* - representante do passado literário da cidade - pela língua e seus discursos germânicos; mas *nauemblu* também se diferencia de *blumenalva* por que, enquanto a segunda atribui instrumentalidade à língua, na primeira é a própria língua que engendra sua auto-referencialidade. Internamente, quando *nauemblu* repete, nas diferentes manifestações presentes nos muitos autores e seus textos, as várias experiências de auto-referencialidades lingüísticas de que a produção literária blumenauense é capaz.

Outra noção que surge do estudo é a de significação. A significação se caracteriza pela maneira como os textos não apenas conversam e dialogam, mas também como se complementam - suplementam-se - formal e tematicamente. É fácil perceber como os textos-*saudade* dialogam com os textos-*blumenalva*; percebe-se também que a produção caracterizada pela *esperança* conversa com a *nauemblu* e seus textos. Pode-se ir além para afirmar que *saudade* se repete em *esperança*, e *blumenalva* se repete em *nauemblu*, ambas pela diferença. Por isso, significação é diálogo, é conversa textual, marcada pela repetição de semelhanças e diferenças rumo a rupturas.

## 5 CONCLUSÃO

O eterno retorno - ou seja, a dupla repetição do, e diferença entre, passado e presente literários blumenauenses que a poesia e a prosa locais edificam - não apenas a aproxima de Deleuze, mas também afasta uns autores de outros, e faz escritores novos romper com os do passado. Para Deleuze,

---

<sup>9</sup> A verdadeira literatura, como a literatura menor, é um exemplo do conceito de Deleuze do eterno retorno. A única coisa que é repetida ou que retorna é a diferença; nenhum momento de vida consegue ser o mesmo. [...] A força da vida é a diferença e a repetição, ou eterno retorno da diferença. Cada evento da vida transforma a vida inteira, e o faz repetidas vezes (COLEBROOK, 2002, p. 121).

<sup>10</sup> Repetição máxima é diferença máxima. Repetir o passado não significa papaguear seus efeitos, mas expressar uma força, a força da linguagem de gerar ruptura na identidade e na coerência [...] No modelo deleuzeano de diferença e repetição, uma palavra repetida pode parecer a mesma; porém não é a semelhança que produz repetição como diferença. [...] A repetição real maximiza a diferença [...] Uma literatura menor repete o passado e o presente para criar o futuro. É uma repetição transcendental: repetir as forças ocultas da diferença que produzem textos, em vez de repetir os textos já conhecidos (COLEBROOK, 2002, p. 121)

nas palavras de Colebrook (2002), a língua inovadora se vale de um único poder, “o poder da língua de romper”. Na sugestão de transcendência entre o passado e o presente literários que o título deste artigo implica se configura a idéia de rompimento. Porém, a aposta no rompimento não parece receber aceitação geral. O próprio Radünz (1999), de forma diferente, prefere estabelecer uma rota de continuidade entre *blumenalva* e *nauembla* de modo geral; entre ele próprio e Bell, de modo específico

Vejamos.

Em discussão da poesia blumenauense, escrita por alguns poetas (Martins, 1993) quando ainda não havia notado a forte presença das metáforas *blumenalva* e *nauembla*, incluo Radünz no grupo dos metapoetas e digo que seu centro “é a palavra, língua e a linguagem” (p. 42), e concluo o texto, afirmando que “os poetas [metapoetas e humanistas] descritos neste artigo realizam uma proposta estética atual, sintonizada com algumas correntes que preocupam os artistas do mundo todo” (MARTINS, 1993, p.43). O próprio Radünz (1999) já expressa esta consciência em relação ao passado quando, em resposta à posição que apresento em artigos (MARTINS, 1999, 2000, 2002, 2004, 2005, 2007) em que afirmo que *nauembla* se conduz como ruptura a *blumenalva*, reage afirmando que:

Como leitura do movimento literário blumenauense, a proposição dualista de Martins omite a interinfluência entre as linguagens literárias dos protagonistas da *Blumenalva* e da *Nauembla* e, ao propor a exclusão mútua de suas propostas, não abarca o rio subterrâneo que flui intenso - uma “influência sem angústia” - entre a poesia de Lindolf Bell, Dennis Radünz e Marcelo Steil. Nesse sentido, a precisão da análise de Martins no que concerne à contextualização ideológica das duas correntes, pouco ou nada revela da sutil coincidência das metáforas recorrentes em Radünz e Bell, por exemplo: o rio e suas águas. Riverrum, como em James Joyce, o “riocorrente” (RADÜNZ, 1999, p. 8).

Entendo - aceito igualmente - a avaliação que o poeta faz da minha apreciação de *blumenalva* naquele momento. Porém, sugiro que o presente artigo procura redimensionar aquele posicionamento pessoal. Ao fazê-lo adiciono que a pós-modernidade de Radünz ainda necessidade de modernidade de Bell. Pouco desejoso de ruptura, Radünz busca uma “salvação” que garanta certo grau de segurança que a tradição literária, simbolizada na poética de Bell, ainda pode oferecer. Talvez seja essa a força do sucesso literário: manter

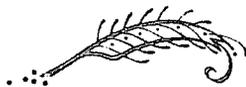
um pé no passado, outro no futuro. E ao aproximar de *esperança* a *nauembla* poética de Radünz fico imaginando como tudo isso permanecerá quando a pós-modernidade – se alguma ali estiver – de Bell for discutida.

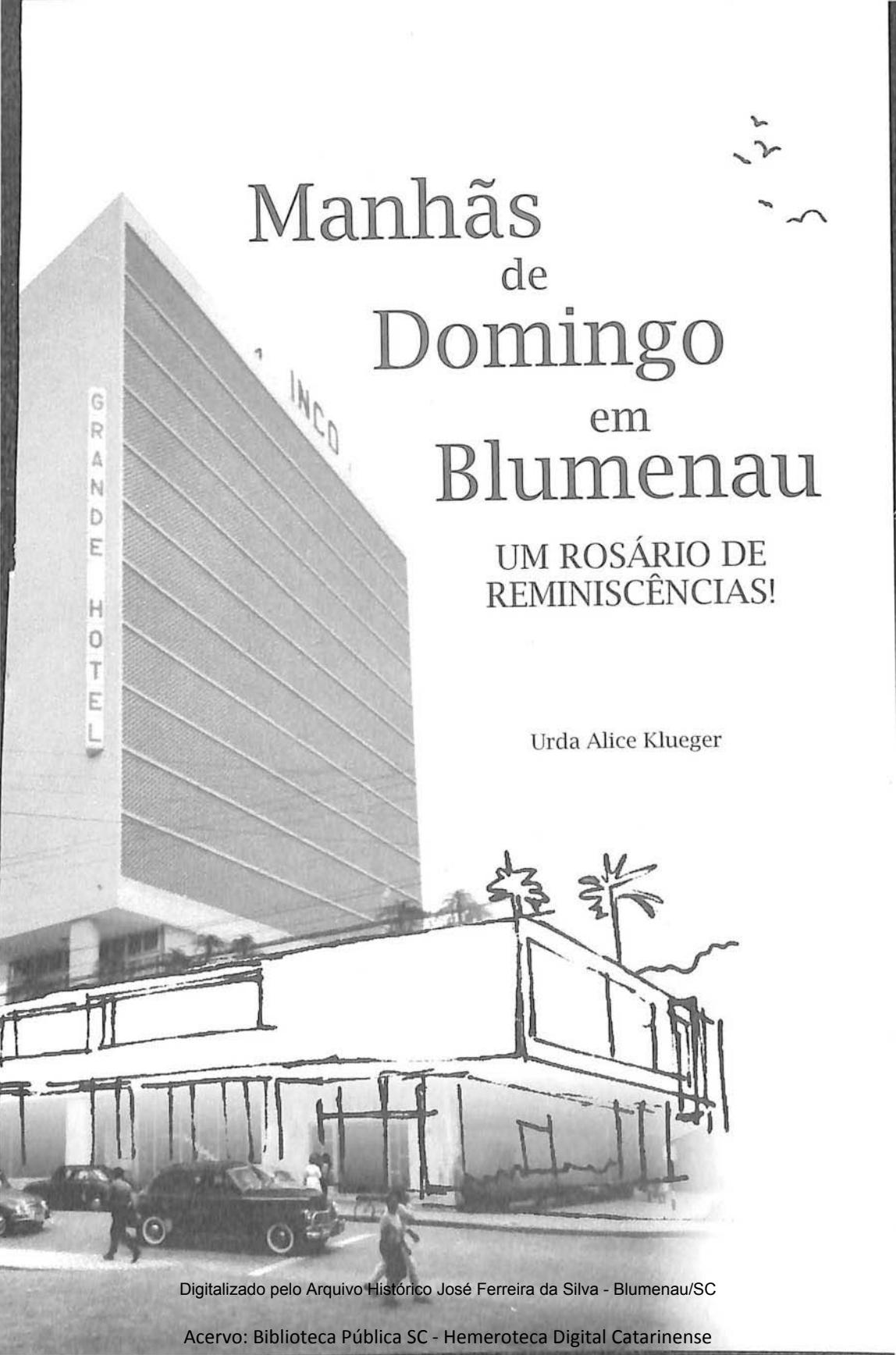
Radünz cresce poeticamente quando se afasta da “ordem ideal” que Eliot (1989) enxerga na Modernidade e que atribuo, também, a *blumenalva*. Basta um olhar à palavra para se perceber que *nauembla* não se pauta pela ordem – ideal, real, lingüística – mas pela desordem criativa. E é assim que vale apreciá-la, artística, literária e politicamente.

## REFERÊNCIAS

- BELL, Lindolf. *As vivências elementares*. São Paulo: Massao Ohno : Roswitha Kemp Editores, 1980. 147p, il.
- BELL, Lindolf. *Blumenau*. (Poema Exposto como Mural no Hall de Entrada da Prefeitura Municipal de Blumenau).
- BRUNING, M. *Hai-Kais escolhidos*. 3. ed. aum. Blumenau: Ed. do Autor, 1992. 122 p.
- CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University, 1997. 408 p., il.
- COSTA, Viegas Fernandes da. *Sob a Luz do Farol*. Blumenau: Hemisfério Sul, 2005. 130 p.
- DAMM, R. *Minha Casa Paterna*. In: STEIL, Marcelo de Brito. *Desvendar o tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002. p. 110-111.
- DELUZE, G. & GUATTARI, F. *Pour une littérature mineure*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975.
- ELIOT, T. S. *Tradição e talento individual*. In: ELIOT, T. S. (Thomas Stearns). *Ensaio*. São Paulo: Art, 1989. p. 37-48.
- GALVÃO, Mauro. *Sincretismo*. Blumenau: Cultura em Movimento, 1999. 95 p.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM, 2001.
- GUIMARAENS, Alphonsus de. Ismália. In: *Cantos de amor, salmos de prece: (poemas escolhidos)*. Rio de Janeiro: José Aguilar; Brasília: INL, 1972. 144 p.
- GYSIN, F. *From Modernism to Postmodernism: Black Literature at the Crossroads*. In: GRAHAM, M. (eds.). *The Cambridge Companion to The African American Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 139-155.
- HOHLFELDT, Antonio. *A literatura catarinense em busca de identidade: a poesia*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: UFSC : FCC, 1997. 385 p.
- HUBER, Valburga. *Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão, refletido em sua literatura*. Blumenau: Ed. da FURB, 1993. 175p, il. Apresentado originalmente como tese de mestrado na área de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: UFSC, 1987. 307 p.
- KAHLE, M. *Segunda Pátria*. In: STEIL, Marcelo de Brito. *Desvendar o Tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002. p. 92-93.
- KLUEGER, Urda Alice. *Verde Vale*. 7. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994. 204 p.

- KNOLL, G. Recordação. In: STEIL, Marcelo de Brito. **Uma viagem só de chegada**: a poesia em idioma alemão nas zonas de colonização em Santa Catarina. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p. 51.
- LUZ, G. **Os pecados imortais, batizados e novamente modulados**. Blumenau: FURB, 1990. 68 p.
- MARSHALL, B. K. **Teaching the Postmodern: Fiction and Theory**. London: Routledge, 1992.
- MARTINS, José Endoença. **Enquanto isso em Dom Casmurro**. Florianópolis: Paralelo 27, 1993. 127 p. (Romance contemporâneo).
- MARTINS, José Endoença. Metapoesia e Humanismo: as duas vertentes da novíssima poesia blumenauense dos anos noventa. **Revista de Divulgação Cultural** (da FURB). Blumenau, p. 41-43, 1993.
- MARTINS, José Endoença. "Na Curva do Rio" de Douglas M. Zunino se inscreve na autobiografia de Nauemblu. In: ZUNINO, Douglas. M. (Douglas Mauricio). **Na curva do rio**: poemas. Blumenau: Ed. do Autor, 2002. p. 81-91.
- MARTINS, José Endoença. **Blumenalva e Nauemblu**: metáforas de uma historiografia literária de Blumenau. In: THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antônio; TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas (Org.). **Nosso passado (in)comum**: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau: Ed. FURB: Ed. Cultura em Movimento, 2000. p. 269-293.
- MARTINS, José Endoença. Poemas para além do tempo coloca o desejo a serviço de Nauemblu. In: MARTINS, Rosane Magaly. **Poemas para além do tempo**. Blumenau: HB, 2005. p. 127-135.
- MARTINS, José Endoença. Posfácio: Nauemblu: Significação Através da Linguagem e Outras Metas. In: MARTINS, José Endoença. **A Vizinha de Bell, Drummond e Whitman**: ensaios literários. Blumenau: Nova Letra, 2004. p. 133-151.
- MARTINS, José Endoença. Sincretinismo reflete o edifício teórico de Nauemblu. In: GALVÃO, Mauro. **Sincretinismo**. Blumenau: Cultura em Movimento, 1999. p. 91-95.
- NASCIMENTO, V. **Equilibrista noturno**. Florianópolis: Letras Contemporâneas. 1995.
- RADÜNZ, Dennis. Nauemblu. In: RADÜNZ, D. **Exeus**. Florianópolis: Letras Contemporâneas: Ed. UFSC, 1998. p. 25.
- RADÜNZ, D. **Os Rios Subterrâneos**: uma abordagem poética "Nauemblu" na interinfluência das linguagens literárias de Radünz, Steil e Galvão. [S.l.: s.n, 1999]. Mimeografado.
- SCHLEIFF, V. Blumenau. In: STEIL, Marcelo de Brito. **Desvendar o tempo**: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina. Blumenau: HB, 2002. p. 123-125.
- SCHLEIFF, V. Os primeiros imigrantes. In: STEIL, Marcelo de Brito. **Uma viagem só de chegada**: a poesia em idioma alemão nas zonas de colonização em Santa Catarina. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p. 86.
- SCHLEIFF, V. Saudade. In: STEIL, Marcelo de Brito. **Uma viagem só de chegada**: a poesia em idioma alemão nas zonas de colonização em Santa Catarina. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. p. 40-41.
- STEIL, Marcelo de Brito. **Uma viagem só de chegada**: a poesia em idioma alemão nas zonas de colonização em Santa Catarina. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.
- STEIL, Marcelo de Brito. **Fogofurto**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996. 83 p.
- TENFEN, Maicon. **Entre a brisa e a madrugada**. Blumenau: Letra Viva, 1996. 80p, il. (Alma escrita).
- ZUNINO, Douglas M. (Douglas Mauricio). **Na curva do rio**: poemas. Blumenau: Ed. do Autor, 2002. 96p, il.





Manhãs  
de  
Domingo  
em  
Blumenau

UM ROSÁRIO DE  
REMINISCÊNCIAS!

Urda Alice Klueger

**T**enho falado, por aí, em entrevistas e crônicas, sobre minha infância na Praia de Camboriú, que naquele tempo ainda não se subdividia em Camboriú e Balneário Camboriú, mas apenas em Vila e Praia, onde vivi todas as emoções e aventuras que uma criança pode viver entre os quatro e os sete anos, incluindo a grande noite de terror em que um maremoto, creio que ainda em 1956, mal lá chegáramos, quase nos carrega com casa e tudo - as ondas assustadoras passavam direto por baixo da nossa casa e iam arrancando areia e tudo o mais que encontravam, e aquele terror só piorou quando, metida a escutar o que os mais velhos falavam, ouvi meu pai e minha mãe comentando que achavam que a casa não iria resistir àquela noite. Eu era muito pequena, mas lembro bem dos comentários posteriores, que falavam como o mar chegou a entrar no Banco Inco, que se situava onde hoje existe a Avenida Brasil. Penso que os jornais daquele tempo devem ter noticiado tal coisa, que em mim existe apenas na memória.

Tirando aquele maremoto e alguns bichos-de-pé em nós e nos cachorros (tinha gente que tinha mais azar: pegava uma coisa chamada bicho-geográfico, que até hoje não tenho bem certeza o que é!), penso que a grande aventura de ter morado na praia aqueles anos da minha vida incipiente foi mais alegria que qualquer outra coisa. Camboriú, naquela época, não tinha nenhum prédio - havia apenas umas ralas casas térreas, separadas por terrenos baldios, e esta coisa de Avenida Atlântica e BR 101 não andava, penso, ainda, nem nos planos dos governantes. Um dia construíram uma casa de três andares, que é o antepassado do Hotel Fischer de hoje, e aquilo era uma coisa estupenda, um imóvel realmente grande, que podia ser visto de qualquer ponto da praia onde a gente estivesse. Vivía lá quando tal aconteceu, mas não poderia ser por muito tempo mais: meu pai e minha mãe tinham uma menininha para entrar na escola - quer dizer, eu - e o que menos havia por lá era uma escola acessível.

Era tempo de voltar, portanto - e em 1959 voltamos a Blumenau, onde fomos morar na Rua Antônio Zendron 868, bairro Garcia, e sobre tal lugar há muito, muitíssimo a contar também. Mas o que quero fazer aqui é contar do milagre que estava ocorrendo na Blumenau de então, novidade absoluta na vida de todo o mundo por estas bandas: a construção de um arranha-céu!

A gente sabia que eles existiam porque via fotografias nas revistas, principalmente em "O Cruzeiro" e "Manchete" - mas ter um arranha-céu de

verdade crescendo quase na entrada da nossa cidade era alguma coisa absolutamente fascinante. Adianto que ele hoje continua lá no mesmo lugar, altaneiro e bonito, e embora tenha mudado de cor, chama-se Grande Hotel Blumenau, como desde a inauguração. Segundo os mais velhos, naquele mesmo lugar, no passado, vicejou outro hotel de grande importância na História da minha cidade, o Hotel Holetz. O lugar é à margem do Ribeirão Garcia, quase no ponto da sua confluência com o Rio Itajaí.

Aquele tempo de 1959 - e muito tempo depois, ainda - Blumenau era ainda uma cidade quase sem carros: na minha Rua Antônio Zendron, com seus diversos quilômetros, tanto quanto me lembro, o único carro que havia era o do Jacob Marquetti, genro do seu Bele Zendron e marido da Lúcia, que tinha a charmosa profissão de "motorista de praça". Assim como havia os alguns pontos de "carro de praça", em Blumenau, também havia os de "carro de mola", que pelo menos a nossa família usava mais, imagino que por questões financeiras, pois penso que então o litro da gasolina já custava mais que o metro quadrado de pasto, e os "carros de mola" eram tracionados por belos cavalos gordos, alimentados pelo mais legítimo capim, aipim, cana e farelo blumenauenses. Mas esta coisa de carro de praça e de carro de mola era só para ocasiões especiais, como quando a minha prima Darcy Klueger caiu sobre uma garrafa de leite que ia entregar na vizinhança, e entrou-lhe tal caco de vidro na mão que lhe seccionou as mais preciosas veias - no desespero, envolta em toalhas da Empresa Garcia, que aparavam o sangue, a minha prima foi levada para o hospital num carro de mola com os cavalos no maior galope. Salvou-se, mas voltou, dias depois, pálida e anêmica, tanto sangue havia perdido. O final foi feliz - Darcy está até hoje aí para contar a história!

Pois então vivíamos um tempo de carros de mola e carros de praça para ocasiões especiais: no trivial, mesmo, o que se usava era a bicicleta, ou o ônibus, já com linha de hora em hora ligando a Rua da Glória com o Centro de Blumenau e vice-versa - Empresa de Ônibus Ullrich - quando aprendi a ler, como me custava ler tal palavra, que discutíamos caminho afora, a pé, em direção da escola!

Então, no dia a dia, as coisas funcionavam assim: o pai da gente ia trabalhar de bicicleta, a gente ia a pé para a escola - e aos domingos, ia-se de ônibus para a missa.

Havia a Igreja de Nossa Senhora da Glória, no meu bairro, com o inesquecível Frei João Maria o.f.m., mas não sei por que, naqueles meus novos primórdios de Blumenau, freqüentávamos a Igreja de São Paulo Apóstolo, no centro de Blumenau, e o centro de Blumenau a gente chamava de “cidade”, embora eu lembre perfeitamente onde havia a placa que dizia que dali em diante era zona suburbana, lá na entrada da Rua da Glória, MUITO longe do que a gente chamava de cidade.

Resumindo: todos os domingos íamos à missa na cidade, e então podíamos ver o primeiro arranha-céu de Blumenau crescendo, e de uma semana para outra sempre havia uma porção de mudanças que podíamos observar.

Sei que naquele tempo tinha a missa das seis, das sete, das oito, das nove e das dez, e cada uma tinha o seu conceito: a das seis era para as carolas; a das sete era para gente muito devota; a das oito era a missa das crianças; a das nove era a missa para gente normal; e a das dez era a missa da gente chique. Como éramos uma família normal com três crianças, ou íamos à missa das oito ou a das nove. Nem passava pela cabeça de gente do nosso naipe ir, um dia, à missa das dez – era missa para gente que morava na Alameda Rio Branco ou outros lugares assim chiques – e vale lembrar, aqui, que naquela altura, nos fundos de muitas casas da Alameda Rio Branco ainda viviam vacas, porcos, galinhas e roças, e que a gente chique da missa das dez, muitas vezes, tirava leite das suas vacas e batia manteiga antes de lavar bem as mãos para os anéis de Domingo e da missa das dez. Nossa “nobreza” blumenauense daquela altura não passava de uma burguesia colona – não sei se hoje mudou alguma coisa. Lembro-me muito bem de certa transversal da Alameda Rio Branco, já na década de setenta, onde, na casa de rico industrial, ainda se conservavam vacas para o leite puro das manhãs! Nada contra se ter comida fresquinha e de qualidade, colhida na hora, em qualquer circunstância – mas uma vez ou outra eu fui espiar a missa das dez, e era muito diferente, como era! Para começar, tinha muito menos gente – pois gente chique sempre costuma ser minoria – e como era diferente o ângulo elevado dos narizes daquelas pessoas que usavam *tailleurs* e ternos de tropical inglês!

Penso hoje que a minha religiosidade provinha, acima de tudo, do medo de mais tarde ir parar no inferno, coisa anunciada a cada semana em qualquer missa – pois as coisas que me interessavam, na igreja, decerto

eram aquelas que me deixaram lembranças tão vívidas: a missa das oito com as meninas usando véus brancos, um desbunde de véus, um mais lindo que o outro, um mais bordado que o outro - tanto luxo e tanta exibição nos véus - e nos vestidos de primeira comunhão, quando era época - que os padres se aborreceram e criaram um uniforme de primeira comunhão simplificado, igual para todo o mundo: vestido de fustão branco, coroa e véu sem adornos. Portanto, no dia da primeira comunhão, todo o mundo igual, ninguém humilhando ninguém. Só que depois o luxo voltava, e havia cada menina com véus que eram verdadeiros escândalos de beleza! Como eu estava em pleno tempo das fadas, uma das maiores atrações da missa das oito, sem dúvida, era imaginar coisas maravilhosas com aqueles véus, fadas, princesas - será que a Branca de Neve não tivera nenhum assim? A missa das oito era um lugar apropriadíssimo para uma criança cheia de imaginação deixar que a mesma corresse solta, e quem é que tinha mais imaginação do que eu?

Outra coisa que me fascinava, na missa das oito, era a presença da Ana Bugra. Eu dava um braço para ficar o mais próxima dela que pudesse, assim, um pouquinho atrás, para ela não se dar conta que eu a espiava tão infinitamente cheia de curiosidade. A chegada da Ana Bugra na igreja, entrando pela porta lateral, claudicando dentro do seu tênis branco, daqueles que a gente chamava de espalha-merda - ninguém pensaria em usar um tênis para ir à Igreja, naquele tempo - a única a fazê-lo era a Ana Bugra - me deixava troncha de curiosidade e admiração. Fico pensando, agora, se não foi a partir da observação da Ana Bugra que se criou este meu gosto incontrolável por saber sempre mais sobre as coisas da nossa História pré-Colonial. Na saída da Igreja, algumas crianças iam incomodar a Ana Bugra, rodeavam-na para vê-la brigar, mas nem uma vezinha que fosse ela brigou comigo - eu sempre ficava um pouco longe, prestando a maior atenção,



curiosíssima. Além do manquejar dentro do tênis espalha-merda, ela usava roupas simples, quase sempre brancas, tanto quanto me lembro, e fazia uma série de tranças e trancinhas, e cada uma era amarrada com um lacinho de fita diferente, de cores variadas. A Ana Bugra foi a única índia de verdade que eu conheci na minha infância, e tenho uma foto dela, hoje, guardada no meu escritório. Muitas vezes penso nela: na época do grande genocídio do povo Xokleng, no começo do século XX, Ana Bugra era uma indiazinha que escapou de um dos massacres, e foi criada pelas freiras do Colégio Sagrada Família, em Blumenau, onde ficou até a sua morte. A lembrança que tenho dela é que já era bem velha, quando eu era criança, mas criança não sabe avaliar muito bem estas coisas de idade. Mas penso mais: que vida infernal este cristianismo onde vivemos proporcionou à indiazinha que ficou sem pai, sem mãe, sem família, num mundo totalmente inóspito, de outra língua, outra comida, outro tudo! Para que não fugisse das freiras, alguém fez o misericordioso ato de decepar-lhe a ponta do pé – o que deve ter sentido aquela criança? Era por causa da falta daquele pedaço de pé é que ela claudicava e só podia usar tênis – pois enchia a ponta do tênis de algodão – e quanta humilhação deve ter sofrido por ser obrigada a usar aquele tênis que ninguém, então, usava, a não ser para fazer educação física!

No decorrer da vida falei com pessoas mais velhas que eu, que foram alunas do Colégio Sagrada Família quando a Ana Bugra era ainda mais nova, e muito ouvi sobre as maldades das crianças que a apupavam por ser índia, que a perseguiram pelo mesmo motivo – e se quisermos botar mesmo os pingos nos iii, há que não taparmos o sol com a peneira e dizermos a verdade: que a Ana Bugra passou a vida como escrava, lavando roupa e fazendo os demais serviços pesados para as freiras do colégio onde viveu e morreu.

Bem, e tinha a missa das nove, também, a qual íamos uma vez ou outra, principalmente se era dia de festa. Na minha memória, era uma missa chatíssima, que parecia não ter fim, toda em latim, mas com algumas coisas fascinantes, como o incenso que era queimado em determinados momentos em turbulos preciosos, e que enchiam a igreja de cheiros muito estranhos e penetrantes – e as músicas, ah! as músicas! A igreja tinha um grande órgão que costumava ser tocado por Frei Braz Reuter o.f.m., o vigário e o sonhador e construtor da grande igreja moderna que é hoje a catedral de Blumenau – mas nas grandes missas solenes dos dias de festa, Frei Braz passava a

outro o seu posto de músico, arregaçava as mangas da sua batina marrom, e mandava ver como regente do maior coral que imagino que Blumenau já teve! Cá longe, dois andares abaixo de onde ficava o órgão e o coral, eu podia ver o suor do Frei Braz, luzindo nos seus braços de mangas arregaçadas e no seu rosto que brilhava, e pensava se ele não estaria um pouco desequilibrado por causa da veemência dos seus gestos de punhos fechados, como se fosse bater em alguém - mas que coisas lindas ouvíamos ali! Éramos simples, tacanhos e colonos demais para sabermos o que ouvíamos, mas sabíamos que era bom, MUITO bom, lá isto sabíamos! Não sei se todos sabiam - eu, pelo menos, sabia. Só depois de adulta é que fiquei sabendo o que era aquilo que o Frei Braz regia ali: entre outras coisas, a Nona Sinfonia de Beethoven. Era coisa para fazer ballar em incenso uma menina cheia de imaginação, não era? A missa das nove não deixava de ter seus encantos!

Só que falávamos em arranha-céus, isto é, no primeiro arranha-céu que se construía em Blumenau. Não lembro muito bem como é que era a nossa ida para a igreja, de manhã cedo, todo o mundo meio desanimado, meio morto de fome - pois as pessoas iam à comunhão, e naquela época não se podia comer nada antes da comunhão, e aquele era um tempo em que se levantava muito cedo, e fosse um pouco antes das oito, ou um pouco antes das nove, a sensação de meio morto de fome era igual para todo o mundo, que já se estava há horas acordado.

Então tinha a missa, as emoções da missa, as filas para a comunhão (meu, aqueles véus de historias de fadas!) (as mulheres casadas usavam véus pretos, não menos luxuosos e cheios de rendas), e não sei como é que os adultos resolviam o seu problema posterior de fome - mas nós, crianças, ficávamos esperando a missa terminar para ganhar o nosso pacote semanal de pipocas! As gulodices da minha infância tiveram classificação muito cedo: 1) cocada; 2) sonho; 3) chocolate; 4) pipoca. Como chocolate a gente só ganhava no Natal e na Páscoa, e cocada e sonho era coisa para quando se viajava de trem - até, de repente, poderia pintar um sonho na Confeitaria Tönjes ou na Söcher, mas era coisa rara, a gulodice acessível a cada Domingo era o pacote de pipocas, manjar dos deuses, para mim!

Sei que quando se pegava o ônibus de volta para a Garcia, depois da pipoca, dos cantos, do fascínio pela Ana Bugra, do cheiro de incenso, sei lá o que que mexia tanto com cada um, a animação estava grande! Todos

conversavam e riam, e o ônibus ia apinhadíssimo, bem como hoje, cada um na sua melhor roupa, os sapatinhos brancos das meninas pintados de Nugget, os laços de fita dos cabelos das meninas meio desfeitos, escorregando, e a gente pegava o ônibus na Rua XV, num ponto de ônibus um pouquinho abaixo do Teatro Carlos Gomes, na frente do prédio onde morava a família Veiga - do outro lado da rua morava uma moça muito linda, chamada Dagmar Heidrich, que mais tarde foi miss Brasil e principal atriz de um romântico filme de cinema chamado "Férias no Sul". Às vezes, tomava-se o rumo contrário e ia pegar-se o ônibus também na Rua XV, diante da Lojas Hering - mas era uma Lojas Hering antiga, um velho casarão de dois andares e piso de madeira, onde, em época de compras, ia-se lá para se comprar calças íntimas de trico para mulheres (pronunciava-se trício - era um tipo de malha, muito diferente do tricô) e camisas de trico azul com as quais os homens trabalhavam na roça.

Como os dois pontos de ônibus eram na Rua XV e um muito próximo do outro, mal dava tempo de todo o mundo arranjar-se no exíguo espaço do ônibus... e já estava-se a chegar perto da construção do arranha-céu!

Aquilo, sim, era uma grande novidade na vida de cada um! Nunca nenhum de nós tinha visto coisa assim, um prédio daquele tamanho sendo construído, coisa para se ver em revista ou no cinema, nunca se imaginara que fosse acontecer nas nossas vidas! Daí o ônibus ia passando devagarinho aquele pedaço, em direção à Prefeitura (pois a Prefeitura, então, era onde hoje funciona a Fundação Cultural), e até hoje fico pensando como é que o ônibus não virava! Deviam fazer veículos com grande estabilidade, naquela época, pois de outro jeito ele não suportaria aquilo, todos os domingos: o pessoal sentado às janelas do lado que dava para o arranha-céu enfiava a cabeça pelas janelas, para vistoriar cuidadosamente o que fora feito naquela semana; o pessoal que estava de pé, no corredor, conseguia alongar os pescoços para mais ou menos enfiar as cabeças pelas janelas daquele lado também; quem tivera a desventura de sentar do outro lado, levantava-se e, de pé no corredor, fazia o que podia para espiar por debaixo dos sovacos dos outros - enfim, todos os passageiros do ônibus davam um jeito de ficar de um lado só, analisando aquela maravilha que subia e subia, que já parecia estar quase encostando nas nuvens, e naqueles poucos instantes, espiava tudo tão espiadinho, que depois tinha assunto para o resto da semana. Eu ainda nem tinha entrado na escola, mas como me lembro bem! Até hoje não entendi

como é que o ônibus não virava! Uma das coisas mais maldosas que se falava, então, é que a vizinha cidade de Gaspar teria que mudar de lugar, pois o nosso arranha-céu já estava tão alto que Gaspar não estava mais recebendo a luz do sol. Como todo o mundo de Blumenau tinha alguém em Gaspar, eu não sei como não saiu um bocado de briga, naquela época. Talvez tenha saído, mas eu era pequena demais para ficar sabendo!

Então, num domingo, soube-se que, um pouco antes de encostar nas nuvens, o arranha-céu parara de subir. (Até hoje não sei quantos andares tem. Doze? Deve ser por aí!). Como é que se soube de tal coisa? Foi porque se começou a fazer o acabamento. E não era um acabamento qualquer, não, um estuque, uma cimentação, nada disto! Era uma coisa totalmente nova em Blumenau: pastilhas vitrificadas azul-claras! Meu, aquilo arrasou com o nosso ônibus de domingo, agora mesmo é que não se sabe como ele não virava, ainda mais que as pastilhas começaram a ser aplicadas... de cima para baixo! Nenhum circo, nem a Santa Missão que aconteceu em 1960, nem mesmo a visita de Pelé com o Santos, que jogou com o nosso Palmeiras mais ou menos na mesma época (e deu a maior surra no Palmeiras - lembremos que mal e mal acabara a Copa do Mundo de 1958, onde fomos campeões mundiais pela primeira vez!) - nada chegava aos pés daquelas pastilhas azul-claras-brilhantes sendo aplicadas, a cada semana, andar por andar, desde lá de cima até aqui embaixo, no nosso único, maravilhoso e fantástico arranha-céu!

Penso que aquelas pastilhas azuis duraram bem uns 40 anos. Quando, afinal, foram retiradas, e o Grande Hotel foi pintado de marrom, a maior parte das gentes que andava naquele ônibus que quase virava ou não lembrava mais ou já tinha morrido! Sorte minha, ser tão criança naquela época! Sempre lembro daquelas manhãs de domingo, quando passo lá!

Blumenau, 16 de Agosto de 2007.



